



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

MARIANA GIRATA FRANCIS

TRADUZIR ‘A LA URUGUAYA’: UM ESTUDO DAS LOCUÇÕES DA
VARIANTE URUGUAIA DO ESPANHOL PRESENTES NOS ROMANCES
DE MARIO BENEDETTI, DE SUA INCLUSÃO EM DICIONÁRIOS DE
URUGUAISMOS E DE SUAS TRADUÇÕES PARA A VARIANTE
BRASILEIRA DO PORTUGUÊS

FLORIANÓPOLIS

2019

Mariana Girata Francis

TRADUZIR ‘A LA URUGUAYA’:
UM ESTUDO DAS LOCUÇÕES DA VARIANTE URUGUAIA DO ESPANHOL
PRESENTES NOS ROMANCES DE MARIO BENEDETTI, DE SUA INCLUSÃO EM
DICIONÁRIOS DE URUGUAISMOS E DE SUAS TRADUÇÕES PARA A VARIANTE
BRASILEIRA DO PORTUGUÊS

Tese submetida ao Programa de Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção
do título de doutora em Estudos da Tradução
Orientadora: Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim
Barbieri Durão

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Francis, Mariana Girata

Traduzir 'a la uruguaya' : um estudo das locuções da variante uruguaia do espanhol presentes nos romances de Mario Benedetti, de sua inclusão em dicionários de uruguaismos e de suas traduções para a variante brasileira do português / Mariana Girata Francis ; orientadora, Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, 2019.

233 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Fraseologia. 3. Fraseografia. 4. Locuções. 5. Mario Benedetti. I. Durão, Adja Balbino de Amorim Barbieri. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Mariana Girata Francis

Traduzir ‘a la uruguaya’: um estudo das locuções da variante uruguaia do espanhol presentes nos romances de Mario Benedetti, de sua inclusão em dicionários de uruguaismos e de suas traduções para a variante brasileira do português

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Orientadora e Presidente
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Maria Luisa Ortiz Álvarez
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Otávio Goes de Andrade
Universidade Estadual de Londrina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Estudos da Tradução.

Prof^a. Dr^a. Andréia Guerini
Coordenadora do Programa

Prof^a. Dr^a. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Orientadora

Florianópolis, 7 de outubro de 2019.

Dedico este trabalho *a los uruguayos* e aos brasileiros.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, professora Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, pelo profissionalismo, carinho, dedicação, compreensão e paciência infinita para que eu pudesse finalizar minha tese ‘*a la uruguaya*’, ou seja, sem atropelos e com a tranquilidade necessária para as reflexões que só o tempo decanta.

Aos professores Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado, Maria Luisa Ortiz Álvarez e Otávio Goes de Andrade, membros da banca examinadora, pelas suas valiosas contribuições para o aprimoramento deste estudo.

À Fundação Mario Benedetti, e na sua representação, ao próprio fundador, por divulgar suas obras sem as quais esta pesquisa jamais existiria.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, por proporcionar meu afastamento do cargo de professora que ocupo na instituição há 15 anos, para poder concluir os créditos e avançar no desenvolvimento da pesquisa durante os três primeiros anos do curso.

Aos colegas da UNIOESTE, em especial aos professores que ministram as disciplinas para a formação em Língua Espanhola, tanto os que possuem contratação permanente quanto os temporários, por se ocuparem das minhas funções na instituição durante minha ausência.

Aos meus alunos dos cursos de Letras e de Hotelaria da UNIOESTE, por serem, em grande parte, motivos para eu ter adentrado na ‘selva’ doutoral e razões pelas quais hoje busco ser guia dessa selva, indicando caminhos e apontando clarões, assim como ontem minha orientadora e meus professores o fizeram comigo.

Aos professores da PGET, pelas aulas dedicadas, o conhecimento transmitido com paixão e por oferecer a oportunidade de me aproximar dos autores pesquisados através de materiais inestimáveis, artigos e livros muitas vezes disponibilizados das suas bibliotecas pessoais, para expor os diversos aspectos da área da Tradução.

Aos colegas de curso da PGET, pelos momentos compartilhados, desprendimento e generosidade na troca de fontes bibliográficas. Em especial, ao querido colega Paulo Kloepfel, *in memoriam*, pessoa sempre disposta a ajudar a todos, pela gentileza e alegria constantes com as quais nos presenteou. Nas palavras do poeta “*Después de todo la muerte es síntoma de que hubo vida*”.

E porque ainda há vida, sou muito grata a todos aqueles que cuidaram da minha saúde durante esse intenso período da produção da tese. Aos doutores e colaboradores da Organização Internacional de Consciencioterapia – OIC, à Dra. Adriana Chalita e ao

fisioterapeuta Marcus Braunstein, amigos e confidentes que com paciência e dedicação auxiliaram a minha caminhada doutoral.

Aos tantos e incontáveis amigos que fizeram essa caminhada possível, com suas pequenas e grandes ações, por estarem presentes e abertos a me receber e, na distância, estarem disponíveis a me acolher com carinho e generosidade.

À minha querida Eneida Ferreira Cunha, Dona Neida, que me acolheu na sua casa como se eu fosse sua filha, pelo seu espírito inquieto, desbravador e inspirador que contagia a todos os que, como eu, tem a sorte de compartilhar a sua companhia. Minha admiração pela senhora é eterna.

Ao querido Germán Sterling, por não ter medido esforços em me auxiliar a conseguir algumas das bibliografias mais importantes desta tese, de valor inestimável para mim; pela parceria de sempre e pelas inúmeras vezes em que me deu incentivo para seguir em frente. Por todo isso, eu sei que também posso contar com você.

À minha avó, Ana María Morales Maestre, *in memoriam*, por ter sido de fundamental importância nos primeiros passos da minha formação linguística e intelectual, incentivando o gosto pelo estudo e pela literatura. Durante as leituras, vinham à mente imagens da minha infância nas quais a escutava usar palavras, expressões e modismos dessa fala montevideana cotidiana,... *de entrecasa*.

E por último, embora de fundamental importância para que essa pesquisa exista, aos meus pais, Elisa Girata e Jorge Francis, ela brasileira e ele uruguaio, por terem me presenteado com suas culturas, suas línguas e suas nacionalidades. *¡Gracias!, los amo*.

Creo que en ese momento se me afirmó definitivamente una convicción: soy de este sitio, de esta ciudad. [...] Ese que pasa (el de sombrero largo, la oreja salida, la ronquera rabiosa), ése es mi semejante. Todavía ignora que yo existo, pero un día me verá de frente, de perfil o de espaldas, y tendrá la sensación de que entre nosotros hay algo secreto, un recóndito lazo que nos une, que nos da fuerza para entendernos. O quizá no llegue nunca ese día, quizá él no se fije nunca en esta plaza, en este aire que nos hace prójimos, que nos empareja, que nos comunica. Pero no importa; de todos modos, es mi semejante (BENEDETTI, 1960, p. 135).

RESUMO

Essa pesquisa constitui um estudo das locuções da variante uruguaia do espanhol presentes nos romances do escritor Mario Benedetti, de suas traduções para o português nas edições brasileiras desses romances e de sua inclusão nos dicionários de uruguaismos. O objetivo geral é averiguar como se manifesta a subcompetência fraseológica dos tradutores quanto ao reconhecimento e a interpretação dessas locuções nos textos fonte (TFs), usando como base para as análises as informações fraseográficas que oferecem os dicionários de uruguaismos e as versões propostas pelos tradutores nos textos alvo (TAs). Os objetivos específicos são identificar as locuções que pertencem à variante uruguaia do espanhol expostas nos romances de Benedetti, analisar as informações que oferecem os dicionários de uruguaismos para essas locuções, analisar as traduções que foram propostas nas edições brasileiras desses romances e elencar algumas considerações devidas das análises e das reflexões quanto ao desenvolvimento e aprimoramento da subcompetência fraseológica do tradutor e da elaboração e uso de fontes lexicográficas e fraseográficas para a tradução de locuções. Sob essa perspectiva, a pesquisa se enquadra, por um lado, entre os estudos metafraseográficos, pois consiste num estudo crítico fraseográfico que visa salientar adequações e inadequações quanto ao registro das informações locucionais nos dicionários, considerando as finalidades e os destinatários que essas obras de consulta buscam atender, ou seja, a utilidade dessas informações locucionais para a tradução. Por outro lado, o estudo consiste numa análise das traduções das locuções da variante uruguaia do espanhol para o português, à procura de desvendar como se manifestam as fases de reconhecimento e interpretação dessas locuções pelos tradutores. A exploração dos conceitos de competência tradutória, subcompetência fraseológica do tradutor e problema de tradução aplicado às locuções, aponta os dicionários como fontes documentais que auxiliam o processo da tradução de locuções, além de serem complementos pedagógicos para o constante aprimoramento profissional do tradutor. A aplicação de procedimentos metodológicos assentados nos estudos teóricos realizados deriva na compilação de um *corpus* das locuções presentes nos romances de Mario Benedetti e nos dicionários de uruguaismos, as quais se apresentam na forma de traduções nas versões dos romances desse autor editados no Brasil. Todas essas informações, compiladas e processadas, constituem dados para as análises decorrentes do estudo realizado e para a elaboração de um glossário documentado dos romances de Benedetti cujo intuito é auxiliar a busca de soluções para o problema da tradução de locuções da variante uruguaia do espanhol. Os resultados obtidos apontam para o vínculo entre o desenvolvimento da subcompetência fraseológica do tradutor e a adoção de uma postura crítica na análise de dicionários, fundamentada num conhecimento profundo desse gênero textual, como alicerces que auxiliam a construção de traduções no âmbito locucional.

Palavras-chave: Subcompetência fraseológica do tradutor. Fraseologia. Fraseografia. Locuções. Mario Benedetti.

ABSTRACT

This research constitutes a study about the locutions in the Uruguayan variant of Spanish found in the novels by Mario Benedetti, their translations into Portuguese in the Brazilian editions of these novels and their insertion in the dictionaries of Uruguayan expressions. The main objective is to determine how the phraseological sub-competence of translators is manifested considering the recognition and the interpretation of these locutions in the source texts (TFs), using the phraseological information that the dictionaries of Uruguayan expressions present and the versions proposed by the translators in the target texts (TAs) as a basis for the analysis. The specific objectives consist in identifying the locutions that are from the Uruguayan variant of Spanish shown in the novels by Benedetti, to analyze the information given to these locutions by the dictionaries of Uruguayan expressions, to analyze the translations that were proposed by the Brazilian editions of these novels and to elicit some considerations from the analysis and from the observations about the development and the enhancement of the phraseological sub-competence of translators and the formulation and use of lexicographical sources for locution translations. In this perspective, the research fits itself, on the one hand, into the metaphraseographical studies since it consists of a phraseological criticism, which aims to highlight adequacies and inadequacies about the entry of the locutional information in the dictionaries, considering the goals and the recipient that these reference materials aim to assist, that is, the utility of this locutional information to translation. On the one hand, this study consists in an analysis of the translation of locutions from the Uruguayan variant of Spanish into Portuguese, seeking to unveil how the phases of recognition and interpretation of these locutions are manifested by the translators. The exploration of the concepts of translation competence, phraseological sub-competence of translators and translation problem, applied to the locutions, show dictionaries as documental sources that assist in the process of locutions translation, besides being pedagogical complements for the constant professional improvement of translators. The application of methodological proceedings based on the theoretical studies carried out results in a compilation of a *corpus* of locutions present in the novels by Mario Benedetti and in the dictionaries of Uruguayan expressions, which are presented as translations in the novel versions by this author edited in Brazil. All of this information, compiled and processed, constitutes data for the resulting analysis of the study carried out and for the elaboration of a documented glossary from the novels by Benedetti, which aim is assist the search for solutions to the translation problems of locutions from the Uruguayan variant of Spanish. The results obtained show the bond between the development of the phraseological sub-competence of translators and the adoption of a critical attitude in the analysis of dictionaries, based in a deep knowledge of this textual genre, as foundations that assist in the construction of translations in the locutional scope.¹

Keywords: Phraseological sub-competence of translators. Phraseology. Phraseography. Locutions. Mario Benedetti.

¹ Tradução ao inglês de Joni Márcio Dorneles Fontella.

RESUMEN

La presente investigación consiste en un estudio de las locuciones de la variante uruguaya del español que figuran en las novelas del escritor Mario Benedetti, de sus traducciones al portugués en las ediciones brasileras de esas novelas y de su inclusión en los diccionarios de uruguayismos. El objetivo general del estudio es indagar como se manifiesta la subcompetencia fraseológica de los traductores en lo que concierne al reconocimiento y la interpretación de las locuciones en los textos objeto (TO) usando, como base para los análisis, las informaciones fraseológicas que ofrecen los diccionarios de uruguayismos y las versiones propuestas por los traductores en los textos meta (TM). Los objetivos específicos consisten en identificar las locuciones que pertenecen a la variante uruguaya del español expuestas en las novelas de Benedetti, analizar las informaciones sobre esas locuciones registradas en los diccionarios de uruguayismos, analizar las traducciones propuestas por los traductores en las ediciones brasileras de las novelas de ese autor y listar algunas consideraciones derivadas de los análisis y de las reflexiones sobre el desarrollo y el perfeccionamiento de la subcompetencia fraseológica del traductor y de la elaboración y el uso de fuentes lexicográficas y fraseográficas para la traducción de locuciones. Bajo esa perspectiva, la investigación se encuadra, por un lado, entre los estudios metafraseográficos, pues se trata de un estudio crítico fraseográfico que visa destacar las adecuaciones e inadecuaciones que presenta el registro de las informaciones locucionales en los diccionarios, llevando en cuenta sus finalidades y a los destinatarios que procuran atender, o sea, la utilidad de esas informaciones para la traducción. Por otra parte, la investigación también consiste en el análisis de las traducciones de locuciones de la variante uruguaya del español al portugués, con el intuito de desvelar cómo se manifiestan las fases de reconocimiento e interpretación de esas locuciones por parte de los traductores. Durante la investigación se trabajan los conceptos de competencia traductoria, subcompetencia fraseológica del traductor y problema de traducción aplicado a las locuciones, indicando que los diccionarios son fuentes documentales que ayudan en el proceso de la traducción de locuciones, además de ser complementos pedagógicos para el constante perfeccionamiento profesional del traductor. Mediante el resultado obtenido con la realización de los procedimientos metodológicos, con base en los estudios teóricos realizados, se obtiene un *corpus* de las locuciones que constan en las novelas de Mario Benedetti y en los diccionarios de uruguayismos, las cuales se presentan en forma de traducciones en las versiones de las novelas de ese autor que fueron editadas en Brasil. Todas esas informaciones, después de colectadas y procesadas, constituyen los datos en análisis para esta investigación y para la elaboración de un glosario documentado de las novelas de Benedetti, cuyo objetivo es auxiliar en la búsqueda de soluciones para el problema de la traducción de locuciones de la variante uruguaya de idioma español. Los resultados provenientes de la investigación señalan el vínculo existente entre el desarrollo de la subcompetencia fraseológica del traductor y la postura crítica que debe ser asumida al analizar diccionarios, fundamentándose en conocimientos profundos sobre ese género textual, constituyendo bases de apoyo para la construcción de traducciones en el ámbito locucional.

Palabras clave: Subcompetencia fraseológica del traductor. Fraseología. Fraseografía. Locuciones. Mario Benedetti.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diversas denominações para os componentes da Fraseologia.....	32
Quadro 2 - Diferentes visões sobre os elementos constitutivos das UFs.	34
Quadro 3 - Diferentes visões sobre as características que possuem as UFs.....	39
Quadro 4 - Diferentes visões tipológicas sobre as locuções.....	44
Quadro 5 – Modelo de competência tradutória segundo Kelly.....	50
Quadro 6 – Modelo de competência tradutória segundo PACTE.	52
Quadro 7 – Modelo de processo tradutório de UFs segundo Corpas Pastor.	56
Quadro 8 - Tipologia de dicionários proposta por Haensch.....	69
Quadro 9 – Tipologia de dicionários proposta por Porto Dapena.	72
Quadro 10 – Tipologia de dicionários proposta por Welker.	74
Quadro 11 - Capa e dados bibliográficos do NDU.....	124
Quadro 12 – Capa e dados bibliográficos do MDU.	126
Quadro 13 - Capa e dados bibliográficos do DEU.	128
Quadro 14 - Capa e dados bibliográficos do DUD.....	131
Quadro 15 - Capa e dados bibliográficos do DDVU.....	132
Quadro 16 – Informações coletadas no NDU e no DEU.....	136
Quadro 17 – Informações para a locução ‘ <i>por ahí</i> ’ nos dicionários gerais de uruguaiosmos..	137
Quadro 18 - Informações coletadas no DUD, no DDVU e no MDU.....	139
Quadro 19 – Informações para a locução ‘ <i>al santo botón</i> ’ nos dicionários fraseológicos.....	140
Quadro 20 – Graus de correspondências entre as locuções.....	142
Quadro 21 – Locuções ‘ <i>a baldes</i> ’ e ‘ <i>a cântaros</i> ’	144
Quadro 22 – Locuções ‘ <i>qué esperanza</i> ’ e ‘ <i>que esperança</i> ’	145
Quadro 23 – Locuções ‘ <i>a la marchanta</i> ’ e ‘ <i>à toa</i> ’ e outras traduções.....	147
Quadro 24 – Locuções ‘ <i>mandarse la parte</i> ’ e ‘ <i>fazer gênero</i> ’ e outras traduções.....	148
Quadro 25 - Locução ‘ <i>cagar fuego</i> ’ mantida no TA.....	149
Quadro 26 – Locuções ‘ <i>armarse la de Dios es Cristo</i> ’ e ‘ <i>a mão de Deus</i> ’	150
Quadro 27 – Locuções ‘ <i>a prueba de balas</i> ’ e ‘ <i>a prova de balas</i> ’	151
Quadro 28 – Locuções ‘ <i>al santo botón</i> ’ e ‘ <i>para meus botões</i> ’	151
Quadro 29 - Locuções ‘ <i>por ahí</i> ’ e ‘ <i>por aí</i> ’	152
Quadro 30 – Locuções ‘ <i>tener cola de paja</i> ’ e ‘ <i>ter rabo de palha</i> ’	153
Quadro 31 - Locuções ‘ <i>con pinzas</i> ’ e ‘ <i>cheio de dedos</i> ’	154
Quadro 32 – Locuções ‘ <i>sacar vendiendo boletines</i> ’, ‘ <i>para fora</i> ’ e ‘ <i>fazer cera</i> ’	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AT** A trégua
- BC** *La borra del café*
- BDC** A borra do café
- DDVU** *Diccionario Documentado de Voces Uruguayas en Amorim, Espínola, Más de Ayala, Porta*
- DEU** *Diccionario del Español del Uruguay*
- DEL** *Diccionario de la Lengua Española*
- DLEP** Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa
- DRAE** *Diccionario de la Real Academia Española*
- DUD** *Diccionario Uruguayo Documentado*
- DUE** *Diccionario de Usos del Español*
- EFs** expressões fixas
- LT** *La tregua*
- MDU** *Mil Dichos, refranes, locuciones y frases del español del Uruguay*
- NDU** *Nuevo Diccionario de Uruguayismos*
- PEP** Primavera num espelho partido
- PER** *Primavera con una esquina rota*
- QDN** Quem de nós
- QN** *Quién de nosotros*
- RAE** *Real Academia Española*
- TA** texto alvo
- TF** texto fonte
- UF** unidade fraseológica
- UFs** unidades fraseológicas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
2	AS LOCUÇÕES NO ÂMBITO DA FRASEOLOGIA	31
2.1	SOBRE A NOMENCLATURA.....	31
2.2	AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UFS): DELIMITAÇÃO.....	32
2.3	CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS UFS	35
2.4	AS LOCUÇÕES E SUA TIPOLOGIA	41
3	AS LOCUÇÕES NO ÂMBITO DA TRADUÇÃO.....	47
3.1	A COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA.....	48
3.2	A SUBCOMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA DO TRADUTOR.....	53
3.3	A LOCUÇÃO COMO PROBLEMA DE TRADUÇÃO	57
4	A DIVERSIDADE LEXICOGRÁFICA.....	63
4.1	CONTRIBUIÇÕES DA LEXICOGRAFIA PARA O ESTUDO DOS DICIONÁRIOS	63
4.2	OS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA METALEXICOGRAFIA.....	64
4.3	OS DICIONÁRIOS E SUA TIPOLOGIA	66
4.4	OS DICIONÁRIOS DIALETAIS	75
5	AS LOCUÇÕES NO ÂMBITO DA FRASEOGRAFIA	81
5.1	SOBRE O CONTEITO DE ‘FRASEOGRAFIA’	81
5.2	OS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA METAFRASEOGRAFIA	83
5.3	ADEQUAÇÕES E INADEQUAÇÕES NA INCLUSÃO DE UFS NOS DICIONÁRIOS	84
5.3.1	O conceito de ‘Fraseologia’ assumido nos dicionários.....	85
5.3.2	A escolha das UFs que compõem os dicionários.....	87
5.3.3	Critérios para o registro das UFs nos dicionários e sua sistematização.....	87
5.3.3.1	<i>A localização das UFs nos dicionários.....</i>	88
5.3.3.2	<i>A disposição das informações fraseológicas no verbete.....</i>	89
5.3.3.3	<i>O uso de marcas.....</i>	89

5.3.3.4	<i>A forma como as UFs são definidas e o conteúdo das definições</i>	90
5.3.3.5	<i>A presença e o tratamento dos elementos do contorno</i>	92
5.3.3.6	<i>A natureza dos exemplos de uso</i>	93
5.3.4	Alguns comentários sobre as UFs nos dicionários	93
5.4	ADEQUAÇÕES E INADEQUAÇÕES NOS DICIONÁRIOS FRASEOLÓGICOS	94
5.4.1	Critérios para a elaboração de dicionários fraseológicos	95
5.4.2	Parâmetros para a seleção das UFs em dicionários fraseológicos	96
5.4.3	As UFs em dicionários fraseológicos: descrição e sistematização dos dados	98
5.4.3.1	<i>A organização e lematização das UFs</i>	98
5.4.3.2	<i>A delimitação dos componentes fraseológicos e a presença de variantes</i>	100
5.4.3.3	<i>A presença e a localização dos elementos do contorno</i>	101
5.4.3.4	<i>O uso de marcas</i>	102
5.4.3.5	<i>A apresentação das definições</i>	103
5.4.3.6	<i>O tratamento dos exemplos de uso</i>	104
5.4.3.7	<i>Outras informações microestruturais</i>	104
5.4.4	Alguns comentários sobre as UFs nos dicionários fraseológicos	105
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	109
6.1	CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DAS FONTES E A DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	111
6.2	CRITÉRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ANÁLISES	112
7	ANÁLISE DOS DADOS	119
7.1	APRESENTAÇÃO DAS FONTES	119
7.1.1	Os romances de Mario Benedetti e suas traduções	119
7.1.2	Os dicionários de uruguaismos	123
7.2	APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	133
7.3	UMA APROXIMAÇÃO À FRASEOLOGIA DO URUGUAI	135
7.3.1	Os dicionários	136

7.3.2	Os romances e suas traduções	141
7.3.3	Algumas reflexões para ‘ <i>dar corte</i> ’	157
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
	REFERÊNCIAS	165
	APÊNDICE - GLOSSÁRIO DOCUMENTADO DE LOCUÇÕES DA VARIANTE URUGUAIA DO ESPANHOL EM BENEDETTI E DE SUAS TRADUÇÕES PARA A VARIANTE BRASILEIRA DO PORTUGUÊS.....	173
	ANEXO – ‘AMÉRICA INVERTIDA’	233

1 INTRODUÇÃO

Traduzir ‘*a la uruguaya*’²
(da autora).

Na presente pesquisa propõe-se o estudo das locuções da variante uruguiaia do espanhol em romances do escritor Mário Benedetti, das traduções que essas locuções recebem em versões dos romances editados no Brasil e das informações que os dicionários que se ocupam exclusivamente dessa variante, oferecem sobre essas locuções. O intuito é investigar como se manifesta a subcompetência fraseológica dos tradutores no que se refere ao reconhecimento e a interpretação dessas locuções nos textos fonte (TFs), tendo como base para as análises as informações locucionais contempladas nos dicionários de uruguaismos e as traduções dessas locuções para o português, propostas por diversos tradutores, expostas nos textos alvo (TAs).

Desde o meu curso de graduação em Letras, interessei-me pela pesquisa do léxico. Esse interesse foi aumentando durante o período em que cursei especialização e consolidou-se quando cursei mestrado. Foi no mestrado que iniciei minhas pesquisas no âmbito da Lexicografia. Ao ingressar no doutorado surgiu a oportunidade de participar do projeto de pesquisa DUFraPE, Dicionário Bilingue Contrastivo de Unidades Fraseológicas (Português-Espanhol) (DURÃO, 2009) ao qual estive vinculada entre agosto e dezembro do ano 2013. Nessa trajetória acadêmica, meu interesse pelo estudo dos dicionários aumentou, somando-se ao gosto pela pesquisa no âmbito dos Estudos da Tradução, o qual me levou à busca por um aprofundamento no campo da Fraseografia aliada ao campo da Tradução.

O presente trabalho é o resultado de todo esse processo e, em especial, de minha vinculação ao programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução na linha de pesquisa ‘Lexicografia, Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras’, congregando os temas que são do meu interesse.

Nesse contexto, este estudo se enquadra, por um lado, no âmbito das pesquisas sobre o processo tradutório e, por outro lado, constitui um estudo fraseográfico, pois se utiliza de

² A locução adverbial ‘*a la uruguaya*’ consta no ‘*Diccionario del español del Uruguay*’ (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 543) sob três acepções: 1) a superação de dificuldades aparentemente intransponíveis; 2) com tranquilidade que pode parecer excessiva; 3) usando mais deliberação que concretização. Nesse estudo, a frase Traduzir ‘*a la uruguaya*’, que compõe parte do título, faz alusão à complexidade implicada em traduzir locuções provenientes de variantes de uma língua, que nesse caso é a variante uruguiaia do espanhol, devido, entre outros aspectos, à multiplicidade de significados que algumas locuções podem possuir e à carga cultural e metafórica que contêm em si.

princípios da Fraseologia, da Tradução e da Fraseografia como suportes para delimitar o objeto em estudo, que são as locuções, e para compreendê-lo dentro do âmbito tradutório e lexicográfico.

Diversos autores, entre os quais estão Zuluaga (1980), Ruiz Gurillo (1997), Corpas Pastor (2003), Penadés Martínez (2006) e García-Page Sánchez (2008), reconhecem que as locuções constituem parte de um universo maior de unidades pluriverbais que são as unidades fraseológicas (UFs).

Segundo Zuluaga (1980, p. 123), essas unidades se caracterizam por possuir uma estrutura complexa e pela perda da identidade semântica de seus elementos constitutivos.

As UFs são tema de estudo de diferentes disciplinas científicas. Para a Fraseologia, conforme Corpas Pastor (1996, p. 14), as UFs correspondem a estruturas pré-fabricadas dentro das línguas naturais, ou ‘combinações estáveis de palavras’. Na esfera da Tradução, as UFs consistem em ‘unidades de tradução’, segundo esclarece Corpas Pastor (2003, p. 311). Para a Fraseografia, segundo explica Penadés Martínez (2006, p. 249), essas unidades formam parte do conjunto das ‘unidades léxicas’ que podem ser integradas aos dicionários. Cada uma dessas três perspectivas oferece diferentes problemáticas das UFs que justificam o desenvolvimento desta pesquisa.

No campo da Fraseologia, as UFs da língua espanhola têm recebido pouca atenção dos pesquisadores, conforme atesta Ruiz Gurillo (1998, p. 11). Essa observação é corroborada por Wotjak (1998, p. 319, tradução nossa) quem afirma que “No espanhol, idioma no qual essa parte especial do léxico tinha sido bastante descuidada, se comparada à de outros idiomas, ainda há muito mais por explorar”³. De modo geral, esta pesquisa se justifica pelo desejo de preencher essa lacuna. De forma específica, o interesse em pesquisar as locuções da variante da língua espanhola utilizada no Uruguai, fundamenta-se no meu vínculo com essa língua e com esse país, do qual sou oriunda.

Segundo refere Corpas Pastor (2003, p. 313), as UFs são objeto de estudo da Tradução, por exemplo, no que se refere ao desenvolvimento da ‘subcompetência fraseológica’ do tradutor. Devido à complexidade das UFs, de modo geral, as obras de referência, ou seja, os dicionários, podem auxiliar no desenvolvimento dessa subcompetência, a qual consiste na habilidade de reconhecer e interpretar essas unidades na língua fonte para propor correspondentes na língua alvo. Segundo verifica Corpas Pastor:

³ “Para el español, donde se había descuidado bastante esa parte especial del léxico, aún más que para otros idiomas, queda aún mucho más por explorar” (WOTJAK, 1998, p. 319).

A fraseologia continua sendo uma disciplina pendente para a imensa maioria de tradutores. [...] E, além disso,] há uma acentuada escassez de obras de referência de boa qualidade, leia-se repertórios léxicos e estudos especializados, que possam servir de guia para poder adentrar na “selva” fraseológica⁴ (CORPAS PASTOR, 2003, p. 222, tradução nossa).

No entanto, para que os dicionários sejam realmente úteis, é essencial que tenham sido elaborados a partir de projetos lexicográficos que considerem as concepções teóricas da Fraseografia, além de considerar as finalidades tradutórias no que concerne à identificação e à interpretação de UFs. Por esse motivo, desde a perspectiva fraseográfica, esta pesquisa está direcionada, por uma parte, ao estudo da presença e do tratamento das locuções nos dicionários, e por outra parte, à pertinência das informações para a realização de traduções.

Apesar da evidente necessidade de pesquisas que promovam um aprofundamento dos estudos fraseológicos da língua espanhola, observa-se que no âmbito uruguaio esses estudos têm ‘rendido seus frutos’ desde a década de 1960, os quais consistem em obras lexicográficas, fraseográficas e mistas. A partir da década de 1980, começa um crescente interesse pela inclusão das UFs nos dicionários que tratam da variante uruguaia da língua espanhola, no intuito de levar a público o resultado de pesquisas feitas por representantes da Academia Nacional de Letras do Uruguai sobre essa variante e sobre sua fraseologia. Esse processo derivou na publicação de dicionários de uruguaismos que privilegiam as informações fraseográficas. Considerando esse contexto lexicográfico, o estudo que aqui se desenvolve se justifica pela possibilidade de explorar o conteúdo desses dicionários no que concerne à presença e à forma de apresentação das locuções, com vista à análise de correspondências com a língua portuguesa no plano léxico. As fontes lexicográficas para a pesquisa consistem em: 1) dois dicionários gerais, que são o ‘*Nuevo Diccionario de Uruguayismos*’ (NDU) e o ‘*Diccionario del Español del Uruguay*’ (MDU); 2) um dicionário fraseológico, que é o ‘*Mil dichos, refranes, locuciones y frases del español del Uruguay*’ (MDU); 3) dois dicionários mistos, que são o ‘*Diccionario Uruguayo Documentado*’ (DUD) e o ‘*Diccionario documentado de voces uruguayas en Amorim, Espínola, Más de Ayala y Porta*’ (DDVU).

No que concerne ao plano textual, a escolha dos romances do escritor Mario Benedetti se justifica por ser um autor contemporâneo, cujas obras são “um reflexo das

⁴ “La fraseología sigue siendo una asignatura pendiente para la inmensa mayoría de traductores. [...] Y además] hay una gran escasez de obras de referencia de calidad, léase repertorios léxicos y estudios especializados, que puedan servir de guía para adentrarse en la “jungla” fraseológica” (CORPAS PASTOR, 2003, p. 222).

peças e da história do Uruguai”⁵ (GÓMEZ, 2009, p.11, tradução nossa), e pela grande difusão que suas obras alcançaram. Segundo comenta Gómez (2009, p. 13) há mais de 70 livros de Benedetti que foram traduzidos a múltiplas línguas, contabilizando quase 900 edições. Dessa vasta produção bibliográfica, apenas sete obras são romances, sendo que só quatro possuem tradução para a variante brasileira do português. Por sua vez, foram encontradas oito versões dos romances traduzidos. São elas: 1) ‘*Quién de nosotros*’, de 1953, com duas versões em português; 2) ‘*La tregua*’, de 1960, com três versões em português; 3) ‘*Primavera con una esquina rota*’, de 1982, da qual só foi encontrada uma tradução em português; 4) ‘*La borra del café*’, de 1992; com duas versões em português. Os romances do autor Mario Benedetti e suas traduções à variante brasileira do português constituem a base documental na qual as locuções se apresentam de forma contextualizada propiciando o estudo de suas manifestações quanto aos significados, acepções e particularidades culturais, adquiridos nos contextos.

Em virtude das escolhas que direcionam esta pesquisa quanto ao tema, o objetivo geral e a seleção das fontes do estudo, elencam-se os objetivos específicos deste trabalho, que são: 1) identificar as locuções que pertencem à variante uruguaia do espanhol presentes nos romances de Mario Benedetti; 2) analisar as informações que oferecem os dicionários de uruguaísmos para essas locuções; 3) analisar as traduções que foram propostas nas edições brasileiras desses romances; 4) elencar considerações devidas das análises e das reflexões quanto ao desenvolvimento e aprimoramento da subcompetência fraseológica do tradutor e da elaboração de fontes lexicográficas e fraseográficas para a tradução de locuções.

A base metodológica utilizadas no desenvolvimento deste estudo assenta-se no pensamento indutivo, segundo a concepção de Marconi e Lakatos (2008), o qual, a partir da identificação das locuções nas obras literárias e das suas traduções nas edições brasileiras, realiza-se a observação e a análise dessas locuções nos dicionários de uruguaísmos, a fim de comparar as informações obtidas. Com os resultados desse processo propõem-se generalizações que extrapolam o universo pesquisado.

Em virtude do exposto nesta introdução, reafirma-se que as bases teóricas que dão suporte à presente pesquisa provêm de quatro disciplinas científicas: a Fraseologia, a Tradução e a Lexicografia e a Fraseografia. Para poder adentrar em cada um desses universos científicos, delimitando e aprofundando os temas de interesse para este estudo, a fase da

⁵ “un reflejo de sus gentes y de la historia de Uruguay” (GÓMEZ, 2009, p.11).

pesquisa bibliográfica constitui um passo fundamental para o desenvolvimento das fases metodológica e analítica.

Na sequência dos capítulos que compõem este estudo, o primeiro capítulo, aqui exposto, consiste na introdução do trabalho de pesquisa.

O segundo capítulo contém informações sobre a conceituação, a delimitação e a caracterização do universo fraseológico, assim como, também, sobre a categorização e abrangência das locuções da língua espanhola.

O terceiro capítulo abrange temáticas que correspondem à Tradução no tocante à competência tradutória e à subcompetência fraseológica do tradutor, assim com, também, às locuções como problema de tradução, em especial a literária.

O quarto capítulo compreende informações sobre os dicionários desde a perspectiva da Lexicografia. Do ponto de vista lexicográfico são apontadas contribuições da Lexicografia, com ênfase na Metalexicografia, ao estudo dessas obras, com especial atenção às propostas tipológicas que permitem sua caracterização e à categorização dos dicionários dialetais, dentre os quais estão os de uruguaiosmos.

O quinto capítulo traz informações sobre os dicionários a partir da perspectiva fraseográfica. Expõem-se informações sobre a conceituação da área fraseográfica e metafraseográfica apontando para o estudo das adequações e inadequações na inclusão de UFs nos dicionários gerais e nos dicionários fraseológicos.

O sexto capítulo é destinado a explicitar os procedimentos metodológicos adotados neste estudo, evidenciando os critérios seguidos para a seleção das fontes da pesquisa e do *corpus* em análise.

No sétimo capítulo apresentam-se, por um lado, as fontes utilizadas na pesquisa, constituídas pelos romances, suas traduções e os dicionários escolhidos para o estudo e, também, o *corpus* coletado, que consiste nas locuções extraídas dos romances, suas traduções e as informações locucionais oferecidas pelos dicionários. Por outro lado, após a observação e percepção do vínculo estabelecido entre essas informações, dá-se lugar às análises das mesmas e expõem-se as reflexões devidas desse processo.

O oitavo capítulo está dedicado às considerações finais da pesquisa e às conclusões derivadas do estudo

Após as considerações finais, expõem-se as referências, o apêndice (o qual consiste no glossário, que é o resultado da coleta dos dados) e o anexo.

2 AS LOCUÇÕES NO ÂMBITO DA FRASEOLOGIA

*/la celeste que no ni no/*⁶
(BENEDETTI, 1982, p. 185, grifos nossos).

Segundo aponta Cunha (2007, p. 368) em seu ‘Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa’, o termo francês ‘*Phraseologie*’ corresponde, em português, à ‘Fraseologia’ e está registrado desde o ano de 1813. Esse mesmo autor esclarece que embora esse termo tenha sido cunhado no início do século XIX, foi preciso esperar quase cem anos para que adquirisse a conotação de disciplina científica que possui na atualidade.

Diversos pesquisadores, como por exemplo Ruiz Gurillo (1997), Tristán Pérez (1998), Penadés Martínez (1999) e Santamaría Pérez (2000), apontam dois estudiosos como sendo os precursores da Fraseologia moderna. Um deles é o linguista suíço Charles Bally, pioneiro na proposição de princípios que permitiram a identificação do caráter científico da Fraseologia (tendo como marco um trabalho que publicou no ano de 1905) e o outro é o pesquisador Viktor Vladimirovich Vinogradov, um linguista russo e o primeiro divulgador dessa disciplina, em especial entre os anos de 1946 e 1947, mediante a publicação de seus trabalhos.

Em pouco mais de um século de caminhada da Fraseologia como ciência, muitas têm sido as contribuições de pesquisadores da área que procuram estabelecer limites para o conjunto de elementos que compõem o seu foco de estudo, assim como para encontrar uma denominação uníssona e representativa desses elementos.

Sem a pretensão de ser exaustiva, expõe-se, na sequência, o posicionamento de alguns pesquisadores envolvidos com a fraseologia hispânica contemporânea, justificando as escolhas aqui feitas quanto à nomenclatura utilizada no decorrer do presente texto e à definição, à caracterização e à tipologia adotadas no estudo.

2.1 SOBRE A NOMENCLATURA

Existe uma grande variedade de denominações para os elementos que constituem objeto de estudo da Fraseologia. Uma das mais amplamente difundidas é o termo ‘unidades fraseológicas’ (UFs), utilizada, entre outros, por Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996, 2003),

⁶ “/salve a celeste/” (BENEDETTI, 1982, p. 218, tradução de Eliana Aguiar, grifo nosso). ‘A celeste’ faz referência à equipe de futebol uruguaia que utiliza a cor azul celeste (ou azul clara) que é uma das cores da bandeira nacional desse país.

Ruiz Gurillo (1997, 1998, 2001), Penadés Martínez (1999, 2006) e García-Page Sánchez (1999, 2008).

Zuluaga (1980) utiliza de modo alternado as denominações ‘unidades fraseológicas’ e ‘expressões fixas’ (EFs), e justifica a adequação de ambas as nomenclaturas mediante os seguintes argumentos: no caso da primeira, por tratar da combinação de palavras que funcionam de forma unitária em diversos níveis da gramática; o segundo termo demonstra que a principal característica dessas unidades é a fixidez.

Outro termo bastante frequente é ‘fraseologismos’, usado mais tardiamente por Zuluaga (1997). A pesquisadora Penadés Martínez (1999) também emprega esse termo, apesar de dar preferência à nomenclatura ‘unidades fraseológicas’.

O quadro abaixo oferece, de maneira sintética, uma visão global do que foi anteriormente exposto quanto à nomenclatura utilizada pelos cinco autores citados.

Quadro 1 - Diversas denominações para os componentes da Fraseologia.

	unidades fraseológicas (UFs)	expressões fixas (EFs)	fraseologismos
Zuluaga	x	x	x
Corpas Pastor	x		
Ruiz Gurillo	x		
Penadés Martínez	x		x
García-Page Sánchez	x		

Fontes: Zuluaga (1980, 1997), Corpas Pastor (1996, 2003), Ruiz Gurillo (1997, 1998, 2001), Penadés Martínez (1999, 2006) e García-Page Sánchez (1999, 2008).

Nesta pesquisa, assume-se o termo ‘unidades fraseológicas’ pelos seguintes motivos:

- seu uso é amplamente estendido e aceito dentro dos estudos fraseológicos;
- não exalta apenas uma das propriedades dessas unidades⁷, como, por exemplo, a fixidez;
- o uso de uma única nomenclatura permite sistematizar as informações, outorgando uniformidade ao texto científico.

2.2 AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UFS): DELIMITAÇÃO

⁷ Nesse ponto concordamos com a opinião de Rios (2010, p. 25) quanto a essa característica do termo.

Em seu *‘Diccionario de lexicografía práctica’*, Martínez de Sousa aponta os componentes da ‘Fraseologia’ ao definir o termo como “Conjunto de expressões, frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixadas, modismos e refrães”⁸ (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p. 201, tradução nossa). Welker (2004, p. 162) explica que há duas acepções para o termo ‘Fraseologia’: 1) a denominação da ciência que se ocupa do estudo das UFs; 2) o conjunto dessas UFs. Em ambos os casos, para esses dois autores, a busca de uma definição de ‘Fraseologia’ conduz à delimitação do seu objeto de estudo, ou seja, os elementos que estão compreendidos sob a designação ‘unidades fraseológicas’. Para tanto, convém analisar o ponto de vista de outros pesquisadores de referência dessa área de estudo.

Para Zuluaga (1980, p. 15), as UFs compreendem tanto as locuções quanto os enunciados (como por exemplo, ditados e refrães)⁹ e considera que a fixidez é o traço mais marcante e generalizado das UFs, pois, pela sua ótica, trata-se de expressões cuja formação não é livre, atuando como estruturas pré-fabricadas que são reforçadas pela repetição.

Corpas Pastor (1996, p. 16-20, p. 51-52), ao referir-se às UFs, engloba tanto as colocações e as locuções como os enunciados fraseológicos, situando os limites dessas combinações estáveis entre as expressões compostas por mais de duas palavras e as unidades igualáveis à oração composta.

Ruiz Gurillo (1997, p. 14-15, p. 87-89, p. 121-123; 1998, p. 11-12) oferece duas formulações para o termo ‘unidades fraseológicas’: em sentido restrito, alude ao conjunto de estruturas que abrange as locuções e as frases proverbiais; e em sentido mais amplo, compreende, além dessas unidades, os refrães, os aforismos, as fórmulas, o vocabulário técnico, entre outras estruturas fixas. Optando por uma concepção mais restrita do termo, essa estudiosa assinala a proximidade existente entre as colocações e as UFs, reconhecendo que as primeiras conformam encontros sintagmáticos que não correspondem, a rigor, a combinações livres, porém ambos os tipos de construções podem ser agrupados, em certa medida, numa mesma categoria. Nessa linha de pensamento, essa estudiosa questiona a característica da fixidez das UFs quando entendida de forma estrita, propondo uma categorização gradual e progressiva dessas unidades que inclua as colocações.

Penadés Martínez (1999, p. 13) utiliza a denominação ‘unidades fraseológicas’ para referir-se ao conjunto de combinações fixas de uma longa lista que, segundo ela, não é

⁸ “Conjunto de expresiones, frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p. 201).

⁹ Um dado relevante na pesquisa desse autor é a ausência das colocações, como tipologia, dentre os objetos de estudo da Fraseologia.

exaustiva. Nessa lista estão incluídos os ditados, as expressões idiomáticas, os modismos, as fórmulas proverbiais e as comunicativas, as locuções, os refrães, os adágios, os aforismos e as colocações, entre outras. Ao agrupar tão diversos elementos sob uma única denominação, essa autora se posiciona a favor da relativização das características que, a rigor, todas essas unidades deveriam possuir para pertencer à mesma classe, afirmando, inclusive, que existem zonas de transição nas quais há UFs que possuem certos traços característicos essenciais, e outros não.

García-Page Sánchez (2008, p. 8-23) considera que compete à Fraseologia apenas a pesquisa das locuções (incluindo as oracionais ou fórmulas pragmáticas) e que os refrães pertencem ao campo de estudo da Paremiologia. Na visão desse autor, as colocações também estão excluídas do universo fraseológico, pois constituem sintagmas (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2013, p. 474) e se comportam como combinações livres que na maioria das vezes possuem um alto grau de transparência e flexibilidade sintática, contrariamente ao que acontece com formas fixas, como é o caso das locuções.

Nas diferentes concepções sobre os elementos constitutivos das UFs é possível salientar, de forma bastante genérica, que a maioria dos autores consultados reconhece três tipos de combinações: as locuções, os enunciados fraseológicos e as colocações. No Quadro 2, apresentado na sequência, são ilustradas as opiniões desses estudiosos no que se refere à inclusão dessas combinações como objetos de estudo da Fraseologia.

Quadro 2 - Diferentes visões sobre os elementos constitutivos das UFs.

	locuções	enunciados	Colocações
Zuluaga	x	x	
Corpas Pastor	x	x	x
Ruiz Gurillo	x	x	x
Penadés Martínez	x	x	x
García-Page Sánchez	x		

Fontes: Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997, 1998), Penadés Martínez (1999) e García-Page Sánchez (2008, 2013).

Os dados apresentados neste quadro evidenciam que o ponto de convergência das distintas concepções de UFs aqui discutidas é as locuções. Na visão de García-Page Sánchez (2008), o conceito de ‘locuções’ inclui elementos oracionais, como por exemplo, frases proverbiais e interjeições. Em nosso entendimento, vislumbrar o campo das UFs sob uma

concepção ampla de seus constituintes implica adentrar num universo de limites pouco precisos e múltiplas características que nem sempre são compartilhadas por todos os seus constituintes.

Neste estudo, ao adotar uma visão mais estrita das UFs, considerando que seus constituintes abrangem as locuções (como, por exemplo, *'buscar la vuelta'*¹⁰ e *'con pelos y señales'*¹¹) e as frases proverbiais¹² (como, por exemplo, *'ahí va la bocha'*¹³ e *'despacito por las piedras'*¹⁴), o objetivo é delimitar os elementos que são o foco de estudo da Fraseologia, sem adentrar em outros que, a rigor, são de competência de áreas como a Paremiologia e a Gramática, que estão correlacionadas com essa disciplina científica.

2.3 CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS UFS

Os estudiosos da Fraseologia, de modo bastante generalizado, reconhecem duas características básicas das UFs: a fixidez e a idiomaticidade. Embora exista ampla aceitação dessas propriedades, entendidas, na maioria das vezes, como as mais significativas para outorgar identidade fraseológica, há diversas vertentes que advogam pela relativização de conceitos e parâmetros (gradação desses atributos), assim como, também, os que reconhecem outros atributos subjacentes às UFs.

Dentre os autores consultados, Zuluaga (1980, cap. 3-4) enfatiza a fixidez e a idiomaticidade como as duas principais propriedades das UFs, dedicando boa parte de seu estudo à conceituação e caracterização de cada uma delas. Segundo explana esse autor, a fixidez consiste na propriedade que as UFs possuem e que permite que sejam reproduzidas como blocos pré-fabricados. Além disso, na perspectiva desse autor, a fixidez manifesta algumas particularidades, a saber:

- é arbitrária, pois, do ponto de vista funcional, não há explicação semântica nem sintática para a petrificação da combinação de seus elementos constitutivos;
- permite contradizer as leis gramaticais impostas pela língua, ou seja, impõe ausência de valor opositivo (como, por exemplo, singular/plural) aos elementos

¹⁰ A locução *'buscar la vuelta'* pode ser traduzida ao português por 'achar o fio da meada'.

¹¹ A locução *'con pelos y señales'* pode ser traduzida ao português por 'tim-tim por tim-tim'.

¹² Excetuam-se dessa delimitação os casos em que os termos 'UF' e 'UFs' são utilizados neste texto sob as concepções de outros autores, a modo das anteriormente explanadas.

¹³ A frase *'ahí va la bocha'* pode ser traduzida ao português por 'é isso aí' ou 'é isso mesmo'.

¹⁴ A frase *'despacito por las piedras'* pode ser traduzida ao português por 'devagar com o andar' ou 'um passo por vez'.

que compõem a UF, o que implica em que há uma neutralização das regras que, por vezes, determinariam mudanças em mais de um componente da expressão, como, por exemplo, a pluralização;

- outorga o status de língua, pois embora essas unidades apresentem características que as identificam como produtos do discurso ou atos da fala, elas se estabelecem e perduram na diacronia das línguas, sendo conhecidas, reconhecidas e reproduzidas como elementos próprios dessas línguas.

No que concerne à idiomaticidade, Zuluaga (1980, cap. 4) reconhece uma série de traços linguísticos que imprimem funcionamento idiomático às UFs. Seus elementos sofrem perda da identidade semântica original que possuem quando isolados, em prol do sentido adquirido no bloco linguístico. Ou seja, o sentido das UFs não se constrói a partir da soma dos significados de seus constituintes¹⁵. O autor destaca, ainda, que a idiomaticidade depende da fixidez, pois uma expressão só pode ser idiomática quando os elementos que a conformam se agrupam e unificam em bloco. Contudo, o oposto não se manifesta, ou seja, a fixidez não implica, necessariamente, em idiomaticidade, existindo, inclusive, UFs que não são idiomáticas.

Para Corpas Pastor (1996, p. 20), além da idiomaticidade (ou opacidade semântica), as UFs se caracterizam por possuir: 1) alta frequência; 2) institucionalização; 3) estabilidade (incluída a fixidez); 4) variação; e 5) gradação. Em sua obra *Manual de fraseología española*, essa estudiosa discorre sobre cada uma dessas características, esclarecendo sobre os aspectos intrínsecos a cada traço (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20-32).

- 1) Em primeiro lugar, explica que a alta frequência corresponde à coaparição dos elementos constitutivos das UFs (polilexicalidade ou pluriverbalidade) e ao uso repetido do bloco como combinação fixa.
- 2) Essa autora diz que, por sua vez, a institucionalização alude ao caminho que a UF percorre da neologia para a língua, em decorrência de seu reconhecimento e repetição pela comunidade de falantes, na diacronia de uma língua, e sua perpetuação.
- 3) A estabilidade que apresentam as UFs é compreendida pela autora de duas perspectivas: a) sua fixidez, por se tratar de combinações pré-fabricadas de

¹⁵ O autor esclarece que podem existir combinações livres, homófonas às UFs, porém, com sentido literal, ou seja, são ‘falsas UFs’ que não devem ser confundidas com as verdadeiras.

elementos identificados e reproduzidos em bloco; b) sua especialização semântica (ou lexicalização) que consiste no processo de mudança semântica, das combinações não idiomáticas para as idiomáticas, seja por adição ou por supressão de significados.

- 4) No que concerne à variação, essa estudiosa refere que essa característica agrupa dois subconjuntos: as variantes (as estruturais e os sinônimos fraseológicos) e as modificações, que são efeitos expressivos derivados de mudanças, ou deformações, nos elementos constitutivos das UFs.
- 5) Por último, essa pesquisadora observa que a gradação consiste no nivelamento das UFs dentro de uma escala de valores que se estabelece para as características que cada uma delas evidencia; ou seja, na visão dessa autora, as UFs apresentam níveis diferentes em seus atributos constitutivos, o que permite uma categorização dessas unidades em virtude da presença de alguns desses atributos ser mais ou menos marcada ou, inclusive, da ausência de um ou mais deles.

Assim como Zuluaga e como Corpas Pastor, Ruiz Gurillo (1997, p. 14, tradução nossa) também aponta para a fixidez e a idiomaticidade como atributos representativos das UFs, e define essas unidades pelos seus atributos ao afirmar que se trata de uma “combinação fixa de palavras que apresentam certo grau de fixidez e eventualmente de idiomaticidade”¹⁶. Para Ruiz Gurillo (1997, cap. 4-5; 1998, p. 14-21), as propriedades de fixidez e idiomaticidade estão condicionadas pela presença e a intensidade de uma série de traços, segundo os quais as UFs podem ser organizadas dentro de uma escala com diversos níveis. Essa escala, que vai desde combinações totalmente fixas e idiomáticas a combinações com certo grau de fixidez, porém, não idiomáticas, auxiliam na identificação e classificação das UFs.

Em seu livro ‘*Aspectos de fraseología teórica española*’, Ruiz Gurillo (1997, p. 74-81) agrupa e descreve esses traços, mediante os quais é possível catalogar as UFs, em cinco níveis diferentes: 1) fonético-fonológico; 2) morfológico; 3) sintático; 4) léxico-semântico; 5) pragmático.

¹⁶ “*Combinación fija de palabras que presentan algún grado de fijación y eventualmente de idiomaticidad*” (RUIZ GURILLO, 1997, p. 14).

- 1) No primeiro grupo essa autora aponta para características como, por exemplo, a redução fonética, a rima consonante e a assonante, a gradação silábica, entre outras.
- 2) Os traços morfológicos, identificados pela autora, consistem na presença de anomalias estruturais e na relação das UFs com os processos de derivação e composição.
- 3) No nível sintático encontra-se a fixidez, entendida por essa estudiosa como complexidade e estabilidade de forma (dentro de uma gradação) e como defectividade combinatória e sintática (invariabilidade, não comutabilidade e não permutabilidade de seus elementos constitutivos, entre outros).
- 4) Na instância léxico-semântica a autora elenca propriedades como o caráter aglutinante (significam e se reproduzem em bloco), a idiomaticidade (o significado não se depreende da soma dos sentidos dos elementos constitutivos), a motivação (imagem que originariamente motivou sua criação), o sentido metafórico, entre outros.
- 5) Por último, no nível pragmático, essa pesquisadora cita traços como o fato de sua aprendizagem desenvolver-se pela memorização e o dessas combinações possuírem valores sociolinguísticos, entre outros.

Ao enquadrar os traços das expressões idiomáticas dentro dessas cinco esferas valorativas, a autora explicita o entendimento da fixidez como propriedade fundamentalmente sintática que se manifesta pela estabilidade na forma da UF e, por sua vez, entende que a idiomaticidade é um fenômeno basicamente semântico.

Assim como Zuluaga (1980), Ruiz Gurillo (1997, p. 103-104) entende que a fixidez e a idiomaticidade são características que estão fortemente vinculadas entre si, e que um maior grau de idiomaticidade repercute (na maioria dos casos) em maior fixidez; porém, o contrário não se aplica, ou seja, a presença de fixidez não sempre subjaz em idiomaticidade. A partir dessa perspectiva, essa pesquisadora depreende que a fixidez é a característica mais marcante e representativa das UFs.

Em busca de uma caracterização das UFs, analisando as perspectivas antes elencadas, Penadés Martínez (1999, p. 14-19) observa que muitas propriedades que apresentam essas unidades podem ser reduzidas a duas: a combinação e a fixidez (tanto a formal como a semântica, ou idiomaticidade). Essa autora também destaca a fixidez como principal atributo constitutivo das combinações, embora reconheça o caráter relativo e gradual

dessa propriedade, apontando para a existência de um centro (ou protótipo de UF modelo), uma periferia e diferentes espaços transicionais nos quais as unidades podem ser agrupadas.

Em sua obra *‘Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones’*, García-Page Sánchez (2008, p. 23-35) posiciona-se sobre os traços das UFs. Na opinião desse autor, as UFs se caracterizam por apresentar: estrutura complexa (pluriverbalidade), fixidez ou estabilidade, variação potencial, idiomaticidade e institucionalização. Para esse autor, tais características se manifestam em diferentes dimensões e formas, sendo que, frequentemente, também são compartilhadas com outros tipos de composições, fixas ou não (como, por exemplo, os refrões e as colocações), os quais, a rigor, não pertencem ao âmbito de estudo da Fraseologia. Nessa linha de raciocínio, a partir de uma concepção estreita das UFs, a propriedade de gradação é vista, pelo autor, como inadequada, além de subjetiva. Embora esse estudioso reconheça a pluriverbalidade e a fixidez como condições próprias das UFs, ele também aponta para o caráter não privativo desses atributos e, além disso, observa que a existência de variações (incrementos léxicos, encurtamentos, mudanças flexionais ou derivativas) relativiza o conceito de fixidez.

Uma junção das diferentes visões quanto à caracterização das UFs, explicitadas pelos autores acima referidos, pode ser ilustrada, de maneira bastante sintética, mediante o Quadro 3, exposto na sequência.

Quadro 3 - Diferentes visões sobre as características que possuem as UFs.

	Fixidez	Frequência	Gradação	Idiomaticidade	Institucionalização	Pluriverbalidade	Variação	Outros atributos
Zuluaga	x			x				
Corpas Pastor	x	x	x	x	x		x	
Ruiz Gurillo	x		x	x				Conjunto de traços agrupados em níveis.
Penadés Martínez	x		x	x		x		
García-Page Sánchez	x			x	x	x	x	

Fontes: Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997, 1998), Penadés Martínez (1999) e García-Page Sánchez (2008).

Em primeira instância, a observação mais evidente consiste na unanimidade das opiniões desses autores sobre a presença das propriedades que melhor representam às UFs: a fixidez e a idiomaticidade. De forma geral, a fixidez é apontada como a qualidade central e primária dessas construções, embora se discuta a possibilidade de se incluir combinações que manifestam relativa estabilidade, e que, em rigor, não são fixas.

Concordamos com a perspectiva de García-Page Sánchez (2008, p. 23 e p. 32-35) ao considerar que a inclusão de combinações que compartilham alguns traços periféricos com as UFs, e não os centrais, provoca uma descaracterização da categoria fraseológica, a qual não dá conta de abraçar composições com grandes disparidades e de natureza variada, para as quais existem campos específicos do conhecimento (a Paremiologia e a Gramática) mais adequados para o seu estudo. Desde uma concepção estreita da Fraseologia, e igualmente, em concordância com esse autor, entendemos que, tanto a frequência (de uso e de coaparição) quanto a gradação não constituem traços representativos para a categorização das UFs. No caso da primeira, devido à perspectiva conceitual estrita que restringe os elementos fraseológicos a locuções e frases proverbiais, é irrelevante se falar de frequência na junção de elementos que por si já manifestam fixidez. No que se refere à gradação, além da inadequação devinda do reducionismo conceitual, avalia-se o caráter subjetivo que implica valorar o nível de intensidade que uma UF apresenta, por exemplo, quanto à idiomaticidade. Por outro lado, há que destacar que tal condição não impede a possibilidade de uma diferenciação de níveis de opacidade quando há finalidades específicas, como, por exemplo, na aprendizagem de línguas, ao se contrastar dois idiomas ou duas variantes diatópicas do mesmo idioma.

A institucionalização, entendida como processo pelo qual uma UF internaliza e se perpetua na comunidade de falantes que a compartilha, também não é uma condição privativa dessas unidades. Apesar de seu caráter não excludente, a tendência à institucionalização reforça a condição de fixidez de uma UF e legitima sua posição dentro do acervo idiomático de uma comunidade, conquistada pela permanência de seu uso diacrônico, ao ser dicionarizada.

Por sua vez, a pluriverbalidade constitui uma característica, a nosso ver, necessária para a composição das UFs, pois partimos do princípio que se trata de combinações de estruturas que se solidificaram compondo blocos ou junções com significado próprio. Uma vez mais, verifica-se que consiste num traço que não é exclusivo dessas construções.

A variação, entendida como a alteração de alguns dos elementos que compõem uma UF sem afetar seu sentido, outorga certa relatividade ao conceito de fixidez e, principalmente, amplia a sua significação ao extrapolar a simples estabilidade da forma sendo concebida,

também, como estabilidade semântica. Como caráter eventual e não privativo dessas construções fraseológicas, a variação se manifesta em posição complementar ao conceito de fixidez.

Outras propriedades apontadas por Ruiz Gurillo (1997, p. 79-80), como o caráter imotivado e metafórico que muitas UFs manifestam, consistem, a nosso ver, em elementos complementares ao conceito de idiomaticidade, sendo relevantes para a análise de particularidades, individuais e ocasionais, que não são aplicáveis à totalidade do universo que compreende a essa classe de composições.

Em síntese, ao analisar as divergências e convergências dos posicionamentos dos referidos autores à procura de uma conceituação das UFs, distinguem-se duas vertentes principais: as perspectivas abrangentes, focadas na flexibilização categorial, e as perspectivas estreitas, centradas nos limitantes e na procura de traços distintivos que sejam representativos dessa classe. Nesta pesquisa, optamos por parâmetros mais restritivos, por considerar que outorgam maior singularidade e clareza aos atributos inerentes às UFs. Dentro desses parâmetros, do ponto de vista de suas propriedades constitutivas, propomos que a UF consiste em uma composição pluriverbal fixa, que pode ser, também, idiomática e passível de institucionalização e de variação.

2.4 AS LOCUÇÕES E SUA TIPOLOGIA

Dentre as UFs já mencionadas, uma classe em particular merece atenção especial por ser o objeto do presente estudo: as locuções. A opção pelo estudo das locuções radica no entendimento de que se trata de um elemento representativo do universo fraseológico, o qual possui grande diversidade e pode desempenhar várias funções dentro do discurso. Por esse motivo, seu uso é estendido, substituindo palavras simples ou sintagmas livres.

De forma bastante generalizada, as definições que encontramos sobre as locuções da língua espanhola seguem a mesma diretriz que foi iniciada na década de 1950 pelo filólogo e lexicógrafo Julio Casares, um dos precursores dos estudos fraseológicos modernos na Espanha. Com base nessa tradição, uma das definições encontradas refere que as locuções podem ser entendidas como:

[...] unidades fraseológicas do sistema da língua com as seguintes características distintivas: fixação interna, unidade de significado e fixação externa ‘pasemática’¹⁷. Estas unidades não constituem enunciados completos e, geralmente, funcionam como elementos oracionais¹⁸ (CORPAS PASTOR, 1996, p. 88, tradução nossa).

Outra definição alude que são:

[...] unidades fraseológicas que por si mesmas não constituem [...] um enunciado completo [e que] é habitual classificá-las de acordo com a função que desempenham na oração, sendo que essa função costuma estar relacionada com a classe de palavra que corresponde ao componente básico de uma locução concreta ou, em todo caso, com a sua paráfrase definidora¹⁹ (PENADÉS MARTÍNEZ, 1999, p. 21, tradução nossa).

Por sua vez, de forma sintética, Ruiz Gurillo (2001, p. 25, tradução nossa) estabelece que as locuções são “sintagmas fixos que, em determinados casos, apresentam idiomatismo”²⁰. Em vista dessas conceituações, e seguindo o tradicional caminho aberto por Casares, depreende-se que as locuções são fragmentos, ou sintagmas, fixos que carecem de sentido completo e que, conseqüentemente, atuam como elementos oracionais segundo a classe de palavra à qual correspondem.

A multiplicidade de locuções que a língua espanhola abriga é foco de constantes propostas de classificação, lançadas por estudiosos da área que têm se empenhado em sistematizar as estruturas pertencentes a esse tipo de UFs.

Zuluaga (1980, p. 139) divide essas construções em: instrumentos gramaticais (prepositivas, conjuntivas e superlativas²¹), unidades léxicas (nominais, adnominais, adverbiais e verbais) e sintagmas verbais. Na taxonomia proposta por esse autor, as unidades léxicas adverbiais se subdividem em: circunstanciais, cláusulas e advérbios.

¹⁷ Segundo esclarece Thun (1978), a fixação pasemática consiste numa fixação externa das unidades linguísticas utilizadas para legitimar determinados atos comunicativos, constituindo fórmulas discursivas bastante rígidas que cumprem, no discurso, uma função categórica, como por exemplo, numa formatura, o reitor expressa: ‘declaro encerrada esta solenidade’.

¹⁸ “[...] unidades fraseológicas del sistema de la lengua con los siguientes rasgos distintivos: fijación interna, unidad de significado y fijación externa pasemática. Estas unidades no constituyen enunciados completos y, generalmente, funcionan como elementos oracionales” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 88).

¹⁹ “[...] unidades fraseológicas que por sí mismas no constituyen [...] un enunciado completo [y que] es habitual clasificarlas de acuerdo con la función que desempeñan en la oración, función que suele estar en relación con la clase de palabra que corresponde al componente básico de una locución concreta o, en todo caso, con su paráfrasis definitoria” (PENADÉS MARTÍNEZ, 1999, p. 21).

²⁰ “Sintagmas fijos que en ciertos casos presentan idiomatismo” (RUIZ GURILLO, 2001, p. 25).

²¹ O autor utiliza a palavra ‘elativas’ e esclarece que essa classe de locuções consiste em combinações que intensificam lexemas e que podem ser substituídas por ‘muito’ ou ‘-íssimo’, pelo qual, optamos por traduzi-la utilizando o termo ‘superlativas’. Vale apontar, no entanto, que o autor se refere aos superlativos absolutos.

Corpas Pastor (1996, p. 94) agrupa as locuções em: nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas e complexas ou cláusulas (que não constituem orações completas).

A classificação de Ruiz Gurillo (2001, p. 46) aponta para as locuções: nominais, adjetivais, verbais, adverbiais, marcadoras²², prepositivas e as cláusulas.

Penadés Martínez (2002, p. 9) apresenta uma classificação das locuções ao estabelecer os parâmetros mediante os quais agrupou esse tipo de composições léxicas para a elaboração de seus dicionários. Essa autora reconhece cinco classes de locuções: verbais, adverbiais, substantivas, pronominais e adjetivas.

Na perspectiva abrangente de García-Page Sánchez (2008, p. 92), as locuções admitem elementos oracionais e podem ser organizadas em: nominais, pronominais, adjetivais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e oracionais. Dentre as locuções oracionais, encontram-se as locuções denominadas por esse autor de ‘semioracionais’ (descritas geralmente como refrões unimembres, frases proverbiais, enunciados de valor específico, entre outros tipos de construções), as locuções interjetivas e as fórmulas pragmáticas.

No quadro subsequente, apresenta-se um panorama das diferentes tipologias assumidas pelos autores citados neste apartado.

²² As locuções marcadoras estão relacionadas com o papel de marcação discursiva que, segundo essa autora, cumprem algumas locuções. Entre as funções que desempenham está a conexão discursiva, podendo atuar como reformuladores, conectores ou operadores da informação, entre outras.

Quadro 4 - Diferentes visões tipológicas sobre as locuções.

	Adjetivais	Adverbiais	Cláusulas	Conjuntivas	Marcadoras	Nominais	Oracionais	Prepositivas	Pronominais	Superlativas	Verbais
Zuluaga ²³	X	X		X		X		X		X	X
Corpas Pastor	X	X	X	X		X		X			X
Ruiz Gurillo	X	X	X		X	X		X			X
Penadés Martínez ²⁴	X	X				X		X	X		X
García-Page Sánchez	X	X		X		X	X	X	X		X

Fontes: Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (2001), Penadés Martínez (2002) e García-Page Sánchez (2008).

Debater sobre a relevância que algumas tipologias têm em detrimento de outras consiste, a nosso ver, numa discussão que é pertinente para a definição e sistematização do campo locucional, porém este assunto não é o foco deste trabalho. Para os objetivos desta pesquisa, consideramos de maior relevância localizar e delimitar o objeto de estudo ao destacar que algumas classes de locuções são reconhecidas de forma generalizada pelos pesquisadores da área fraseológica, como, por exemplo: 1) as adjetivas (*'cortita y al pie'*, *'duro de pelar'*, entre outras); 2) as adverbiais (*'a todo vapor'*, *'por amor a la camiseta'*, entre outras); 3) as verbais (*'andar a la pesca'*, *'volarse las chapas'*, entre outras). Outras tipologias poderão ser contempladas nas fontes lexicográficas e algumas das nomenclaturas, utilizadas majoritariamente pelos estudiosos da fraseologia de língua espanhola consultados para essa seção, poderão não coincidir com as que foram expostas. Por esse motivo, a análise das fontes lexicográficas quanto à tipologia adotada em cada dicionário é um dos pontos a ser discutido nesta pesquisa, na seção dedicada às análises.

Devido a sua composição complexa, embora fixa, sua tendência a apresentar idiomaticidade, além dos fatores culturais, metafóricos e simbólicos que costumam possuir, as locuções constituem desafios e armadilhas para a realização de traduções. Quando em contextos, agregam-se outras dificuldades como, por exemplo, a intenção conotativa ou estilística do autor.

²³ Dentre os autores consultados, Zuluaga é o único que denomina 'locuções adnominais' às locuções que possuem valor categorial de adjetivos. Além disso, esse autor diferencia dois grupos de locuções verbais (não especificados na composição desse quadro): os lexemas simples e os sintagmas.

²⁴ Essa autora utiliza a denominação 'locuções substantivas', ao invés de 'locuções nominais', para se referir às locuções que possuem valor categorial de substantivo.

Um dos objetivos da presente pesquisa é, justamente, analisar as locuções da variante uruguaia do espanhol nos romances de Mario Benedetti e suas traduções ao português em obras editadas no Brasil. Devido a esse intuito, e depois de ter apresentado e conceituado o nosso objeto de estudo, apontando algumas das dificuldades da sua classificação, faz-se necessária a explicitação das bases teóricas vinculadas às locuções no âmbito da Tradução, tema discutido no próximo capítulo.

3 AS LOCUÇÕES NO ÂMBITO DA TRADUÇÃO

Você tem todas as condições para contribuir para minha felicidade, mas eu tenho muito poucas para contribuir com a sua. Não estou **fazendo média**.²⁵
(BENEDETTI, 1989, p. 54, tradução de Mustafa Yazbek, grifos nossos).

Apesar de a prática tradutória ter uma trajetória milenar, vinculada ao surgimento da escrita, os estudos científicos da Tradução são relativamente recentes. Diversos autores, como, por exemplo, Hurtado Albir (1999, p. 10), Gentzler (2009, p. 107), Cagnolati (2012, p. 48) e Vukovic (2012, p. 19), entre outros, indicam o ano 1972 como marco do assentamento da Tradução como disciplina científica que passou a ser conhecida como ‘Estudos da Tradução’. O termo ‘*Translation Studies*’ foi proposto nesse ano no Terceiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada, na Dinamarca, pelo pesquisador e tradutor americano James S. Holmes (CAGNOLATI, 2012, p. 48).

Com o estabelecimento dos Estudos da Tradução como disciplina científica, conforme comenta Hurtado Albir (1999, p. 9-10), inicia-se um movimento pela sistematização dos componentes desse campo.

Em virtude de um dos objetivos da presente pesquisa ser o estudo das traduções ao português de locuções presentes nos romances de Mario Benedetti, o intuito deste capítulo é esclarecer alguns aspectos quanto ao lugar que a formação fraseológica do tradutor ocupa dentro dos Estudos da Tradução.

Nos dois primeiros apartados deste capítulo, apontam-se particularidades quanto aos conhecimentos e habilidades necessários à formação do tradutor destacando o lugar no qual a subcompetência fraseológica do tradutor está, ou deveria estar, alocada, dentro das diversas propostas de sistematização da competência tradutória.

Posteriormente, discorre-se sobre as metodologias aplicadas a esse processo tradutório, ou seja, os procedimentos que podem ser adotados para a tradução de UFs, de forma geral, e das locuções, de forma específica.

Finalizando este capítulo tecem-se considerações sobre a tradução de locuções nos textos literários.

²⁵ ‘Fazer média’ é a tradução de Mustafa Yazbek para a locução verbal ‘*mandarse la parte*’, dicionarizada no ‘*Diccionario del español del Uruguay*’ sob a acepção “*Simular lo que no se es, fanfarronear*” (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 411). “*Usted tiene todas las condiciones para concurrir a mi felicidad, pero yo tengo muy pocas para concurrir a la suya. Y no crea que me estoy mandando la parte*” (BENEDETTI, 1960, p. 67).

3.1 A COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

Tanto Hurtado Albir (1999, p. 8) como Galán-Mañas (2009, p. 15) concebem a competência tradutória como conjunto de habilidades e conhecimentos indispensáveis para poder realizar traduções.

No entendimento de Hurtado Albir (1999, p. 30, tradução nossa), a tradução “é um processo interpretativo e comunicativo de reformulação de um texto, que se desenvolve em um contexto social”²⁶. A partir dessa definição, essa autora distingue a tarefa tradutória ou a tradução em si, do sistema necessário para sua operacionalização, ou seja, as aptidões e os saberes adquiridos.

Quanto aos constituintes da competência tradutória, Hurtado Albir (1999, p. 43-44) reconhece seis subcompetências: 1) a competência comunicativa nas duas línguas em questão; 2) a competência extralinguística; 3) a competência de transferência; 4) a competência profissional; 5) a competência psicofisiológica; 6) a competência estratégica.

Segundo Hurtado Albir (1999, p. 43), a ‘competência comunicativa nas duas línguas em questão’ em uma tradução comporta as habilidades e os conhecimentos linguísticos necessários para a compreensão em uma das línguas e a reformulação na outra língua. A ‘competência extralinguística’ (HURTADO ALBIR, 1999, p. 43) abarca os conhecimentos enciclopédicos, culturais e das diversas temáticas sobre as quais pode versar uma tradução. Essa pesquisadora denomina competência de transferência à habilidade de realizar a tradução considerando diferentes finalidades e destinatários. A ‘competência profissional’ (HURTADO ALBIR, 1999, p. 43) consiste em conhecer e saber utilizar as bases documentais e tecnológicas e estar familiarizado com o mercado de trabalho. A ‘competência psicofisiológica’ está constituída pelo desenvolvimento da habilidade mnemônica, da criatividade e dos reflexos. Por sua vez, a ‘competência estratégica’ é definida pela autora como a habilidade de solucionar problemas decorrentes da deficiência que outras subcompetências apresentem ou de dificuldades decorrentes do próprio processo de tradução (HURTADO ALBIR, 1999, p. 44).

Kelly (2002) analisa perspectivas diversas sobre a competência tradutória e, mediante a observação da atividade de tradução, elabora o seu próprio modelo descritivo

²⁶ “[...] es un proceso interpretativo y comunicativo de reformulación de un texto, que se desarrolla en un contexto social” (HURTADO ALBIR, 1999, p. 30).

dessa competência, como base para a definição de estruturas curriculares na formação de tradutores. Essa autora define ‘competência tradutória’ como:

[...] macrocompetência que constitui o conjunto das capacidades, destrezas, conhecimentos e, inclusive, atitudes que possuem os tradutores profissionais que atuam na tradução como atividade especializada e que se desmembra em [...] subcompetências [...] necessárias, em seu conjunto, para o êxito da macrocompetência²⁷ (KELLY, 2002, p. 14, tradução nossa).

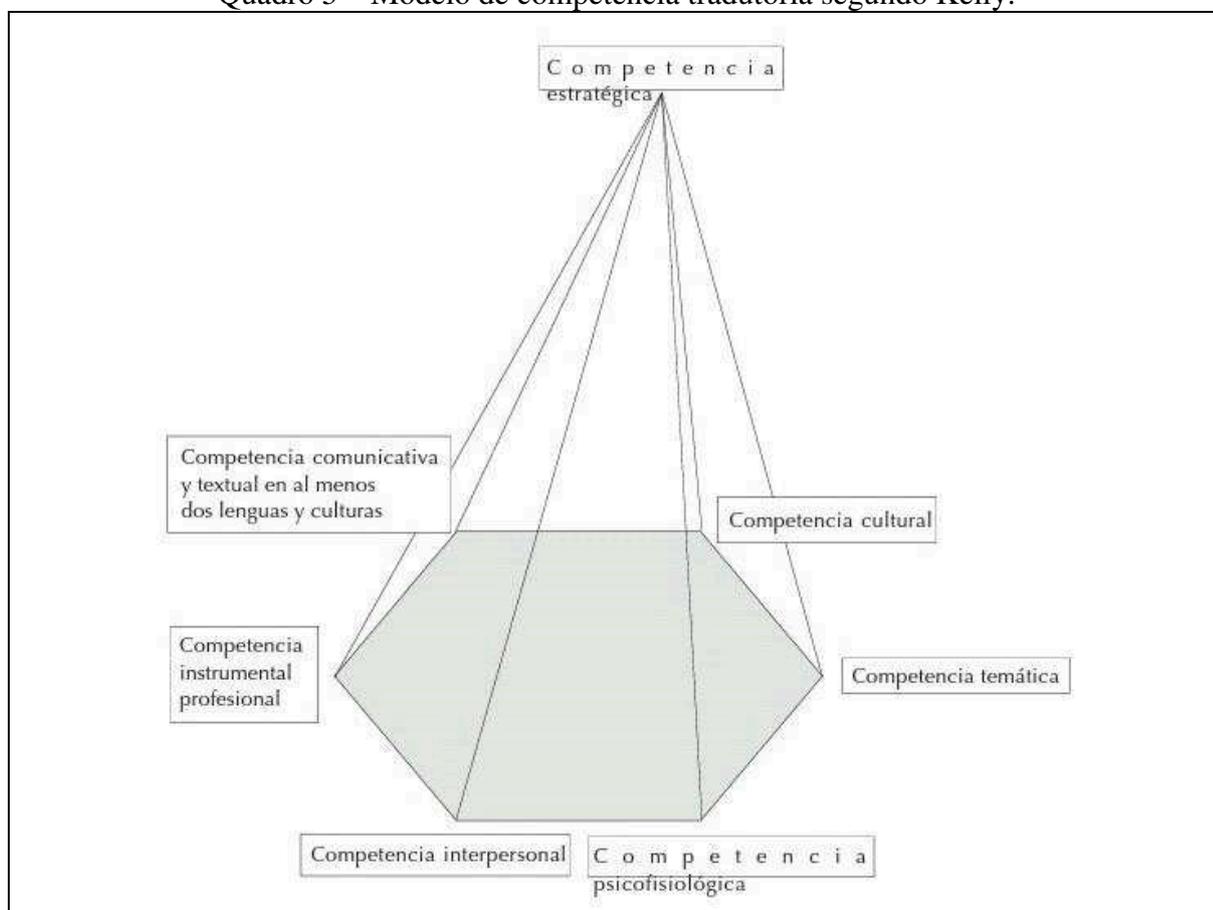
Com base nessa conceituação, Kelly (2002, p. 14-15) propõe um modelo de competência tradutória considerando sete subcompetências inter-relacionadas entre si, a saber: 1) a subcompetência comunicativa e textual em ao menos duas línguas e duas culturas; 2) a subcompetência cultural; 3) a subcompetência temática; 4) a subcompetência instrumental profissional; 5) a subcompetência psicofisiológica; 6) a subcompetência interpessoal; 7) a subcompetência estratégica.

Conforme Kelly (2002, p. 14), a ‘subcompetência comunicativa e textual em ao menos duas línguas e duas culturas’ inclui tanto o processo ativo da comunicação interlinguística quanto os momentos de passividade e envolve aspectos relacionados às particularidades textuais das múltiplas culturas laborais. A ‘subcompetência cultural’ (KELLY, 2002, p. 14) inclui, além dos conhecimentos enciclopédicos, informações sobre comportamentos, crenças, mitos e valores das culturas envolvidas e que estão implícitos nos textos. Os conhecimentos sobre diferentes temáticas em duas línguas constituem, segundo a autora, a ‘subcompetência temática’ (KELLY, 2002, p. 14). Por sua vez, a ‘subcompetência instrumental profissional’ (KELLY, 2002, p. 14) consiste, na habilidade para consultar diferentes informações, fontes documentais, entre outros dados. A ‘subcompetência psicofisiológica’ (KELLY, 2002, p. 15) aponta para o autorreconhecimento como profissional e o desenvolvimento da habilidade mnemônica e de percepção, entre outras. No que concerne à ‘subcompetência interpessoal’ (KELLY, 2002, p. 15), trata-se da aptidão para interagir com os diversos indivíduos envolvidos no processo tradutório; e a ‘subcompetência estratégica’ rege a aplicação das outras subcompetências, pois agrega os procedimentos necessários para organizar e realizar a tradução.

²⁷ “[...] *macrocompetencia que constituye el conjunto de capacidades, destrezas, conocimientos e incluso actitudes que reúnen los traductores profesionales y que intervienen en la traducción como actividad experta y que se desglosa en [...] subcompetencias [...], en su conjunto necesarias para el éxito de la macrocompetencia*” (KELLY, 2002, p. 14) .

Na sequência, o Quadro 5 expõe o modelo de competência tradutória segundo os parâmetros, proposto por Kelly (2002).

Quadro 5 – Modelo de competência tradutória segundo Kelly.



Fonte: Kelly (2002, p. 15).

O grupo PACTE (2003), composto por pesquisadores da Universidade Autônoma de Barcelona e liderado pela pesquisadora Hurtado Albir, compõe o seu modelo de competência tradutória com base na reestruturação de suas propostas anteriores. Esse grupo estabelece que:

A competência tradutória é o sistema subjacente ao conhecimento necessário para traduzir. Inclui o conhecimento declarativo e o processual, embora o conhecimento procedimental seja predominante. Consiste na capacidade de levar a cabo o processo de transferência desde a compreensão do texto fonte até à reconstrução do texto alvo, tendo em conta o propósito da tradução e as características dos leitores do texto alvo²⁸ (PACTE, 2003, p. 58, tradução nossa).

²⁸ “Translation competence is the underlying system of knowledge needed to translate. It includes declarative and procedural knowledge, but the procedural knowledge is predominant. It consists of the ability to carry out the transfer process from the comprehension of the source text to the re-expression of the target text, taking into account the purpose of the translation and the characteristics of the target text readers” (PACTE, 2003, p. 58).

Na perspectiva do grupo PACTE (2003, p. 58-59), a competência tradutória envolve cinco subcompetências: 1) a subcompetência bilíngue; 2) a subcompetência extralinguística; 3) a subcompetência de conhecimentos sobre a tradução; 4) a subcompetência instrumental; 5) a subcompetência estratégica.

Segundo o grupo PACTE (2003, p. 58) a ‘subcompetência bilíngue’ consiste em um conhecimento essencialmente processual, necessário para que haja comunicação interlinguística sem a interferência própria dos processos de alternância entre duas línguas e integra diversos saberes sobre as línguas (pragmático, textual, léxico, gramatical, entre outros) incluindo, por exemplo, as variações dialetais.

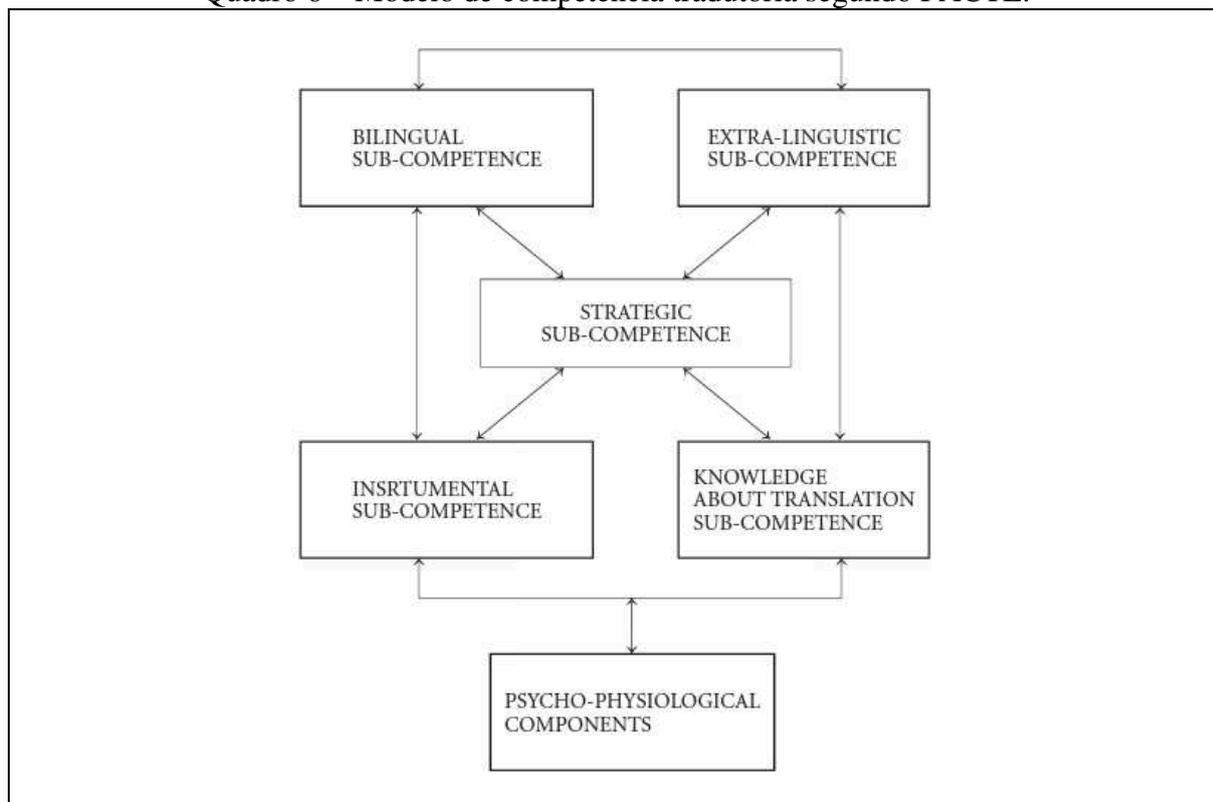
A ‘subcompetência extralinguística’ (PACTE, 2003, p. 58), na qual predomina o caráter declarativo, comporta tanto o conhecimento das culturas implicadas na tradução, quanto o enciclopédico e o temático.

Por sua vez, o grupo esclarece que a ‘subcompetência de conhecimentos sobre a tradução’ compreende saberes, de base declarativa, do funcionamento do processo tradutório e da prática tradutória (PACTE, 2003, p. 59).

A ‘subcompetência instrumental’ (PACTE, 2003, p. 59), por sua vez, segundo o grupo, consiste no conhecimento, predominantemente processual, do uso de fontes documentais.

Na perspectiva do grupo, a ‘subcompetência estratégica’, que tem caráter processual, é o componente central desse modelo e atua como elemento de inter-relação entre as outras subcompetências, oferecendo soluções para os problemas tradutórios. A essas subcompetências, segundo o grupo, associam-se os componentes psicofisiológicos, conforme pode ser observado em seu modelo, exposto no Quadro 6.

Quadro 6 – Modelo de competência tradutória segundo PACTE.



Fonte: PACTE (2003, p. 60).

Quanto à concepção do termo ‘competência tradutória’, o grupo PACTE introduz um dado fundamental para sua caracterização, que é aproveitar a diferenciação do conhecimento declarativo e do conhecimento processual, apontando o segundo deles como predominante para desenvolver essa competência.

Os modelos apresentados coincidem em vários aspectos, dentre eles: 1) o destaque da subcompetência estratégica como elemento central e inter-relacional do processo tradutório; 2) a importância de adquirir conhecimentos linguísticos diversos sobre as línguas envolvidas; 3) a necessidade de conhecer as culturas envolvidas e saber usar bases documentais; 4) a incidência dos fatores psicofisiológicos no processo tradutório. De forma particular, Kelly (2002, p. 15) e o grupo PACTE (2003, p. 60) expõem uma característica, a nosso ver, crucial para o processo tradutório, que é a inter-relação entre as subcompetências.

Em face aos nossos objetivos de pesquisa, consideramos necessário destacar dois aspectos de caráter processual na aquisição da competência tradutória: 1) a necessidade de ter conhecimento e habilidade para o uso de fontes documentais que auxiliem a tradução (dentre elas os dicionários); 2) o desenvolvimento de competências vinculadas aos conhecimentos das línguas envolvidas na tradução. A relevância do primeiro aspecto destacado, na nossa perspectiva, justifica-se pela grande diversidade de dicionários, cujas finalidades e objetivos

também são múltiplos²⁹, e pela estreita relação que se estabelece, na prática tradutória, entre o tradutor e as fontes documentais, em especial, os dicionários. Quanto ao segundo aspecto, entendemos que são diversas as dificuldades que apresentam as línguas para fins de tradução, sendo necessário o desenvolvimento de subcompetências bastante específicas, dentre elas a fraseológica.

Na próxima subseção, elencaremos algumas considerações sobre a subcompetência fraseológica, integrando, de forma específica, sua relação com os dicionários enquanto fontes documentais para a tradução.

3.2 A SUBCOMPETÊNCIA FRASEOLÓGICA DO TRADUTOR

Para adentrar a conceituação do termo ‘subcompetência fraseológica’ é necessário esclarecer, previamente, o contexto ao qual limitamos essa denominação. Em primeiro lugar, cabe destacar a sua aplicação aos processos tradutórios, em especial, ao desenvolvimento da competência tradutória. Em segundo lugar, visto o foco deste estudo, centramos a nossa atenção na fraseologia da língua espanhola, motivo pelo qual demos preferência a fontes bibliográficas voltadas para essa língua.

Dentre as autoras consultadas, Corpas Pastor (2003, p. 216, p. 222), Serrano Lucas (2010, p. 199) e Sardelli (2014, p. 200) apontam para a necessidade de desenvolver a ‘competência fraseológica’ durante o processo de formação de tradutores. Corpas Pastor (2003, p. 313) considera que essa competência faz parte da competência tradutória e assume seu caráter de subcompetência, com o qual concordamos.

No que se refere à abrangência do termo, tendo em vista a conceituação de UF adotada neste estudo, os elementos compreendidos dentro dessa subcompetência, em nosso entendimento, são as locuções e as frases proverbiais.

González Rey (2014, p. 9) assinala o interesse que os tradutores vêm demonstrando quanto ao estudo das UFs devido à sua complexidade estrutural e seus significados idiossincrásicos, que são compartilhados em cada comunidade linguística. Segundo essa autora, no que concerne às UFs, dois problemas têm recebido maior atenção no âmbito da tradução: 1) o grau de equivalência entre as UFs de diferentes línguas; 2) as técnicas que podem ser utilizadas para a sua tradução.

²⁹ Nos próximos capítulos exploraremos melhor a temática dos dicionários, suas finalidades e seus objetivos.

Na perspectiva de Corpas Pastor (2003, p. 226-227), uma das dificuldades de traduzir UFs é, justamente, ter que estabelecer correspondências entre línguas, possibilitando a transferência do conteúdo semântico, pragmático e funcional de um texto fonte (TF) para um texto alvo (TA). Essa pesquisadora, explica que, em seu entendimento:

O desafio de traduzir fraseologia está além da procura consciente no repositório léxico de duas línguas [...]. Trata-se de reconstruir a inter-relação existente entre a mensagem explícita, a implícita e a subentendida no texto fonte (TF), passando-as pela peneira do escopo específico de cada caso. O texto alvo (TA) resultante será um conglomerado de tudo o anterior³⁰ (CORPAS PASTOR, 2003, p. 311, tradução nossa).

Corpas Pastor (2003, p. 216-218, p. 226-227) considera que, para o estabelecimento de correspondências de UFs, primeiro, deve-se analisar o plano léxico e, depois, o plano textual. Segundo a autora, as relações de equivalência atuam no nível léxico, sendo que, as UFs podem apresentar graus diferentes de correspondência, a saber: 1) equivalência plena (ou total); 2) equivalência parcial; 3) equivalência aparente; 4) equivalência nula (ou ausência de equivalente).

Segundo Corpas Pastor (2003, p. 217, p. 226), a equivalência entre duas UFs de línguas diferentes é ‘total ou plena’ quando essas unidades coincidem quanto aos seus significados denotativos e conotativos, compartilham a mesma base metafórica e são delimitadas por variáveis diatópicas, diastráticas e diafásicas de similar valor³¹.

Nos casos em que um ou vários desses aspectos não coincidem ou quando existem diferenças estruturais ou formais entre essas unidades, a equivalência é ‘parcial’ (CORPAS PASTOR, 2003, p. 218, p. 227).

A ‘equivalência aparente’ consiste na presença de falsos amigos fraseológicos, ou seja, provêm das semelhanças formais ou estruturais entre as línguas em casos nos quais seus valores semânticos não possuem correspondências (CORPAS PASTOR, 2003, p. 218, p. 227).

Por sua vez, a ‘equivalência nula’ é a falta de correspondentes fraseológicos entre as UFs de línguas, a qual devém pela ausência de conceituação para algumas situações ou

³⁰ “*El reto de traducir fraseología es algo más que una búsqueda consciente en el repositorio léxico de dos lenguas. [...] Se trata de plasmar la interrelación existente entre el mensaje explícito, el implícito y el sobreentendido en el texto origen (TO), una vez pasado por el tamiz del escopo específico de cada caso. El texto meta (TM) resultante será el de un conglomerado de todo lo anterior*” (CORPAS PASTOR, 2003, p. 311).

³¹ Como, por exemplo, nos europeísmos, nos decalques e nas UFs terminológicas.

realidades em uma cultura por serem próprias de outra cultura (CORPAS PASTOR, 2003, p. 217-218, p. 227-228).

Apesar da análise do plano léxico ser, em nosso entendimento, importante para o processo tradutório, consideramos que é no plano textual que a competência fraseológica se manifesta em todas as etapas do processo tradutório. O desenvolvimento da competência fraseológica implica, segundo Serrano Lucas (2010, p. 200, tradução nossa), “adquirir técnicas que permitam [ao tradutor] identificar e compreender a UF em contexto como passo prévio à procura de correspondências de cada UF e a tradução de todo o texto no qual está inserida”³².

De fato, como aponta Corpas Pastor (2003, p. 215-216) o processo de tradução de UFs consiste em três instâncias: 1) o reconhecimento da UF; 2) sua interpretação; 3) a busca de correspondências interlinguísticas. Corpas Pastor (2003, p. 215-216) explica que o primeiro passo pode apresentar dificuldades, pois apesar de existirem UFs de fácil reconhecimento, como por exemplo, as unidades que possuem palavras idiomáticas e as que manifestam anomalias gramaticais, muitas UFs são de difícil detecção, especialmente quando possuem homófonos literais que permitem, em contextos, duas interpretações, uma idiomática e outra literal. Desse modo, o sucesso do segundo passo também fica comprometido, pois a interpretação literal da UF ofusca o seu real significado (CORPAS PASTOR, 2003, p. 216).

Corpas Pastor (2003, p. 216) enfatiza a importância da subcompetência fraseológica do tradutor para interpretar a UF dentro do contexto e o auxílio que pode obter das obras de referência, em especial os dicionários, tanto gerais como fraseológicos, sejam monolíngues ou bilíngues.

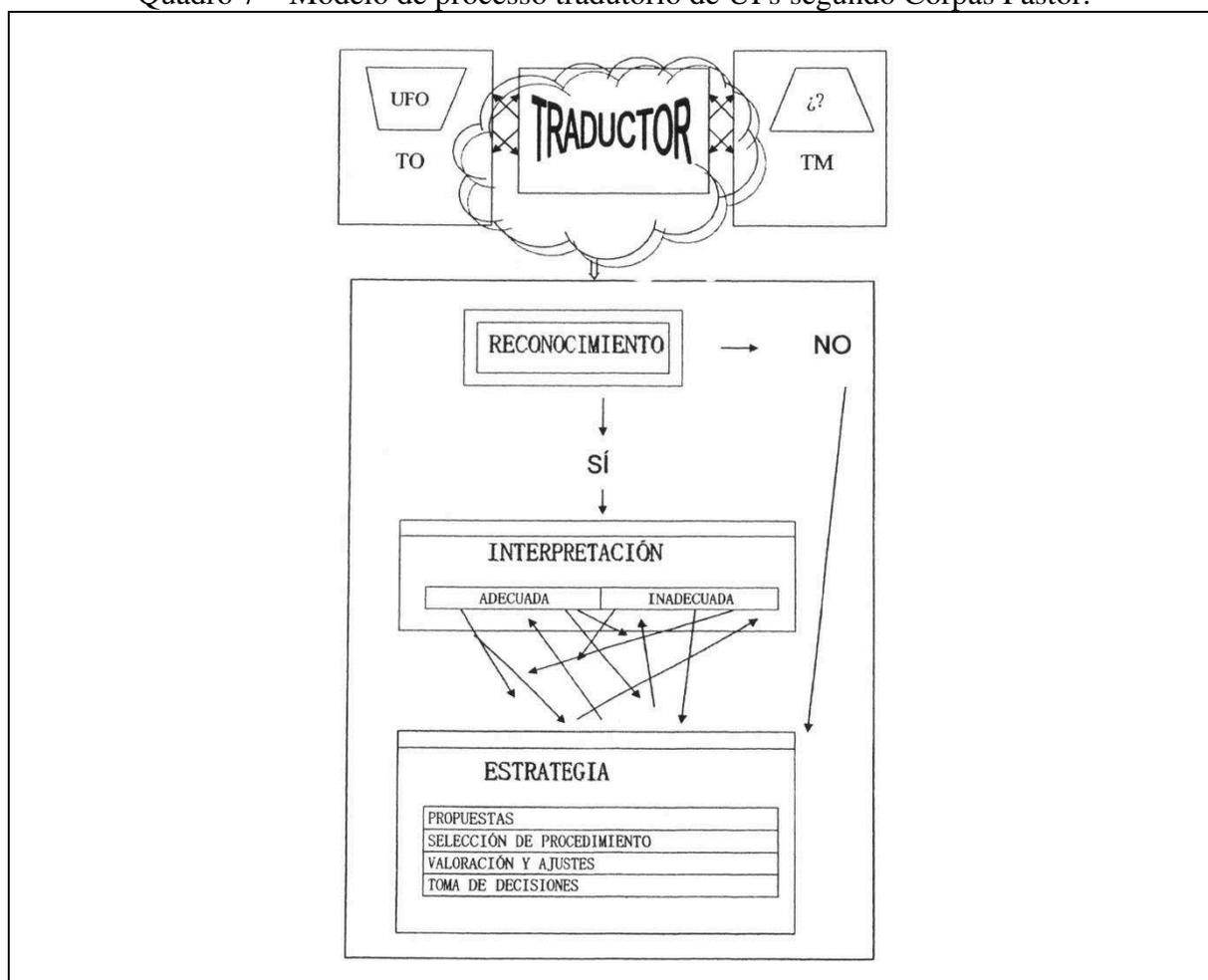
O terceiro passo apontado por Corpas Pastor (2003, p. 216) consiste na procura por correspondências interlinguísticas, a qual inicia pelo nível léxico e se estabelece nos níveis textual e discursivo.

No processo de tradução de UFs, a passagem do nível léxico para o nível textual, na perspectiva de Corpas Pastor (2003, p. 313) também oferece dificuldade, pois as escolhas feitas inicialmente no plano léxico podem não ser adequadas ao plano textual, o que obriga o tradutor a um ir e vir interpretativo (ilustrado no modelo do processo tradutório de UFs

³² “[...] *adquirir técnicas que le permitan [al traductor] identificar y comprender la UF en contexto como paso previo a la búsqueda de correspondencias de cada UF y la traducción de todo el texto en el que ésta se inserta*” (SERRANO LUCAS, 2010, p. 200).

proposto pela autora, no Quadro 7) e, também, a assumir uma estratégia de tradução para a qual, mais uma vez, a subcompetência fraseológica cumpre um papel fundamental.

Quadro 7 – Modelo de processo tradutório de UFs segundo Corpas Pastor.



Fonte: Corpas Pastor (2003, p. 312).

Ao observar o lugar que a subcompetência fraseológica ocupa em todas as instâncias do processo tradutório de UFs, concordamos com a declaração de Corpas Pastor quando afirma que:

Desenvolver a subcompetência fraseológica do tradutor deve se constituir, portanto, em um objetivo prioritário para sua formação, especialmente no caso do tradutor literário. Não podemos esquecer que dele depende que chegue até a cultura alvo não só o que for inefável e consabido na cultura fonte, mas também aquilo que é compartilhado e mais idiossincrásico dentro dessa comunidade: essa cumplicidade que estreita os laços sociais e a identidade de grupo mediante o uso (manipulado ou não) do caudal fraseológico de uma língua³³ (CORPAS PASTOR, 2003, p. 323, tradução nossa).

³³ “Desarrollar la subcompetencia fraseológica del traductor debe convertirse, por tanto, en objetivo prioritario de su formación, especialmente en el caso del traductor literario. No olvidemos que de él depende que a la recepción en la cultura meta llegue no sólo lo inefable y lo consabido en la cultura de origen, sino también

Cabe salientar que os dicionários também cumprem uma função relevante nesse processo, em especial na fase interpretativa, o que justifica o seu emprego como instrumento complementar ao desenvolvimento da subcompetência fraseológica e como auxiliares na tarefa tradutória.

3.3 A LOCUÇÃO COMO PROBLEMA DE TRADUÇÃO

Segundo Hurtado Albir (2001, p. 286, tradução nossa), os problemas de tradução consistem em “dificuldades de caráter objetivo com as quais o tradutor pode se deparar ao realizar uma tarefa tradutória”³⁴.

Essas dificuldades de diferente índole costumam ser o foco da atenção dos tradutores, pois consomem tempo e esforços na procura de soluções. Para a superação dessas dificuldades, a fim de levar a cabo uma tradução de forma satisfatória, o desenvolvimento das competências tradutórias torna-se de fundamental importância. Consideramos que a procura por soluções, desde que seja feita de forma metódica e conscienciosa, favorece o processo da formação continuada do tradutor, pois o força a se expor a fontes, conhecimentos e técnicas como apoio para driblar essas dificuldades.

Hurtado Albir (2001, p. 288) reconhece a existência de diversos problemas de tradução e propõe classificá-los em quatro categorias que são:

1. Problemas linguísticos de caráter normativo que recolhem as discrepâncias entre as duas línguas.
2. Extralinguísticos que remetem a questões de tipo temático, cultural ou enciclopédico.
3. Instrumentais que derivam da dificuldade na documentação e no uso das ferramentas informáticas.
4. Pragmáticos relacionados com os atos da fala, e os derivados do encargo, do destinatário e do contexto³⁵ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 288, tradução nossa).

lo compartido y lo más idiosincrásico de dicha comunidad: esa complicidad que refuerza los lazos sociales y la identidad de grupo mediante el uso (manipulado o no) del caudal fraseológico de una lengua” (CORPAS PASTOR, 2003, p. 323).

³⁴ “[...] dificultades de carácter objetivo con que puede encontrarse el traductor a la hora de realizar una tarea traductora” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 286).

³⁵ “1. Problemas lingüísticos de carácter normativo que recogen las discrepancias entre las dos lenguas. 2. Extralingüísticos que remiten a cuestiones de tipo temático, cultural o enciclopédico. 3. Instrumentales que derivan de la dificultad en la documentación y en el uso de las herramientas informáticas. 4. Pragmáticos relacionados con los actos de habla, y los derivados del encargo, del destinatario y del contexto” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 288).

Autores como Corpas Pastor (2003), Sevilla Muñoz (2009), Marcelo Wirnitzer e Amigo Extremera (2015) e Simão (2016), entre outros, reconhecem as locuções como um problema de tradução e assinalam em seus estudos alguns obstáculos decorrentes de traduções que implicam, especificamente, a língua espanhola.

Corpas Pastor (2003, p. 213-222) explica que as dificuldades na tradução de locuções podem se manifestar em qualquer uma das fases do processo tradutório, ou seja, desde a sua identificação e interpretação no texto fonte até a procura por correspondências para o texto alvo. Na fase de busca por correspondentes, essa autora refere diversos problemas que costumam se apresentar em cada um dos planos dessa procura, que são: 1) o plano léxico; 2) o plano textual; 3) o plano discursivo.

Embora reconheçamos que os problemas de tradução de locuções perpassam todas as etapas tradutórias, consideramos relevante, face aos objetivos da nossa pesquisa, destacar aqui apenas os problemas apontados por Corpas Pastor (2003, p. 215-216) na etapa da identificação e interpretação de locuções. Essa autora comenta que, devido às irregularidades que apresentam as UFs com relação à estrutura da língua, os tradutores costumam rastrear pistas para a identificação de locuções, porém, esses indicativos nem sempre são confiáveis, pois existem locuções homófonas a sequências de palavras com significado literal que, inclusive, se confundem dentro dos contextos. A esse panorama, soma-se o fato de existirem textos com manipulações externas, ou seja, que têm como propósito justamente o jogo linguístico entre a literalidade e a idiomaticidade implicadas na estrutura da locução. A autora expõe que há vezes em que é difícil identificar o caráter locucional de uma sequência de palavras, mesmo que sua interpretação literal não se enquadre no contexto. Para a interpretação de locuções, no caso da subcompetência fraseológica do tradutor não ser suficiente para alcançar seu caudal semântico e discursivo, Corpas Pastor (2003, p. 216) aponta a necessidade do uso de fontes documentais, dentre as quais estão os dicionários gerais e os fraseológicos.

Sevilla Muñoz (2009) expõe uma série de procedimentos para a tradução de locuções em contextos. Apesar de centrar a atenção na busca de correspondências fraseológicas interlinguísticas, o qual não é nosso foco de análise, esse autor apresenta informações quanto à identificação das locuções dentro dos textos e sua interpretação.

Segundo Sevilla Muñoz (2009, p. 199-200), o tradutor que busca traduzir locuções precisa saber que essas estruturas são passíveis de: 1) idiomaticidade; 2) institucionalização; tradução (seja para outra locução, outro tipo de UFs, uma combinação livre de palavras ou uma palavra); 3) reformulação textual na língua alvo (adaptação funcional); 4) escolha dentre

os possíveis equivalentes da língua alvo (respeitado o contexto nessa língua). Em especial, quanto ao registro das locuções nos dicionários Sevilla Muñoz (2009, p. 199, tradução nossa) refere que “O fato das locuções estarem institucionalizadas permite consultar dicionários gerais ou especializados para verificar se realmente estamos perante uma locução e, em caso afirmativo, conhecer suas características semânticas, funcionais e discursivas”³⁶.

Dentre os procedimentos de tradução, Sevilla Muñoz (2009, p. 200-201) comenta a competência fraseológica do tradutor, por possuir domínio linguístico em duas línguas que lhe permite reconhecer locuções na língua fonte e relacioná-las com correspondentes da língua alvo, e a consulta aos dicionários, como técnica em si e como procedimento na utilização de outras técnicas como, por exemplo, a técnica actancial³⁷ e a técnica temática³⁸. Para a consulta aos dicionários, o autor propõe uma sequência de passos que começam pela escolha da palavra-chave (uma das palavras da locução que encabeça o verbete em dicionários gerais), segue com a consulta a dicionários bilíngues mediante a palavra-chave selecionada e culmina corroborando as informações obtidas em dicionários fraseológicos monolíngues na língua fonte e na língua alvo. Cabe salientar que o autor assinala os exemplos de uso como informações de grande ajuda na identificação de marcações diafásicas implicadas nas locuções que possuem significados próximos ou idênticos.

Em um estudo preliminar sobre a tradução de unidades fraseológicas por estudantes de tradução, dentro do marco do grupo de pesquisa PETRA da Universidade de *Las Palmas de Gran Canarias*, Marcelo Wirnitzer e Amigo Extremera (2015) constatarem que:

As UF são geralmente reconhecidas pelos falantes nativos de uma língua, os quais lhes adjudicam automaticamente um significado idiomático concreto. Dada sua permeabilidade ou flexibilidade – visto que apresentam graus relativamente altos de variação (segundo a região geográfica, a época, os falantes, etc.) e de susceptibilidade à manipulação, ou *desautomatização*, por exemplo, mediante jogos de palavras –, sua tradução implica num autêntico desafio³⁹ (MARCELO

³⁶ “El hecho de que las locuciones estén institucionalizadas permite consultar diccionarios generales o especializados para verificar si realmente estamos ante una locución y, en caso afirmativo, conocer sus características semánticas, funcionales y discursivas” (SEVILLA MUÑOZ, 2009, p. 199).

³⁷ Essa técnica consiste em escolher uma palavra-chave na locução da língua fonte, denominada ‘actante’, traduzi-la para a língua alvo, listar locuções da língua alvo que possuam essa palavra para, na sequência, correlacionar as locuções listadas e a locução da língua fonte.

³⁸ Essa técnica consiste no uso dos mesmos passos que a técnica actancial, com a diferença de se usar uma ideia-chave ao invés de uma palavra-chave. O resultado se assemelha às listagens dos dicionários de ideias afins.

³⁹ “Las UF son generalmente reconocidas por los hablantes nativos de una lengua, quienes automáticamente les asignan un significado idiomático concreto. Dada su permeabilidad o flexibilidad – ya que presentan grados relativamente altos de variación (según la zona geográfica, la época, los hablantes, etc.), y de susceptibilidad a la manipulación, o *desautomatización*, por ejemplo, a través de juegos de palabras –, su

WIRNITZER; AMIGO EXTREMERA, 2015, p. 376, tradução nossa, grifo dos autores).

Para esses autores, a tradução de UFs constitui um problema de caráter linguístico, semiótico e cultural (MARCELO WIRNITZER; AMIGO EXTREMERA, 2015, p. 375). Eles explicam que é uma dificuldade linguística devido a sua relativa rigidez estrutural, a qual demanda soluções eficazes dentro da língua alvo. Segundo esses autores, as dificuldades de ordem semiótica tem sua origem na impossibilidade de transferir para a língua alvo alguns dos significados ou aspectos particulares de UFs da língua fonte. E no âmbito cultural, os autores referem o fato de que as UFs costumam ser de uso exclusivo de uma cultura e que comumente aludem a elementos culturais compartilhados apenas dentro dessa comunidade.

Marcelo Wirnitzer e Amigo Extremera (2015) observam que algumas das dificuldades na tradução de locuções consistem em perceber sua existência, o alcance cultural, a variabilidade e a função que desempenham dentro de um texto e apontam para as estratégias no uso de fontes documentais como um dos recursos na busca de soluções.

Ao analisar uma tradução ao português do romance mexicano ‘*Como agua para chocolate*’, Simão (2016) observa a dificuldade na tradução de UFs por entender que a busca por equivalências deve considerar, além dos elementos semânticos, os pragmáticos, sociais e culturais imbuídos nos contextos. Perante esse desafio, a autora entende a necessidade de se buscar diferentes estratégias para a tradução de locuções, as quais nem sempre conseguirão resgatar todos os valores (semânticos, culturais, simbólicos) e intenções (estilísticas, conotativas) expressos no texto fonte.

Após o levantamento teórico para sua pesquisa e a análise comparativa do romance e de sua tradução, Simão (2016) aponta que:

(...) alguns autores evidenciam a dificuldade tradutória imposta pelas unidades fraseológicas, atribuindo-se tal dificuldade ou resistência à tradução muitas vezes ao caráter idiomático das UFs e, no entanto, pouco se fala sobre os casos em que a ausência de idiomaticidade em certas unidades, como é o caso da tradução das colocações aqui apresentadas, acaba por dificultar a identificação de tais unidades em contexto, sobretudo em pares de línguas próximas, como vimos ocorrer com o português e o espanhol (SIMÃO, 2016, p. 149).

Consideramos que a dificuldade na identificação de colocações da língua espanhola para a tradução ao idioma português, apontada pela autora, aplica-se, também, ao caso das

traducción supone un auténtico reto” (MARCELO WIRNITZER; AMIGO EXTREMERA, 2015, p. 376, grifo dos autores).

locuções nesse contexto linguístico. Por se tratar de línguas muito próximas, há elementos culturalmente complexos, como as locuções, que podem passar despercebidos ao tradutor e que demandam o desenvolvimento e aprimoramento da sua subcompetência fraseológica e cultural.

Face às informações expostas nesta seção, julgamos que é necessário destacar, em primeiro lugar, o estreito vínculo que existe entre o desenvolvimento da subcompetência fraseológica de tradutores e os dicionários (em especial os fraseológicos), visto que esses instrumentos de consulta participam no processo tradutório, segundo Corpas Pastor (2003), e contribuem para o aprimoramento cognitivo do tradutor. Em segundo lugar, opinamos que os dicionários monolíngues que possuem informações fraseológicas e que são uma das fontes para nossa pesquisa, auxiliam ao processo tradutório, principalmente nas fases de reconhecimento e interpretação das UFs, desde que apresentem uma estrutura adequada e ofereçam informações pertinentes à tarefa tradutória. Em terceiro lugar, em face aos estudos expostos quanto às locuções como problema de tradução, consideramos oportuno o desenvolvimento desta pesquisa por congregarem fatores que costumam contribuir na solução das dificuldades que representam as locuções em contextos, em especial os literários segundo menciona Corpas Pastor (2003, p. 323); fatores como a análise de dicionários gerais e fraseológicos quanto às informações locucionais, a perspectiva diafásica dessas informações e o estudo comparativo das traduções das locuções em contextos os quais, em nosso entendimento, outorgam relevância à nossa proposta.

Consideramos relevante mencionar a importância da elaboração de instrumentos lexicográficos que assumam um olhar fraseológico, ou seja, que apliquem princípios da Fraseologia para sua estruturação, tanto na inclusão de informações corretas e pertinentes ao público ao qual se direcionam, quanto na organização e sistematização adequada dessas informações. Enfatizamos, ainda, a importância de estabelecer uma coerência entre os diversos projetos dicionarísticos e as necessidades de seus destinatários.

Depois de ter apresentado as informações pertinentes ao âmbito da Tradução que concernem ao desenvolvimento da subcompetência fraseológica do tradutor e ao processo da tradução de locuções, nos próximos capítulos nos ocuparemos dos assuntos que concernem a algumas das fontes nas quais as locuções do espanhol, especificamente as da variante uruguaia, serão estudadas, ou seja, nos dicionários. Com esse intuito, expor-se-ão as bases teóricas que permitirão identificar o tipo de obra lexicográfica escolhida para as análises e darão suporte ao estudo desses dicionários, e que provêm da Lexicografia e da Fraseografia.

4 A DIVERSIDADE LEXICOGRÁFICA

*Cuando los nenes están durmiendo, voy al escritorio de tío Eduardo y me entretengo con el Diccionario Hispanoamericano. Aumentan a ojos vistas mi cultura y mi aburrimiento.*⁴⁰

(BENEDETTI, 1960, p. 119).

A análise e a elaboração de dicionários estão amparadas na Lexicografia. De forma específica, o estudo das locuções nos dicionários pertence ao âmbito da Fraseografia. Essas duas disciplinas possuem um vínculo que remonta à origem dos estudos fraseográficos, derivados da relação estabelecida entre a Lexicografia e a Fraseologia, ou seja, da análise de obras lexicográficas e da pesquisa das UFs, em especial, a que se refere à presença e ao tratamento dessas unidades nos dicionários. Por esse motivo, grande parte do arcabouço teórico da Fraseografia teve suas raízes na Lexicografia, da qual se alimentou para, posteriormente, adquirir autonomia e delimitar o seu próprio espaço de atuação. É justamente devido a esse caráter ‘consanguíneo’ entre ambas as disciplinas que, ao se tratar das locuções, dificilmente pode-se falar de uma sem adentrar na outra, ainda mais quando se tem o objetivo de definir e caracterizar os dicionários a serem analisados.

Visto o necessário esclarecimento dos conceitos utilizados neste estudo quanto ao material dicionarístico em análise, no presente capítulo adentraremos na área Lexicográfica, com a finalidade de apresentar, de modo geral, algumas contribuições teóricas para o estudo desses instrumentos de consulta. No capítulo subsequente, de forma mais específica, discorreremos sobre as particularidades dos dicionários segundo o olhar da Fraseografia.

4.1 CONTRIBUIÇÕES DA LEXICOGRAFIA PARA O ESTUDO DOS DICIONÁRIOS

De maneira bastante generalizada, associa-se o termo Lexicografia a uma de suas faces, que é a atividade prática de confeccionar dicionários. No entanto, além da ‘Lexicografia prática’ existe uma face teórica, ou seja, uma ‘Lexicografia teórica’, da qual nos ocuparemos neste capítulo.

Embora a prática lexicográfica possua uma caminhada milenar como arte ou atividade técnica, como disciplina científica a Lexicografia surge na segunda metade do

⁴⁰ “Quando as crianças estão dormindo, vou ao gabinete do tio Eduardo e me entretenho com o *Diccionario Hispano-Americano*. Minha cultura e meu tédio aumentam a olhos vistos.” (BENEDETTI, 2008, p. 118, tradução de Pedro Gonzaga, grifos do tradutor).

século XX. Azorín Fernández (2003, p. 44) assinala as décadas de 1960 e 1970 como o período em que iniciam os estudos teórico-lexicográficos.

Salienta-se o fato de diversos autores como, por exemplo, Werner (1982), Porto Dapena (2002), Welker (2004), Krieger (2006), Durão (2010), Hwang (2010), entre outros, reconhecerem esse componente teórico da Lexicografia em oposição à prática de elaboração de dicionários, o qual lhe outorga um lugar no âmbito científico.

No que tange a sua nomenclatura, sabe-se que:

Teoria lexicográfica, lexicografia teórica ou metalexigrafia serão as denominações mais usuais para esse componente teórico da lexicografia, que muitos autores começam a empregar para diferenciá-lo tanto da prática concreta ou confecção de dicionários, quanto do âmbito disciplinar também afim, mas claramente diferenciado, pelos seus objetivos e métodos, da lexicologia⁴¹ (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 36, tradução nossa).

Em consonância com a maioria dos autores consultados, denominaremos Metalexigrafia à subárea da Lexicografia que está incumbida de estabelecer as bases teóricas para o estudo e a elaboração de dicionários.

4.2 OS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA METALEXICOGRAFIA

Quanto ao campo de atuação metalexigráfico, autores como Porto da Pena (2002, p. 24) e Welker (2004, p. 14), inspirados nos trabalhos do professor e pesquisador alemão Herbert Ernst Wiegand, listam diversas atividades dentre as quais, as mais representativas, segundo nosso ponto de vista, são: a descrição e a crítica de dicionários; o estudo sobre a história dos dicionários; e a pesquisa das técnicas e métodos utilizados no fazer dicionarístico.

O advento da Metalexigrafia e, em especial, dos estudos descritivos e críticos de dicionários, assim como também das atividades de pesquisa em torno aos métodos e às técnicas de elaboração de obras de consulta contribuiu para sua evolução ao oferecer subsídios sobre a concepção de diferentes projetos lexicográficos.

Uma das contribuições mais marcantes que os estudos metalexigráficos propiciaram consiste na compreensão dos dicionários como instrumentos de consulta

⁴¹ *“Teoría lexicográfica, lexicografía teórica o metalexigrafía serán las denominaciones más usuales para ese componente teórico de la lexicografía, que muchos autores comienzan a emplear para diferenciarlo tanto de la práctica concreta o confección de diccionarios, como del ámbito disciplinario también afín, pero claramente diferenciado por sus objetivos y métodos, de la lexicología”* (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 36).

adequados às diferentes necessidades de uso e públicos específicos. Esse entendimento opõe-se à concepção de dicionário como objeto de erudição que predominou até o século XIX, cujo principal objetivo era o de ser um receptáculo linguístico no qual se estocavam palavras, nem sempre levando em conta os aspectos utilitários dessas obras. Segundo essa nova perspectiva, na qual os dicionários possuem funções e objetivos específicos,

A obra dicionarística não se resume a uma listagem, mas, como um texto, possui regras próprias de organização [... e] a elaboração de uma obra dessa natureza não se resume a uma tarefa mecânica de compilação, mas exige uma competência especial sobre os fatos linguísticos e a metodologia desse fazer (KRIEGER, 2006, p. 142).

A análise de dicionários na condição de gênero textual específico e sob a luz de princípios teóricos permite a crítica lexicográfica, por exemplo, no que se refere à pertinência ou à inadequação de informações lexicográficas para determinadas finalidades, à clareza ou à opacidade dessas informações, à ausência de dados essenciais aos objetivos de determinada obra, dentre outros aspectos que podem ser observados. Consequentemente, é possível propor metodologias para a elaboração de dicionários que promovam a melhoria dessas obras.

No que concerne às características essenciais desse tipo de texto, sabe-se que toda obra lexicográfica compõe-se de uma macroestrutura, que consiste no conjunto dos lemas (entradas ou unidades léxicas)⁴² que fazem parte de um dicionário, de uma microestrutura, formada pelas informações outorgadas para cada lema, e que essas obras costumam possuir textos externos, que são informações complementares oferecidas aos consulentes (WELKER, 2004, cap. 5).

Assumir o caráter textual dos dicionários implica observá-los como obras que procuram, por um lado, ter coerência interna na inter-relação de suas partes constitutivas e na sistematização informacional e, por outro lado, coerência externa quanto às finalidades que objetivam alcançar, em especial, no que se refere ao público ao qual estão direcionadas. Nas palavras de Bevilacqua (2006, p. 113) “Além de sua organização em estruturas constituídas hierarquicamente, para poder considerar o dicionário como um texto, é necessário ainda considerar suas finalidades e também definir seus usuários, ou seja, os interlocutores a que se destinam”.

⁴² Segundo esclarece Martínez de Sousa (2009, p. 102 e 148), os termos ‘lema’, ‘entrada’ e ‘unidade léxica’ são denominações adequadas para se referir ao elemento a ser definido nos dicionários, e que consiste, entre outros, em um signo ou grupo de signos, uma palavra léxica ou gramatical, uma locução, um sintagma, um topônimo, etc.

Consideramos que, em muitos casos, os textos externos são uma rica fonte informacional tanto para o consulente comum quanto para o especializado, visto que podem esclarecer aspectos sobre a natureza da obra, seus objetivos, seus componentes, a procedência das informações micro e macroestruturais, entre outros dados, além de instruir a forma de consulta. Essas informações são, também em nossa opinião, de grande importância para as pesquisas metalexigráficas, na medida em que podem oferecer subsídios para a análise de obras dessa natureza e contribuir com o entendimento quanto aos propósitos do autor (ou dos autores).

Outra contribuição das pesquisas metalexigráficas no que se refere à conceituação e caracterização dos dicionários é o estudo das particularidades e funcionalidades dos diferentes tipos de obras lexicográficas existentes, com o qual é possível agrupá-las e classificá-las.

Certo é que existem inúmeras obras que, genericamente, denominam-se dicionários. No entanto, segundo Welker (2004, p. 44-45), há que distinguir dois grandes conjuntos dentro da família lexicográfica: os dicionários propriamente denominados, e outras obras de consulta, como, por exemplo, as enciclopédias, os atlas e os almanaques. Welker (2004, p. 44-45) esclarece que os dicionários descrevem as línguas naturais, ocupam-se das palavras, e as outras obras de consulta tratam de assuntos que remetem ao universo no qual habitamos, ou seja, a nosso entorno. Por sua vez, existem múltiplos dicionários que podem ser agrupados segundo diferentes critérios e, também, há diversas proposições quanto à catalogação dessas obras.

Analisaremos, na sequência, algumas dessas classificações, o que permitirá caracterizar os tipos de dicionários que são objeto de nosso estudo e, posteriormente, na seção dedicada à análise das fontes, descrever cada uma das obras escolhidas para essa finalidade.

4.3 OS DICIONÁRIOS E SUA TIPOLOGIA

Dentre as diversas visões sobre a forma de catalogar as obras lexicográficas, nesta subseção adentraremos no posicionamento de alguns autores, a nosso ver, relevantes para este estudo, por considerá-los vozes de autoridade na temática.

O primeiro deles é Haensch (1982b, p. 126), que propõe distinguir as obras lexicográficas com base em critérios por ele denominados ‘de ordem prática’, segundo as características que possuem. O autor esclarece que esses critérios se depreendem de observações sobre a constituição externa e interna dessas obras, e abrangem oito aspectos: 1)

seu formato e sua extensão; 2) sua natureza (linguística, enciclopédica ou mista); 3) o sistema linguístico que foi utilizado como base para sua elaboração; 4) o número de línguas consideradas para sua composição; 5) a abrangência do léxico constitutivo; 6) a organização dos materiais; 7) as finalidades; 8) o suporte.

Sob o critério de ‘formato e extensão’ (HAENSCH, 1982b, p. 127), as obras lexicográficas são agrupadas por Haensch em grandes e em reduzidas, tendo como parâmetros para essa divisão a observação quanto às dimensões de uma obra, o número de páginas que possui, se consiste em volume único ou se há vários volumes, e o número de entradas que abriga.

No que concerne ao critério da ‘natureza’ estabelecido por esse autor, reconhecem-se as obras mistas (HAENSCH, 1982b, p. 130) como um terceiro grupo dentro da família lexicográfica, a qual consiste em uma simbiose dos dicionários linguísticos que comportam informações sobre as línguas e seu funcionamento, e os dicionários extralinguísticos (enciclopédicos), cujo foco é oferecer dados sobre o mundo circundante.

O critério que aponta para o ‘sistema linguístico utilizado como base para a elaboração da obra’ estabelece uma diferença entre as obras que têm o vocabulário do autor (ou dos autores) daquelas em que essa descrição provém de um *corpus* linguístico utilizado para a elaboração de um dicionário (HAENSCH, 1982b, p. 133).

A divisão tipológica das obras lexicográficas segundo o critério do ‘número de línguas’ (HAENSCH, 1982b, p. 134) deriva no agrupamento de dicionários monolíngues e os diferencia dos plurilíngues, podendo ser estes bilíngues ou multilíngues.

O critério da ‘abrangência do léxico’ (HAENSCH, 1982b, p.136-164) tem como principal foco de observação a ‘composição lexicográfica’ (ou seja, o conjunto das entradas que fazem parte de uma obra) e o universo que objetivam representar. Esse critério permite agrupamentos, segundo o autor, que consideram quatro aspectos, a partir dos quais os dicionários podem ser caracterizados como: a) gerais ou parciais; b) exaustivos ou seletivos; c) diacrônicos ou sincrônicos; d) prescritivos ou descritivos.

- a) As obras gerais procuram abarcar, ainda que idealmente, a totalidade de um sistema linguístico, enquanto as parciais se ocupam de uma parcela desse sistema, a qual pode ser delimitada por marcações diatópicas (como, por exemplo, nos dicionários de regionalismos, ou dialetais), diastráticas (a exemplo dos dicionários de gírias), diatécnicas (do léxico especializado), entre outras (HAENSCH, 1982b, p. 136-152).

- b) Um dicionário exaustivo busca congrega, de forma idealizada, a totalidade de elementos que dizem respeito a um sistema linguístico ou a uma especialidade, e um dicionário seletivo abriga apenas um recorte desse sistema ou dessa especialidade (HAENSCH, 1982b, p. 139, p. 153-155).
- c) Os dicionários diacrônicos se caracterizam por considerar, em sua composição, a evolução temporal do vocabulário, enquanto que os sincrônicos se ocupam do vocabulário de determinado momento histórico (HAENSCH, 1982b, p.160-161).
- d) Por sua vez, as obra prescritivas diferenciam-se das descritivas, pois as primeiras tem caráter normativo e as segundas objetivam acolher o léxico em uso, sem considerar sua aceitação normativa (HAENSCH, 1982b, p.164).

No que tange ao critério da ‘organização dos materiais’ (HAENSCH, 1982b, p. 164-165), as obras podem ter um caráter semasiológico, ou seja, serem organizadas por significantes, ou possuir uma ordenação onomasiológica, que implica na organização do material lexicográfico por conceitos. Um exemplo do primeiro grupo são os dicionários gerais alfabéticos, e ao segundo grupo pertencem obras como, por exemplo, as ideológicas ou de ideias afins.

Quanto ao critério das ‘finalidades’, Haensch adverte que “Além dos já mencionados, há outros tipos de dicionários com uma finalidade específica, o qual não impede que apresentem traços dos tipos já mencionados”⁴³ (HAENSCH, 1982b, p. 176, tradução nossa). De fato, segundo observa esse autor, há certos dicionários que apresentam uma especificidade na temática da qual se ocupam, como, por exemplo, os que abarcam apenas as abreviaturas ou os que acolhem exclusivamente o vocabulário onomástico. Por outro lado, há dicionários que não têm essa particularidade.

O último critério, que denominaremos aqui ‘suporte’⁴⁴, deriva da evolução dos materiais que dão sustentabilidade às obras lexicográficas e que permitem dividi-las segundo a forma como o conteúdo transita em tradicionais, publicadas em papel, e eletrônicas, as que utilizam sistemas computadorizados para o acesso à informação (HAENSCH, 1982b, p. 186).

⁴³ “Hay, además de los ya mencionados, otros tipos de diccionarios con una finalidad específica, lo cual no impide que presenten rasgos de los tipos ya mencionados” (HAENSCH, 1982b, p. 176).

⁴⁴ Para denominar esse critério, o autor usa, na verdade, a própria classificação (ou seja, dicionário tradicional e dicionário eletrônico). Consideramos que, provavelmente, no momento da publicação desse artigo, na década de 1980, a terminologia digital era escassa, pelo qual, para evitar confusões, adotamos o termo ‘suporte’.

A tipologia adotada por Haensch (1982b) na catalogação de obras lexicográficas utilizando critérios práticos para evidenciar suas características, pode ser representada, de forma ilustrativa, mediante o Quadro 8, exposto na sequência.

Quadro 8 - Tipologia de dicionários proposta por Haensch.

CRITÉRIOS	CARACTERÍSTICAS	
Formato e extensão	• grandes	
	• reduzidos	
Natureza	• linguística	
	• enciclopédica	
	• mista	
Sistema linguístico utilizado como base para a elaboração da obra	• do autor (ou autores)	
	• de <i>corpus</i> linguísticos	
Número de línguas	• monolíngues	
	• plurilíngues	• bilíngues
		• multilíngues
Abrangência do léxico	• gerais	
	• parciais	
	• exaustivos	
	• seletivos	
	• diacrônicos	
	• sincrônicos	
	• prescritivos	
	• descritivos	
Organização dos materiais	• semasiológicos	
	• onomasiológicos	
Finalidades	• temáticos	
	• não temáticos	
Suporte	• tradicionais	
	• eletrônicos	

Fonte: Haensch (1982b, p. 126-186).

O segundo autor consultado quanto às tipologias das obras lexicográficas é Porto Dapena (2002, cap. 2) quem, após dividi-las em linguísticas e não linguísticas, discorre sobre cada uma dessas agrupações. Considerando que o interesse deste estudo reside em obras de natureza linguística, centraremos a atenção no primeiro conjunto, ou seja, nos dicionários linguísticos.

Ao propor uma classificação para os dicionários, Porto Dapena (2002, p. 49-50) utiliza quatro níveis de observação: 1) perspectiva temporal; 2) volume e extensão, forma de

tratamento das entradas, organização lexicográfica e suporte utilizado; 3) nível linguístico; 4) finalidade e público alvo.

Sob a ‘perspectiva temporal’, o autor reconhece dois tipos de dicionários: os sincrônicos e os diacrônicos (PORTO DAPENA, 2002, p. 50).

No que concerne ao ‘volume e a extensão’ (PORTO DAPENA, 2002, p. 57-64), os dicionários são catalogados segundo três critérios: a) o número de línguas que possuem (diferenciando os monolíngues, dos bilíngues e dos plurilíngues); b) a amplitude da esfera léxica considerada como fonte para a composição lemativa (distinguindo as obras gerais das especiais); c) a abrangência lemativa do sistema linguístico que buscam representar (dividindo os dicionários em exaustivos e seletivos). Com relação às obras especiais, cujo caráter é restritivo, o autor propõe uma separação entre as que apresentam uma restrição externa, relativa a fatores como, por exemplo, o âmbito geográfico e o âmbito técnico-científico (representadas, respectivamente, pelos dicionários dialetais e os dicionários profissionais) e as obras com restrição interna, de ordem linguística. Por sua vez, conforme o autor, esses dicionários nos quais a restrição é interna se dividem em dois grupos: a) dicionários gramaticais, nos quais se usam critérios gramaticais para a seleção dos lemas, como, por exemplo, os dicionários de conjugação; b) dicionários textuais, que se caracterizam pelo registro de expressões fixas, dentre os quais se encontram os dicionários fraseológicos.

Segundo a forma de ‘tratamento das entradas’ (PORTO DAPENA, 2002, p. 64, p. 70), os dicionários podem ser descritivos, quando oferecem diversas informações sobre cada lema, ou não descritivos, os quais consistem, basicamente, em listas de palavras.

Quanto à ‘ordem das entradas’ Porto Dapena (2002, p. 71-73) identifica seis tipos de obras lexicográficas: a) alfabéticas, as quais, por sua vez, podem seguir uma sequência direta ou inversa do alfabeto; b) ideológicas, organizadas por grupos de palavras afins; c) de famílias etimológicas, que consistem em agrupamentos de palavras em torno a uma raiz; d) estatísticas, cuja ordem considera a frequência com que as palavras são utilizadas; e) estruturais, ordenadas por campos ou paradigmas léxicos; f) e mistas, que são simbioses de dois ou mais desses grupos.

O ‘suporte’ utilizado para o acesso à informação contida nas obras lexicográficas permite diferenciar as obras tradicionais, em papel, das eletrônicas (PORTO DAPENA, 2002, p. 76).

Segundo o ‘nível linguístico’ Porto Dapena (2002, p. 65-68) aponta três classes de dicionários: a) os de língua, que se ocupam do léxico de forma geral; b) os de norma, nos quais o estudo do léxico para sua composição considera aspectos variantes e invariantes das

línguas; c) os de discurso, que apresentam informações devidas do estudo dos valores e usos de uma determinada obra.

Atendendo às ‘finalidades’ que as obras dicionarísticas se propõem alcançar, diferenciam-se as obras semasiológicas, destinadas a decodificar ou decifrar textos, das onomasiológicas, cujo objetivo é auxiliar a codificação, ou produção textual (PORTO DAPENA, 2002, p. 75).

No tocante ao ‘público’ ao qual se destinam os diferentes dicionários, esse autor reconhece que há obras direcionadas ao público geral, outras que se destinam a especialistas, e, de forma particular, obras de caráter pedagógico que, por sua vez, podem estar dirigidas a públicos escolares, na aprendizagem da língua materna, ou a aprendizes de línguas estrangeiras (PORTO DAPENA, 2002, p. 74).

De forma ilustrativa, pode-se sintetizar a tipologia proposta por Porto Dapena (2002) mediante a exposição das informações contidas no Quadro 9, apresentado na sequência.

Quadro 9 – Tipologia de dicionários proposta por Porto Dapena.

CRITÉRIOS	CARACTERÍSTICAS
Perspectiva temporal	• sincrônicos
	• diacrônicos
Volume e extensão	• monolíngues
	• bilíngues e plurilíngues
	• gerais • especiais: <ul style="list-style-type: none"> ○ de restrição externa ○ de restrição interna: <ul style="list-style-type: none"> ▪ gramaticais ▪ textuais
Tratamento das entradas	• exaustivos
	• seletivos
Ordem das entradas	• descritivos
	• não descritivos
Suporte	• alfabéticos: <ul style="list-style-type: none"> ○ diretos ○ inversos
	• ideológicos
Nível linguístico	• de famílias etimológicas
	• estatísticos
	• estruturais
Finalidades	• mistos
	• tradicional
Público	• eletrônicos
	• de língua
	• de norma
Finalidades	• de discurso
	• semasiológicos
Público	• onomasiológicos
	• para o público geral
	• para especialistas
Público	• pedagógicos: <ul style="list-style-type: none"> ○ escolares (de língua materna) ○ para aprendizes de línguas estrangeiras

Fonte: Porto Dapena (2002, p. 50-76).

O terceiro estudioso consultado nesta pesquisa, no que se refere à caracterização e taxonomia dos dicionários, é Welker (2004, p. 43-44). Para a classificação dos dicionários linguísticos, Welker (2004, p. 44) propõe um esquema das obras de consulta, mediante a qual se depreende que esse autor utilizou os seguintes critérios de catalogação: 1) o suporte utilizado; 2) o número de línguas; 3) a abrangência.

A primeira divisão considera o suporte utilizado para acessar as informações lexicográficas (WELKER, 2004, p. 43), sendo que os dicionários podem ser classificados em convencionais e eletrônicos.

A segunda divisão considera o número de línguas contempladas nessa classe de obras (WELKER, 2004, p. 43), as quais podem ser agrupadas em: a) monolíngues, ou b) bilíngues ou multilíngues.

A terceira divisão diferencia os dicionários gerais dos especiais, ao observar a abrangência dessas obras, sendo que o autor caracteriza o dicionário geral “por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando, sobretudo, os lexemas da língua comum” (WELKER, 2004, p. 43) e propõe que todas as outras obras que não se incluam nessa descrição sejam consideradas especiais.

Quanto a essa última divisão, esse autor esclarece que, “Nos gerais, devemos distinguir entre os seletivos, isto é, aqueles que registram o lema realmente em uso (como o DUP⁴⁵) e aqueles muito extensos, às vezes chamados de *tesouros* [...]” (WELKER, 2004, p. 43, grifo do autor). Apesar dessa diferenciação não ser registrada no esquema proposto por esse pesquisador, consideramos relevante incluí-la nestas observações, pois aponta dados relevantes para esta pesquisa.

De forma esquemática, o Quadro 10 apresenta as informações dessa tipologia dos dicionários, a qual é muito mais sintética que as anteriormente apresentadas neste estudo.

⁴⁵ Como é habitual no âmbito lexicográfico, Welker utiliza a sigla DUP para se referir ao ‘Dicionário de usos do Português do Brasil’, escrito por Francisco da Silva Borba e publicado no ano de 2002.

Quadro 10 – Tipologia de dicionários proposta por Welker.

CRITÉRIOS →	SUORTE	NÚMERO DE LÍNGUAS	ABRANGÊNCIA
CARACTERÍSTICAS ↓	Dicionários convencionais	• monolíngues	○ gerais: ▪ extensos ▪ seletivos ○ especiais
		• bilíngues	○ gerais: ▪ extensos ▪ seletivos ○ especiais
	Dicionários eletrônicos	• monolíngues	○ gerais: ▪ extensos ▪ seletivos ○ especiais
		• bilíngues	○ gerais: ▪ extensos ▪ seletivos ○ especiais

Fonte: Welker (2004, p. 43-44).

Uma perspectiva comparativa das propostas tipográficas desses três autores evidencia a existência de pelo menos três critérios essenciais para a sua catalogação: 1) o número de línguas consideradas para a constituição do conjunto lemativo; 2) a abrangência, tanto do sistema léxico que a obra busca representar, quanto de sua composição lemativa; 3) o suporte utilizado para o acesso às informações lexicográficas.

No que se refere ao número de línguas, o interesse desta investigação está focado nas obras monolíngues em língua espanhola, em virtude de que o objeto de estudo pertence ao conjunto das locuções desse idioma.

Quanto à abrangência do sistema léxico considerado para a composição das obras, nesta pesquisa centra-se a atenção em dicionários que evidenciem a variante linguística utilizada dentro do território uruguaio, ou seja, num recorte diatópico da língua espanhola em uso. Nesse sentido, os dicionários que compõem as fontes para este estudo se enquadram entre as obras ‘parciais’ com marcação diatópica, segundo Haensch (1982b, p. 140-141), também denominadas ‘especiais de restrição externa’ no que tange ao âmbito geográfico do qual se ocupam, segundo Porto Dapena (2002, p. 62), ou simples e genericamente nomeadas ‘especiais’ por Welker (2004, p. 43).

No que tange à abrangência da composição lemativa, considerando as perspectivas de Haensch (1982b) e Porto Dapena (2002), interessa investigar tanto as obras ‘exaustivas’, que consideram a totalidade das informações léxicas sobre o recorte diatópico em estudo, quanto as obras ‘seletivas’ que se ocupam apenas de uma parcela desse universo. Embora

Welker (2004) faça referência a uma diferenciação entre as obras seletivas e as exaustivas, por ele denominadas extensas, na sua tipologia, esse autor propõe a divisão apenas para as obras gerais, e pondera que todos os outros tipos de obras consistem em um grande e diversificado conjunto, de difícil catalogação interna, congregados sob a categoria de ‘especiais’.

O último critério em discussão alude às diferentes formas em que o material lexicográfico se apresenta, ou seja, em papel ou em sistemas computadorizados. Ambos os suportes são importantes para os objetivos desta pesquisa, embora não tenhamos encontrado dicionários eletrônicos cujo foco seja a variante linguística utilizada no Uruguai e, muito menos, cuja especificidade seja as locuções dessa variante.

Do exposto nesta seção, esclarece-se que os dicionários que servirão de fonte para esta pesquisa constituem obras monolíngues, especiais (ou parciais) que se ocupam de uma variante específica da língua espanhola, que é a utilizada no território uruguaio, cujas informações poderão ser apresentadas de forma exaustiva ou seletiva, e são tradicionais (ou convencionais) com relação ao suporte utilizado para o acesso à informação lexicográfica.

De modo particular, quanto aos dicionários que congregam tão somente unidades fraseológicas, os quais merecem especial atenção por ser um dos focos deste estudo, adverte-se que enquanto Haensch (1982b, p. 182-183) os classifica segundo suas finalidades, dentre as obras ‘temáticas’, Porto Dapena (2002, p. 65) os cataloga segundo o volume e a extensão, entre as obras ‘de restrição interna’, especificamente as textuais. A possibilidade de enquadrar os dicionários fraselógicos a partir de diferentes critérios oferece indícios quanto à complexidade de sua natureza e a dificuldade de classificá-los sob os parâmetros metalexográficos, sendo que seu estudo poderá ser mais produtivo, a nosso ver, através da ótica da Fraseografia.

Sobre essa temática nos ocuparemos posteriormente, quando adentrarmos no campo fraseográfico. Antes disso e após ter identificado os traços constitutivos gerais dos dicionários que servem de fonte para a presente pesquisa, na próxima subseção serão apresentadas, brevemente, algumas informações e considerações a propósito dos dicionários dialetais e, em especial, sobre os que se ocupam da variante uruguaia da língua espanhola.

4.4 OS DICIONÁRIOS DIALETAIS

Num extenso estudo sobre a lexicografia em língua espanhola, Alvar Ezquerro (2002, p. 397) refere-se à ‘Lexicografia dialetal’⁴⁶, ou espaço de diálogo entre os estudos lexicográficos e os dialetais, cujo âmbito de atuação abrange, por um lado, os dicionários que oferecem, dentre outras informações, as diferenças linguísticas de ordem espacial, e, por outro lado, os dicionários que se ocupam exclusivamente de dialetos. Em virtude de os dicionários selecionados para este estudo pertencerem a esse segundo grupo, é necessário esclarecer alguns conceitos que provêm dessa subárea da Lexicografia.

No campo lexicográfico, o termo ‘dialeto’ é utilizado (como por exemplo, por ETTINGER, 1982; HAENSCH, 1982b; PORTO DAPENA, 2002; MARTÍNEZ DE SOUZA, 2009) para aludir a uma variante linguística marcada diatopicamente.

O conceito de ‘dicionário dialetal’ está atrelado à noção de dialeto, o qual fica explícito em definições como, por exemplo: “Um dicionário dialetal, como sua própria denominação indica, estuda o léxico de um dialeto, ou variedade especial”⁴⁷ (PORTO DAPENA, 2002, p. 62, tradução nossa).

Outra definição desse tipo de dicionário é:

Dicionário dialetal, de dialetos ou de dialetalismos. Dicionário que registra os termos de um dialeto. Um dialeto é uma variante de uma língua delimitada geograficamente, e um dialetalismo é uma voz, som ou giro próprio de um dialeto que se incorpora à língua geral⁴⁸ (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 63, grifos do autor, tradução nossa).

Embora, de forma generalizada, exista unanimidade quanto à concepção das obras lexicográficas que se ocupam de dialetos, há certas particularidades que alguns autores avaliam como próprias desse tipo de obras. Uma dessas particularidades é apontada por Porto Dapena (2002, p. 62-63), quem distingue duas classes de dicionários dialetais: os contrastivos (ou diferenciais), que congregam apenas o vocabulário de uma variante em oposição à língua comum (ou padrão); e os não contrastivos (ou integrais), que reúnem tanto o vocabulário padrão quanto o não padrão (ou próprio de uma variante). Essa distinção é, a nosso ver, bastante relevante, pois permite delimitar ainda mais nossas fontes de pesquisa, reafirmando

⁴⁶ Esse termo já havia sido utilizado anteriormente, sob a mesma concepção (porém, restrita a exemplos concretos de alguns dicionários de língua espanhola), por Haensch (1982b, p. 120).

⁴⁷ “*Un diccionario dialectal, como su misma denominación indica, estudia el léxico de un dialecto, o variedad especial*” (PORTO DAPENA, 2002, p. 62).

⁴⁸ “***Diccionario dialectal, de dialectos o de dialectalismos.*** *Diccionario que registra los términos de un dialecto. Un dialecto es una variante de una lengua delimitada geográficamente, y un dialectalismo es una voz, sonido o giro propio de un dialecto que se incorpora a la lengua general*” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 63, grifos do autor).

seu caráter contrastivo em relação ao espanhol *standard* (ou padrão) e estabelecendo o foco de seu conteúdo apenas nos elementos que pertencem à variante uruguaia.

Outra distinção das obras lexicográficas que se ocupam de variantes, e em particular, as da língua espanhola, é registrada por Martínez de Sousa (2009, p. 52) ao incorporar os dicionários de localismos (ou de vozes de uma localidade) e de provincialismos (ou de vozes de uma província) como subclasses dos dicionários dialetais. Por outro lado, esse autor agrupa os dicionários de americanismos (sobre usos do espanhol de América), de filipinismos (que congregam vozes do espanhol usado nas Filipinas) e de hispanismos (ou palavras do espanhol utilizadas em outras línguas) como subclasses dos dicionários de regionalismos, aos quais caracteriza como “dicionário que registra uma seleção de vozes privativas de uma região, um país ou uma extensão territorial mais ampla”⁴⁹ (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 64, tradução nossa).

Neste estudo, assumimos uma visão diferente da proposta por Martínez de Sousa (2009) e consideramos que ambos os subconjuntos integram a classe dos dicionários dialetais, excetuando os de hispanismos que, a nosso ver, deveriam pertencer à classe dos dicionários de estrangeirismos. Nosso posicionamento se justifica na concepção ampla que adotamos sobre a Lexicografia dialetal, e, conseqüentemente, sobre o termo ‘dialeto’, que em consonância com as propostas de Haensch (1982b) e Alvar Ezquerria (2002), incluem as vozes que ainda não foram incorporadas, como próprias, à língua padrão, ou geral. Dessa forma, ao falar de dicionários dialetais da língua espanhola merecem destaque os dicionários de americanismos, devido à extensa área geográfica envolvida sob essa denominação. Segundo esclarece Moreno Fernández (2000, p. 30, tradução nossa), “Por «americanismo» entende-se o vocábulo criado, inventado ou derivado de uma palavra patrimonial no espanhol na América”⁵⁰.

Dentre os dicionários de americanismos, Haensch (1982b, p. 141) distingue três subclasses: 1) os dicionários gerais de americanismos, que objetivam inventariar em conjunto as palavras utilizadas no mundo hispano-americano; 2) os dicionários de americanismos que registram o vocabulário de um país, como por exemplo, os de ‘uruguaismos’; 3) os dicionários de americanismos que se ocupam de uma região mais ampla, como, por exemplo, os do espanhol do Rio da Prata.

⁴⁹ “Diccionario que registra una selección de voces privativas de una región, un país o una zona más amplia” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 64).

⁵⁰ “Por «americanismo» se entiende el vocablo creado, inventado o derivado de una palabra patrimonial en el español en América” (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 30).

Segundo comentam Haensch (1892b, p. 120-121) e Alvar Ezquerro (2002, p. 410), os primeiros dicionários gerais de americanismos surgem na primeira metade do século XX. Seus precursores, os dicionários que se ocupam das variantes de um país ou de uma região mais ampla do espanhol na América, viram a luz pela primeira vez no século XIX, sendo seu precursor o *‘Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas’*, de Esteban Pichardo, publicado em 1836. Cabe salientar que nessa edição pioneira do espanhol utilizado em Cuba, o título da obra faz referência à presença de unidades linguísticas complexas, denominadas *‘frases’*, revelando a importância do registro desses elementos linguísticos para uma comunidade, como identificadores culturais.

Antes desse ano, como aponta Alvar Ezquerro (2002, p. 404), algumas palavras dialetais provindas do Novo Mundo vinham sendo registradas nos dicionários de língua espanhola desde a época do descobrimento da América, no final do século XV, e inventariadas em listas próprias, desde o século XVI, ou em outras obras lexicográficas, a partir do século XVII.

Uma das justificativas para o aparecimento tardio de dicionários de regionalismos americanos, ao se pensar na antiguidade que possui o registro dessas variantes nas obras lexicográficas, é o estreito vínculo e a dependência normativa que foram cultivadas durante séculos nos territórios da América hispânica com relação à Real Academia de Letras da Espanha.

Ao discutir sobre as distinções linguísticas motivadas pelo espaço geográfico, Ettinger (1982, p. 381, tradução nossa) refere-se à língua espanhola de “os diversos países hispano-americanos, cujas diferenças diatópicas não experimentaram uma evolução mais profunda até o momento em que os territórios nos quais se falavam, tiveram acesso à independência”⁵¹. O estabelecimento das fronteiras na América foi, de fato, um dos fatores que propiciou a consolidação e delimitação linguística territorial das variantes, ou dos usos de vozes compartilhadas no espaço geográfico de um país, pelos seus habitantes. Consequentemente, começam a aparecer dicionários especiais que registram, especificamente, essas vozes.

Um desses casos, que nesta pesquisa ocupa nossa atenção, é o da variante utilizada no território uruguaio, com ênfase no uso das locuções, e seu registro em dicionários dedicados, exclusivamente, aos uruguaismos.

⁵¹ “[...] los diversos países hispanoamericanos, cuyas diferencias diatópicas no experimentaron una evolución más profunda hasta que los territorios donde se hablaban accedieron a la independencia” (ETTINGER, 1982, p. 381).

Segundo comenta Alvar Ezquerro (2002, p. 411 e p. 422), apesar de existirem diversas obras lexicográficas que registram as vozes da região do Rio da Prata, tendo como precursora a de Javier Muñiz, *‘El vocabulario rioplatense’*, publicada em 1845, o primeiro grande dicionário de uruguaios surge como iniciativa da Academia Nacional de Letras desse país, em 1966, sob o título *‘Diccionario uruguayo documentado’* e sendo suas autoras Celia Mieres, Elida Miranda, Eugenia B. de Alberdi e Mercedes R. de Berro; as mesmas autoras que, no ano de 1971, publicaram o *‘Diccionario documentado de voces uruguayas en Amorim, Espínola, Más de Ayala, Porta’*.

Obras anteriores e posteriores com semelhantes propósitos, ou seja, registrar usos da variante utilizada no Uruguai, têm sido publicadas dentro e fora do território nacional uruguaio, inventariando o vocabulário tanto de forma exaustiva quanto seletiva⁵². Neste estudo, o interesse da pesquisa radica, de forma particular, na presença e no tratamento das locuções em dicionários que pertencem a essa variante, pelo qual consideram-se fontes para a pesquisa, por um lado, as obras de cunho exaustivo e, por outro lado, as de cunho seletivo que se ocupam desse tipo de UFs.

Em vista desses interesses, e tendo apresentado as conceituações teóricas provindas da Lexicografia que compõem contribuições para a análise das fontes, no próximo capítulo passaremos ao segundo campo disciplinar vinculado, estreitamente, ao estudo dos dicionários no que concerne à presença de UFs.

⁵² Mencionaremos aqui, a modo de exemplos, algumas dessas obras às quais tivemos acesso durante a pesquisa. Em 1936, Adolfo Berro García publicou o *‘Prontuario de voces del lenguaje campesino uruguayo’*. Em 1963 surgiu o *‘Refranero uruguayo: pequeña biblia gaucha. Dichos, máximas y sentencias del habla popular colectadas oralmente en Tacuarembó’*, de Washington Escobar. Em 1987, Avenir Rossel publicou *‘Del habla uruguayo’*. Em 1993, o Instituto Caro y Cuervo editou e publicou o terceiro tomo do *‘Nuevo diccionario de americanismos’*, sob a direção de Günther Haensch e Reinhold Werner; esse tomo traz o título *‘Nuevo diccionario de uruguayismos’* e está dirigido por Ursula Kühl de Mones. O professor José María Obaldía, membro da *Academia Nacional de Letras* do Uruguai, publicou *‘El habla del pago’* em 1988 e sua obra recebeu tanto sucesso que foram lançadas edições ampliadas nos anos de 2001, 2006 e 2012.

5 AS LOCUÇÕES NO ÂMBITO DA FRASEOGRAFIA

En Urugu(h)ay
*Mucho vos, mucho hacés, mucho ¡ahí va!*⁵³
En Urugu(h)ay
Poca plata, poca risa, poca prisa.
 (da autora).

Silva (2004b, p. 151) comenta que o termo ‘Fraseografia’ teve sua origem na União Soviética aproximadamente no início da década de 1980, e adentrou no âmbito hispânico graças aos trabalhos das pesquisadoras cubanas Zoila Carneado Moré, na metade e no final da década de 1980, e Antonia Tristán Pérez, no final da década de 1990.

Apesar da breve história que a Fraseografia percorreu dentro do mundo das ciências, a inclusão de UFs nos dicionários é uma prática comum e secular que se popularizou junto com o surgimento de obras lexicográficas gerais extensas (ou exaustivas) e na elaboração de dicionários especiais dedicados a essas unidades.

O presente capítulo tem por objetivo conceituar e delimitar os campos de atuação da Fraseografia, assim como, também, com base nas teorias fraseográficas quanto à inclusão de UFs nos dicionários e a elaboração de dicionários fraseológicos, realizar um levantamento das adequações e inadequações detectadas por diversos estudiosos. Essas informações servirão de alicerces na construção das análises dos dicionários de uruguaismos quanto à informação locucional e de reflexões sobre a sua utilidade para a tradução.

5.1 SOBRE O CONTEITO DE ‘FRASEOGRAFIA’

Autores como Tristán Pérez (1998), Silva (2004b, 2011), Rios (2010), entre outros, afirmam que a Fraseografia, como disciplina científica, constrói-se a partir do vínculo estreito que foi se estabelecendo entre a Fraseologia e a Lexicografia. É precisamente devido a essa relação profunda entre esses dois campos do saber que se costuma incluir a Fraseografia como subárea da Lexicografia, aludindo à existência de dicionários especiais que se ocupam, de forma exclusiva, das UFs, ou seja, os dicionários fraseológicos ou de fraseologia.

⁵³ A locução interjetiva ‘¡ahí va!’, de amplo uso no Uruguai contemporâneo, é uma redução da frase ‘¡ahí va la bocha!’ dicionarizada no ‘Diccionario del español del Uruguay’ sob a acepção “fórmula con que se reafirma un acierto de un procedimiento” (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 128).

Ao se pensar nesses dicionários a partir da tradição Lexicográfica encontram-se definições vagas e concisas, como por exemplo, “**Dicionário de fraseologia ou fraseológico.** Dicionário que registra um conjunto de locuções, frases, sintagmas, etcetera”⁵⁴ (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 68, grifos do autor, tradução nossa).

Considerando a especificidade e complexidade que implica o estudo das UFs, sobretudo quando contidas na estrutura própria e concisa dos textos lexicográficos, reconhece-se a necessidade de uma área autônoma de transição que teça os liames fraseológicos junto aos lexicográficos, propiciando a junção de conceitos para um tratamento adequado dessas unidades nos dicionários, tanto gerais quanto especiais e, principalmente, nos fraseológicos. Sob essa incumbência, a Fraseografia pode ser entendida como:

[...uma] disciplina linguística que se ocupa, por uma parte, dos princípios teóricos e práticos que regem a inclusão da fraseologia em compilações léxicas (dicionários, léxicos, vocabulários, glossários, concordâncias, etc.), tanto especializados como gerais e, por outra parte, do estudo crítico e descritivo destas compilações, no que se refere ao tratamento da fraseologia, ou seja, o âmbito de interesse da fraseografia compreende desde a apresentação tipográfica seguida na obra até a adequação aos usuários⁵⁵ (SILVA, 2004b, p. 155-156, tradução nossa).

Para o presente estudo, adotamos a conceituação de Fraseografia proposta por Silva (2004b) por considerá-la ampla quanto à área de atuação dessa disciplina, não ficando restrita, apenas, aos dicionários fraseológicos, e por entender que se trata de uma especialidade independente de outros campos do saber, porém fortemente vinculada tanto à Fraseologia quanto à Lexicografia.

Da mesma forma que acontece com a Lexicografia, na área fraseográfica distinguem-se duas vertentes: uma vertente prática, que consiste na elaboração de obras fraseográficas, na inclusão de UFs nos dicionários e nas técnicas e métodos utilizados para essas atividades; e uma vertente teórica, dedicada ao estudo das obras fraseográficas e do tratamento das UFs nos dicionários, denominado Fraseografia Teórica ou Metafraseografia (SILVA, 2004b, p. 156-157).

⁵⁴ “**Diccionario de fraseología o fraseológico.** Diccionario que registra un conjunto de locuciones, frases, sintagmas, etcétera” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 68, grifos do autor).

⁵⁵ “[...una] disciplina lingüística que se ocupa, por una parte, de los principios teóricos y prácticos que rigen la inclusión de la fraseología en compilaciones léxicas (diccionarios, léxicos, vocabularios, glosarios, concordancias, etc.), tanto especializados como generales y, por otra, del estudio crítico y descriptivo de estas compilaciones, en lo que al tratamiento de la fraseología se refiere, lo que significa decir que el ámbito de interés de la fraseografía comprende desde la presentación tipográfica seguida en la obra hasta la adecuación a los usuarios” (SILVA, 2004b, p. 155-156).

Alguns estudiosos, como, por exemplo, Wotjak (1998), Silva (2004b) e González Aguiar (2006), têm apontado para o fator teórico salientando a sua importância no avanço da prática fraseográfica. Concordamos com essa opinião, por esse motivo esta pesquisa se utiliza de princípios da Metafraseografia como alicerce que oferece sustentação às análises das locuções nos dicionários selecionados para o estudo, de forma particular, adentrando em alguns dos campos de atuação dessa especialidade.

5.2 OS CAMPOS DE ATUAÇÃO DA METAFRASEOGRAFIA

Desde o surgimento da Fraseografia como ciência, diversos assuntos têm ocupado tanto os pesquisadores dessa área quanto os estudiosos de áreas afins, como a Lexicografia e a Fraseologia. Wotjak (1998, p. 307) destaca o interesse dos fraseólogos por temas relacionados à teoria fraseográfica como, por exemplo, a descrição das UFs nos dicionários e as reflexões teóricas sobre o tratamento dessas unidades nas diversas obras lexicográficas.

No que concerne às bases teóricas utilizadas nos estudos fraseográficos muitas são as contribuições que provêm da Metalexigrafia. É por isso que Silva (2004b, p. 156) propõe a utilização dos campos de atuação dessa vertente teórica geral dos dicionários como modelo para definir as áreas específicas de interesse dos estudos metafraseográficos, sendo estas: a história da fraseografia, a teoria fraseográfica, a crítica fraseográfica e a pesquisa fraseográfica.

A pesquisa que aqui se desenvolve enquadra-se, por um lado, entre os estudos críticos fraseográficos, pois se propõe a analisar diversos dicionários quanto à presença e o tratamento que as locuções recebem nessas obras de consulta e, por outro lado, adentra-se nas discussões da teoria fraseográfica, visto que uma de suas finalidades é debater a adequação dessas informações oferecidas nos dicionários, observando-se o que os textos externos costumam oferecer, e sua utilidade para determinadas aplicações específicas, como é o caso da tradução, trazendo à tona os princípios teóricos subjacentes à inclusão das locuções nessas obras.

Neste estudo, adotamos uma conceituação ampla da Fraseografia, a qual abrange tanto os dicionários fraseológicos como outros tipos de obras lexicográficas que incluem UFs. A crítica fraseográfica alcança essas duas modalidades dicionarísticas, embora para cada uma delas seja necessário considerar as particularidades intrínsecas à natureza que as caracteriza. Desse modo, e apesar de serem tipos de obras bastante diferentes, é possível analisá-las dentro

de um mesmo estudo, ressalvadas as peculiaridades prototípicas de cada uma, apontando adequações e inadequações que apresentem sob o olhar dos fundamentos metafraseográficos.

5.3 ADEQUAÇÕES E INADEQUAÇÕES NA INCLUSÃO DE UFS NOS DICIONÁRIOS

De forma generalizada, os estudos críticos fraseográficos têm se centrado na análise das estruturas lexicográficas de diferentes tipos de dicionários a fim de destacar as falhas, as omissões e as incoerências quanto ao tratamento das UFs, à luz dos princípios teóricos da Fraseografia e, por vezes, também da Lexicografia. Embora de forma menos frequente, destacam-se também os acertos que algumas obras apresentam quanto à adequação na inclusão dessas unidades.

Consideramos que tanto as adequações quanto as inadequações constituem dados relevantes para avaliar uma obra lexicográfica, seja geral ou fraseológica, e assumimos que, para seu estudo podem ser utilizadas as diretrizes propostas por Silva (2011, p. 168) no que concerne aos aspectos que devem ser observados:

- 1) o conceito de ‘fraseologia’ assumido no dicionário,
- 2) a escolha das UFs incluídas na obra,
- 3) os critérios utilizados no registro dessas unidades nos dicionários e a sistematização desses dados.

Antes de adentrar em cada um desses aspectos, julgamos pertinente expor alguns dados apresentados por essa pesquisadora que justificam, em parte, o tratamento deficitário que recebem as UFs nos dicionários de forma geral e, em especial, nos de língua espanhola.

Segundo Silva (2011, p. 164-165), a análise da presença e da adequação das informações fraseológicas nos dicionários demanda, inicialmente, algumas observações. Em primeiro lugar, essa autora assinala o fato de a inclusão dessas informações nos dicionários ser anterior ao surgimento das teorias fraseográficas, por isso, existe um evidente descompasso entre a prática fraseográfica e as teorias que direcionam essa atividade. Em segundo lugar, essa pesquisadora explica que, ao longo dos tempos, os dicionaristas têm se inspirado em obras anteriormente publicadas como modelos na elaboração de seus dicionários, perpetuando inadequações que havia em outras obras e que vão sendo transferidas de dicionário para dicionário até chegar à atualidade.

Tendo em vista essas considerações, muitas inadequações no tratamento que as UFs recebem nos dicionários, segundo essa autora, derivam de uma série de fatores, a saber:

[...] a presença, desde tempos remotos, de UF nos dicionários; a falta de adequação no registro dessas unidades; a transmissão dessa falta de adequação de um dicionário para o outro, seja devido à tradição seja pela banalização da prática do plágio e, por último, a falta de compasso entre a prática lexicográfica e a teoria fraseológica (SILVA, 2011, p. 167).

Transferindo essas observações para o contexto dos dicionários de língua espanhola, Silva (2004b, p. 165, tradução nossa) adverte que “os pressupostos teóricos da Fraseografia nascem com os primeiros trabalhos práticos e que, no seu desenvolvimento, a tradição e o plágio lexicográfico e, no caso do espanhol, o peso do dicionário acadêmico, cumprem um papel fundamental”⁵⁶.

De fato, diversos estudos críticos sobre a presença de UFs nos dicionários (GARCÍA BENITO, 2002; GONZÁLEZ AGUIAR, 2006; HEINEMANN, 2008; entre outros) apresentam o ‘*Diccionario de la Real Academia de España*’ (DRAE) como objeto de análise, seja para apontar suas inadequações, seja para utilizá-lo, como autoridade, para justificar as decisões quanto à forma de inclusão de UFs nos verbetes das obras lexicográficas.

Tendo exposto as particularidades quanto à presença de UFs nos dicionários, adentra-se na sequência em cada um dos aspectos que, segundo Silva (2011, p. 168), devem ser observados para realizar uma análise crítica.

5.3.1 O conceito de ‘Fraseologia’ assumido nos dicionários

No que se refere à concepção de Fraseologia adotada nos dicionários, essa informação costuma ser investigada em duas partes do dicionário: 1) nas informações explicitadas nos textos externos, em especial, nos que se ocupam da apresentação dessas obras; 2) nas informações microestruturais, especificamente, na classificação adjudicada às UFs dentro dos verbetes.

Silva (2004b, p. 411-412) comenta que, de forma geral, os dicionários de língua espanhola incluem informações sobre as UFs em suas introduções, ainda que de forma deficitária. Ela opina que essa ação responde mais a motivos comerciais, por se tratar de um tema curioso e atraente aos consulentes, que propriamente explicativos. Segundo Silva (2006,

⁵⁶ “[...] los presupuestos teóricos de la fraseografía nacen con los primeros trabajos prácticos y que en su desarrollo juegan un papel fundamental la tradición y el plagio lexicográfico, y en español el peso del diccionario académico” (SILVA, 2004b, p. 165).

p. 238), dificilmente os dicionários incluem explicações quanto ao tipo de classificação das UFs que é adotada, e os prólogos também carecem de informações sobre o conceito de cada um dos elementos que integram essas unidades. Além da falta de dados explícitos sobre o conceito de Fraseologia adotado nos dicionários, essa carência também se evidencia implicitamente, na classificação das diferentes UFs que integram as informações microestruturais.

Corpas Pastor (1996, p. 133) observa que existe um problema na delimitação das UFs, pois algumas dessas unidades são registradas como enunciados fraseológicos em uns dicionários e como locuções em outros.

Ao analisar a forma como são classificadas as UFs nos dicionários, Castillo Carballo (2003, p. 89-91) reconhece que a irregularidade na inclusão dessas unidades nas obras de consulta deriva, por um lado, do descompasso entre a prática fraseográfica e o surgimento da teoria fraseológica. Esse descompasso, segundo a autora, determina a pouca atenção que, em muitos casos, recebem essas unidades quanto ao uso de marcas, ou rótulos⁵⁷, que indiquem, nos verbetes, sua categoria. Por outro lado, no que concerne especificamente à língua espanhola, essa pesquisadora opina que uma das dificuldades para o correto registro das UFs nos dicionários advém da diversidade de estruturas que costumam ser compreendidas sob o termo ‘UFs’ (colocações, locuções e enunciados fraseológicos), e afirma que, dentre essas estruturas, as locuções são as que recebem maior atenção quanto à sistematização dos dados lexicográficos. A falta de conceitos claros sobre os parâmetros fraseológicos fica evidenciada, segundo essa autora, por exemplo, no registro de colocações que são marcadas nas obras lexicográficas como locuções ou como frases.

Ao examinar, especificamente, as indicações sobre a classificação locucional, Penadés Martínez (2006, p. 249-251) nota que: 1) historicamente, os dicionários de língua espanhola não têm registrado de forma sistemática essa informação (salvo para as locuções adverbiais); 2) há obras em que esses dados se oferecem nos textos externos, porém não coincidem com sua aplicação dentro dos verbetes.

Com base nas autoras consultadas, tanto as informações explicitadas nos textos externos quanto as microestruturais refletem a falta de critérios claros sobre os elementos fraseológicos que devem integrar os dicionários, assim como, também, possuem uma noção deficiente sobre cada um deles.

⁵⁷ Segundo esclarece Martínez de Sousa (2009, p. 147, tradução nossa), marca, ou rótulo, “é o indicativo, geralmente abreviado, que antecede à definição para indicar a sua descrição linguística”. “[...] es el indicador, generalmente abreviado, situado ante una definición para indicar su descripción lingüística”.

5.3.2 A escolha das UFs que compõem os dicionários

Quanto à escolha das UFs para a elaboração de dicionários, Ruiz Gurillo (2001, p. 62) alude à ausência de princípios que determinem quais classes de unidades complexas devem ser integradas aos dicionários gerais⁵⁸ e as que ficam excluídas dessas obras. No entanto, essa autora afirma que a tendência é admitir, apenas, as unidades sintagmáticas, as colocações e as locuções.

Silva (2004b, p. 176; 2011, p. 173-174) observa que a escolha das UFs que comporão um dicionário consiste em uma das primeiras tarefas do lexicógrafo. Segundo essa pesquisadora, para desenvolver esse tipo de trabalho, o lexicógrafo deve se ater a uma série de aspectos, como são:

- a variedade linguística que servirá de base para o dicionário;
- a necessidade do usuário;
- a frequência de uso das unidades;
- as fontes e recursos usados no procedimento de seleção.
- E há dois aspectos sumamente importantes que praticamente determinam os demais:
 - -os objetivos do dicionário e
 - -os usuários aos que vai dirigido (SILVA, 2011, p. 173-174).

Pela exposição desses princípios, conclui-se que, na visão dessa autora, uma seleção adequada das UFs demanda atender a cada um desses aspectos, os quais, a nosso ver, deveriam ser explicitados nos textos externos dos dicionários e respeitados, sistematicamente, nas estruturas internas dessas obras.

5.3.3 Critérios para o registro das UFs nos dicionários e sua sistematização

As observações relacionadas ao registro das UFs nos dicionários e a sistematização dessas informações, com base na bibliografia consultada, dizem respeito a seis aspectos:

- 1) sua localização no dicionário;
- 2) sua disposição dentro do verbete;

⁵⁸ Embora os dicionários selecionados como objetos deste estudo se enquadrem entre os especiais, e não entre os gerais, muitas das considerações feitas em estudos críticos metafraseográficos sobre as obras gerais podem ser aplicadas, a nosso ver, aos dicionários especiais extensos, devido à similaridade microestrutural que esses dois tipos de dicionários costumam apresentar, expondo as informações de forma abrangente.

- 3) o uso de marcas;
- 4) a forma como são definidas e o conteúdo da definição;
- 5) a presença e o tratamento dos elementos do contorno⁵⁹;
- 6) a natureza dos exemplos de uso.

Nas próximas subseções serão apresentados os posicionamentos de diversos estudiosos sobre cada um desses aspectos, o qual servirá como base para elencar nossos comentários e posicionamentos quanto ao tema.

5.3.3.1 A localização das UFs nos dicionários

Ruiz Gurillo (2001, p. 62) comenta que os dicionários monolíngues registram as UFs no lema do elemento de maior importância (em ordem decrescente: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio) e chama a atenção para os casos de locuções que possuem uma palavra diacrítica (ou idiomática), as quais costumam ter um tratamento diferenciado, com registro em entrada que corresponde a essa palavra.

Castillo Carballo (2003, p. 90) diz que as UFs podem aparecer como lemas, compondo a macroestrutura dessas obras, embora seja mais frequente que ocupem lugar na microestrutura, como subentradas.

Segundo esclarece Martínez de Sousa (2009, p. 127), tradicionalmente, a lematização⁶⁰ das UFs da língua espanhola nos dicionários gerais tem seguido as indicações da Real Academia Espanhola (RAE), em especial nos dicionários editados por essa instituição, os quais constituem autoridade para a normatização da língua e modelos para a elaboração de outros dicionários. Esse autor refere que a RAE estabelece uma ordem para o ingresso dessas unidades no corpo dos verbetes, utilizando como critério de inclusão as diferentes classes gramaticais dos componentes fraseológicos, ou seja, incluindo as UFs como informações pertencentes às palavras que compõem as unidades e que conformam lemas dos dicionários. De acordo com essa ordem, a lematização das UFs se dá em uma das entradas do

⁵⁹ Quanto à relação entre o conteúdo e o contorno da definição, Martínez de Sousa (2009, p. 157, tradução nossa) esclarece que “o conteúdo é o conjunto de elementos que oferecem a informação fundamental para a definição e o contorno é o conjunto de elementos da informação que não é essencial, acrescentados a uma definição”. “(...) *el contenido es el conjunto de elementos que ofrecen información fundamental en una definición, y el contorno, el conjunto de elementos de información no esencial añadidos a una definición*”.

⁶⁰ Neste estudo adotamos o termo ‘lematização’ da mesma forma que o concebe Martínez de Sousa (2009, p. 102), ou seja, como o processo de transposição de palavras, letras ou signos aos dicionários para comporem as entradas, ou lemas. Por extensão, utiliza-se ‘lematizar’ com esse mesmo sentido.

dicionário, a qual corresponde ao elemento de maior importância da unidade, a saber: 1º) substantivo; 2º) verbo (excetuando os verbos auxiliares); 3º) adjetivo; 4º) pronome; 5º) advérbio.

5.3.3.2 A disposição das informações fraseológicas no verbete

Wotjak (1998, p. 310, tradução nossa) opina que as informações fraseográficas “deveria(m) ocupar um lugar bem determinando (de preferência no final do verbete) e bem destacado (por exemplo, por um elemento tipográfico unívoco)”⁶¹.

Martínez de Sousa (2009, p. 125-126) esclarece que as diferentes informações lexicográficas sobre as UFs podem ser organizadas de duas formas: 1) em bloco único, ou de entradas agrupadas; 2) em vários blocos, ou de entradas soltas. Segundo esse autor, em conformidade com as orientações da RAE é comum que os dicionários linguísticos adotem a primeira forma de organização, em bloco único, e que os enciclopédicos costumem ordenar as informações lexicográficas em vários blocos, sendo um deles destinado, quando existirem, às UFs. No entanto, esse autor discorda da ordem disposta pela Academia para os dicionários linguísticos, afirmando que “não é a única forma, nem a mais recomendável”⁶² (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 121, tradução nossa), e considerando mais adequado destinar um espaço específico para as UFs dentro do verbete, em blocos anexos à entrada, visivelmente separados das outras informações, porém, mantendo um vínculo espacial sistematizado e propiciando que a distribuição das informações esteja melhor organizada e sua disposição seja mais coerente.

Pelos comentários e posicionamentos dos autores consultados quanto ao lugar que as UFs devem ocupar nos verbetes percebe-se uma reivindicação, a partir dos princípios fraseográficos, de maior atenção para essas unidades, as quais ao serem lematizadas (como subentradas) passam a integrar o conjunto das unidades léxicas de um dicionário.

5.3.3.3 O uso de marcas

⁶¹ “[...] debería(n) ocupar un lugar bien determinando (de preferencia al final del artículo) y bien señalado (por ejemplo por un elemento tipográfico unívoco)” (WOTJAK, 1998, p. 310).

⁶² “[...] ni es forma única, ni la más recomendable” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 121).

No que diz respeito às marcas utilizadas nos dicionários para as locuções, Ruiz Gurillo (2001, p. 63) refere que essas obras costumam registrá-las para alertar quanto a seu caráter figurativo ou para indicar variações diafásicas (como, por exemplo, de uso familiar, coloquial ou vulgar), mas raramente oferecem informações quanto à categoria dessas unidades (exceto para as locuções adverbiais, as prepositivas e as conjuntivas).

Castillo Carballo (2003, p. 92) detecta diversas inadequações no uso de marcas para as locuções, a saber: 1) a diversidade de abreviaturas que existem para o mesmo tipo de locução, em diferentes obras e, por vezes, no mesmo dicionário; 2) o excesso de marcas utilizadas, as quais atendem a subtipos de locuções e que, segundo essa autora, só contribuem para confundir os consulentes; 3) a ausência de marcas que especifiquem a categoria locucional.

Por sua vez, Penadéz Martínez (2006, p. 252) alerta para o fato de que algumas obras lexicográficas utilizam abreviaturas em plural como marcas (como, por exemplo, locs. advs. para locuções adverbiais) para assinalar que essa locução apresenta variantes, e isso, pode levar os consulentes à conclusão equivocada que se trata de mais de uma locução.

Em um estudo diacrônico das diferentes edições do DRAE, Heinemann (2008, p. 253) adverte que não existe uma homogeneidade no uso de marcas diassistemáticas (que indicam as variações da língua) para as UFs, e reivindica que os dicionários prestem maior atenção a essas unidades, assim como o fazem com as outras unidades léxicas.

5.3.3.4 A forma como as UFs são definidas e o conteúdo das definições

Nas bibliografias consultadas quanto aos critérios para o registro das UFs nos dicionários, constata-se que um dos temas mais discutidos é a forma como as UFs são definidas por essas obras de consulta.

Ruiz Gurillo (2001, p. 63) diz que, frequentemente, os dicionários oferecem informações sobre o uso das locuções, porém o registro do seu significado é menos habitual. Essa inadequação advém, segundo essa autora, da dificuldade de extrair certos significados que as locuções adquirem quando inseridas no discurso, ou seja, da apreensão de significados contextuais. No entendimento dessa pesquisadora, os dicionários deveriam atender tanto aos aspectos léxicos quanto aos pragmáticos oferecendo informações sobre o significado e sobre o uso dessas unidades.

García Benito (2002, p. 131-139) observa que há uma série de inadequações registradas no DRAE publicado no ano de 1992, quanto ao uso de definições das UFs.

Segundo a autora, uma dessas inadequações consiste na inclusão de uma UF como definição de outra UF, processo que, por vezes, se repete, levando o consulente a várias partes do dicionário sem outorgar-lhe a devida explicação em nenhuma delas. Essa pesquisadora identifica a ausência de acepções para algumas UFs e casos nos quais as omissões acontecem justamente com os significados mais usuais. Essa inadequação, na visão dessa autora, reflete uma falta de atualização do conteúdo lexicográfico, pois com o tempo muitas UFs adquirem novos significados, os quais, não foram acrescentados no dicionário. Ainda, no que concerne aos diferentes significados que o dicionário oferece para a mesma UF, a autora alerta que, por vezes, falta rigor na separação dessas acepções. Outro dado considerado inadequado pela pesquisadora é a presença de informações enciclopédicas para as UFs, pois considera que além de não serem sistemáticas, elas não contribuem com a identificação e diferenciação dessas unidades. Por último, essa autora conclui que as UFs são, muitas vezes, tratadas de forma inconsequente, não sistemática e discriminatória nos dicionários, reivindicando que essas unidades recebam a mesma atenção que recebem as outras unidades léxicas.

Por um lado, Silva (2004a, p. 623-624) opina que devem utilizar-se diferentes tipos de definições para as UFs, a fim de atender à natureza do significado que comporta cada uma delas, por outro lado, em prol da sistematização desses dados, a autora considera que é importante adjudicar o mesmo tipo de definição para UFs similares, com o qual, garante-se a coerência da organização microestrutural. De forma sintética, essa pesquisadora alerta para uma série de inadequações que os dicionários apresentam quanto às definições de UFs (as quais, haviam sido identificadas, também, pelas autoras anteriormente citadas), a saber:

A inclusão de outra UF na definição da unidade, a falta de distinção entre acepções diferentes, a falta de vigência da definição ou inclusive a ausência de acepções vigentes, a escassez de informações importantes que conformam o significado fraseológico, como, por exemplo, as informações pragmáticas⁶³ (SILVA, 2004a, p. 627, tradução nossa).

Outra pesquisadora consultada quanto às definições de UFs nos dicionários é González Aguiar (2006, p. 224-227). Essa autora é favorável a evitar as definições enciclopédicas de UFs em dicionários gerais, pois segundo argumenta, com base na tradição lexicográfica, deve se levar em consideração duas recomendações: 1) que cumpram, sempre

⁶³ *“La inclusión de otra UF en la definición de la unidad, la falta de distinción entre acepciones distintas, la falta de vigencia de la definición o incluso la ausencia de acepciones vigentes, la escasez de informaciones importantes que conforman el significado fraseológico, como pueden ser las informaciones pragmáticas”* (SILVA, 2004a, p. 627).

que possível, a prova da capacidade substitutiva, ou seja, que a definição consiga substituir a unidade que será definida, com igual valor, dentro de contextos; 2) que se dê preferência ao uso de definições próprias⁶⁴, reservando as impróprias para casos em que as UFs que constituem unidades léxicas não admitam uma definição própria (como, por exemplo, nas locuções preposicionais e as interjetivas). Ao observar, especificamente, as definições das locuções adverbiais numa das versões do DRAE, a autora constata que, em muitos casos, são utilizadas definições impróprias, ou seja, mediante explicações sobre essas locuções, quando poderiam ser utilizadas definições próprias.

Dentre os posicionamentos expostos quanto às definições das UFs nos dicionários, dois assuntos, a nosso ver, merecem destaque: o uso de informações enciclopédicas e a escolha pelo tipo de definição a ser adotado numa obra. Sobre o primeiro tema, concordamos com a opinião de García Benito (2002) quanto a omitir as informações enciclopédicas nas definições, porém consideramos que essas informações podem ser úteis e ilustrativas, portanto, poderiam ser incluídas no verbete como informação complementar, sempre que a UF demandasse esse tipo de dado para melhorar sua compreensão. Com relação aos diferentes tipos de definição, estamos de acordo com o posicionamento de Silva (2004a) ao defender o uso de definições adequadas à natureza do significado das diversas UFs. Também concordamos com a necessidade de sistematização dessa informação proposta pela autora. Acrescentamos, apenas, que dentre essas tipologias deve-se dar preferência, segundo aponta González Aguiar (2006) às definições próprias, pois, ao permitirem a prova da capacidade substitutiva é possível compreendê-las dentro de contextos específicos.

5.3.3.5 *A presença e o tratamento dos elementos do contorno*

Um tema relevante diretamente relacionado com a definição das UFs é a presença de elementos do contorno. García Benito (2002, p. 127-129), quem defende o uso da definição sinonímica para essas unidades, alerta para os casos nos quais, o registro inadequado leva à confusão entre a definição e o contorno. Essa autora propõe, como solução, incluir parênteses que delimitem os elementos do contorno. Esses elementos, na visão dessa pesquisadora, são informações essenciais para o uso correto das UFs, pelo qual, devem estar presentes nas definições, embora, devam ocupar um espaço demarcado adequadamente.

⁶⁴ As definições próprias compreendem perífrases, sinônimos e frases que estabelecem a relação entre o elemento definido e seu significado. As definições impróprias não constituem, a rigor, definições; trata-se de explicações oferecidas para o lema.

Na opinião de Penadés Martínez (2006, p. 249, tradução nossa), as informações que se oferecem para as locuções nos dicionários deveriam ser o mesmo tipo de informações que se registram para as outras unidades léxicas, ou seja, nas palavras dessa pesquisadora, “para essas unidades fraseológicas, os dicionários deveriam conter, ao menos, indicações sobre sua classificação, seu contorno e seu regime preposicional”⁶⁵.

5.3.3.6 A natureza dos exemplos de uso

Com relação aos exemplos de uso de UFs nos dicionários, Silva (2006, p. 236-245) identifica dois assuntos que demandam, segundo a autora, a atenção nos estudos fraseográficos: 1) a inclusão das UFs como elementos que exemplificam o uso de palavras lematizadas, 2) a inclusão de exemplos para ilustrar, nos dicionários, o uso de UFs.

Quanto ao primeiro tema, essa pesquisadora considera que esse uso é inadequado, pois além de não ser sistemático, ou seja, trata-se de um uso ocasional em alguns lemas, desconsidera-se a condição da UF como unidade léxica.

No tocante ao segundo tema, essa autora destaca a importância dos exemplos fraseográficos, pois podem desenvolver diversas funções relacionadas às UFs, a saber: 1) auxiliar na definição de UFs de difícil compreensão; 2) oferecer, de forma implícita, informação sintática e gramatical, ilustrando e esclarecendo aspectos que seriam de difícil apreensão apenas pela definição; 3) apresentar a UF dentro de contextos que ajudem a identificar marcas lexicográficas, conotações e relações semânticas mais frequentes; 4) ajudar a distinguir significados nos casos em que a UF possua diversas acepções; 5) incorporar dados socioculturais, que poderão ser de caráter enciclopédico agregando sentido à UF.

A autora conclui que “o verbete de uma UF que queira dar conta das suas características deve incluir, obrigatoriamente, exemplos de uso”⁶⁶ (SILVA, 2006, p. 246, tradução nossa).

5.3.4 Alguns comentários sobre as UFs nos dicionários

⁶⁵ “[...] de estas unidades fraseológicas los diccionarios deberían contener, al menos, indicaciones sobre su clasificación, sobre su contorno y sobre su régimen preposicional” (PENADÉS MARTÍNEZ, 2006, p. 249).

⁶⁶ “[...] el artículo lexicográfico de una UF que quiera dar cuenta de sus características debe incluir, obligatoriamente, ejemplos de uso” (SILVA, 2006, p. 246).

Após as considerações antes expostas quanto aos diferentes aspectos envolvidos na inclusão das UFs nos dicionários, cabe a apresentação de alguns comentários.

Em primeiro lugar, é evidente a carência de avaliações positivas sobre o tratamento que recebem as UFs nos dicionários. Na maioria das vezes, consistem em opiniões, recomendações e direcionamentos dos autores para melhorar as obras de consulta e há falhas apontadas para as quais não se oferecem soluções.

Em segundo lugar, consideramos que as recomendações dos autores consultados constituem adequações para o registro de UFs nos dicionários, enquanto que os erros, as omissões e as falhas, conformam as inadequações. Por esse motivo, e atendendo à procura de parâmetros que direcionem nossas observações nas análises dos dicionários dialetais selecionados para esta pesquisa, essas informações servirão como base para dirigir o estudo crítico desses dicionários.

Depois de ter apresentado e debatido as considerações de diversos autores quanto à presença de UFs nos dicionários, passaremos, na sequência, aos comentários de diferentes estudiosos sobre os dicionários fraseológicos.

5.4 ADEQUAÇÕES E INADEQUAÇÕES NOS DICIONÁRIOS FRASEOLÓGICOS

Alguns estudiosos dos dicionários fraseológicos, como por exemplo Tristá Pérez (1998) e Wotjak (1998), alertam quanto à importância de se estabelecer projetos fraseográficos claros e coerentes com suas finalidades.

Tristá Pérez (1998, p. 299) considera que há dois problemas fundamentais a serem solucionados para o sucesso de qualquer empreendimento fraseográfico: 1) selecionar as UFs que comporão a obra; 2) projetar a forma como essas unidades serão apresentadas no dicionário.

A seriedade de um projeto fraseográfico, assim como em outros projetos lexicográficos, evidencia-se, dentre outras qualidades, pela sistematização dos critérios estabelecidos para sua elaboração. Por esse motivo, essa autora enfatiza:

[...] a importância de o autor seguir critérios únicos e rigorosos que mantenha do início até o fim da obra. Estes critérios podem ser expostos na apresentação e, desse modo, podem ajudar não só ao usuário do dicionário, mas, também, em maior ou

menor grau, ao desenvolvimento da fraseologia e da fraseografia⁶⁷ (TRISTÁ PÉREZ, 1998, p. 301, tradução nossa).

Por sua vez, Wotjak (1998, p. 309) opina que a elaboração de um dicionário fraseológico demanda a atenção de alguns aspectos importantes relacionados à concepção da obra, a saber: 1) suas finalidades (se está voltada para a produção textual, a recepção de textos ou ambas), seus destinatários (se as informações fraseológicas são sobre a língua materna desses destinatários ou sobre outras línguas) e o suporte utilizado para o acesso às informações; 2) a seleção de UFs vigentes e representativas do sistema linguístico que apresenta (com exceção daquelas obras que objetivam a inclusão de informações diacrônicas e etimológicas); 3) o desenvolvimento de uma descrição das UFs na qual sejam evidenciadas as singularidades semânticas, estilísticas e contextuais dessas unidades; 4) a sistematização dos dados, procurando oferecer informações completas de forma compreensível e otimizando sua organização a fim de facilitar o acesso a esses dados.

Uma síntese dessas observações permite identificar algumas peculiaridades na confecção de obras fraseográficas, para as quais esses autores reivindicam atenção, e que, de nossa perspectiva podem direcionar uma análise crítica desse tipo de dicionários, a saber:

- 1) a apresentação dos critérios utilizados para sua elaboração;
- 2) os parâmetros adotados na seleção das UFs que compõem essas obras;
- 3) a forma como se apresentam as UFs nesses dicionários, tanto na descrição quanto na sistematização dos dados.

Analisemos, mediante as considerações de alguns estudiosos dos dicionários fraseológicos, cada um desses aspectos.

5.4.1 Critérios para a elaboração de dicionários fraseológicos

De modo bastante geral, os textos iniciais dos dicionários costumam destinar-se à apresentação dessas obras e, também, prestam esclarecimentos quanto à sua composição e finalidade. Silva (2004b, p. 410-411) comenta que apesar de ter grande importância essa parte

⁶⁷ “[...] la importancia de que el autor siga criterios únicos y rigurosos que mantenga desde el inicio hasta el fin de la obra. Estos criterios pueden quedar expuestos en la presentación y, de este modo, ayudar no sólo al usuario del diccionario, sino también, en mayor o menor medida, al desarrollo de la fraseología y la fraseografía” (TRISTÁ PÉREZ, 1998, p. 301).

das obras lexicográficas, tanto nos dicionários gerais quanto nos fraseológicos não tem recebido um tratamento adequado, pois faltam informações ou possuem equívocos.

Ao pesquisar alguns dicionários fraseológicos de língua espanhola, Penadés Martínez (1999, p. 30) enfatiza a falta de informação nos textos externos, em especial em obras desse tipo, e observa que dados como, por exemplo, os critérios de lematização, não são explicitados de forma clara.

Ruiz Gurillo (2001, p. 64) afirma que os textos externos dedicados à apresentação dessas obras, com frequência, não expõem com clareza informações quanto à delimitação das UFs selecionadas.

Silva (2004b, p. 274) adverte sobre a falta de informações nos textos externos quanto aos princípios adotados nos dicionários para a lematização e organização das UFs. Ademais, essa autora afirma que quando essas informações existem, nem sempre os critérios apontados se aplicam, sistematicamente, em todo o dicionário.

A partir dos comentários das autoras consultadas, no que concerne à explicitação dos critérios de elaboração de dicionários fraseológicos, destacam-se três inadequações nessas obras: 1) a ausência desses dados; 2) sua falta de clareza; 3) sua falta de coerência com os dados macro e microestruturais.

5.4.2 Parâmetros para a seleção das UFs em dicionários fraseológicos

Quanto à seleção das UFs para compor obras fraseológicas, Tristán Pérez (1998, p. 229-304) considera que a visão do autor (ou dos autores) sobre quais são os componentes fraseológicos, e, também, quais são as suas características, constituem os parâmetros basilares que direcionarão muitas de suas decisões na tarefa fraseográfica. Segundo essa pesquisadora, o fraseógrafo pode optar por incluir apenas um tipo de UF. Essa autora identifica de forma especial dois tipos de dificuldades para a seleção das UFs a serem lematizadas: 1) a identificação de falsas UFs; 2) a confusão categorial das locuções. No caso da primeira dificuldade, a autora apresenta, como exemplo, a estrutura da língua espanhola ‘ser + substantivo’, a qual considera uma falsa UF. Para o segundo caso, essa pesquisadora menciona algumas UFs dessa língua que costumam usar-se com determinados verbos, as quais geram dúvidas quanto a sua categoria (ou seja, se são locuções verbais, adverbiais, ou adjetivais) e, conseqüentemente, sobre a forma de inclusão nos dicionários.

Com base na análise de dicionários fraseológicos de língua espanhola, Penadés Martínez (1999, p. 33) destaca dentre as inadequações percebidas, o tratamento nem sempre

satisfatório que recebem as UFs incluídas nessas obras e, em especial, a falta de critérios para a seleção dessas unidades.

Silva (2004b, p. 177) opina que ao se pensar na seleção das UFs para a elaboração de dicionários há que se considerar, em primeira instância, as finalidades e os destinatários dessas obras, embora, também,

[...] para qualquer tipo de dicionário tem um grande peso a concepção de fraseologia que assuma o fraseógrafo ou o lexicógrafo: a definição, classificação e caracterização adotadas para as UF e a adequação da terminologia. Isso é fundamental na hora de determinar os tipos de unidades que poderão compor a obra e como tratá-las⁶⁸ (SILVA, 2004b, p. 177-178, tradução nossa).

Por sua vez, Penadés Martínez (2005a, p. 3) expõe os parâmetros utilizados para a seleção das UFs que conformam sua obra, o *‘Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español’* (PENADÉS MARTÍNEZ, 2005b), esclarecendo que o dicionário acolhe, apenas, as locuções adverbiais da variante peninsular da língua espanhola. Essa pesquisadora adverte que as UFs incluídas nesse dicionário estão restritas às locuções que substituem advérbios e aos sintagmas que possuem função de advérbios e, além disso, elucida o conceito do termo ‘advérbio’, ao expressar que são elementos que modificam um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Quanto à procedência das locuções que conformam os lemas da obra, a autora, informa que foram extraídas de diferentes dicionários (gerais e fraseológicos) e de diversos textos (orais e escritos), e apresenta brevemente cada uma dessas fontes. Como critério de inclusão, essa autora estabeleceu que essas unidades deveriam constar no *‘Diccionario del español actual’* (SECO; ANDRÉS; RAMOS, 1999).

Pela exposição dos autores consultados quanto à escolha das UFs na composição de dicionários fraseológicos constata-se que a concepção de fraseologia do fraseógrafo (ou fraseógrafos) consiste na principal diretriz para direcionar suas decisões. Não obstante, cabe destacar também, em nossa opinião, a observação de Silva (2004b) quanto à importância das finalidades que possui uma obra e seus destinatários nessa tomada de decisões, apontamento com o qual concordamos.

⁶⁸ “[...] tienen gran peso, para cualquier tipo de diccionario, la concepción de fraseología que tiene el fraseógrafo o el lexicógrafo: la definición, clasificación y caracterización adoptadas para las UF y la adecuación de la terminología. Esto es fundamental a la hora de determinar qué tipos de unidades tienen cabida en la obra y cómo tratarlas” (SILVA, 2004b, p. 177-178).

5.4.3 As UFs em dicionários fraseológicos: descrição e sistematização dos dados

Por serem obras especiais, os dicionários fraseológicos se diferenciam dos dicionários gerais (e de outras obras extensas) quanto ao seu conteúdo e quanto às informações que são oferecidas para os lemas e na forma de apresentá-las. Nas fontes consultadas, os pesquisadores versam diferentes aspectos relacionados com o registro e a organização das UFs nesses dicionários, e que são:

- 1) a organização e lematização das UFs;
- 2) a delimitação dos componentes dessas unidades e a presença de variantes;
- 3) a presença e localização dos elementos do contorno;
- 4) as marcas utilizadas;
- 5) a apresentação das definições;
- 6) o tratamento dos exemplos de uso;
- 7) a presença de outras informações microestruturais.

Nas próximas subseções apresentam-se as observações de diversos pesquisadores sobre cada um desses aspectos, seguidas de uma síntese das nossas considerações sobre o tema.

5.4.3.1 A organização e lematização das UFs

No que compete à lematização, Wotjak (1998, p. 311 e p. 313-314) diz que os dicionários fraseológicos podem adotar diferentes posturas. Uma forma para a inclusão de UFs nessas obras, segundo o autor, é lematizando cada um dos elementos constitutivos de uma UF e oferecendo essa unidade como informação, para cada um deles. Outra possibilidade, mencionada pelo autor, é optar por um dos elementos constitutivos da unidade para ser o portador da informação fraseológica.

Penadés Martínez (1999, p. 33-34) observa que, tanto nos dicionários gerais quanto nos dicionários fraseológicos a forma mais frequente de registro das UFs é na microestrutura. Essa pesquisadora esclarece que cada unidade vincula-se a um lema, escolhido segundo uma ordem preestabelecida, o qual se configura como palavra-chave dessa unidade. Na visão dessa autora, em dicionários com objetivos didáticos, essa forma de registro é inadequada, pois, segundo sua opinião, a organização alfabética das UFs, lematizadas a partir do primeiro elemento constitutivo de cada uma delas facilita sua busca para os consulentes não

especializados e para os usuários estrangeiros. Além disso, ao analisar alguns dos dicionários fraseológicos da língua espanhola, a autora adverte que, “é necessário tomar certas precauções na hora de utilizá-los, fundamentalmente no que concerne às unidades fraseológicas incluídas, a sua ordenação alfabética e ao próprio lema dos fraseologismos, aspectos que nem sempre são tratados de forma satisfatória”⁶⁹ (PENADÉS MARTÍNEZ, 1999, p. 33, tradução nossa).

Silva (2004b, p. 272-276) esclarece que, segundo a forma de organização das UFs, essas obras podem ser divididas em: semasiológicas (ordenadas por significantes) e onomasiológicas (organizadas por conceitos). Segundo essa autora, em alguns casos, os dicionários semasiológicos oferecem apêndices com as UFs organizadas de forma onomasiológica, o qual, em sua opinião, auxilia a ordem alfabética do corpo do dicionário e, também, a parte paradigmática⁷⁰.

Ao analisar diversos dicionários fraseológicos, essa pesquisadora identifica que, para esse tipo de obras, utilizam-se diferentes formas de lematização e organização das UFs, as quais são: 1) critério categorial (a entrada corresponde a um dos elementos da UF, segundo uma hierarquia pré-estabelecida); 2) critério estrutural (a lematização se dá pela primeira palavra da unidade); 3) critério semântico (cada elemento da UF é lematizado e essa unidade passa a compor todos os lemas que correspondem a seus elementos estruturais); 4) a ausência de critérios.

A autora refere que os dicionários fraseológicos são propensos a seguir as determinações da tradição lexicográfica, visto que há uma tendência a incluir as UFs como informação microestrutural, na forma de subentradas. Concluindo suas observações, essa pesquisadora destaca duas inadequações dessas obras: “[a] disparidade de critérios utilizados nessa parte do tratamento lexicográfico, ou, ainda, a ausência de critérios e sua falta de sistematização”⁷¹ (SILVA, 2004b, p. 276, tradução nossa).

Penadés Martínez (2005a, p. 5-10) comenta que a macroestrutura de seu dicionário de locuções adverbiais foi organizada em duas partes: no dicionário propriamente dito e nos apêndices. O dicionário está organizado de forma alfabética pela primeira letra do elemento que compõe a locução e, consecutivamente, segue essa ordem para todas as letras que

⁶⁹ “[...] es necesario tomar ciertas precauciones a la hora de utilizarlos, fundamentalmente por lo que se refiere a las unidades fraseológicas incluídas, a su ordenación alfabética y al propio lema de los fraseologismos, aspectos no siempre tratados de forma satisfactoria” (PENADÉS MARTÍNEZ, 1999, p. 33).

⁷⁰ Haensch (1982a, p. 470) esclarece que a parte paradigmática de uma obra lexicográfica pode compreender sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos.

⁷¹ “[la] disparidad de criterios empleados en esa parte del tratamiento lexicográfico, o aun la ausencia de criterios y su falta de sistematización” (SILVA, 2004b, p. 276).

compõem cada unidade. Com relação aos apêndices, essa autora esclarece que foram pensados para os professores de língua espanhola, e consistem em listas que organizam as locuções segundo: o nível de dificuldade (em três listas), as marcas adjudicadas (informal ou vulgar) ou a ausência delas (também em três listas), os campos conceituais aos quais essas locuções estão vinculadas, o agrupamento de locuções adverbiais sinônimas e antônimas e os substantivos que conformam elementos constitutivos dessas unidades. A autora justifica a presença desse tipo de estruturas ao considerar que, o usuário pode associar a locução ao componente que considera de maior importância e, por isso, o apêndice pode auxiliar no reconhecimento dessa locução, em sua forma completa, e direcionar o usuário para as informações contidas no verbete.

Com base nas informações dos autores consultados sobre a forma de lematização das UFs nas obras fraseográficas é evidente a diversidade de critérios de organização adotados por essas obras. De nosso ponto de vista, e em concordância com Penadés Martínez (1999), a opção pelo critério adequado demanda considerar as necessidades dos destinatários. Outro aspecto fundamental, em nossa opinião e em conformidade com Silva (2004b), é a sistematização do critério adotado, cujo uso deve ser extensivo à totalidade dos lemas, em prol da coerência macroestrutural.

5.4.3.2 A delimitação dos componentes fraseológicos e a presença de variantes

Quanto à delimitação dos componentes fraseológicos na lematização das UFs, Tristá Pérez (1998, p. 303) reconhece quatro tipos de elementos facultativos, agrupados segundo atuem: 1) acrescentando mudanças que não são significativas no lema e que consistem, frequentemente, em artigos e pronomes; 2) com a função de intensificadores; 3) mudando o nível estilístico da UF, as quais passam a ter um uso restrito a situações de extrema confiança entre os interlocutores; 4) esclarecendo a forma interna da UF por consistir em elementos que pertenciam a essa unidade e que, com o tempo, foram omitidos. A autora opina que esses elementos devem compor os lemas dos dicionários fraseológicos, embora seja necessário o uso de parênteses para indicar que seu uso é opcional. Por sua vez, segundo Tristá Pérez (1998, p. 303-304), as variantes fraseológicas devem ser incluídas nos dicionários fraseológicos, tendo o cuidado de identificar, pela frequência de uso, qual é a principal e qual a secundária (ou as secundárias). Essas variantes, na visão da autora, podem ser léxicas (mudança de palavras dentro de um mesmo grupo léxico-semântico), morfológicas

(modificação do pronome, do artigo ou da preposição na UF) ou ortográficas (alteração da grafia de um dos componentes da UF).

Wotjak (1998, p. 313-314) enfatiza a dificuldade de lematizar as UFs quando existem variantes, pois ao serem sinônimas há que identificar, caso exista, a mais utilizada. O autor aconselha que, nos casos nos quais não seja possível a identificação de usos preferenciais, diferenças diatópicas ou de outra natureza, todas as variantes devem ser incluídas, procurando estabelecer a melhor forma de registro de acordo com cada caso.

Penadés Martínez (2005a, p. 10-11) explica que em seu dicionário de locuções adverbiais, cada lema está constituído por uma locução, em sua forma canônica. Segundo refere a autora, esse dicionário acolhe dois tipos de variações: léxicas e morfológicas. As variações léxicas estão, em alguns casos, destacadas mediante o uso de símbolos (parênteses ou barras), e em outros casos, lematizadas em entradas diferentes, correlacionadas por remissões. As variações morfológicas recebem uma observação em local predeterminado dentro do verbete, junto às informações gramaticais.

Ao que tudo indica, os estudiosos da Fraseografia são favoráveis à integração de elementos facultativos e de variantes de UFs nas obras fraseográficas, desde que esses elementos estejam bem sinalizados e ocupem um lugar adequado nos verbetes, de modo a diferenciá-los das formas canônicas.

5.4.3.3 A presença e a localização dos elementos do contorno

Os autores consultados restringem seus comentários sobre a presença e a localização dos elementos do contorno aos elementos que costumam ser inseridos nos lemas.

Para Wotjak (1998, p. 313, 319), a elaboração de dicionários fraseológicos demanda, dentre outras ações, que no registro lemático se distingam os elementos composicionais das UFs, dos elementos do contorno, e observa que essa distinção não é habitual em obras desse tipo.

Por sua vez, com base na análise de dicionários fraseológicos da língua espanhola, Penadés Martínez (1999, p. 44) considera que a inclusão de elementos do contorno dentro do lema é inadequada, e alega três motivos: 1) podem levar a equívocos quanto à composição real da UF; 2) sua sistematização é falha, pois sua inclusão é irregular; 3) faltam princípios únicos, nas teorias lexicográficas, que delimitem esses elementos. Essa pesquisadora propõe que,

[...] o lema da unidade fraseológica fique restrito ao que verdadeiramente é sua forma e que em cada verbete do dicionário se habilite um apartado que compreenda informação relativa às possibilidades combinatórias de uma unidade fraseológica, de maneira análoga a como se faz em alguns dicionários de língua, os quais assinalam, num apartado específico, o regime preposicional e os tipos de complementos que costumam utilizar os verbos⁷² (PENADÉS MARTÍNEZ, 1999, p. 34, tradução nossa).

A proposta dessa autora é colocada em prática em seu dicionário de locuções adverbiais. De fato, Penadés Martínez (2005a, p. 14-16) corrobora o seu posicionamento ao dizer que, em sua obra, os elementos do contorno possuem registro em local específico dentro do verbete, pois estão afastados do lema, e separados de outras informações mediante o uso de colchetes.

Independentemente da localização dos elementos do contorno (integrados ao lema ou nas informações microestruturais), de nosso ponto de vista, dois assuntos devem ser observados para evitar confusões quanto à forma canônica das UFs: 1) a diferenciação dos elementos do contorno mediante sinalização adequada (conforme recomendam os autores consultados); 2) a explicitação clara e precisa, nos textos introdutórios, da organização desses dados dentro dos verbetes.

5.4.3.4 O uso de marcas

Wotjak (1998, p. 319) sugere que as marcas informativas sejam utilizadas nos verbetes para indicar, com exatidão, o potencial comunicativo que adquirem as UFs nos contextos de uso.

Ruiz Gurillo (2001, p. 64) observa que há uma grande diversidade dessas marcas para as locuções nas obras fraseológicas, embora considere que, na maioria das vezes, são escassas, pois se aplicam, apenas, quanto à sua categoria e para distingui-las quanto à variedade diafásica (por exemplo, quanto à sua formalidade ou informalidade).

Penadés Martínez (2005a, p. 12, 14) esclarece que seu dicionário de locuções adverbiais abrange tanto as marcas sobre a categoria dessas locuções quanto as marcas utilizadas para diferenciar sua variação diafásica, em especial, entre o caráter formal e o

⁷² “[...] el lema de la unidad fraseológica quede restringido a lo que verdaderamente es su forma y que se habilite en cada artículo del diccionario un apartado que comprenda información relativa a las posibilidades combinatorias de una unidad fraseológica, de manera análoga a como se hace en algunos diccionarios de lengua que señalan en un apartado específico el régimen preposicional y los tipos de complementos que suelen llevar los verbos” (PENADÉS MARTÍNEZ, 1999, p. 34).

vulgar dessas UFs. Essa autora informa que as marcas diafásicas foram extraídas dos dicionários utilizados como fontes, e que esse procedimento representou uma grande dificuldade devido à ausência de marcas em muitos dicionários e, também, pelo fato das marcas oferecidas para uma mesma locução, muitas vezes, não considerarem de um dicionário para o outro.

Pelas observações dos pesquisadores consultados, percebe-se a importância da inclusão de marcas para as UFs nas obras fraseográficas, sejam elas indicadoras da categoria dessas unidades, seja para apontar dados quanto aos diferentes tipos de variações implicadas em seu uso.

5.4.3.5 A apresentação das definições

As observações realizadas por Penadés Martínez (1999, p. 30) quanto à apresentação das definições nos dicionários fraseológicos analisados por essa autora, propicia um dos poucos comentários que apontam adequações, dentre as fontes consultadas para este estudo, sobre esse tipo de obras. Essa autora destaca a clareza e a exatidão das definições em uma das obras pesquisadas.

Ruiz Gurillo (2001, p. 64) nota que nesses dicionários é comum a presença de informação extralinguística nas definições, atitude condenada pela tradição lexicográfica.

Por sua vez, Penadés Martínez (2005a, p. 12-13, 16) expõe o tratamento que recebem as definições em seu dicionário de locuções adverbiais, o qual considera adequado, e que consiste no uso de paráfrases ou de unidades léxicas simples sinônimas das UFs lematizadas. Essa autora esclarece que o contorno, na definição, está delimitado pelo uso de chaves e que cada acepção está separada da seguinte por números arábicos.

Um aspecto que chama a atenção nos estudos que serviram de referência para esta subseção, no que tange às observações feitas pelas autoras quanto às definições, é a brevidade e escassez desses comentários em contraste com os que foram expostos na subseção anterior, para outros dicionários. Consideramos que, por serem obras especializadas em UFs, deveria ser dada igual ou maior atenção a esse aspecto da que recebem as obras não especializadas nessas unidades. Por outro lado, concordamos com as observações de Penadés Martínez (1999) quanto à importância de definições claras e o mais exatas possível. Também partilhamos da opinião de Penadés Martínez (2005a) com relação à delimitação dos elementos

do contorno nas definições assim como, também, sobre a necessidade de diferenciar claramente cada acepção apresentada dentro de um mesmo verbete.

5.4.3.6 O tratamento dos exemplos de uso

Ao analisar o tratamento que recebem os exemplos de uso em diferentes obras fraseográficas de língua espanhola, Penadés Martínez (1999, p. 30) assinala mais uma adequação observada em um desses dicionários, que consiste na atenção dedicada aos exemplos de uso. Essa autora afirma que é comum nesses dicionários a inclusão de exemplos que ilustrem o uso dos significados das UFs.

Sobre a inclusão desse tipo de dados no próprio dicionário, Penadés Martínez (2005a, p. 16-17) esclarece que são outorgados exemplos para todas as acepções e que esses exemplos refletem as informações expostas nas diferentes partes do verbete, pelo qual, pode haver mais de um exemplo para a mesma acepção. Quanto à procedência, essa autora diz que todos os exemplos foram extraídos de usos reais e que, por vezes, foram modificados para adaptar a contextualização e facilitar a compreensão.

5.4.3.7 Outras informações microestruturais

Alguns dos autores consultados sobre a estrutura dos dicionários fraseológicos reconhecem outras informações microestruturais nos verbetes fraseográficos, que consistem em dados sobre a origem ou a etimologia das UFs, ou de um de seus elementos, e em indicações gramaticais e pragmáticas.

Wotjak (1998, p. 314-315) considera desnecessário recorrer a informações etimológicas ou diacrônicas quando a UF possui palavras idiomáticas, sugerindo três soluções para unidades que apresentam essa peculiaridade: 1) o uso de perífrases explicativas com unidades léxicas que não sejam fraseológicas (ou seja, não incluir uma UF para explicar outra); 2) a inclusão de unidades léxicas sinônimas ou antônimas à UF definida no verbete; 3) a inclusão de exemplos criteriosamente selecionados que reflitam o potencial comunicativo dessa unidade e que esclareçam sobre seu uso em contextos.

Penadés Martínez (1999, p. 31-32), possui uma posição contrária à desse autor, e opina que, a partir da perspectiva didática, a inclusão de informação quanto à origem das UFs nos dicionários fraseológicos, além de interessante aos consulentes também é útil, embora

seja preciso ter certo cuidado, visto que, por vezes, essas obras não registram a procedência desses dados.

Com relação à inclusão de informações gramaticais e pragmáticas, na concepção de Wotjak (1998, p. 319), todo projeto fraseográfico deve considerar tanto as informações semânticas quanto as pragmáticas e explicativas.

Penadés Martínez (2005, p. 19) também é a favor da inclusão dessas informações, as quais estão presentes nos verbetes de seu dicionário de locuções adverbiais. Segundo a autora, esses dados estão localizados no final do verbete, e podem incluir esclarecimentos sobre a ortografia. A pesquisadora comenta que, de modo geral, trata-se de explicações sobre diferentes aspectos, como são: 1) o contorno; 2) as variações morfológicas; 3) verbos de uso mais frequente com uma locução; 4) o valor irônico das locuções. Para cada esclarecimento, essa autora afirma que é oferecido um exemplo de uso que atenda, especificamente, o aspecto a ser destacado.

Em vista dos comentários dos pesquisadores consultados, no que concerne às informações pragmáticas, gramaticais e etimológicas que podem oferecer os dicionários fraseológicos, cabe destacar o posicionamento de Wotjak (1998) quanto a se dar igual atenção às informações semânticas, pragmáticas e explicativas para os lemas dessas obras. Concordamos com essa postura do autor, embora discordemos de sua opinião sobre as informações etimológicas e diacrônicas serem desnecessárias para o esclarecimento das palavras idiomáticas que possuem algumas UFs. A esse respeito, parece-nos mais adequada a opinião de Penadés Martínez (1999), quem aponta o valor didático das explicações sobre a origem das UFs para elucidar significados.

Tendo apresentado as informações, os esclarecimentos e as considerações sobre os distintos aspectos dos dicionários fraseológicos, expostos por estudiosos de obras fraseográficas da língua espanhola e, também, nossos próprios comentários sobre o tema, passaremos a tecer algumas considerações, de ordem geral e específica, sobre essas obras.

5.4.4 Alguns comentários sobre as UFs nos dicionários fraseológicos

Em primeira instância, com base nos autores consultados para a elaboração das subseções 5.4.1 a 5.4.3 deste estudo (p.95-115), percebe-se que grande parte dos comentários sobre o tratamento das UFs nas obras fraseográficas possuem um caráter instrutivo, ou seja, buscam propor ou sugerir a forma de proceder na elaboração dessas obras. No entanto,

observa-se também a presença de comentários descritivos sobre as adequações e inadequações de alguns dicionários fraseológicos ou, por vezes, as falhas que esse tipo de obras costuma possuir. Cabe salientar, ademais, a apresentação de soluções para diversas inadequações identificadas, com exceção dos textos externos, os quais só recebem críticas e o apontamento de diversas falhas.

Em segundo lugar, merecem destaque algumas particularidades relacionadas com a lematização e a forma de organização das UFs nesses dicionários. Além da multiplicidade de critérios utilizados para a lematização dessas unidades, chama a atenção o uso de apêndices em alguns dicionários fraseológicos, segundo foi exposto por Silva (2004b, p. 273) e Penadés Martínez (2005a, p. 5-10). A presença desses apêndices, os quais consistem em listas que contêm as UFs organizadas de forma onomasiológica, é justificada pelas autoras nos casos em que os lemas foram dispostos segundo o critério estrutural, ou seja, em ordem alfabética pela primeira palavra da unidade. Essa peculiaridade auxilia, segundo as autoras, a consulta desses dicionários fraseológicos, sendo que os apêndices podem facilitar a busca e o reconhecimento das UFs.

Em terceiro lugar, cabe salientar as informações expostas por Penadés Martínez (2005a) devido ao caráter teórico-prático de sua exposição, apresentando os problemas identificados para a elaboração de seu dicionário e as soluções propostas em vista das finalidades da obra e das necessidades dos destinatários.

De modo particular, interessa ressaltar neste estudo a opinião de alguns autores como, por exemplo, Wotjak (1998, p. 309), Penadés Martínez (1999, p. 33; 2005a, p. 10) e Silva (2004b, p. 177), quanto à importância de se considerar os destinatários das obras fraseográficas para a elaboração dessas obras. O mesmo se observa nas afirmações de Silva (2011, p. 173-174) com relação a obras não especializadas em UFs, sendo que a autora enfatiza a importância de considerar as necessidades dos destinatários para a elaboração de dicionários, por ser um fator que incide em muitas das decisões a serem tomadas nos projetos lexicográficos.

Se, por um lado, o fato de considerar o tradutor como um destinatário de obras lexicográficas e fraseográficas pode direcionar os passos de lexicógrafos e fraseógrafos quanto ao desenvolvimento de projetos de dicionários apropriados a esses usuários, por outro lado, os dicionários, quando bem estruturados, podem auxiliar o desenvolvimento da subcompetência fraseológica do tradutor, pois, além de serem instrumentos de consulta que participam na tradução, constituem obras que contribuem com o aprimoramento cognitivo dos seus consulentes. Ao assumir essas premissas, entendemos que é relevante a análise de

dicionários como fontes para a presente pesquisa, junto às fontes literárias, à procura de entender como se manifesta a subcompetência fraseológica dos tradutores dos romances de Mario Benedetti ao português quanto ao reconhecimento e interpretação das locuções da variante uruguaia do espanhol.

Dando continuidade a este estudo expomos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Mi táctica es / mirarte / aprender como sos / quererte como sos
Mi táctica es / hablarte / y escucharte / construir con palabras / un puente
indestructible [...]
Mi estrategia es / en cambio / más profunda y más / simple
Mi estrategia es / que un día cualquiera / no sé cómo ni sé / con qué pretexto
/ por fin me necesites⁷³
 (BENEDETTI, 1974, p. 54).

Com base na fundamentação teórica elencada nas seções 2 a 5 desta pesquisa (p. 31-107), propõe-se o estudo das locuções a partir de três perspectivas que constituem três momentos:

- 1) Num primeiro momento, busca-se a identificação da presença e da forma de apresentação das locuções nos romances de Mario Benedetti para, após, realizar a procura dessas locuções nos dicionários de uruguaiosismos, a fim de analisar se foram registradas, quais as informações que se oferecem e qual a forma de apresentação desses dados fraseográficos. Como *corpus* de exclusão, usa-se o ‘*Diccionario de la Lengua Española*’ (DLE), com o intuito de certificar que as locuções não foram incorporadas à língua espanhola vernácula, ou seja, que consistem em uruguaiosismos.
- 2) Num segundo momento, procuram-se as traduções para a variante brasileira do português das locuções que constituem o foco do estudo e, quando se tratarem de locuções na língua alvo, realiza-se a busca de seus significados em dicionário fraseológico dessa língua apontando, para cada caso, o grau de correspondência com a locução em espanhol a nível léxico.
- 3) O resultado de todo esse processo, na comparação dos dados coletados, apresenta-se na forma de um glossário documentado ao final deste estudo, o qual proporciona o material necessário para a realização das análises, constituindo o terceiro momento da metodologia proposta.

⁷³ “Minha tática é / olhar-te / aprender como tu és / querer-te como tu és / Minha tática é / falar-te / e escutar-te / construir com palavras / uma ponte indestrutível [...] / Minha estratégia é / no entanto / mais profunda e mais / simples / Minha estratégia é / que um dia qualquer / não sei como nem sei / com que pretexto / por fim me necessites” (BENEDETTI, 1974, 54, tradução nossa).

A pesquisa das locuções que constam nas obras literárias e nos dicionários selecionados é apenas um recorte representativo do universo fraseológico da variante uruguaia do espanhol, pelo qual, estabelece-se que este estudo possui uma orientação indutiva. Marconi e Lakatos (2008) esclarecem que indução:

[...] é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 86).

Essas autoras assinalam que, nos processos indutivos, as premissas levam a conclusões prováveis sobre o tema em análise, logo, não absolutas. As pesquisas alicerçadas no método indutivo se originam em indícios observados e se dirigem a uma solução provável, a qual inclui informações não contidas nas premissas, embora delas se depreendam. O pensamento indutivo parte do específico como, por exemplo, a observação de alguns casos particulares, e chega a conclusões gerais ou universais, representadas por afirmações globalizantes que constituem probabilidades. Em nosso estudo, adotamos as bases indutivas, sem que isso implique a procura de uma verdade universal sobre os fatos observados, a rigor inexistente, mas apenas com o intuito de indicar tendências do tratamento que recebem as locuções da variante uruguaia nas fontes pesquisadas e as possibilidades de aplicabilidade em projetos lexicográficos e fraseográficos direcionados a tradutores.

A análise proposta se enquadra, portanto e mais especificamente, entre as formas de indução incompleta ou científica (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 89-90), a qual permite, pela observação de uma amostra substancial dos objetos pesquisados, formular conclusões generalizantes. No entanto, as autoras alertam para o fato de que deve ser estudada uma quantidade suficiente de dados, necessária para adquirir força argumentativa que direcione coerentemente essas afirmações. A escolha das fontes para esta pesquisa e o levantamento do *corpus* para a análise seguem essa recomendação, sendo objeto do estudo todas as locuções da variante uruguaia do espanhol que foram reconhecidas nos romances de Mario Benedetti e suas traduções à variante brasileira do português.

O método indutivo, conforme explicam Marconi e Lakatos (2008, p. 87), consta de três etapas: 1) a observação e a análise dos dados; 2) a percepção do vínculo estabelecido entre eles mediante comparação dos mesmos; 3) a generalização desse vínculo para um universo parcialmente observado.

Portanto, esses passos correspondem às etapas seguidas para a análise crítica fraseográfica e a análise das traduções quanto ao reconhecimento e interpretação das locuções, após as quais, e com base nesses dados, propõe-se a discussão quanto à aplicabilidade das informações fraseográficas para fins tradutórios e para o aprimoramento da subcompetência fraseológica do tradutor.

A fim de detalhar os procedimentos adotados para a realização deste estudo, nas próximas subseções apresentam-se, em primeiro lugar, os critérios assumidos para a seleção das fontes e a delimitação do *corpus*, e posteriormente, os fundamentos adotados para efetuar as análises.

6.1 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DAS FONTES E A DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

As fontes para esta pesquisa provêm de dois âmbitos ou gêneros textuais diferentes: 1) o literário, composto por romances do escritor Mario Benedetti e as edições traduzidas para a variante brasileira do português; 2) o lexicográfico, composto por dicionários de uruguaisismos.

A escolha do escritor Mario Benedetti como foco deste estudo atende aos seguintes critérios: 1) trata-se de um escritor contemporâneo que retrata a fala cotidiana dos habitantes de Montevideu; 2) suas obras foram traduzidas a diversas línguas, dentre elas o português. Ao escrever uma das biografias de Benedetti, Gómez (2009, p. 11, tradução nossa) constata que “A obra de Benedetti é um reflexo dos habitantes e da história do Uruguai”⁷⁴. Sua fala tipicamente montevideana refletida nos romances serve de fio condutor mediante o qual retrata suas personagens e o entorno sócio-histórico da capital Uruguiaia.

As fontes literárias consistem em todos os romances escritos por Mario Benedetti que possuem edições traduzidas para essa variante. Optou-se por escolher as obras em formato digital, disponibilizadas integralmente em sites da internet, pois, além do fácil acesso, o seu formato eletrônico em programa PDF permite realizar consultas no texto de forma ágil e segura. Essas obras foram comparadas com versões publicadas no Uruguai em suporte convencional (publicações impressas no formato de livro) para atestar sua fidedignidade com relação às publicações impressas. Por sua vez, visto o intuito de oferecer dados que possibilitem as comparações intertextuais, decidiu-se considerar para o estudo todas as

⁷⁴ “La obra de Benedetti es un reflejo de las gentes y de la historia de Uruguay” (GÓMEZ, 2009, p. 11).

edições desses romances traduzidas para a variante brasileira do português que estivessem disponíveis para a compra no momento da coleta.

Para a seleção dos dicionários que compõem fontes desta pesquisa foram seguidos alguns parâmetros que obedecem, por um lado, a razões de ordem teórica, e por outro lado, a motivos de ordem prática.

Tendo em vista as considerações teóricas elencadas nas subseções 4.3 e 4.4 deste estudo (p. 66-79) no que concerne à tipologia das obras lexicográficas, determinou-se que os dicionários incluídos como fontes para a pesquisa consistem em obras com as seguintes características:

- são monolíngues;
- ocupam-se exclusivamente da variante uruguaia do espanhol;
- podem ser tanto exaustivas como seletivas (ou seja, dicionários fraseológicos);
- são tradicionais quanto ao suporte utilizado.

Quanto aos motivos de ordem prática, considera-se que a disponibilidade para a compra ou a consulta dos dicionários é um fator determinante para sua seleção, pois se sabe da existência de diversos dicionários de uruguaios mencionados por Alvar Ezquerro (2002, p. 422), porém, são obras de difícil ou impossível acesso.

Na delimitação do *corpus*, considerando a conceituação de ‘locução’ assumida neste estudo, a qual foi explicitada na subseção 2.4 § 5 deste estudo (p. 43), o objeto de análise compõe-se, a rigor, das locuções da variante uruguaia do espanhol presentes em romances do escritor Mario Benedetti, usando como *corpus* de exclusão o DLE quanto às informações recolhidas nas fontes lexicográficas e fraseográficas.

Após ter estabelecido os critérios para a escolha dos dicionários e para a delimitação do *corpus*, expor-se-ão, na próxima subseção, os fundamentos para o desenvolvimento das análises.

6.2 CRITÉRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ANÁLISES

A observação e a análise dos dados constitui o primeiro passo da metodologia adotada dentro do processo indutivo.

A fase da observação consiste na identificação das locuções nos textos literários para a qual se assumem três procedimentos:

- 1) a consulta aos dicionários fraseológicos para extrair e listar as locuções que constituem entradas dos verbetes, a procura dessas locuções nos textos literários em espanhol de forma digital e a consulta ao *corpus* de exclusão (DLE) para a delimitação das locuções que consistem em uruguaismos;
- 2) a leitura desses romances à procura de outras locuções utilizando, para isso, a subcompetência fraseológica da autora deste estudo e, posteriormente, a consulta aos dicionários gerais de uruguaismos e ao DLE para constatar o caráter fraseológico e diatópico dessas locuções;
- 3) a procura das traduções propostas para as locuções nas edições escritas em português a fim de oferecer dados para a comparação das formas contextualizadas.

Esse processo constitui uma adaptação dos procedimentos expostos por Sevilla Muñoz na subseção 3.3 deste estudo (p.58-59) e, mediante a aplicação desse método, busca-se obter informações para a organização de um glossário documentado.

Os princípios assumidos para as análises provêm, por um lado, da crítica fraseográfica e da teoria fraseográfica, elencados na seção 5 desta pesquisa (p. 81-107), no que tange ao estudo da presença e do tratamento das UFs nos dicionários e à relevância dessas informações para destinatários específicos. Por outro lado, considerando os princípios provenientes dos Estudos da Tradução elencados na seção 3 deste estudo (p. 47-61), em especial quanto ao conceito de ‘subcompetência fraseológica do tradutor’, propõe-se o estudo das traduções das locuções em contextos especificamente quanto ao processo de reconhecimento e interpretação das mesmas.

Os dicionários são obras que apresentam uma estrutura particular dividida em macroestrutura, microestrutura e textos externos e, devido a isso, julgamos necessário avaliar os elementos constitutivos desse tipo de obras a fim de apresentar aspectos gerais da sua composição.

Quanto ao caráter crítico das análises lexicográficas Haensch e Omeñaca (2004, p. 329, tradução nossa) observam o crescente número de dicionários de todos os tipos que se publicam constantemente e afirmam que “[...] uma atitude crítica é mais necessária do que nunca [pois] Onde não há crítica, mas apenas indiferença, não há sequer um estímulo para melhorar essas obras de consulta. [Por esse motivo] A crítica não deve ser puramente elogiosa

nem mal-intencionada, deve ser objetiva”⁷⁵. Com a finalidade de oferecer subsídios às resenhas críticas de dicionários, esses autores propõem um modelo que serve de diretriz para sua análise o qual adotamos na apresentação das obras selecionadas, na subseção 7.1.2 deste estudo (p. 123-133) dedicada à apresentação dos dicionários de uruguaismos.

Opinamos que a proposta de Haensch e Omeñaca (2004, p. 329-334) proporciona o direcionamento para estabelecer uma sequência de estudo e para obter uma visão dos principais traços de cada um dos dicionários selecionados. Por esse motivo, assumimos as diretrizes sugeridas por esses autores no que se refere à descrição geral das fontes lexicográficas e fraseográficas da pesquisa, respeitando a seguinte ordem para as observações: 1) dados bibliográficos (título da obra, número de páginas, número de entradas, entre outros); 2) características tipológicas (o caráter linguístico ou enciclopédico, fontes utilizadas para sua elaboração, seleção do vocabulário, classificação do material léxico, entre outras); 3) estrutura da obra (prefácio, introdução, listas de símbolos e siglas, *corpus* do dicionário, anexos, entre outras); 4) microestrutura (lematização, ortografia, indicações fonéticas, entre outras).

Essas orientações, no entanto, como os próprios autores observam, não são absolutas, sendo que, devido às particularidades das diferentes obras fraseográficas, são necessárias modificações (omissões ou acréscimos) de dados que constam nos itens enumerados. Cabe salientar também, que a descrição microestrutural está restrita aos verbetes que possuem informações sobre as locuções, e por isso, será realizada junto com a análise dos verbetes selecionados.

Silva (2004b, p. 422-423) aponta a necessidade de métodos específicos para a crítica de dicionários e reconhece que a particularidade estrutural dessas obras impede a leitura integral desses livros, pelo qual afirma que “ele [o crítico] deve encontrar outros métodos para conhecer um dicionário, tais como a aplicação de provas específicas o a elaboração de uma lista bem estruturada na qual constem os itens que devem ser investigados”⁷⁶ (SILVA, 2004b, p. 423, tradução nossa).

Consideramos que a listagem dos itens a serem pesquisados constitui um auxílio ao crítico, pois permite uma organização sequencial para a observação e a análise dos dados. Por

⁷⁵ “[...] una actitud crítica es más necesaria que nunca [pues] Donde no hay crítica y sólo indiferencia, no hay siquiera un estímulo para mejorar estas obras de consulta. [Por esa razón] La crítica no tiene que ser ni puramente elogiosa ni malintencionada, sino objetiva” (HAENSCH; OMEÑACA, 2004, p. 329).

⁷⁶ “[...] este [el crítico] debe encontrar otros métodos para conocer un diccionario, tales como la aplicación de pruebas específicas o la elaboración de una lista bien estructurada donde consten los ítems que deben investigarse” (SILVA, 2004b, p. 423).

esse motivo, seguimos as diretrizes propostas por Silva (2011, p. 168) quanto aos aspectos que, de modo geral, devem ser observados, ou seja:

- o conceito sobre ‘fraseologia’ assumido no dicionário;
- a escolha das UFs incluídas na obra;
- os critérios utilizados no registro dessas unidades nos dicionários e a sistematização desses dados.

Para obter essas informações recorreremos a duas partes dos dicionários. Em um primeiro momento, analisamos seus textos externos à procura da explicitação desses dados os quais, neste estudo, serão expostos na subseção 7.1.2 (p.123-133) ao apresentar os dados fraseográficos de cada obra. Num segundo momento, analisamos essas informações mediante a observação dos elementos microestruturais, examinando sua coerência com os dados descritos nos textos externos, assim como, sua sistematização.

Com relação à análise da presença e do tratamento das UFs nos dicionários, cabe salientar que os dicionários exaustivos e os dicionários fraseológicos, por serem obras tipologicamente distintas, possuem particularidades quanto à apresentação dos dados, e por essa razão, devem ser analisadas a partir de diferentes perspectivas. Em virtude dos dicionários exaustivos selecionados apresentarem uma estrutura semelhante ao dos dicionários gerais, vista a diversidade de informações que buscam compreender, opinamos que, para sua análise, podem ser úteis muitas das metodologias utilizadas pela crítica fraseográfica no estudo de obras gerais.

No que concerne à análise da presença das locuções nos dicionários, os procedimentos para sua localização também diferem em função das tipologias, pois enquanto as obras fraseográficas compreendem (ou deveriam compreender) apenas UFs, o que facilita sua detecção, os dicionários gerais costumam incluí-las entre as informações microestruturais. Devido a essa particularidade do dicionário fraseológico, foi determinado que o processo de levantamento das locuções deveria iniciar-se na fonte que se ocupa, especificamente das UFs, a fim de procurar, posteriormente, essas locuções nos dicionários gerais. Esse primeiro levantamento das locuções nas fontes fraseográficas realiza-se manualmente, ou seja, pela procura direta pelas entradas nessa fonte. Após, confere-se a presença e o tratamento que recebem as locuções nos dicionários exaustivos.

Os dados resultantes desse procedimento, após o recorte e a transcrição dos verbetes selecionados, possibilitam a visão do conjunto das informações locucionais em cada tipo de

dicionário. Por sua vez, a contraposição dos dados obtidos permite uma análise comparativa da presença e da apresentação das locuções nos dicionários.

Quanto ao tratamento que recebem as UFs nos dicionários gerais, para Silva (2011, p. 167), o fato dessas unidades não receberem a atenção adequada nessas obras pode desencadear pesquisas fraseológicas defeituosas e a perpetuação dessas inadequações em outros dicionários. Essa autora alerta para a importância dos estudos críticos desses instrumentos de consulta nos quais sejam apontadas as deficiências, mas, também, as qualidades. Concordamos com essa afirmação, pelo qual, nesta pesquisa o estudo crítico metafraseográfico das obras selecionadas parte de uma perspectiva descritivo-analítica para evidenciar tanto as adequações quanto as inadequações que apresentam esses dicionários no tratamento das locuções.

Especificamente, para a análise microestrutural, quanto ao registro das locuções nas obras exaustivas, segue-se a junção das observações feitas pelos autores consultados, apresentada na subseção 5.2.3 deste estudo (p. 88), ou seja:

- sua localização no dicionário;
- sua disposição dentro do verbete;
- o uso de marcas;
- a forma como são definidas e o conteúdo da definição;
- a presença e o tratamento dos elementos do contorno;
- a natureza dos exemplos de uso.

Os dicionários fraseológicos, por sua vez, constituem obras especiais e seletivas, pelo qual, espera-se que possuam informações mais detalhadas que os dicionários exaustivos quanto às UFs que congregam. Para a análise microestrutural das obras fraseológicas, utilizam-se os parâmetros estabelecidos na subseção 5.4.3 desta pesquisa (p. 98), apresentados como síntese dos aspectos investigados pelos autores consultados. Esses aspectos constituem, neste estudo, diretrizes para as observações quanto ao registro das locuções, no que tange a:

- sua organização e lematização;
- a delimitação dos componentes dessas locuções e a presença de variantes;
- a presença e a localização dos elementos do contorno;
- o uso de marcas;
- a apresentação das definições;
- o tratamento dos exemplos de uso;
- a presença de outras informações microestruturais.

As informações provenientes da análise microestrutural, tanto nos dicionários exaustivos quanto no fraseológico, poderão ser apontadas de forma geral, para todas as locuções contidas em um mesmo dicionário, vista a sistematização dos dados que essas obras de consulta costumam adotar.

Após as análises das locuções no gênero textual lexicográfico, realizam-se as análises no plano contextual relativo aos textos literários. Para isso, transcrevem-se trechos dos romances de Mario Benedetti escritos em espanhol, nos quais há locuções da variante uruguaia, e contrapõem-se com as suas traduções nas edições brasileiras.

Inicialmente, propõe-se uma análise comparativa a nível léxico, seguindo a proposta de Corpas Pastor exposta na subseção 3.3 § 5-6 deste estudo (p. 58), na qual, procura-se estabelecer o grau de correspondência no caso de ambas as estruturas, a do TF e a do TA, serem locuções. Após, passa-se ao plano textual a fim de analisar as traduções e detectar se houve o reconhecimento e a interpretação adequada das locuções por parte dos tradutores, ou seja, o desenvolvimento da subcompetência fraseológica dos tradutores para identificar e interpretar significados, acepções e particularidades culturais das locuções, além dos jogos linguísticos entre a literalidade, a idiomatidade e os elementos culturais envolvidos.

O segundo passo da metodologia consiste na comparação dos dados obtidos nas fontes lexicográficas e literárias, a fim de realizar comentários quanto à presença (ou a ausência) e à forma de tratamento das locuções, tanto nos dicionários quanto nas traduções. O intuito dessa fase da pesquisa, no que se refere às obras literárias e suas traduções, é identificar os acertos e equívocos de interpretação relevando, assim, as estratégias desenvolvidas pelos tradutores no aprimoramento da subcompetência fraseológica, com foco no desenvolvimento de uma ‘subcompetência locucional’, mas, também, os aspectos locucionais que constituem um maior desafio para os tradutores.

Os resultados das fases analítica e comparativa possibilitam a realização do terceiro passo da metodologia, que consiste na generalização das relações estabelecidas para os dados estudados, permitindo, assim, estabelecer discussões quanto à pertinência dos dados coletados nas fontes pesquisadas e sua aplicabilidade para fins de tradução. Nessa fase da pesquisa, serão formuladas algumas propostas no intuito de, por um lado, auxiliar a elaboração de dicionários quanto à forma de tratamento das UFs, em especial as locuções, e por outro lado, discutir as bases necessárias para que essas informações sejam úteis aos tradutores. Desse modo, espera-se contribuir com os estudos tradutológicos e lexicográficos, ao indicar

caminhos dentro das fontes lexicográficas que possam ser úteis para achar soluções aos problemas de tradução.

Após ter apresentado os alicerces metodológicos e os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste estudo, expor-se-ão, no próximo capítulo, as análises propriamente ditas.

7 ANÁLISE DOS DADOS

*Montevideo ¿qué es?
¿Un Benedetti clonado?
¿O Benedetti es otro nombre de Montevideo?
La ciudad y él se parecen mucho.*⁷⁷
(CASAS, 2004, depoimento de Eduardo Galeano).

Este capítulo comporta informações sobre o desenvolvimento da pesquisa e está dividido em três subseções. A primeira subseção é destinada à apresentação dos romances e dos dicionários que conformam as fontes do estudo e inclui tanto as informações para sua descrição geral quanto informações específicas que, no caso dos dicionários, versam sobre o conceito de fraseologia assumido por cada obra, a seleção das UFs incluídas nessas obras e a forma de seu registro. Na segunda subseção é apresentado o *corpus* da pesquisa, o qual está constituído pelas locuções extraídas dos romances e que possuem registro nos dicionários. A terceira subseção comporta as análises propriamente ditas e inclui as observações provenientes do contraste realizado nos dicionários e nos romances, assim como algumas generalizações que são produto da extrapolação do universo observado.

7.1 APRESENTAÇÃO DAS FONTES

Considerando que as fontes utilizadas possuem características diferentes, por se tratar de dois tipos de gêneros textuais, apresentam-se, inicialmente, os romances do autor Mario Benedetti por serem as fontes determinativas para a seleção dos dados e, posteriormente, os dicionários selecionados para a pesquisa.

7.1.1 Os romances de Mario Benedetti e suas traduções

Mario Orlando Hardy Hamlet Brenno Benedetti Farrugia ou, simplesmente, Mario Benedetti, nasceu em 1920 na cidade de *Paso de los Toros*, localizada na região central do Uruguai. Aos quatro anos de idade, sua família decide se mudar para a capital, cidade que

⁷⁷ “O que é Montevideú? Um clone de Benedetti? Ou Benedetti é outro nome para Montevideú? A cidade e ele se parecem muito.” (CASAS, 2004, tradução nossa). O trecho exposto e traduzido consiste em parte dos depoimentos de Eduardo Galeano no documentário ‘*Palabras verdaderas*’ (CASAS, 2004) que trata da vida e da obra de Mario Benedetti (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hrHqH7qASUQ>. Acesso em: 07 mar. 2018).

Benedetti adota como sua independentemente do longo exílio político e os diversos países em que esteve.

No decorrer dos seus 88 anos de existência, Benedetti deixou um amplo legado literário transitando por todos os gêneros da literatura. Segundo aponta Gómez (2009, p. 13), Benedetti publicou mais de 70 livros⁷⁸, embora apenas sete deles sejam romances. Quanto à sua divulgação em outras línguas além da materna, esse autor diz que existem em torno de 900 edições em múltiplos idiomas.

Na procura por edições brasileiras dos romances de Benedetti somente quatro títulos foram encontrados, porém, para alguns deles, há diversas versões. Para facilitar o reconhecimento das obras ao longo do estudo e, seguindo os passos de Tapial Antón (1992), que na sua tese sobre os romances e contos desse escritor propõe a elaboração de um glossário para facilitar a leitura dessas obras no âmbito da Espanha, adotamos o uso de acrônimos para nos referir a cada uma dessas obras, que são: '*Quién de nosotros*' (QN); '*La tregua*' (LT); '*Primavera con una esquina rota*' (PER); '*La borra del café*' (BC).

Passaremos a uma breve descrição de cada um desses romances que inclui o ano de publicação e a trama, com foco na forma em que o escritor descreve sua cidade entranhável.

O livro QN, escrito e publicado por Benedetti em 1953, é o primeiro dos seus romances que vê a luz na forma de publicação paga por ele mesmo. Dividida em três partes, a história conta o triângulo amoroso vivido por Miguel, Alicia e Lucas sendo que cada personagem narra uma parte. A trama se desenvolve com agilidade sendo os capítulos curtos e utilizando como pano de fundo as cidades de Montevideu e Buenos Aires.

O romance LT é talvez o que mais repercussão obteve dos escritos por Benedetti, recebendo adaptações para o cinema e o teatro. Publicado por primeira vez em 1960, retrata a vida de Martín Santomé, um funcionário público viúvo e com três filhos jovens que está prestes a se aposentar e abandonar o seu tedioso emprego, quando conhece a jovem subalterna, Laura Avellaneda, por quem se apaixona. O casal vive um romance breve, porém intenso, que culmina com a morte de Avellaneda e o desespero de Martín, quem reconhece que esse episódio da sua vida foi apenas 'uma trégua'. O texto está escrito na forma de diário pessoal de Martín, consagrando a agilidade no desenvolvimento da trama, na forma de capítulos curtos, própria dos romances de Benedetti. Nesse livro, o escritor desenvolve uma

⁷⁸ O site da Fundação Mario Benedetti (<https://www.fundacionmariobenedetti.org/>) aponta mais de 100 publicações, entre livros e outras edições.

descrição apurada da cidade de Montevidéu e de seus habitantes, a qual vai evidenciar-se em muitas de suas obras posteriores.

Em PER, escrito em Palma de Mallorca e publicada em 1982, Benedetti retrata as amarguras da ditadura e do exílio, para o qual, numa visão algo otimista e declaradamente idealista, inventa e registra a palavra '*desexilio*'. Utilizando sua dinâmica de capítulos curtos, porém profundos, o escritor dá voz a cinco dos seus personagens e participa, ele mesmo, da narrativa de trechos da sua própria vivência como exilado. As personagens que narram a história de forma intercalada são: Santiago, um preso político que está em Montevidéu e, ao avançar os capítulos, ganha sua liberdade para viajar rumo à Espanha, onde a sua família está exilada; Graciela, esposa de Santiago, espera por ele durante cinco anos, porém, ao aproximar-se a sua anistia, percebe que está apaixonada por um dos amigos do marido; Rolando, amigo de Santiago, que se apaixona e vive um romance com Graciela; Don Rafael, pai de Santiago, também exiliado na Espanha, sabe do envolvimento de Graciela e Rolando, mas oculta isso do filho para que ele não sofra ainda mais e consiga sobreviver às crueldades da prisão; Beatriz, filha de Graciela e Santiago, deseja reencontrar o pai e tenta entender, desde sua visão infantil, o complexo mundo estabelecido pela ditadura uruguaia. Nesse romance, Benedetti 'brinca' com as lembranças da terra natal, de seus habitantes e dos lugares que costumava frequentar. Benedetti pode ter deixado Montevidéu, mas é certo que Montevidéu não deixou Benedetti.

O último romance que compõe fonte para a nossa pesquisa é BC. Escrita em 1992, essa história acompanha a vida de Cláudio, o qual compartilha muitos dos traços da própria biografia de Benedetti. A história inicia aos cinco anos de idade de Cláudio e se alastra até sua juventude, na qual deve abandonar um romance ocasional com uma figura aparentemente imaginária chamada Rita para se casar, num futuro próximo, com sua namorada Mariana. A história retrata com detalhes lugares e personagens cotidianos de um Montevidéu contemporâneo, porém, sempre de antanho.

Na busca por versões traduzidas à variante brasileira do português dos romances acima descritos, foram encontradas e adquiridas oito publicações. Da mesma forma que fizemos com as versões em espanhol, foram adjudicados acrônimos para as edições brasileiras que são: 'Quem de nós' (QDN); 'A Trégua' (AT); 'Primavera num espelho partido' (PEP); 'A borra do café' (BDC).

Do romance QDN foram encontradas duas edições: 1) publicada pela editora Mercado Aberto em 1992 e traduzida por Charles Kiefer⁷⁹; 2) publicada pela editora Record em 2007 e traduzida por Maria Alzira Brum Lemos⁸⁰.

Para AT localizaram-se três edições: 1) a da editora brasiliense, de 1989, com a tradução de Mustafa Yasbek⁸¹; 2) a publicação da editora Alfaguara, de 2007, com a tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo⁸²; 3) a edição de bolso, publicada por L&PM Pocket em 2008, com a tradução de Pedro Gonzaga⁸³.

Do romance PEP só foi encontrada a publicação, da editora Alfaguara, lançada em 2009, com a tradução de Eliana Aguiar⁸⁴.

Por último, foram localizadas duas edições de BDC: 1) a publicação da editora Record, do ano 1992, traduzida por Ari Roitman e Paulina Wacht⁸⁵; 2) a publicação da editora Alfaguara, de 2012, traduzida por Joana Angélica D'Ávila Melo.

⁷⁹ Charles Kiefer nasceu no Rio Grande do Sul em 1958. É professor universitário e escritor, tendo publicado mais de 30 títulos e recebido diversos prêmios literários, dentre os quais o prêmio Jabuti, o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, e o prêmio Monteiro Lobato, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Nas décadas de 1980 e 1990 fez diversas traduções de autores da Argentina, da Espanha e do Uruguai para a editora Mercado Aberto (Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/9444259/charles-kiefer> e <https://www.livrariacultura.com.br/e/kiefer-charles-124784>. Acesso em: jan. de 2019).

⁸⁰ Maria Alzira Brum Lemos nasceu em São Paulo em 1959 e atualmente reside no México. É escritora em português e em espanhol, investigadora, tradutora e realizadora de atividades artísticas, culturais e literárias. Possui doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. Fez diversas traduções de autores da Argentina, do México, do Uruguai, entre outros, para as editoras Casa da Palavra, Ediouro, Planeta do Brasil, Record, entre outras (Informações disponíveis em: <http://www.elem.mx/autor/datos/121738> e <http://lattes.cnpq.br/6823593171679533>. Acesso em: jan. 2019).

⁸¹ Mustafa Yazbek nasceu em 1952, no Brasil. Formou-se em História pela USP e atuou como publicitário e repórter jornalístico. Desde a década de 1980 é escritor, ganhador do prêmio Jabuti de Literatura Juvenil, e traduz livros de autores dos Países Baixos, de Porto Rico e do Uruguai para a editora Ática (Informações disponíveis em: <https://www.livrariacultura.com.br/e/yazbek-mustafa-64318> e <https://listasdelivros.blogspot.com/2018/12/mustafa-yazbek-escritor-brasileiro.html>. Acesso em: jan. 2019).

⁸² Joana Angélica D'Ávila Melo nasceu em Sergipe em 1941. É formada em Letras Neolatinas pela UFS e em Jornalismo pela UFRJ, instituição na qual trabalhou como docente da disciplina de Literatura Brasileira. Atuou como professora de francês, repórter, editora, redatora e colaboradora em jornais e revistas de abrangência nacional, redatora e revisora de verbetes de enciclopédias, atuando como tradutora nas línguas francesa, italiana e espanhola. Dentre as mais de 70 traduções, 50 são literárias para as editoras Alfaguara, Ediouro, Objetiva, Record, entre outras, de autores como, por exemplo: Andrea Camilleri, Mario Benedetti, Mario Vargas Llosa, Marguerite Yourcenar e Umberto Eco (JOANA ANGÉLICA D'ÁVILA MELO, 2009).

⁸³ Pedro Gonzaga nasceu em 1977, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), e têm graduação em Publicidade e Propaganda e mestrado em Letras, ambos pela UFRGS. É radialista, músico, escritor de contos e poesia, professor de latim e tradutor da editora LP&M. Traduz principalmente do inglês, em especial o autor norte-americano Charles Bukowski (PEDRO GONZAGA, 2013).

⁸⁴ Apesar de ser uma tradutora afamada e de longa produção, poucas foram as informações encontradas sobre Eliana Aguiar, a não ser sua extensa experiência como tradutora para diversas editoras (Alfaguara, Contraponto, Objetiva, Record, Suma de Letras, Zahar) e de autores renomados como, por exemplo, Umberto Eco.

⁸⁵ Ari Roitman nasceu em 1951 no Rio de Janeiro, exilando-se na Argentina entre os anos de 1971 e 1982. É psicanalista, editor e tradutor; sua característica mais marcante é a produção de traduções em colaboração com outros tradutores, em especial com Paulina Watch, com a qual publica 47 das suas 62 obras traduzidas para as editoras Alfaguara, Companhia das Letras, Record, Zahar, entre outras, e de editoração própria, nas

Após ter apresentado as fontes literárias para este estudo, serão descritas, na sequência, as fontes lexicográficas.

7.1.2 Os dicionários de uruguaiosmos

Para a apresentação dos dicionários selecionados como fonte da pesquisa seguem-se as diretrizes estabelecidas por Haensch e Omeñaca (2004, p. 329-334) e por Silva (2011, p. 168), as quais foram explicitadas, neste estudo, na subseção 6.2 (p. 114-115), dedicada à metodologia.

No que concerne à denominação de cada obra, Martínez de Sousa (2009, p. 20) comenta que é habitual o uso de siglas, formadas com as iniciais dos títulos das obras lexicográficas, para fazer referência a dicionários específicos, como, por exemplo, o ‘*Diccionario de la Real Academia Española*’ (DRAE) e o ‘*Diccionario de usos del Español*’ (DUE). Seguindo essa tendência, as obras aqui escolhidas são citadas, no decorrer do texto, utilizando acrônimos derivadas dos seus títulos ou de parte deles.

Durante o processo de seleção dos dicionários, seguindo os critérios preestabelecidos na metodologia, teve-se acesso, inicialmente, a duas obras, uma fraseológica e outra exaustiva. A primeira consiste no dicionário ‘*Mil dichos, refranes, locuciones y frases del español del Uruguay*’ (MDU) e a segunda é o ‘*Diccionario del español del Uruguay*’ (DEU). A esses dicionários somou-se, posteriormente, o ‘*Nuevo diccionario de uruguayismos*’ (NDU), que também é uma obra exaustiva. Essas três obras são as mais representativas quanto à quantidade de informação locucional que oferecem e, por esse motivo as denominaremos ‘fontes principais’ dentro do âmbito dos dicionários. A elas somam-se mais duas obras de caráter fraseológico cuja contribuição é discreta perante as fontes principais e, por isso, as denominaremos ‘fontes complementárias’.

As fontes complementárias consistem em o ‘*Diccionario Uruguayo Documentado*’ (DUD) e o ‘*Diccionario Documentado de Voces Uruguayas en Amorim, Espínola, Más de Ayala y Porta*’ (DDVU). Essas duas obras registram como entrada tanto as palavras utilizadas no Uruguai quanto as locuções e as frases proverbiais, numa mesma seção, por ordem alfabética do primeiro elemento léxico. Por esse motivo e apesar de enquadrá-los entre

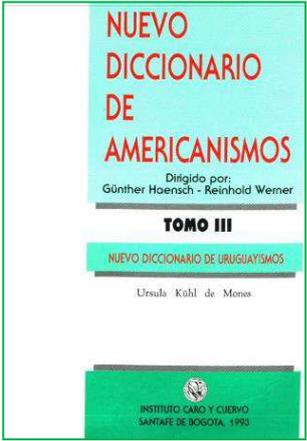
editoras Relume-Dumará e Garamond das quais é fundador. Dentre as obras traduzidas, encontram-se as de autores hispano-falantes renomados como, por exemplo, Julio Cortázar, Mario Benedetti, Mario Vargas Llosa e Octavio Paz (ARI ROITMAN, 2011).

os dicionários fraseológicos para a concretização deste estudo, reconhece-se sua característica de obras mistas.

Para a descrição geral dos dicionários selecionados iniciaremos a apresentação das informações obtidas nos textos externos das fontes principais para, num segundo momento, apresentar as das fontes complementárias. Por serem obras pouco conhecidas fora do âmbito uruguaio (excetuando o NDU que inclusive nesse âmbito possui pouca divulgação), apresentam-se, junto com as informações bibliográficas, a ilustração de suas capas.

O NDU, cuja inclusão como fonte para a pesquisa foi posterior à seleção do MDU e do DEU é, na verdade, o mais antigo desses três dicionários e o único, dentre os selecionados para o estudo, que foi publicado fora do Uruguai. Os dados bibliográficos desse dicionário e a ilustração de sua capa expõem-se no Quadro 11.

Quadro 11 - Capa e dados bibliográficos do NDU.

	<p>Autores: Günther Haensch; Reinhold Werner; Ursula Kühl de Mones</p> <p>Título do tomo III: <i>Nuevo Diccionario de Uruguayismos</i></p> <p>Sigla: NDU</p> <p>Editora: Instituto Caro y Cuervo</p> <p>Cidade da editora: Bogotá</p> <p>Ano de publicação: 1993</p> <p>Número de páginas: 466 p.</p> <p>Número de verbetes: mais de 6.000</p>
--	--

Fonte: Haensch, Werner e Kühl de Mones (1993).

O NDU consiste no terceiro tomo do ‘*Diccionario de Americanismos*’, um projeto da Universidade de Augsburg, sendo que esse tomo conta com a parceria da *Universidad Mayor de la República Oriental del Uruguay*.

Nas primeiras páginas da obra são apresentados os diretores da obra (que são os autores assinalados na bibliografia), os redatores, os assessores científicos e as assistentes técnico-administrativas.

A obra possui caráter linguístico, descritivo⁸⁶ e semasiológico, sendo que no prólogo, os autores apresentam um histórico de sua elaboração, descrevendo de modo geral as fontes orais e escritas utilizadas para sua composição (HAENSCH; WERNER; KÜHL DE MONES, 1993, p. XIII-XV). As informações coletadas segundo o critério sincrônico (segunda metade do século XX) e o critério de frequência e extensão mínima de uso e atualidade, foram comparadas com o espanhol peninsular a fim de selecionar apenas os uruguaiosismos.

Apesar do caráter linguístico da obra, os autores informam que, em algumas ocasiões, utilizaram-se descrições enciclopédicas, em especial para a definição de plantas e animais (HAENSCH; WERNER; KÜHL DE MONES, 1993, p. XXVII).

Na introdução, os autores (HAENSCH; WERNER; KÜHL DE MONES, 1993, p. XVIII) reconhecem três tipos de destinatários: 1) os linguistas e filólogos com interesses de pesquisa no processo técnico de elaboração desse dicionário; 2) os linguistas e filólogos que buscam estudar os uruguaiosismos; 3) o público comum.

Com relação à estrutura, essa obra está composta por três partes: os textos iniciais, o corpo do dicionário e os índices. A primeira parte comporta a apresentação, o prólogo, a introdução e a bibliografia. Por sua vez, a introdução contém, entre outras informações, as instruções de uso, o índice de transcrição fonética e o índice de abreviaturas, símbolos e marcas. O corpo do dicionário está organizado pela ordem alfabética das entradas. A terceira parte comporta o índice das correspondências entre o espanhol peninsular e o espanhol do Uruguai, o índice da nomenclatura botânica, o índice da nomenclatura zoológica e o índice geral da obra.

Nos textos externos não há informações quanto ao conceito de fraseologia adotado na obra ou a forma como as UFs foram selecionadas. Os autores apontam, apenas, para as unidades pluriverbais que constam no dicionário como unidades léxicas que possuem várias palavras (HAENSCH; WERNER; KÜHL DE MONES, 1993, p. XX).

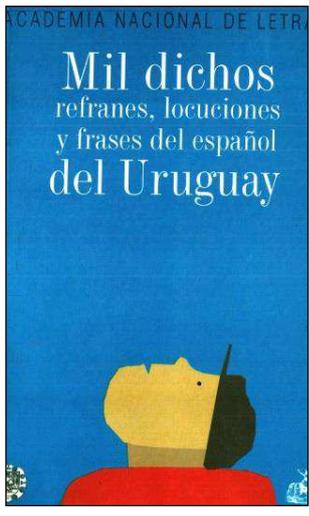
Os critérios de registro das unidades pluriverbais, que englobam os utilizados para as UFs, são expostos na introdução desse dicionário, mais especificamente, na parte destinada às indicações de uso (HAENSCH; WERNER; KÜHL DE MONES, 1993, p. XXII e XXIV). Segundo os autores, a lematização das UFs segue critérios de hierarquia gramatical (substantivo, verbo, adjetivo, advérbio e os verbos *'estar'*, *'hacer'* e *'ser'*) e de ordem dos

⁸⁶ Neste estudo assumimos a definição de 'dicionário descritivo' proposta por Haensch (1982, p. 164), quem entende que se trata de obras que acolhem o léxico em uso, sem considerar sua aceitação normativa. Esse conceito opõe-se, segundo esse autor, ao de 'dicionário prescritivo'.

componentes, sendo registrada sempre a primeira palavra pertencente à classe gramatical predominante. Essas unidades, como referem os autores, localizam-se após as acepções oferecidas para o lema, separadas dessas por um asterisco, quando essas informações existem, ou por dois pontos, quando essas unidades precedem imediatamente ao lema devido à ausência de outras informações para ele.

O dicionário MDU é uma iniciativa da *Academia Nacional de Letras* do Uruguai. Entre as informações consultadas nos textos externos, não há menção ao número exato de verbetes que possui esse dicionário, pelo qual, por se tratar de uma obra não muito extensa, fez-se a contagem manual desses dados. Essas e outras informações bibliográficas apresentam-se, na sequência, no Quadro 12 deste estudo.

Quadro 12 – Capa e dados bibliográficos do MDU.

	<p>Autor: Academia Nacional de Letras</p> <p>Título: <i>Mil dichos, refranes, locuciones y frases del español del Uruguay</i></p> <p>Sigla: MDU</p> <p>Editora: Ediciones de la Banda Oriental</p> <p>Cidade da editora: Montevidéo</p> <p>Ano de publicação: 2003</p> <p>Número de páginas: 186 p.</p> <p>Número de verbetes: 1.096 (dos quais 894 possuem locuções como lema).</p>
--	--

Fontes: Academia Nacional de letras (2003) e da autora deste trabalho (2015).

Segundo as informações que constam no prólogo (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 11-17), o MDU é o resultado de uma compilação de frases, locuções e refrões, reunidos sob a denominação de ‘ditados’ ou ‘parêmias’, que foi iniciada pela *Academia Nacional de Letras* do Uruguai na década de 1970. Trata-se de um dicionário linguístico, descritivo e semasiológico, destinado tanto ao consulente comum quanto a especialistas.

Nas primeiras páginas são apresentados os acadêmicos de número, conforme o que é habitual nos dicionários elaborados pelas Academias de Letras, e também as comissões e os departamentos envolvidos com esse projeto, além dos pesquisadores e outros participantes na construção do dicionário.

Embora não seja mencionado nos textos externos, a presença de uma bibliografia ao final desse livro revela a existência de fontes escritas para sua elaboração.

No que concerne à estrutura geral da obra, o MDU está composto por três textos introdutórios (os agradecimentos, o prólogo e as indicações de uso), seguidos de uma lista com as abreviaturas utilizadas na obra, o corpo lexicográfico organizado em ordem alfabética a partir do primeiro elemento do ditado, um índice dos principais elementos constitutivos desses ditados, a bibliografia e o índice geral.

Cabe salientar, segundo esclarecem os autores (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 11), que o conteúdo fraseográfico do MDU foi destinado à elaboração do DEU, como parte de seu corpo lexicográfico.

Os autores referem que o conteúdo desse dicionário constitui uma seleção dos ditados ou parêntias que se utilizam no Uruguai, escolhidos mediante critérios contrastivos com o espanhol padrão, sendo que alguns desses ditados são compartilhados com países vizinhos (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 12-13).

Com relação ao conceito de fraseologia assumido nessa obra, a qual está implícita nos elementos constitutivos do dicionário, observa-se uma concepção abrangente dos componentes fraseológicos. Para a caracterização de cada um desses componentes (as locuções, as frases e os refrões), os autores apresentam na introdução definições que foram elaboradas com base em seus aspectos semânticos e morfossintáticos, sendo que, para cada definição oferecem alguns lemas a fim de esclarecer mediante a exemplificação (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 14-15). Quanto ao conceito de ‘locução’ adotado na obra, os autores esclarecem que:

Entende-se por locução a unidade pluriverbal cujo significado é diferente da soma dos significantes de seus elementos componentes [...] A locução possui, além disso, valor de substantivo, adjetivo, verbo, adverbio ou interjeição e, por conseguinte, funciona segundo o fazem esses mesmos elementos gramaticais⁸⁷ (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 14, tradução nossa).

Os critérios de registro seguidos no dicionário são expostos nas indicações de uso dessa obra. Dentre essas informações, destaca-se o processo de lematização proposto pela Academia Nacional de Letras (2003, p. 18) utilizando a ordem alfabética para os ditados em

⁸⁷ “Se entiende por locución la unidad pluriverbal cuyo significado es diferente a la suma de los significantes de sus elementos componentes [...] La locución tiene, además, valor de sustantivo, adjetivo, verbo, adverbio o interjección, por lo que funciona según lo hacen esos mismos elementos gramaticales” (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 14).

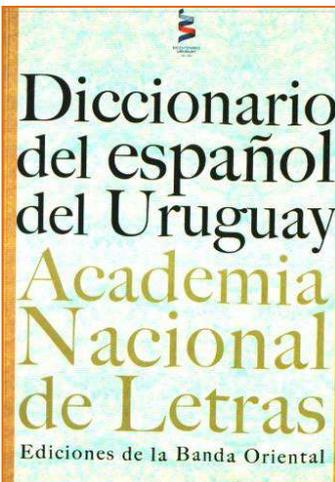
sua forma integral e canônica, sendo que as variações são apontadas entre colchetes dentro do lema.

Nos textos externos, há informações quanto à composição dos verbetes, indicando a sua sistematização ao longo da obra. Chama a atenção a variedade de marcas que se oferecem para os lemas. Após cada lema há o indicativo quanto à categoria fraseológica e gramatical. Logo após, podem ser oferecidas marcas diversas as quais obedecem a informações sobre a locução quanto aos aspectos de: 1) frequência de uso (desusado, obsolecente e pouco usado; 2) linguagem (masculina, feminina e juvenil); 3) grau de formalidade (esmerado e espontâneo); 4) prestígio (culto e popular); 5) intenção do falante (respectivo, festivo e irônico); 6) valoração social (eufemístico, vulgar e tabu); 7) geográficas (âmbito metropolitano e rural). Após, apresentam-se as definições e usa-se um sistema de remissivas com outras locuções sinônimas.

Ao final da obra há uma listagem para a procura dos ditados segundo seus elementos constitutivos, em especial os substantivos.

O terceiro dicionário selecionado para a pesquisa é o DEU. Na sequência, apresentam-se as informações bibliográficas desse dicionário sistematizadas no Quadro 13.

Quadro 13 - Capa e dados bibliográficos do DEU.

	<p>Autor: Academia Nacional de Letras</p> <p>Título: <i>Diccionario del Español del Uruguay</i></p> <p>Sigla: DEU</p> <p>Edição: 2ª reimpressão</p> <p>Editora: Ediciones de la Banda Oriental</p> <p>Cidade da editora: Montevideú</p> <p>Ano de publicação: 2012</p> <p>Número de páginas: 574 p.</p> <p>Número de verbetes: 9.117</p>
---	---

Fonte: Academia Nacional de Letras (2012).

O DEU caracteriza-se por ser o primeiro empreendimento lexicográfico que recebe financiamento do Estado uruguaio para sua elaboração e edição. A primeira edição dessa obra é lançada no ano 2011, em comemoração ao bicentenário da independência do Uruguai.

Trata-se de um dicionário linguístico, descritivo e semasiológico. Segundo as informações expostas no preâmbulo dessa obra (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 15), seu caráter descritivo deriva da pesquisa e o registro das palavras e expressões que são utilizadas no Uruguai e que não pertencem ao espanhol padrão, ou aquelas que existem na língua geral, mas adquiriram outro significado na variante uruguaia. Os dados dessa investigação, segundo esses autores, foram contrastados com os registrados na vigésima segunda edição do DRAE.

No que concerne às fontes utilizadas para sua confecção, destaca-se a explicitação dos *corpora* empregados e sua procedência feita no preâmbulo (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 15-16). Além de incorporar a bibliografia usada como fonte escrita, a obra inclui uma lista com os informantes e colaboradores na coleta de informações orais.

Apesar de, segundo as informações do preâmbulo (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 15), a obra ter como público alvo prioritariamente o consulente não especializado, os autores esclarecem que esse dicionário foi projetado para diferentes destinatários, dentre os quais se encontram os docentes, os especialistas de diversas áreas, os linguistas e os lexicógrafos.

A estrutura do DEU está composta de duas partes: as informações iniciais e o corpo do dicionário. As informações iniciais compreendem a lista dos acadêmicos e dos colaboradores na elaboração da obra, a lista dos informantes e colaboradores na coleta dos dados, o proêmio, o prólogo, o preâmbulo, a introdução (que inclui orientações de uso), a lista de abreviaturas e símbolos, a bibliografia (dividida em fontes e bibliografia secundária) e o índice. O corpo do dicionário segue a ordem alfabética das entradas.

O conceito de fraseologia adotado na obra possui caráter abrangente, e se depreende da noção de ‘unidades pluriverbais’ exposto na introdução (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 17). Os autores dividem essas unidades, com base em princípios semânticos e morfossintáticos, em três grupos: 1) as formas complexas e as colocações, 2) as locuções, 3) as frases. Quanto à definição de locução, os autores as caracterizam como:

[...] formadas por combinações lexicalizadas ou semilexicalizadas de duas ou mais palavras, com significado diferente ao da soma de seus componentes, invariáveis na ordem de seus elementos, que desenvolvem a mesma função sintática que a categoria que lhes dá nome (locuções substantivas, adjetivas, preposicionais,

adverbiais, interjetivas, verbais)⁸⁸ (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 17, tradução nossa).

Nos textos externos não foram encontradas informações quanto à seleção das UFs incluídas no dicionário, embora o MDU seja mencionado entre as fontes bibliográficas secundárias.

Os critérios estabelecidos para o ingresso das unidades pluriverbais no dicionário, os quais incluem as UFs, constam na introdução dessa obra, mais especificamente, na parte dedicada ao uso do dicionário, no subitem ‘lematização’ (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 18). Segundo as informações contidas nesse subitem, o ingresso dessas unidades é determinado pela ordem hierárquica de seus elementos constitutivos, a saber: 1) substantivo ou palavra que se comporte como substantivo, 2) verbo, 3) adjetivo, 4) pronome, 5) advérbio. Nos casos em que existe mais de um desses elementos na unidade, os autores determinam que a lematização se realize pelo primeiro deles. Na ausência de todos esses elementos, o ingresso se realiza pela primeira palavra da locução como, por exemplo, no caso de ‘*a ojímetro*’⁸⁹.

Quanto à informação locucional, cada verbete apresenta as locuções logo após a definição. As locuções recebem destaque em negrito, as mesmas marcas utilizadas no MDU e um sistema de remissões entre os elementos constitutivos de locuções sinônimas.

Após ter apresentado as fontes principais desta subseção, apresentar-se-ão as fontes complementárias para este estudo.

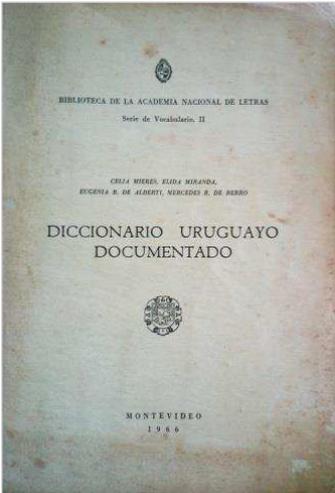
O DUD foi o primeiro dicionário de uruguaismos a receber o aval da Academia Nacional de Letras. Suas quatro autoras, pioneiras na realização de pesquisas fraseológicas com uma forte base teórica e documental sobre a variante uruguaia do espanhol com vistas à publicação de obras fraseográficas, são as mesmas que, cinco anos mais tarde, publicaram o DDVU.

Apresentam-se, no Quadro 14 exposto na sequência, os dados bibliográficos do DUD.

⁸⁸ “[...] formadas por combinaciones lexicalizadas o semilexicalizadas de dos o más palabras, con significado diferente al de la suma de sus componentes, invariables en el ordenamiento de sus elementos, que desempeñan la misma función sintáctica que la categoría que les da nombre (locuciones sustantivas, adjetivas, preposicionales, adverbiales, interjetivas, verbales)” (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 17).

⁸⁹ A locução adverbial espontânea ‘*a ojímetro*’ está registrada no DEU com os significados: ‘sem uso de um instrumento de medição’; ‘aproximadamente’ (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 69).

Quadro 14 - Capa e dados bibliográficos do DUD.

	<p>Autoras: MIERES, Celia <i>et al.</i></p> <p>Título: <i>Diccionario Uruguayo Documentado</i></p> <p>Sigla: DUD</p> <p>Editora: Biblioteca de la Academia Nacional de Letras</p> <p>Cidade da editora: Montevideú</p> <p>Ano de publicação: 1966</p> <p>Número de páginas: 136 p.</p> <p>Número de verbetes: não há referência nos textos externos.</p> <p>Número de locuções registradas como entradas: 121 (contagem a mão).</p>
---	--

Fontes: Mieres *et al.* (1966) e da autora deste trabalho (2018).

Essa obra foi ganhadora do concurso proposto pela entidade editorial para a publicação do acervo de “[...] vocábulos, frases, modismos e refrões não incluídos no Dicionário da Língua Espanhola, edição 18^a, Madri, 1956”⁹⁰ (MIERES *et al.*, 1966, p. 5, tradução nossa), ficando explicitada uma conceituação ampla sobre a fraseologia acolhida nesse dicionário. A obra consta dos seguintes textos externos: uma breve introdução sob o título ‘*Advertencia*’, escrita pelo presidente da instituição editora da época; um prólogo; uma lista dos autores e das obras utilizadas para sua composição, a maioria contemporâneas, provindas de diferentes gêneros da literatura; uma lista das palavras que, segundo as autoras, são usadas por autores uruguaiois, mas a RAE adjudica a outros países hispano-falantes. No prólogo, as autoras esclarecem que algumas das palavras a que se refere essa última listagem são conhecidas como de uso na Argentina e não se considera seu compartilhamento na região do Rio da Prata, incluindo o Uruguai. O prólogo traz, também, informações quanto aos procedimentos adotados para a composição da obra.

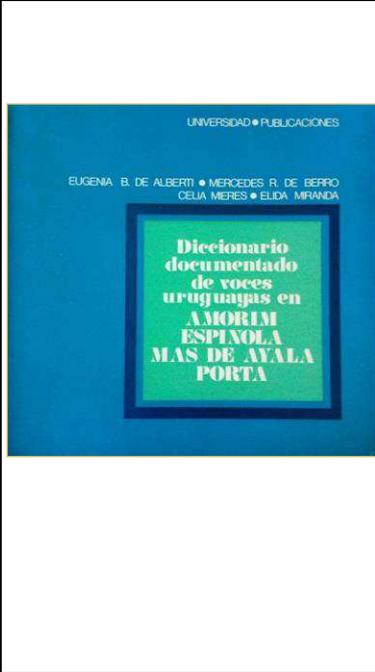
Ausentam-se dos textos externos as explicações sobre os critérios de registro das locuções. Em visita prévia aos verbetes, observa-se que não há diferenciação entre o léxico simples e as unidades complexas como, por exemplo, as parêmias para a composição macroestrutural, sendo que as locuções estão registradas como lema a partir da primeira

⁹⁰ “[...] vocablos, frases, modismos y refranes no incluidos en el Diccionario de la Lengua Española, edición 18^a, Madrid, 1956” (MIERES *et al.* 1966, p. 5).

palavra que as compõe. Após o lema, as locuções são identificadas com marcas que as reconhecem como frases e estabelecem o gênero do componente substantivo, caso exista. Para cada lema se oferece um ou mais trechos de obras da literatura do Uruguai a fim de estabelecer, de forma categórica, seu uso nesse país.

O DDVU é a continuação do trabalho das autoras do DUD. Nessa edição, as autoras selecionaram algumas obras de quatro autores uruguaios para serem fontes na procura de uruguaismos. No Quadro 15 expõem-se os dados bibliográficos dessa obra.

Quadro 15 - Capa e dados bibliográficos do DDVU.

	<p>Autoras: ALBERTI, Eugenia B. de <i>et al.</i></p> <p>Título: <i>Diccionario Documentado de voces uruguayas en Amorim, Más de Ayala y Porta</i></p> <p>Sigla: DDVU</p> <p>Editora: Universidad de la República / Departamento de Publicaciones</p> <p>Cidade da editora: Montevideu</p> <p>Ano de publicação: 1971</p> <p>Número de páginas: 208 p.</p> <p>Número de verbetes: não há referência nos textos externos.</p> <p>Número de locuções registradas como lemas: 122 (contagem a mão).</p>
--	--

Fontes: Alberti *et al.* (1971) e da autora deste trabalho (2018).

A estrutura do DDVU é muito similar à do DUD, com a diferença do prólogo, que no DDVU é mais extenso e possui mais detalhamento quanto aos critérios de seleção dos lemas, sendo informado o uso das informações contidas nas edições contemporâneas do DRAE como *corpus* de exclusão. Os textos externos estão compostos por uma explicação sobre as fontes utilizadas para a composição da obra (provindas dos autores que constam no título) uma lista das abreviaturas assumidas no dicionário, um prólogo, uma lista bibliográfica e um índice. A lematização e composição microestrutural é a mesma do DUD.

Em particular, tanto a ideia de trabalhar com fontes literárias de autores específicos quanto a de expressar o caráter documentado do DDVU no título foram inspiradoras para a elaboração de um glossário que apresentamos no Apêndice deste estudo (p.173-232) como resultado das buscas realizadas na pesquisa.

Em síntese, observa-se uma evolução das noções sobre Lexicografia e Fraseografia nos dicionários analisados, decorrentes do surgimento e da evolução desses conceitos como disciplinas científicas metodicamente estruturadas. A partir da década de 1990 esses conceitos começam a expor-se, primeiro de forma tímida e depois abertamente explicitados nas explicações sobre a composição de cada dicionário. Essa constatação não desmerece em absoluto as obras anteriormente publicadas, pioneiras dos estudos lexicográficos e fraseográficos no Uruguai, que foram inspiradoras e continuam sendo uma inspiração para a elaboração de novos dicionários.

Após ter exposto dados gerais das obras selecionadas para esta pesquisa, apresentar-se-á o *corpus* composto pelas locuções da variante uruguaia do espanhol, presentes nos romances de Mario Benedetti e em dicionários dessa variante.

7.2 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

A coleta das locuções que compõem o *corpus* deste estudo constituem lemas expostos nos dicionários fraseológicos, informações fraseológicas nos dicionários exaustivos e UFs contextualizadas nos romances de Mario Benedetti e traduzidas para o português nas versões editadas no Brasil.

Na seleção do *corpus*, foram seguidos os passos apresentados na seção 6 desta pesquisa (p. 109) que correspondem aos procedimentos anteriores às análises propriamente ditas. Durante o processo da coleta dos dados obteve-se, inicialmente, um total de 44 locuções presentes nos romances e em alguns dicionários, porém, em consulta ao *corpus* de exclusão usado por várias das fontes lexicográficas, que é o DLE (antigo DRAE) verificou-se que nove delas já estão dicionarizadas, compondo a língua espanhola vernácula, e seis delas estão registradas com marcas que indicam que são usuais no Uruguai. Esse procedimento tornou-se necessário, pois o DLE passa por constantes reformulações e atualizações assimilando os elementos mais usuais e de maior repercussão no mundo hispano-falante. Quanto às locuções que possuem marcas diatópicas no DLE, optou-se por incluí-las como dados para esta pesquisa, pois houve o entendimento de que ainda não foram assimiladas como vernáculas à língua espanhola e seu uso está registrado nas fontes analisadas.

Como resultado desse processo, obteve-se um total de 35 locuções que compõem o *corpus* deste estudo, as quais se expõem, na sequência, organizadas segundo a ordem

alfabética e assinalando em quais obras literárias estão registradas e o número de ocorrências detectadas.

Letra A: *a baldes* (LT; 1); *a esta altura del partido* (PER; 1); *a la marchanta* (LT; 1); *a prepo* (BC; 1); *a prueba de balas* (PER; 1); *al santo botón* (LT; 1); *armar bronca* (LT; 1); *armar relajo* (LT; 1); *armarse la de Dios es Cristo* (PER; 1); *así nomás* (LT e PER; 5).

Letra C: *caer como un balde de agua fría* (BC; 1); *cagar fuego* (BC; 2); *capaz que* (PER; 1); *como el culo* (PER; 1); *con pinzas* (QN e PER; 2).

Letra D: *dar bolilla* (PER; 1); *de entrecasa* (LT e BC; 3).

Letra E: *en la vuelta* (LT; 1).

Letra H: *hacer pucheros* (PER; 1); *hacerse el oso* (LT; 1); *hasta por ahí nomás* (BC; 1).

Letra I: *irse a la mierda* (LT; 2).

Letra M: *mandarse la parte* (LT; 2); *meter en la misma bolsa* (PER; 1).

Letra O: *ojo al gol* (PER; 1).

Letra P: *poner los cuernos* (QN; 1); *por ahí* (QN, LT e PER; 4).

Letra Q: *qué esperanza* (LT; 1); *que no ni no* (PER; 1); *quedarse en el molde* (BC; 1).

Letra S: *sacar el cuerpo* (LT; 1); *sacar vendiendo boletines* (LT; 1); *sestear a gamba suelta* (PER; 1).

Letra T: *tener banca* (PER; 1); *tener cola de paja* (LT; 1).

Dessa listagem, as locuções ‘*a la marchanta*’, ‘*dar bolilla*’, ‘*hacerse el oso*’, ‘*qué esperanza*’, ‘*sacar el cuerpo*’ e ‘*tener banca*’ estão registradas no DEL com a mesma ortografia com a qual são lematizadas nos dicionários de uruguaismos, adjudicando-lhes os mesmo significados e acusando que são usuais no Uruguai.

O DLE também registra o lema ‘*capaz*’ como usual em América e com os mesmos significados adjudicados pelos dicionários NDU, MDU e DEU, porém, sem reconhecer que se trata de uma locução (assim como o faz o NDU) pelo qual, consideramos que na evolução dos estudos fraseológicos sobre a variante uruguiaia, essa unidade léxica passou a ser considerada uma locução.

A fim de verificar como se manifestam essas locuções nos contextos fraseográficos e literários, foram coletados e organizados os verbetes para os quais essas locuções constituem

lemas, no caso dos dicionários fraseológicos, e informações fraseológicas, no caso dos dicionários exaustivos. Por sua vez, das fontes literárias foram coletados trechos suficientemente extensos para a compreensão das locuções neles contidas e, também, trechos correspondentes nas edições traduzidas. Compilaram-se, também, informações e comentários sobre diferentes particularidades das locuções e de suas traduções.

Todos esses dados, processados e organizados, compõem os materiais para a estruturação do glossário das locuções em estudo, apresentado no Apêndice deste trabalho (p.173-232).

Quanto à composição do glossário, cabe salientar que foram contempladas as estruturas básicas lexicográficas, ou seja, o glossário possui uma macroestrutura, uma microestrutura e textos externos. Por esse motivo, o glossário inicia com uma breve apresentação de sua estrutura e uma lista dos lemas, numerada e organizada por ordem alfabética. Essa lista é seguida dos verbetes. Para facilitar a busca, cada cabeça de verbete inicia uma página, sendo que para os verbetes que possuem mais de uma página é assinalada essa continuação. No final do Apêndice, apresenta-se uma lista das remissões elaborada com as principais palavras que compõem as locuções (um total de 60 palavras), cujo intuito é auxiliar a identificação da sequência e da extensão locucional.

Na próxima subseção, destinada às análises, apresentar-se-ão outras particularidades da construção do glossário, no que diz respeito à composição dos verbetes, assim como também alguns recortes desses verbetes para ilustrar a comparação e complementação dos dados levantados quanto às locuções.

7.3 UMA APROXIMAÇÃO À FRASEOLOGIA DO URUGUAI

Para a análise crítica dos dados obtidos nos dicionários, num primeiro momento seguem-se as diretrizes assumidas na subseção 6.2 (p. 116) quanto às obras exaustivas; e os direcionamentos expostos em 6.2 (p. 116) que norteiam as análises dos dicionários fraseológicos. Num segundo momento, é discutida a presença e o tratamento das locuções nos romances e suas traduções segundo os critérios assumidos na subseção 6.2 (p.117), a qual versa sobre as análises comparativas das locuções a nível léxico e textual. Num terceiro momento, tecem-se comentários sobre algumas reflexões devidas do levantamento dos dados e das análises.

7.3.1 Os dicionários

Por se tratar de um estudo que envolve a comparação dos dados entre suas fases metodológicas, apresentaremos as informações de cada tipo de obra utilizando quadros explicativos, de forma ilustrativa, a fim de facilitar sua visualização. Esses quadros constituem recortes do glossário (Apêndice, p.173-232) elaborado durante a coleta dos dados.

Os dados lexicográficos que compõem esse glossário dividem-se em duas partes: 1) os dados obtidos nos dicionários gerais de uruguaios (NDU e DEU), incluindo os verbetes derivados das remissões e outros verbetes que podem auxiliar a compreensão de algumas palavras que compõem as locuções; 2) os dados provenientes do dicionário fraseológico (MDU) e dos dicionários mistos (DUD e DDVU).

Para a elaboração do glossário foram consideradas, além das informações que compõem os verbetes do MDU, as listagens de locuções organizadas segundo seus componentes constitutivos, pois consideramos que esses dados são relevantes para o aprimoramento da subcompetência fraseológica do tradutor ao expor relações entre as locuções do ponto de vista composicional, ou seja, quanto às diversas locuções que utilizam uma mesma palavra.

No que concerne à presença, localização e disposição dentro do verbe de locuções que constituem *corpus* da pesquisa nos dicionários gerais de uruguaios, percebe-se, inicialmente, que há um número bastante elevado dessas locuções em ambas as obras, dado que pode ser conferido no Quadro 16 junto a outras informações relevantes para as análises.

Quadro 16 – Informações coletadas no NDU e no DEU.

	NDU (1993)	DEU (2012)
Número de locuções registradas	22	26
Ausência de registro com incorporação de variantes locucionais		* agarrar con pinzas * armarse bronca *armarse la de Dios es grande * dormir a pata suelta * meter los cuernos
Na ausência de registro, outras informações que ajudam à identificação e (ou) compreensão	*bronca *relajo	* relajo
Locuções registradas de forma irregular	* <i>hacer pucheros</i> (registrada no verbe encabeçado pelo lema ' <i>pucherear</i> ')	
Número de locuções que exigem a remissão para outro verbe	0	10

Fontes: NDU (1993), DEU (2012) e da autora deste trabalho (2018).

Na ausência do registro de algumas das locuções pesquisadas, o DEU aponta variantes locucionais, nem todas de fácil reconhecimento. Para uma dessas locuções, que é ‘*armar relajo*’, a qual não possui registro ou variantes lexicalizadas no DEU, oferece-se uma série de informações de aspectos linguísticos e culturais atrelados ao significado da palavra ‘*relajo*’ no verbete que possui como lema essa palavra, sendo que essas informações facilitam a compreensão da locução ausente.

Esse mesmo procedimento pode ser percebido no NDU para as palavras ‘*bronca*’ e ‘*relajo*’. Nesse dicionário, a locução ‘*hacer pucheros*’ está registrada de forma irregular, no verbete com entrada pelo lema ‘*pucherear*’, além de informar que essa locução possui um uso compartilhado com o vernáculo da variante espanhola.

Um dado relevante a ser observado é o alto índice de remissões feitas no DEU se comparado ao NDU, o qual não possui nenhuma. Isso implica numa estrutura lexicográfica do DEU que exige do consulente circular pelo dicionário à procura da informação desejada.

No que concerne à disposição interna das locuções, dentro dos verbetes desses dicionários, destaca-se o fato de, em diversas ocasiões, as locuções e as informações locucionais serem os únicos dados oferecidos para o lema. Veja-se o exemplo dos verbetes para o lema ‘*por ahí*’ exibidos no Quadro 17.

Quadro 17 – Informações para a locução ‘*por ahí*’ nos dicionários gerais de uruguaiosismos.

Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>ahí: hasta por ~ Ø hasta por → ahí (nomás). hasta por ~ (nomás) Ø coloq Más o menos. Obs: Pronunciación: aí, aj. por ~ (a) coloq Se usa para expresar la posibilidad o la probabilidad de que algo suceda [E: lo mismo; E, U: a lo mejor, en una de esas; U: capaz, de repente]. Obs: Pronunciación: aí, aj. b) coloq Se usa para indicar cercanía espacial. ¿y de ~? Ø ¿y de → ahí (qué)? ¿y de ~ (qué)? Ø a) coloq Se usa al final de una respuesta, con un tono jactancioso y provocador, para preguntar al interlocutor qué le importa o incumbe lo preguntado [E, U: ¿y con eso (qué)?]. b) coloq Se usa para pedirle al interlocutor que explique las consecuencias de lo que acaba de decir [E, U: ¿y con eso (qué)? y ~ nomás Ø coloq Se usa para indicar lo imprevisto o inmediato de algún suceso o alguna acción [E, U: y en ese momento].</p>	<p>ahí. // ahí nomás. loc. adv. esp. Improvisamente. Me encontré con la directora y ahí nomás le dije que dejaba los grupos. // hasta por ahí nomás. loc. adv. esp. Más o menos. // ni ahí. loc. adv. esp. ni a °palos. No llego ni ahí para el examen de Matemáticas. // por ahí. loc. adv. esp. Tal vez. // ¿y de ahí? fr: esp. Fórmula con que alguien, en una discusión, se jacta, provoca o disiente. ¶ Uso: Suele emplearse la variante ¿y de ahí, qué? ♦ ¿y con °eso?</p>
	(NDU, 1993, p. 11)	(DEU, 2012, p. 80)

Fontes: NDU (1993) e DEU (2012).

Devido à estrutura própria dos dicionários exaustivos, os verbetes costumam se prolongar para dar cabida às múltiplas locuções incluídas e suas variantes⁹¹.

No que se refere ao modo como são elaboradas as definições nesses dois dicionários, os dados evidenciam que consistem em projetos lexicográficos bastante diferentes.

No NDU, as definições são extensas, apontando para o uso da locução e oferecendo, entre colchetes, informações sobre a existência de variantes e as locuções sinônimas utilizadas na Espanha⁹². É comum perceber que esse dicionário busca explorar a diversidade de significados que cada locução abriga e que as informações complementárias, na forma de observações, também são frequentes. Por outro lado, devido à ausência de remissões, os verbetes costumam ser menos longos que os do DEU.

Por sua vez, o DEU possui definições muito sucintas, por vezes só uma palavra que serve como indicativo do significado da locução e costuma oferecer uma longa nómina das variantes existentes⁹³. O labor de desvendar as nuances e as sutilezas próprias de cada uma dessas variantes fica a cargo das múltiplas marcas oferecidas para cada locução e que são, a nosso ver, uma das informações mais valiosas dessa obra.

Em ambas as obras, os exemplos de usos são bastante escassos e se aplicam para as situações em que é necessária uma desambiguação dos significados da locução ou quando a definição não consegue ser suficientemente clara para que se possa alcançar sua compreensão. Segundo já foi comentado na subseção 5.3.3.6 (p. 93), Silva (2006) aponta uma série de benefícios que o uso de exemplos traz para os registros fraseográficos, desde que utilizados com a finalidade de esclarecer os significados das locuções. Ao que tudo indica, parece ser esse o objetivo do NDU e do DEU ao incluí-los.

Procedimentos semelhantes aos adotados com os dicionários gerais de uruguaismos aplicam-se nessa fase do estudo para a análise dos dicionários fraseológicos.

⁹¹ Um exemplo do exposto é o caminho a ser percorrido para obter informações sobre a locução '*como el culo*' no DEU. Devido à extensão do verbe '*culo*', no glossário deste estudo (Apêndice, p. 196-197) as informações microestruturais são expostas parcialmente e, além disso, é necessário seguir a remissão para o verbe '*mono -a*' indicada pela obra, chegando-se à definição concisa: '*Muy mal*' (DEU, 2012, p. 225 e 370).

⁹² Essa característica do NDU e o fato da editora estar radicada fora do Uruguai levam a pensar que o público alvo desse dicionário são usuários da língua espanhola que desconhecem a variante uruguaia do espanhol.

⁹³ Essas características microestruturais presentes no DEU são, a nosso ver, indícios de que o público alvo desse dicionário é o falante nativo uruguaio, pois dificilmente alguém que não fosse conhecedor dessa variante conseguiria depreender o significado de uma locução mediante a apresentação de outra, ou de várias, da mesma variante.

Deve-se mencionar o fato do DUD e o DDVU serem obras muito anteriores à edição do MDU e às pesquisas fraseográficas dentro do marco teórico da Fraseografia, pelo qual estão desprovidas dos argumentos científicos apontados na subseção 5.4.3 (p. 98- 105) quanto às adequações e inadequações desse tipo de dicionários. No entanto, ao incluí-las entre as fontes fraseográficas (ou mistas) houve o intuito de destacar aspectos sincréticos que as aproximam e alguns traços que marcaram a evolução dos dicionários fraseológicos de uruguaiosismos.

No Quadro 18 apresentam-se as informações derivadas da observação dessas fontes.

Quadro 18 - Informações coletadas no DUD, no DDVU e no MDU.

	DUD (1966)	DDVU (1971)	MDU (2003)
Número de locuções registradas	1	3	25
Ausência de registro com incorporação de variantes locucionais		<i>*Dormir a pata suelta</i>	<i>*agarrar [tomar] con pinzas</i> <i>*armarse bronca</i> <i>*armarse la de Dios es grande</i> <i>*dormir a pata suelta</i>
Na ausência de registro, outras informações que ajudam à identificação e (ou) compreensão			<i>*lista remissiva dos principais componentes léxicos das locuções</i>
Locuções registradas de forma irregular			
Número de locuções que exigem a remissão para outro verbete	0	0	9

Fontes: DUD (1966), DDVU (1971), MDU (2003) e da autora deste trabalho (2018).

Por serem obras que possuem como foco a documentação em fontes literárias, o DUD e o DDUV possuem um número bastante restringido de locuções incluídas como lemas. Outro dado relevante, apontado pelas autoras do DDVU (ALBERTI *et al.*, 1971, p. 22) é a constante absorção de unidades léxicas que, na época, o DRAE promoveu para aumentar o caudal vernáculo da língua espanhola.

O mais intrigante na análise dos dados é perceber que depois de passados mais de 50 anos do registro no DUD, a locução ‘*a baldes*’ continua sendo registrada em dicionários de uruguaiosismos⁹⁴, porém, sua existência não tem ecoado no DLE.

⁹⁴ Dos dicionários consultados, incluídos os exaustivos, somente o DDVU não registra essa locução. É importante dar ênfase à procedência dos lemas desse dicionário, oriundos da literatura de quatro escritores uruguaios, o que justifica o caráter particular e reduzido dessas fontes que o documentam.

Na comparação dos dados observa-se a importante reformulação na organização estrutural que recebe o MDU como legado da evolução dos estudos fraseográficos. Muitas das locuções procuradas nessa obra estão lematizadas, porém, o número de remissões e a incorporação de variantes também são elevados, o que promove a circularidade no processo da procura por informações.

Os verbetes do MDU foram absorvidos, em grande parte, pelo DEU, pois ambos os projetos lexicográficos estão entrelaçados e alavancados pela Academia de Letras do Uruguai. Como resultado, há informações que constam no DEU de forma idêntica ou muito parecida às que estão no MDU.

No Quadro 19, um trecho do verbete ‘*al santo botón*’ do glossário desse estudo (Apêndice, p.181) exemplifica a forma de apresentação microestrutural nas obras fraseológicas analisadas.

Quadro 19 – Informações para a locução ‘*al santo botón*’ nos dicionários fraseológicos.

DDVU	AL SANTO BOTÓN: m. adv. En balde, sin sentido. Don Juan el Zorro, 124: <i>Pero salvación no tiene. Y si desertamos usted y yo y nos pasamos a él, nosotros tampoco la tendríamos. Sería un escándalo al santo botón</i> (DDVU, 1971, p. 29).	
MDU	<p>al santo botón [cohete]. <i>loc. adv. esp. al cohete</i> (MDU, 2003, p. 29).</p> <p>al cohete. <i>loc. adv. esp.</i> Inútilmente, en vano. <i>Tb.:</i> ... divino botón; ... divino pedo; ... nudo; ... ñudo; ... pedo; ... pepe; ... santo botón [cohete]; ... santo pedo; ... santo pepe. (MDU, 2003, p. 28).</p>	<p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘santo’</u></p> <p>deber a cada santo una vela; santo remedio (MDU, 2003, p. 165).</p> <p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘botón’</u></p> <p>del tiempo de los tres botones (MDU, 2003, p. 116).</p>

Fontes: DDVU (1971), MDU (2003) e da autora deste trabalho (2018).

O DUD e o DDVU seguem uma organização microestrutural rigorosamente sistematizada, composta pelo lema, as marcas e os exemplos extraídos das fontes. Por sua vez, o MDU alterna diversos recursos para apontar a presença de variantes locucionais, como o uso de colchetes, remissões a outros lemas e listagens encabeçadas com a abreviação *Tb.* (también). Na subseção 5.4.3.2 (p. 100-101), na qual foram elencadas as opiniões de diversos pesquisadores quanto à inclusão de variantes em dicionários fraseológicos, os estudiosos apontavam uma tendência favorável à inclusão desses elementos nos dicionários. No entanto, eles alertavam também para o cuidado necessário na organização dessa informação a fim de evitar erros de interpretação dos consulentes. Concordamos com esses estudiosos ao

corroborar, como consulentes, os problemas de interpretação devidos desse caso específico apresentado pelo MDU e refletido no DEU.

A experiência como consulentes das obras analisadas deixou várias percepções quanto às dificuldades implicadas na busca das locuções. Talvez, o caminho percorrido de maneira mais tortuosa foi à procura pela locução '*sestear a gamba suelta*'. Na consulta aos dicionários extensivos obteve-se, no DEU, a relação sinonímica entre '*gamba*' e '*pata*' e a partir dela chegou-se à variante, já conhecida pela autora deste estudo, '*dormir a pata suelta*'. Nesse caso em particular das buscas circulares no DEU, de lema para lema, a subcompetência fraseológica da consulente e os elementos contextualizadores, nos romances, foram fundamentais para obter a informação necessária à interpretação acertada da locução. Essa experiência propiciou a reflexão sobre a importância de desenvolver a subcompetência fraseológica do tradutor em todas as suas dimensões, mas, também, a urgência de oferecer instrumentos de consulta apropriados às suas necessidades.

7.3.2 Os romances e suas traduções

Levando em consideração as observações elencadas na subseção 3.3 deste estudo (p. 57-61) quanto ao uso de dicionários para a tradução de locuções, foi realizada a transcrição dos trechos dos romances de Mario Benedetti que continham locuções que são uruguaismos, destacando esses elementos linguísticos em negrito. Esses trechos foram inseridos como informações do glossário (Apêndice, p.173-232) na seção denominada 'TF/TA(s)', acrônimos para 'texto fonte' e 'texto alvo', e ao seu lado foram incluídas as transcrições correspondentes às traduções desses trechos em edições brasileiras do romance. A junção desses dados permitiu uma visão comparativa das locuções e de suas versões traduzidas ao português.

De posse dessas informações, seguindo os procedimentos estabelecidos na subseção 6.2 (p.117), buscou-se estabelecer o grau de correspondência entre as locuções do TF e as dos TAs. O objetivo desse procedimento é relevar as locuções que possuem maior complexidade para a tradução ao português. Por esse motivo perante os dados coletados, estabeleceram-se alguns parâmetros para essa classificação.

Em primeiro lugar, para a análise do plano léxico, determinou-se que os elementos que podem ser comparáveis às locuções em espanhol, dentro deste estudo, são as locuções em português. Essa opção se justifica por entendermos que as locuções possuem uma estrutura bastante particular a qual congrega significados que extrapolam a soma dos significados de

suas partes (segundo as conceituações explicitadas na subseção 1.3, p. 35-41). Nesse sentido a perda de significação conotativa representa, no marco deste estudo, perda do significado locucional e, por tanto, ‘opacamento’ quanto à interpretação do significado da locução na língua fonte.

Em segundo lugar, seguindo as orientações de Sevilla Muñoz (2009) quanto aos procedimentos que podem auxiliar a traduções das locuções, expostas na subseção 3.3 §9 (p. 59) deste estudo, viu-se a necessidade de usar um dicionário fraseológico monolíngue em português para atestar o caráter locucional das traduções. A obra selecionada é a de Rocha & Rocha (2011), sob o acrônimo DLEP, e os critérios de seleção foram: 1) amplo caudal lematizado; 2) atualidade dos dados oferecidos; 3) seriedade da obra atestada pela editora encarregada da publicação; 4) que possua listas remissivas para a procura por variantes locucionais. As informações quanto à presença (ou a ausência) das locuções nas obras que constituem *corpus* de exclusão, ou seja, o DLE para o espanhol e o DLEP para o português, assim como, também, o grau de correspondência entre as locuções de ambas as línguas e, por vezes, explicações quanto à origem da locução ou o significado de algum dos componentes locucionais, constituem dados que foram acrescentados aos verbetes desse glossário, na parte destinada aos comentários.

Com a efetivação dos procedimentos aqui descritos, obtiveram-se os dados expostos no Quadro 20 quanto aos graus de correspondências estabelecidos, inicialmente, a nível léxico.

Quadro 20 – Graus de correspondências entre as locuções.

	TF / TAs
Equivalência 1 - plena	18 casos
Equivalência 2 - parcial	26 casos
Equivalência 3 - aparente	06 casos
Equivalência 4 – nula (não há nenhuma similaridade)	02 casos

Fonte: da autora deste trabalho (2018).

A representação numérica corresponde à quantidade de casos em que as locuções do espanhol encontram graus de correspondência com locuções do português. Descartam-se desse quadro os casos em que as locuções foram traduzidas por frases, palavras ou optou-se pela locução estrangeira, para a qual se oferecem esclarecimentos em notas explicativas. Esses

casos serão analisados, tanto a nível léxico como a nível textual, quando forem esclarecedores no que concerne ao processo de identificação e interpretação das locuções nos TFs, por parte dos tradutores.

Ficam excluídas, também, as traduções nas quais não houve comprovação no DLEP de que se tratasse de uma locução (20 ao total), e que são: 1) ‘armar uma bronca’ e ‘disparar uma bronca’ para a locução ‘*armar bronca*’; 2) ‘armar uma zona’ e ‘armar confusão’ (com duas ocorrências) para a locução ‘*armar relajo*’; 3) ‘capaz que’ para a locução ‘*capaz que*’; 4) ‘um cu’ para a locução ‘*como el culo*’; 5) ‘com pinças’ (com duas ocorrências) para a locução ‘*con pinzas*’; 6) ‘fazer bico’ para a locução ‘*hacer pucheros*’; 7) ‘ir à merda’ (com seis ocorrências) para a locução ‘*irse a la mierda*’; 8) ‘fazer média’ e ‘bancar de santo’ para a locução ‘*mandarse la parte*’; 9) ‘meter um par de chifres’ para a locução ‘*poner los cuernos*’; 10) ‘estar enrolando alguém’ para a locução ‘*sacar vendiendo boletines*’.

Dentre as diferentes soluções que o tradutor pode encontrar para a tradução de locuções, Simão (2016) elenca algumas estratégias e técnicas que costumam ser utilizadas. Segundo essa autora:

[...] no processo tradutório, podemos pensar no [1] resgate de componentes e estruturas em detrimento do conteúdo, ou no [2] resgate de componentes e estruturas em detrimento da forma, ou na [3] retomada somente parcial do conteúdo ou da forma, chegando, inclusive, à [4] falta de correspondência fraseológica, na qual o tradutor opta por uma paráfrase explicativa, o que em termos de procedimento gera uma “amplificação” no texto de chegada, ou a simples [5] eliminação no texto de chegada da UF presente no texto de partida, o que gera a “elisão”, como estratégia e técnica implicadas (SIMÃO, 2016, p. 137).

Nos TAs, não foi detectada a eliminação de locuções (elisão) como técnica de tradução, fato que leva a inferir que os tradutores esforçaram-se por encontrar soluções para o problema da tradução locucional.

Dos casos de equivalência plena, quatro locuções do espanhol foram traduzidas por correspondentes plenos do português em todas as versões traduzidas. Essas locuções são: 1) ‘*a baldes*’ e ‘*a cântaros*’ (nas três versões); 2) ‘*caer como un balde de agua fría*’ e ‘como um balde de água fria’ (nas duas versões); 3) ‘*dar bolilla*’ e ‘dar bola’ (há apenas uma versão); 4) ‘*en la vuelta*’ e ‘por volta de’ (nas três versões).

No Quadro 21, expõe-se trechos do TF e dos TAs nos quais foram utilizadas as locuções ‘*a baldes*’ e ‘*a cântaros*’, os quais consistem em um recorte do verbete ‘*1. a baldes*’ do glossário elaborado para essa pesquisa (Apêndice, p. 176).

Quadro 21 – Locuções ‘a baldes’ e ‘a cântaros’.

TF / TAs	Llovió a baldes , después del mediodía. Estuvimos veinte minutos en la esquina, esperando que llegara la calma, mirando desalentadamente a la gente que corría (LT, 1960, p. 98).	Choveu a cântaros , depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos numa esquina, esperando que passasse, olhando desanimadamente as pessoas que corriam (AT, 1989, p. 78, trad. Mustafa Yazbek).
		Choveu a cântaros , depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos numa esquina, esperando que estiasse, olhando desalentadamente as pessoas que corriam (AT, 2007, p. 106, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
		Choveu a cântaros depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos em uma esquina, esperando acalmar, olhando com desalento a gente que corria (AT, 2008, p. 97, trad. Pedro Gonzaga).

Fontes: LT (1960), AT (1989), AT (2007) e AT (2008).

Dentre os casos de correspondentes plenos, há também quatro locuções para as quais alguns tradutores optaram por essa forma de tradução e outros preferiram soluções diversas. Essas locuções são: 1) ‘*poner los cuernos*’ e ‘colocar chifres em’(em uma versão); 2) ‘*por ahí*’ (com sentido de localização) e ‘por aí’(em quatro versões); 3) ‘*qué esperanza*’ e ‘que esperança’ (em duas versões); 4) ‘*sacar el cuerpo*’ e ‘tirar o corpo fora’ (em duas versões).

Além dessas locuções, foram encontrados os seguintes registros: 1) ‘meter um par de chifres’ (sem registro no DLEP); 2) ‘por ali’, ‘por aqueles lados’ e ‘por esse caminho’; 3) ‘realmente’; 4) ‘esquivar-se’. Nessas traduções, percebe-se que houve o reconhecimento da locução nos TFs, porém, os tradutores optaram por utilizar outros recursos para a tradução e não as correspondências plenas. No Quadro 22, apresentam-se de forma ilustrativa as locuções ‘*qué esperanza*’ e ‘que esperança’ e a tradução ‘realmente’ num recorte do verbete ‘28. *qué esperanza*’ do glossário (Apêndice, p. 219).

Quadro 22 – Locuções ‘*qué esperanza*’ e ‘que esperança’.

TF / TAs	No era un diálogo de amor, qué esperanza . El ritmo oral parecía corresponder a una conversación entre comerciantes, o entre profesores, o entre políticos, o entre cualesquiera poseedores de contención y equilibrio (LT, 1960, p. 67).	Não era um diálogo de amor, realmente . O ritmo oral parecia corresponder a uma conversa entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer possuidores de controle e equilíbrio (AT, 1989, p. 54, trad. Mustafa Yazbek).
		Não era um diálogo de amor, que esperança . O ritmo oral parecia corresponder a uma conversa entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer pessoas dotadas de contenção e equilíbrio (AT, 2007, p. 72, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
		Não era um diálogo de amor, que esperança . O ritmo oral parecia corresponder a uma conversa entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer criaturas dotadas de contenção e equilíbrio (AT, 2008, p. 66, trad. Pedro Gonzaga).

Fontes: LT (1960), AT (1989), AT (2007) e AT (2008).

Quanto à conservação do sentido da locução do TF nos TAs, percebe-se que, no caso do uso de ‘realmente’, além da inexistência de equivalência locucional, ou seja, a ausência de uma locução equivalente no TA, há uma perda expressiva da intensidade do significado que contém a locução ‘*qué esperanza*’, a qual alude negação rotunda, o que implica que o tradutor não alcançou a compreensão do significado dessa locução no TF ou optou por não transferir esse significado para o TA ou, ainda, não encontrou elementos da língua alvo para fazê-lo.

Os casos em que há correspondências parciais, seja na forma das locuções ou nos seus significados, consistem em 26 traduções nas quais se utilizaram locuções da língua portuguesa que diferem em alguns traços da forma ou do significado com as locuções da língua espanhola. São elas: 1) ‘*a esta altura del partido*’ e ‘a essa altura dos fatos’ (há apenas uma versão); 2) ‘*a la marchanta*’ e ‘à toa’ (em uma das três versões); 3) ‘*a prepo*’ e ‘na marra’ (em uma das duas versões); 4) ‘*armar bronca*’ e ‘armar um circo’ (em uma das três versões); 5) ‘*así nomás*’, ‘sem mais nem menos’ (em cinco das sete versões) e ‘sem cerimônia’ (em uma das sete versões); 6) ‘*cagar fuego*’ e ‘bater as botas’ (em três das quatro versões); 7) ‘*de entrecasa*’ e ‘de casa’ (em duas das oito versões); 8) ‘*hacerse el oso*’, ‘fazer-se de tonto’, ‘fazer-se de desentendido’ e ‘fazer-se de morto’ (uma ocorrência em cada versão); 9) ‘*hasta por ahí nomás*’ e ‘até certo ponto’ (em uma das duas versões); 10)

‘*mandarse la parte*’ e ‘fazer gênero’ (em uma das três versões); 11) ‘*quedarse en el molde*’, ‘na dele’ e ‘nos conformes’ (uma ocorrência em cada versão); 12) ‘*sacar vendiendo boletines*’ e ‘para fora’ (em uma das três versões); 13) ‘*sestear a gamba suelta*’ e ‘a bandeiras despregadas’(há apenas uma versão); 14) ‘*tener cola de paja*’, ‘ter telhado de vidro’ (em uma das três versões) e ‘ter rabo preso’(em uma das três versões).

Excetuando-se a locução ‘*hacerse el oso*’, para a qual todas as versões apresentam um correspondente parcial em português, e os casos em que só há uma versão traduzida para o TF, em todos os outros casos as versões que contém correspondências parciais coabitam com versões nas quais os tradutores optaram por utilizar um dos seguintes recursos: a) prováveis locuções desconsideradas no DELP; b) palavras ou paráfrases; c) manutenção da locução na língua fonte; d) uso de uma locução com correspondência aparente.

As traduções para as quais não se obteve a comprovação de que se tratasse de locuções do português, mediante a consulta ao DELP, foram desconsideradas para as análises, segundo já havia sido mencionado.

Iniciaremos as análises das locuções para as quais, além das correspondências parciais, foram realizadas versões com palavras ou paráfrases. São elas: 1) ‘*a la marchanta*’, com as traduções ‘desleixada’ e ‘sem propósito’; 2) ‘*así nomás*’ com a tradução ‘assim tão facilmente’; 3) ‘*hasta por ahí nomás*’ com a tradução ‘só um pouco’; 4) ‘*mandarse la parte*’, com as traduções ‘seguir um roteiro preestabelecido’, ‘disfarçar’ e ‘seguir um papel’; 5) ‘*sacar vendiendo boletines*’ com a tradução ‘achar que estava enrolando’.

Nos casos das traduções ‘sem propósito’, ‘assim tão facilmente’ e ‘só um pouco’, percebe-se que houve a identificação e a interpretação acertada para as respectivas locuções em espanhol. A perda acontece apenas do ponto de vista locucional, pois os tradutores optaram pelo uso de paráfrases com o intuito de preservar o sentido das locuções na língua fonte e, a nível textual, também não houve perdas quanto a possíveis metáforas ou outros objetivos literários.

Já as traduções ‘desleixada’, ‘seguir um roteiro preestabelecido’, ‘disfarçar’, ‘seguir um papel’ e ‘achar que estava enrolando’ merecem atenção redobrada quanto às análises. Desses casos, apenas a tradução ‘achar que estava enrolando’ será analisada posteriormente, junto com outra tradução para a locução ‘*sacar vendiendo boletines*’ na qual há correspondência nula.

Os trechos literários que abrangem a locução ‘*a la marchanta*’ e suas traduções, dentre as quais encontra-se a palavra ‘desleixada’, estão expostos no Quadro 23.

Quadro 23 – Locuções ‘*a la marchanta*’ e ‘à toa’ e outras traduções.

TF / TAs	<p><i>Una pregunta idiota, a la marchanta. La respuesta fue la menos previsible, pero yo no la había previsto (...)</i> (LT, 1960, p. 88).</p>	<p>Uma pergunta idiota, desleixada. A resposta foi a previsível, mas eu não havia previsto (...) (AT, 1989, p. 71, trad. Mustafa Yazbek).</p>
		<p>Pergunta idiota, à toa. A resposta foi a previsível, mas eu não a tinha previsto (...) (AT, 2007, p. 95, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
		<p>Uma pergunta idiota, sem propósito. A resposta foi a prevista, embora não a que eu previra (AT, 2008, p. 87, trad. Pedro Gonzaga).</p>

Fontes: LT (1960), AT (1989), AT (2007) e AT (2008).

Segundo a consulta às fontes lexicográficas, em especial ao MDU (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 24), a locução ‘*a la marchanta*’ alude a dois significados: 1) com relação ao modo de fazer alguma tarefa, sem o devido cuidado ou preocupação; 2) de modo casual. No contexto do TF, o autor utiliza essa locução com o segundo significado, ou seja, trata-se de uma pergunta que não foi pensada, que foi feita de modo casual. A opção do tradutor Mustafa Yazbek pela palavra ‘desleixada’ no TA deixa entrever que não só existe a identificação da locução do TF, mas, também, o conhecimento do primeiro significado atrelado à locução ‘*a la marchanta*’; porém, a nível textual, percebe-se que não houve a interpretação adequada dessa locução. Convém esclarecer que, pelo que consta nos registros lexicográficos, o segundo significado para essa locução aparece em data bastante posterior à edição do TA aludido.

Os fragmentos nos quais constam as traduções ‘disfarçar’, ‘seguir um roteiro preestabelecido’ e ‘seguir um papel’ para a locução ‘*mandarse la parte*’ apresentam-se no Quadro 24 junto com fragmentos do TF nos quais essa locução é utilizada e trechos dos romances que possuem outras traduções.

Quadro 24 – Locuções ‘*mandarse la parte*’ e ‘fazer gênero’ e outras traduções.

TF / TAs	<p><i>Usted tiene todas las condiciones para concurrir a mi felicidad, pero yo tengo muy pocas para concurrir a la suya. Y no crea que me estoy mandando la parte</i> (LT, 1960, p. 67).</p>	<p>Você tem todas as condições para contribuir para minha felicidade, mas eu tenho muito poucas para contribuir para a sua. Não estou fazendo média (AT, 1989, p. 54, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>A senhorita tem todas as condições para contribuir para minha felicidade, mas eu tenho muito poucas para contribuir para a sua. E não creia que estou bancando o santo (AT, 2007, p. 27, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Você tem todas as condições de promover a minha felicidade, mas eu tenho pouquíssimas de promover a sua. E não pense que estou seguindo um roteiro preestabelecido (AT, 2008, p. 67, trad. Pedro Gonzaga).</p>
	<p><i>Me pareció que se tranquilizaba. Una cosa era cierta. No se estaba mandando la parte. La palidez significaba que el susto era sincero</i> (LT, 1960, p. 85).</p>	<p>Tive a impressão de que se tranquilizou. Uma coisa era certa. Não estava disfarçando. A palidez significava que o susto era sincero (AT, 1989, p. 68, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Pareceu-me que se tranquilizava. Uma coisa era certa. Não estava fazendo gênero. [omissão de trecho] (AT, 2007, p. 92, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Pareceu-me que se acalmava. Uma coisa era certa. Não estava seguindo um papel. A palidez significava que o susto era sincero (AT, 2008, p. 84, trad. Pedro Gonzaga).</p>

Fontes: LT (1960), AT (1989), AT (2007) e AT (2008).

A locução ‘*mandarse la parte*’ alude ao ambiente teatral, mais especificamente ao monólogo proferido por um ator em uma das passagens da peça de teatro. Esse monólogo é um tipo de ‘*parlamento teatral*’ que se conhece popularmente como ‘*parte*’ e pode ser confundido com outro tipo de intervenção mais curta que é o ‘*aparte*’. A locução, por tanto, associa-se a dois significados, registrados no NDU (HAENSCH; WERNER; KÜHL DE MONES, 1993, p. 286) e no MDU (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 71): 1) alardear; 2) fingir. Em ambos os fragmentos do TF essa locução é utilizada pelo autor com o segundo significado, ou seja, fingir, aparentar, mostrar o que não se é ou o que não se sente.

Na versão proposta pelo tradutor Mustafa Yazbek, percebe-se que houve a identificação da locução e sua acertada interpretação, sendo que a opção pelo uso da palavra ‘disfarçar’, no TA, possui perda locucional, mas não quanto ao sentido do texto. Já nas traduções propostas por Pedro Gonzaga, ‘seguir um roteiro preestabelecido’ e ‘seguir um papel’, é notória a identificação do aspecto locucional, mas não a apreensão do significado

aludido pelo autor do TF. Pode-se, pensar, também, que o tradutor conseguiu interpretar corretamente a locução, mas optou por preservar o ‘actante’ locucional ‘*parte*’, do TF, usando as palavras ‘roteiro’ e ‘papel’ no TA. Se o objetivo do tradutor foi esse, a nosso ver, o ganho do jogo metafórico e literário foi pouco produtivo no contexto, além de derivar em perdas quanto ao significado e aos aspectos culturais intrínsecos ao uso de locuções.

Quanto à manutenção da locução na língua fonte, detectou-se o caso da locução ‘*cagar fuego*’ com duas ocorrências. Para a primeira ocorrência, a estratégia utilizada pela tradutora Joana Angélica D’Ávila Melo foi manter a locução na língua fonte (por se tratar da letra de um tango), incorporando a tradução em nota de rodapé. Na segunda ocorrência, a estratégia dessa tradutora consistiu no aproveitamento da explicação do autor sobre a locução, para mantê-la na língua fonte. Apresentam-se, no Quadro 25, trechos das obras coletadas para a composição do glossário, nas quais se evidenciam esses procedimentos.

Quadro 25 - Locução ‘*cagar fuego*’ mantida no TA.

TF / TAs	<p>“<i>Y a veces cuando me aburro / recuerdo al Dandy, aquel vago / que en un miércoles aciago / cagó fuego allá en Capurro</i>” (BC, 1992, p. 28).</p>	<p>“E às vezes quando me canso do mundo / lembro do Dândi, aquele vagabundo / que numa quarta de mau auguro / bateu as botas lá no Capurro.” (BDC, 1998, p. 29, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>* “E às vezes, quando me enfado, / recordo o Dândi, aquele folgado / que numa quarta-feira aziaga / bateu as botas em Capurro.” (BDC, 2012, p. 28, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo, N. da T.).</p>
	<p>(...) <i>el autor del tango no especificaba que había sido un crimen: “cagó fuego” es sinónimo lunfardo de “crepar, morir”, pero puede ser una muerte natural (...)</i> (BC, 1992, p. 29).</p>	<p>(...) o autor do tango não especificava que havia sido um crime: “bateu as botas” é o equivalente em gíria a “apagar, morrer”, mas pode ser uma morte natural (BDC, 1998, p., trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>(...) o autor do tango não especificava que havia sido um crime: “<i>cagar fuego</i>” é sinónimo lunfardo de “abotoar o paletó, morrer”, mas pode ser uma morte natural (BDC, 2012, p. 29, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>

Fontes: BC (1992), BDC (1998) e BDC (2012).

As equivalências aparentes entre as locuções dos TFs e suas traduções por locuções nos TAs, constituem casos de falsos amigos fraseológicos, ou seja, falsas semelhanças formais ou morfológicas entre essas locuções e a ausência de correspondências semânticas

entre as mesmas. Há seis casos de equivalência aparente entre locuções dos TFs e dos TAs, sendo que derivam das traduções para cinco locuções dos TFs. Essas locuções são: 1) ‘*a prueba de balas*’ e ‘a prova de balas’; 2) ‘*al santo botón*’ e ‘para os meus botões’ 3) ‘*armarse la de Dios es Cristo*’ e ‘a mão de Deus’; 4) ‘*por ahí*’ (com sentido de possibilidade) e ‘por aí’ (com duas ocorrências); 5) ‘*tener cola de paja*’ e ‘ter rabo de palha’.

Desses casos, apenas a tradução ‘a mão de Deus’, que a rigor consiste em falso amigo locucional de ‘*armarse la de Dios es Cristo*’, foi utilizada no TA como uma estratégia na aplicação da técnica actancial, descrita na subseção 3.3 deste estudo (p. 59, nota 37). A tradutora Eliana Aguiar utiliza a locução em português como parte de uma frase mais longa, na forma de refrão (sem comprovação lexicográfica), para transferir o actante ‘*Dios*’ do TF, junto com os sentidos de ‘*virulencia*’ e ‘*fúria*’ adjudicados à locução em espanhol, para o TA. No quadro 26, expõem-se os fragmentos do TF e do TA nos quais se evidencia essa estratégia adotada pela tradutora.

Quadro 26 – Locuções ‘*armarse la de Dios es Cristo*’ e ‘a mão de Deus’.

TF / TA	<p><i>Después de todo, los refranes populares son algo así como un currículum divino. Se armó la de Dios es Cristo: virulencia y furia.</i> (PER, 1982, p. 57).</p>	<p>Ao final, os refrões⁹⁵ populares são algo assim como um currículo divino. Deixa estar que a mão de Deus vai te pegar de jeito: virulência e fúria (PEP, 2009, p. 65, trad. Eliana Aguiar).</p>
---------	---	---

Fontes: PER (1960) e PEP (2009).

As locuções ‘*a prueba de balas*’ e ‘a prova de balas’ consistem em falsos amigos fraseológicos, pois, em espanhol, a locução possui o significado ‘imperturbável’, segundo consta no MDU (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 25), enquanto no português significa “que não permite a penetração de um projétil”, segundo o DLEP (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 8). No caso dessa tradução, o forte sentido metafórico que a locução possui em espanhol se perde ao usar uma locução com sentido próximo do literal. A escolha pela locução em português ‘à prova de bala’ pode indicar o intuito da tradutora de preservar o actante ‘bala’ no TA, pois o romance PER envolve a temática da ditadura militar no Uruguai, sendo esse actante muito pertinente ao desenvolvimento da trama. Perde-se o sentido metafórico da locução na língua fonte em prol do sentido metafórico do actante para o romance. No Quadro 27, expõem-se o fragmento do romance PER e sua tradução em PEP nos quais se registram essas locuções.

⁹⁵ *sic.*

Quadro 27 – Locuções ‘*a prueba de balas*’ e ‘a prova de balas’.

TF / TA	<i>A veces los muchachos tienen un valor a prueba de balas, y sin embargo no poseen un ánimo a prueba de desencantos.</i> (PER, 1982, p. 142-143).	Às vezes os jovens têm uma coragem à prova de bala e, no entanto, não possuem um ânimo à prova de desencantos. (PEP, 2009, p. 170, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
---------	---	---

Fontes: PER (1960) e PEP (2009).

Outro caso de locuções com correspondência aparente, por possuírem certa similaridade composicional e discrepância quanto à semântica, é o das locuções ‘*al santo botón*’ e ‘para meus botões’, exposto no Quadro 28 deste estudo.

Quadro 28 – Locuções ‘*al santo botón*’ e ‘para meus botões’.

TF / TAs	“¿Puedo ayudarte?”, dije, con todo, “¿puedo remediar esto en algo?” Preguntas al santo botón. Saqué una más, muy desde el fondo de mis dudas: ¿Qué pasa? ¿Querés que nos casemos? (LT, 1960, p. 81).	“Posso ajudar?”, disse eu, mesmo assim. “Posso remediar com alguma coisa?” Perguntas para meus botões. Fiz mais uma, tirada do fundo de minhas dúvidas: “Que está havendo? Você quer que nos casemos?” (AT, 1989, p. 65, trad. Mustafa Yazbek).
----------	--	---

Fontes: (LT, 1960) e (AT, 1989).

Segundo as informações oferecidas pelo MDU (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 28-29) a locução ‘*al santo botón*’ significa ‘inutilmente, em vão’, o que implica, no texto do romance LT, a formulação e a verbalização da pergunta sem a resposta do interlocutor. Num contexto mais amplo que o trecho apresentado nesse quadro, observa-se que Avellaneda, a personagem para a qual estão sendo feitas as perguntas, está chorando copiosamente, sendo esse o motivo de não conseguir responder. Na tradução proposta por Mustafa Yazbek, a locução utilizada é ‘para meus botões’ que expressa, dentro do contexto, uma conversa consigo mesmo, indicando que houve o reconhecimento de que ‘*al santo botón*’ é uma locução, porém, não há comprovação sobre a correta interpretação da mesma. Existe a possibilidade de que a escolha do tradutor esteja motivada pela conservação do actante ‘*botón*’, porém, essa palavra não possui força dentro da trama que justifique sua permanência no TA a ponto de comprometer, na cena, os significados propostos pelo escritor e a forma como se dá o diálogo entre os personagens.

Os usos das locuções ‘*por ahí*’ (com sentido de possibilidade), no romances QN, e ‘por aí’, nas suas versões traduzidas ao português, expostas no Quadro 29 conformam casos de correspondência locucional aparente entre esses idiomas. Para obter a dimensão do uso

dessas locuções nos diversos contextos e significados que possuem, optou-se por apresentar nesse quadro todas as ocorrências encontradas, tanto nos TFs quanto nos TAs.

Quadro 29 - Locuções ‘*por ahí*’ e ‘*por aí*’.

TF / TAs	<i>Por ahí sí. Ése era el comienzo</i> (QN, 1953, p.40).	Por aí sim. Esse era o começo (QDN, 1992, p. 67, trad. Charles Kiefer). Por aí sim. Esse era o começo (QDN, 2007, p. 65, trad. Maria Alzira Brum Lemos).
	<i>Hace años que no iba por ahí</i> (LT, 1960, p. 45).	Há anos que não andava por ali (AT, 1989, p. 36, trad. Mustafa Yazbek). Há anos que não andava por aqueles lados (AT, 2007, p. 47, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo). Fazia anos que não seguia por esse caminho . (AT, 2008, p. 45, trad. Pedro Gonzaga).
F / TAs	<i>Me rebajó a un cuarenta por ciento y me recomendó que aceptara antes de que se arrepintiese, que con nadie hacía eso, que nunca cobraba menos del cincuenta por ciento, que preguntara por ahí nomás (...)</i> (LT, 1960, p. 73).	Ele baixou para quarenta por cento e recomendou-me que aceitasse antes que se arrependesse, porque não fazia isso por ninguém, que nunca cobrava menos que cinquenta por cento, que era só saís perguntando por aí (...) (AT, 1989, p. 58, trad. Mustafa Yazbek). Depois de baixar para 40 por cento, recomendou-me aceitar, antes que ele se arrependesse, e disse que não fazia isso com ninguém, que jamais cobrava menos de 50 por cento, que eu podia perguntar por aí (...) (AT, 2007, p. 78, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo). Fez uma contraoferta de ficar com quarenta por cento e me recomendou que eu aceitasse antes que ele se arrependesse, que costumava fazer isso com ninguém, que nunca cobrava menos que cinquenta por cento, que eu perguntasse por aí se quisesse (...) AT, 2008, p. 72, trad. Pedro Gonzaga).
	<i>Tengo entendido que uno de los muchachos anda por ahí, ¿lo ves a veces?, (...)</i> (PER, 1982, p. 124).	Tenho ouvido dizer que um dos rapazes anda por aí , você encontra com ele às vezes? (PEP, 2009, p. 104, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).

Fontes: QN (1953), LT (1960), PER (1982), AT (1989), QDN (1992), AT (2007), QDN (2007), AT (2008) e PEP (2009).

Em consulta às fontes lexicográficas de uruguaiosismos, transcritas no Apêndice deste estudo (p. 217) observa-se que a locução ‘*por ahí*’ possui dois usos ou significados: 1) para indicar proximidade especial; 2) que indica probabilidade. Essa locução tem equivalência plena à do português ‘*por aí*’ no primeiro significado, mas não há constatação lexicográfica para a segunda acepção no DLEP, pelo qual interpretamos o caso como uma falsa semelhança semântica.

No plano textual, o primeiro trecho transcrito pertence à cena do romance QN na qual o personagem Lucas está pensando em como desenvolver a escrita de um conto. Nas suas descrições sobre o desenvolvimento da trama é que expressa ‘*Por ahí sí. Ése era el comienzo*’. Essa locução que na versão em espanhol aponta probabilidade, em português (‘por aí’) passa a expressar proximidade espacial, constituindo uma situação de semelhança aparente, pois o compartilhamento é apenas quanto às morfologias locucionais. Nesse caso, é provável que tenha acontecido o reconhecimento da característica locucional da UF, mas o fato de ‘*por ahí*’ possuir mais de um significado e compartilhar apenas um com a locução em português propiciou o engano e a troca de significados no contexto. Ou seja, provavelmente esse engano provenha de uma compreensão parcial da locução na língua fonte.

O último caso de locuções com correspondência aparente extraído das fontes desta pesquisa expõe a presença das locuções ‘*tener cola de paja*’ e ‘*ter um rabo de palha*’ apresentadas nos recortes dos romances e suas traduções no Quadro 30.

Quadro 30 – Locuções ‘*tener cola de paja*’ e ‘*ter rabo de palha*’.

TF / TAs	“ <i>Mirá, no seas pavo. No quise decir eso, ni siquiera lo pensé. Estás susceptible como una solterona. O tenés una cola de paja grande como una casa.</i> ” (LT, 1960, p. 88).	“Olhe, não seja tonto. Não quis dizer isso, e nem pensei nisso. Você está tão susceptível como uma solteirona. Ou então tem um rabo de palha do tamanho de uma casa.” (AT, 1989, p. 71, trad. Mustafa Yazbek).
		“Escute aqui, não seja tolo. Eu não quis dizer isso, nem sequer pensei. Você está tão susceptível como uma solteirona. Ou então tem um enorme telhado de vidro. ” (AT, 2007, p. 95, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
		“Escute, não seja tolo. Não quis dizer isso, nem cheguei a pensar numa coisa dessas. Você está tão susceptível como uma solteirona. Ou então tem o rabo preso. ” (AT, 2008, p. 88, trad. Pedro Gonzaga).

Fontes: LT (1960), AT (1989), AT (2007) e AT (2008).

A consulta às fontes lexicográficas evidencia que ‘*tener cola de paja*’ significa ‘sentir-se culpável’, como indica o DUD (MIERES *et al.*, 1966, p. 126), enquanto ‘*ter rabo de palha*’, segundo registra o DLEP (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 427), significa “ser conhecido por atos pouco dignos; ser vulnerável em sua moral”. Apesar da aparente sutileza na diferenciação entre esses significados, no primeiro o sentimento de culpabilidade não implica em vulnerabilidade da moral, enquanto no segundo há uma clara culpabilidade quanto à

realização de ações pouco dignas. Novamente, pode se pensar que o uso da locução ‘ter rabo de palha’ pode derivar, nesse caso, da intenção do tradutor em preservar os actantes ‘*cola*’ e ‘*paja*’ no TA, apesar de ser pouco provável. Somos mais propensos a pensar que essa escolha consiste em uma interpretação equivocada da locução do TF por parte do tradutor, devido à falsa semelhança.

Após ter apresentado os casos em que se detectou a correspondência locucional aparente entre os TFs e os TAs, passaremos às análises dos casos em que a correspondência locucional é nula. Essa falta de correspondência entre as locuções apresentou-se em apenas duas ocasiões do uso das locuções: 1) ‘*con pinzas*’ e ‘cheio de dedos’; 2) ‘*sacar vendiendo boletines*’ e ‘fazer cera’.

No Quadro 31, apresentam-se trechos dos romances QN e PER nos quais o autor usa a locução ‘*con pinzas*’ e das suas traduções nas versões em português, dentre as quais consta ‘cheios de dedos’.

Quadro 31 - Locuções ‘*con pinzas*’ e ‘cheio de dedos’.

TF / TAs	<i>En dos esquinas yo tenía el derecho de ayudarla a cruzar tomándole apenas el brazo, y sólo en raras ocasiones tratábamos –con pinzas– el tema del amor, a propósito de otros.</i> (QN, 1953, p. 13).	Em duas esquinas eu tinha o direito de ajuda-la a cruzar a rua tomando-a apenas pelo braço, e somente em raras ocasiões tratávamos – com pinças – sobre o tema do amor, a propósito de outros (QDN, 1992, p. 20, trad. Charles Kiefer).
		Em duas esquinas eu tinha o direito de ajuda-la a atravessar pegando apenas em seu braço, e só em raras ocasiões falávamos – cheios de dedos – de amor, a propósito de outros assuntos (QDN, 2007, p. 21, trad. Maria Alzira Brum Lemos).
	<i>Y así hablaron y fumaron durante un par de horas, casi sin tocarse, barajando soluciones y resoluciones, tocando pero con pinzas el tema Beatriz, sin atreverse todavía a desmenuzar o planificar el futuro (...)</i> (PER, 1960, p. 116).	E assim falaram e fumaram durante um par de horas, quase sem se tocar, embaralhando soluções e resoluções, pegando com pinças a questão de Beatriz, ainda sem se atreverem a esmiuçar ou planejar o futuro (...) (PEP, 2009, p. 140, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).

Fontes: QN (1953), PER (1960), QDN (1992), QDN (2007) e PEP (2009).

O MDU (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2003, p. 27) registra a locução ‘*con pinzas*’ adjudicando-lhe dois significados, que são: 1) tratar alguém com consideração especial; 2) tratar um assunto com precaução. Por sua vez, no DLEP (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 85) a locução ‘cheio de dedos’ também possui dois significados, que são: 1) atrapalhado, confuso o embaraçado; 2) amaneirado. Essas informações permitem vislumbrar

que os significados em contexto estão atrelados à ideia de precaução, na locução em espanhol, e, provavelmente, ao sentido de complicação, na locução em português. Pode se pensar também, na possibilidade da relação com o segundo significado, no caso do português, de uma perspectiva metafórica em que o assunto a ser tratado demandava delicadeza. Essa hipótese, no entanto, não possui corroboração nas fontes lexicográficas, pelo qual, há também a possibilidade de se tratar de uma falta de correspondência locucional derivada de erros de interpretação da locução na língua fonte ou na língua alvo.

O segundo caso de ausência de correspondência locucional consiste na tradução ‘fazer cera’ para ‘*sacar vendiendo boletines*’. No Quadro 32, apresentam-se os trechos do romance LT e de suas versões em português, nos quais se inclui a locução ‘para fora’ que possui correspondência parcial com relação à do TF.

Quadro 32 – Locuções ‘*sacar vendiendo boletines*’, ‘para fora’ e ‘fazer cera’.

TF / TAs	<p>“<i>Pero eso es inmoral, señor</i>”, me hizo un guiño que estaba a medio camino entre lo travieso y lo asqueroso y, antes de que yo pudiera agregar nada, me preguntó: “¿O usted no lo cree así?”. Lo saqué vendiendo boletines y le mandé un trabajo de esos bien pudridores (LT, 1960, p. 48).</p>	<p>“Mas, isso é imoral, senhor”, e deu-me uma piscadela que estava no meio-termo entre o travesso e o nojento, e antes que eu pudesse acrescentar algo, perguntou: “Ou o senhor não acha?” Coloquei-o para fora dali e passei-lhe um trabalho dos pesados (AT, 1989, p. 39, trad. Mustafa Yazbek).</p>
		<p>“Mas isso é imoral, senhor”, me deu uma piscadela a meio caminho entre o travesso e o asqueroso e, antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, perguntou: “Ou será que o senhor não acha?” Peguei-o fazendo cera e lhe passei um trabalho daqueles bem maçantes (AT, 2007, p. 50, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
		<p>“Mas isso é imoral, senhor”, dando-me uma piscadela que estava a meio caminho entre o travesso e o asco e, antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, perguntou-me: “Ou o senhor tem uma opinião diferente?” Achei que estava me enrolando e o indiquei para um trabalho desses de arrasar (AT, 2008, p. 48, trad. Pedro Gonzaga).</p>

Fontes: LT (1960), AT (1989), AT (2007) e AT (2008).

A locução ‘*sacar vendiendo boletines*’, muito usual no âmbito uruguaio, significa expulsar alguém utilizando de violência.

Apesar da análise argumentativa não ser o foco deste estudo, comentaremos, aqui, alguns elementos dessa obra literária a fim de esclarecer a importância do uso da locução '*sacar vendiendo boletines*' nesse contexto do TF. O personagem Martín Santomé, um funcionário público tradicionalista com personalidade discreta e íntegra nos seus princípios recebe uma investida de um subalterno com tendências homossexuais e reage violentamente expulsando-o pelo seu atrevimento e aplica-lhe, como penalidade, o cumprimento de um trabalho enfadonho. O fato, que aparentemente não tem muita importância para o desenvolvimento da trama, acaba apresentando seu desenlace em alguns capítulos posteriores. Martín descobre que um de seus filhos é homossexual, o que significa para ele um grande impacto, pois contraria os seus princípios inquebrantáveis, próprios dos preceitos da época; porém, ele não reage com violência e sente culpa por sempre ter trabalhado arduamente sem dar a devida atenção ao filho, o que demonstra seu amor incondicional, porém contido.

A opção do tradutor Mustafa Yazbek pelo uso de 'para fora' como correspondente a '*sacar vendiendo boletines*' indica um posicionamento tradutológico que privilegia, nesse caso, os sentidos da locução do TF em prol da compreensão geral do TA e da trama proposta pelo autor do romance. Há identificação e interpretação dessa locução no TF, além de transferência de significado para o TA.

Já na versão da tradutora Joana Angélica D'Ávila Melo a escolha da locução 'fazer cera', de amplo uso no âmbito brasileiro com o significado de fingir que se está trabalhando, como tradução de '*sacar vendiendo boletines*' promove uma mudança considerável na cena com relação à intenção do autor, além de haver perdas na intensidade de sentidos que contêm a locução em espanhol. O uso dessa locução do português no TA indica que houve o reconhecimento da locução no TF, porém, sua interpretação não foi alcançada.

Um dos objetivos dessa análise foi evidenciar os problemas advindos da tradução de locuções nos romances do escritor Mario Benedetti. Não em vão, no romance BC, Benedetti (1992 p. 2) dedica a obra aos tradutores do seu livro de contos '*Montevideanos*', pela paciência e habilidade para traduzir essa obra para mais de 20 línguas. A linguagem desse escritor é, de fato, uma representação da fala montevideana contemporânea e coloquial e, por conseguinte, possui locuções que são uruguaismos e que são similares às locuções do português em alguns casos, são falsamente familiares em outros e, também, há algumas locuções de difícil interpretação.

No que concerne aos dicionários, observa-se que essas locuções estão dicionarizadas, tanto nas edições exaustivas quanto nas fraseológicas, com exceção de '*por ahí*' que está apenas nas exaustivas. Sua divulgação como obras para a consulta de tradutores ainda está

pendente, porém, como obras direcionadas ao público comum, cumprem, em maior ou menor medida, seu papel de divulgadoras da variante utilizada no Uruguai, suas particularidades e sutilezas.

O fato do problema de tradução das locuções acontecer entre línguas muito próximas, como são o espanhol e o português, pode ser decorrente da grande quantidade de elementos linguísticos e culturais compartilhados por esses idiomas, o que ocasiona uma falsa sensação de segurança sobre o domínio dos componentes linguísticos no espanhol e, por conseguinte, do domínio da subcompetência fraseológica para realizar traduções.

7.3.3 Algumas reflexões para ‘*dar corte*’⁹⁶

Nessa subseção, apresentam-se algumas reflexões que, de modo geral, foram sendo amadurecidas durante os processos de localização, reconhecimento e interpretação das locuções tanto nos textos lexicográficos como nos literários.

Devido a que a autora desta tese é falante nativa da variante uruguaia do espanhol, o estudo das locuções pertencentes ao âmbito uruguaio representou, por um lado, o resgate identitário e de elementos mnemônicos provenientes das vivências tanto cultural quanto linguística, cultivadas na infância e na adolescência. Por outro lado, constituiu uma oportunidade de aprendizagem e aprimoramento da subcompetência fraseológica, e ‘fraseográfica’, tanto na língua espanhola como na língua portuguesa. Por esses motivos, cabe elencar aqui, algumas constatações que derivam do cumprimento de cada um dos procedimentos estipulados para o trabalho mas, também, das vivências coletadas durante a caminhada.

No desenvolvimento deste estudo percebe-se:

- o desconhecimento de algumas locuções com as quais nos deparamos durante a leitura dos verbetes nos dicionários; ou daquelas que estavam especialmente próximas desses verbetes, obedecendo à ordem alfabética sequencial, e que possuíam relação morfológica ou semântica com a locução procurada;
- a identificação de algumas locuções conhecidas, porém, ao consultá-las nos dicionários detectam-se informações quanto à sua polissemia, sinonímias e marcações que não eram familiares ou eram totalmente desconhecidas;

⁹⁶ A locução verbal ‘*dar corte*’, de uso espontâneo, significa ‘prestar atenção’ (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2012, p. 211).

- o aprimoramento gradual da própria subcompetência fraseológica, tanto na língua fonte quanto na língua alvo, proveniente do processo da leitura dos romances com o intuito de detectar locuções e da posterior consulta aos dicionários para corroborar ou investigar os seus significados.

Em vista dessas percepções, consideramos que para desenvolver a subcompetência fraseológica, em especial quando se direciona à tradução de culturas exógenas, é necessário visitar constantemente textos que sejam ricos na presença de locuções e diversificados quanto às variantes utilizadas assim como, também, é necessário ser assíduo consulente de dicionários de diferentes tipos e, em especial, dos fraseológicos e dos dialetais.

Quanto à constante atualização dos dicionários cabem também aqui algumas reflexões. Segundo comentam Alberti *et al.* (1971, p. 22), autoras do DDUV, no ano anterior à publicação da sua obra a RAE lançou uma versão atualizada do DRAE na qual incluíam-se muitos dos lemas que elas assinalavam como uruguaismos. Em vista disso, essas autoras optaram por continuar com a edição que estava quase finalizada assinalando no DDVU as atualizações que havia proposto a RAE. Esse episódio, que reconhecemos como similar ao acontecido com este estudo promoveu a reflexão quanto à efemeridade das pesquisas fraseológicas e fraseográficas, pois as línguas estão em constante mudança, em movimento. Acompanhar essas mudanças é um desafio constante, pois o trabalho lexicográfico demanda acuidade, meticulosidade, dedicação e um ritmo constante... *'a la uruguaya'*⁹⁷.

⁹⁷ Superando dificuldades aparentemente intransponíveis.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Montevideo era verde en mi infancia /
absolutamente verde y con tranvías.*⁹⁸
(BENEDETTI, 1997, p. 569)

O estudo das locuções da variante uruguaia do espanhol nos romances de Mario Benedetti, da inclusão dessas locuções nos dicionários de uruguaismos e de suas traduções para a variante brasileira do português, conforme se mencionou na introdução, teve o objetivo de analisar como se manifesta a subcompetência fraseológica dos tradutores quanto à identificação e interpretação dessas locuções nos TFs.

Para o embasamento teórico da pesquisa buscou-se sustentação em princípios da Fraseologia que concernem à conceituação e à caracterização das locuções. Por sua vez, no âmbito da Tradução, lançou-se mão dos conceitos de ‘competência tradutória’ e de ‘problema de tradução’ para detectar o papel que ocupam as locuções a partir de duas perspectivas, a saber: 1) a subcompetência fraseológica do tradutor; 2) as locuções como problema de tradução. Foram adotados, também, princípios da Lexicografia que permitiram localizar e distinguir os dicionários dialetais dentre outras obras da família lexicográfica e identificar os dicionários de uruguaismos, que foram fontes para esta pesquisa, junto com os romances e suas traduções. Aliados a esses princípios, assumiram-se bases teóricas da Fraseografia, no que se refere ao estudo crítico das adequações e inadequações na inclusão de UFs nos dicionários.

Determinadas as bases metodológicas e os procedimentos para a coleta dos dados, foram revisados quatro romances do escritor Mario Benedetti à procura de locuções da variante uruguaia do espanhol para extrair-lhes o contexto, buscar suas correspondências nas oito edições dessas obras publicadas no Brasil e verificar se esses dados estavam registrados nos cinco dicionários de uruguaismos escolhidos como fontes. Todas essas informações foram compiladas, acrescidas de comentários e organizadas na forma de um glossário documentado que permitiu, por um lado, realizar as análises comparando os dados e, por outro lado, tem o intuito de contribuir com futuras pesquisas e com o trabalho tradutório.

⁹⁸ “Montevideu era verde na minha infância / absolutamente verde e com bondinhos” (BENEDETTI, 1997, p. 569, tradução nossa). Esse poema foi originariamente publicado na obra ‘*Poemas de la oficina*’, escrito entre os anos de 1953 e 1956 e que foi o primeiro grande livro de Mario Benedetti; uma obra que lhe abriu as portas para se tornar um dos mais importantes escritores do Uruguai e o maior representante da literatura montevidiana.

Atendendo aos objetivos deste estudo, no que se refere à identificação das locuções que pertencem à variante uruguaia do espanhol nos romances de Mario Benedetti, constatou-se a presença de 35 locuções (verbais, adverbiais, adjetivas e interjetivas) distribuídas nos quatro romances. Foram contabilizadas 48 ocorrências, sendo que as locuções mais utilizadas pelo autor foram *'así nomás'*, com cinco casos em duas das obras, e *'por aí'*, com quatro casos em três das obras consultadas.

No processo de identificação das locuções nos TFs com o intuito de compilar e organizar os dados para as análises foram utilizados dois procedimentos: 1) a busca das locuções que são lemas no MDU; 2) a leitura metódica e detalhada dos romances, utilizando como recurso a própria subcompetência fraseológica, além da linguística e da cultural, da autora deste trabalho. O segundo procedimento revelou-se um laboratório autoinvestigativo, na medida em que foi possível mensurar as dificuldades impostas pelos TFs, reconhecer a oportunidade de aprendizagem outorgada pelas informações obtidas nos dicionários e vivenciar o processo de aprimoramento da subcompetência fraseológica, e *'fraseográfica'*, tanto na língua fonte como na língua alvo.

No que concerne à análise dos dicionários, quanto à presença e à forma de apresentação das informações fraseológicas, observa-se que os dicionários gerais de uruguaismos incluíram mais locuções que os fraseológicos. Essa informação leva a refletir sobre a precária atenção que, ainda, as obras fraseológicas recebem para sua composição e edição, se comparadas às gerais. Opinamos que apesar de existirem pesquisas sérias e aprofundadas sobre a fraseologia das línguas de modo geral e, também, de algumas das suas variantes, é notório que os dicionários fraseológicos continuam alastrando o estigma de obras de curiosidades ou para a erudição, ofuscando-se seu caráter de instrumentos especializados para a investigação em diversas áreas do conhecimento e para a tradução.

Em prol de uma Fraseografia profícua e da elaboração de obras fraseológicas que atendam as necessidades dos tradutores consideramos pertinente elencar algumas propostas que poderão ser úteis para a elaboração de dicionários que possuem essa finalidade. Do nosso ponto de vista, os dicionários que tem aos tradutores como seu público alvo deveriam privilegiar os seguintes aspectos:

1. Possuir definições que levem ao entendimento da locução utilizando, além das palavras sinônimas e das variantes linguísticas, as perífrases explicativas;
2. Incluir, sempre que for possível, informações históricas, culturais, da origem que possuem as locuções, entre outras, a fim de auxiliar a apreensão de sentidos,

tanto os historicamente constituídos quanto os metafórico, e facilitar a transferência dos mesmos para a língua alvo e o TA.

3. Privilegiar a presença de exemplos de uso suficientemente extensos e expressivos, utilizados de forma metódica para todas as locuções e todos os significados compreendidos pelas mesmas;
4. Incluir traduções dos exemplos de uso (no caso de dicionários bilíngues ou bilingualizados) para todas as locuções;
5. Incluir exemplos de traduções para todas as locuções (no caso de dicionários bilíngues ou bilingualizados);
6. Incluir listas remissivas elaboradas com as principais palavras que compõem as locuções, com o objetivo de: a) facilitar a identificação da extensão e da sequência locucional; b) permitir localizar diversas locuções com um mesmo actante; c) proporcionar um material de estudo para o aprimoramento da subcompetência fraseológica do tradutor quanto à diversidade de variantes que possuem as locuções com morfologia semelhante;
7. Utilizar diferentes marcas que permitam, além do entendimento da tipologia locucional, a compreensão quanto ao uso, aos aspectos sociolinguísticos, à valoração social, ao estilo, entre outras nuances próprias das línguas.

Ao analisar a presença de locuções nos romances pesquisados, de modo abrangente, pode-se observar que a obra que possui maior número de locuções que são uruguaismos é '*La tregua*'. Dentre os romances que escreveu Benedetti, esse foi o que obteve maior visibilidade sendo traduzido a vários idiomas e recebendo duas adaptações cinematográficas bastante conhecidas, uma argentina e a outra mexicana. É também a obra para a qual foram encontradas mais versões editadas no Brasil; ao todo foram três edições.

No que diz respeito às traduções das locuções propostas nas edições brasileiras dos romances de Mario Benedetti, salienta-se que na totalidade dos casos os tradutores identificaram tanto o caráter locucional quanto a extensão de seus elementos nos TFs. A interpretação, não entanto, nem sempre foi acertada.

O caso das locuções '*tener cola de paja*' e '*ter rabo de palha*' mostrou-se um problema de tradução bastante específico, pois se trata de falsos amigos fraseológicos, os quais se evidenciaram verdadeiras armadilhas para os tradutores, sobre tudo em línguas próximas como é o caso do espanhol e do português, ainda mais quando uma delas consiste

em uma locução proveniente de uma variante linguística. Nesse caso, as fontes lexicográficas e fraseográficas foram de grande valia para elucidar os significados que possuem essas locuções e suas divergências semânticas.

Das análises e reflexões expostas depreendem-se algumas considerações e comentários quanto à importância de desenvolver junto à subcompetência fraseológica uma subcompetência que permita um diálogo profundo com as fontes lexicográficas. Destaca-se aqui a importância de saber se aproximar e explorar as fontes documentais lexicográficas e fraseográficas, identificando os objetivos de cada consulta, a adequabilidade de cada dicionário a essas necessidades e a profundidade dos dados obtidos. E, por outro lado, é necessário desenvolver uma postura crítica para a análise de dicionários, aliando os conhecimentos instrumentalizados e intuitivos ao verdadeiro saber sobre o gênero textual lexicográfico, sua diversidade tipológica, suas contribuições e suas limitações. Propõe-se, portanto, que no alargamento da subcompetência fraseológica do tradutor e seu vínculo com a subcompetência instrumental existe uma ‘subcompetência fraseográfica’, a qual consiste no conhecimento para avaliar criticamente e utilizar metodicamente as fontes lexicográficas e fraseográficas na tradução de UFs.

Consideramos que a subcompetência fraseográfica atua, ao menos, em três esferas, que são: 1) o conhecimento sobre as diferentes tipologias de dicionários e sua aplicação à tradução; 2) as técnicas de busca por informações fraseológicas nos dicionários; 3) a crítica de fontes lexicográficas e fraseográficas tendo em vista seu aperfeiçoamento e que atendam ao tradutor como público alvo das consultas fraseológicas.

Por um lado, há que levar em consideração que, tanto nas obras lexicográficas e fraseográficas como na atividade tradutória, existem limites estabelecidos pelas línguas, pelas culturas, pela redução conceitual e sígnica da palavra escrita, entre outras.

Por outro lado, cabe destacar que, ao trabalhar com obras de caráter lexicográfico, por breves que sejam, estamos sempre sobre os ombros de gigantes, e são eles os que apontam os caminhos possíveis e menos pedregosos, seja na elaboração de dicionários, seja no seu uso para realizar traduções. Duas escolhas se fazem necessárias, saber o destino e saber escolher o gigante, além de se certificar, antes de empreender viagem, que ele vai à direção certa.

Dentre os gigantes que escolhemos para essa viagem, está o escritor Mario Benedetti.

Nas suas obras, Benedetti apresentou ao mundo as singularidades da fala e da cultura montevideana. Da mesma forma que o pintor e artista plástico Torres-García desenhou com tinta sobre o papel sua ‘América Invertida’ (exposta no Anexo, p. 233) para explicar a exata

localização geográfica da sua terra uruguaia, o escritor Mario Benedetti descreveu com tinta sobre o papel dos seus livros a exata essência da alma de ‘Montevideo’⁹⁹.

⁹⁹ Uma das explicações para a origem desse topônimo faz alusão aos registros encontrados em documentos que remontam às primeiras viagens exploratórias do litoral que, hoje em dia, reconhece-se como pertencente ao território uruguaio. Provavelmente, foi o escrevente, ou o responsável por registrar os aspectos geográficos mais relevantes desse litoral, com o intuito da confecção de mapas da região, quem escreveu pela primeira vez ‘MONTE VI D.E.O.’; uma espécie de acrônimo de ‘*monte sexto de este a oeste*’ que pode ser traduzido ao português, não sem as inevitáveis perdas estilísticas, culturais e metafóricas como ‘Montevideu’, ‘morro sexto, contando do leste para o oeste’.

REFERÊNCIAS

1. DICIONÁRIOS

ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS. **Diccionario del español del Uruguay**. 2. reimp. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2012. 576 p.

ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS. **Mil dichos, refranes, locuciones y frases del español del Uruguay**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2003. 188 p.

ALBERTI, Eugenia B de *et al.* **Diccionario Documentado de voces uruguayas en Amorim, Más de Ayala y Porta**. Montevideo: Universidad de la República / Departamento de Publicaciones, 1971. 208 p.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. 744 p.

HAENSCH, Günther; WERNER, Reinhold; KÜHL DE MONES, Ursula (dir.). **Nuevo Diccionario de americanismos**. Tomo III: Nuevo diccionario de uruguayismos. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993. 468 p.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Vox, 1995. 382 p.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Manual básico de lexicografía**. Gijón, España: Trea, 2009. 406 p.

MIERES, Celia *et al.* **Diccionario Uruguayo Documentado**. Montevideo: Biblioteca de la Academia Nacional de Letras, 1966. 136 p.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español**. Madrid: Arco/Libros, 2005b. 284 p.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español**. Madrid: Arco/Libros, 2002. 304 p.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlo Eduardo Penna de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 684 p.

SECO, Manuel; ANDRÉS, Olimpia; RAMOS, Gabino. **Diccionario del español actual**. Vol. I e II. 2. reimp. 1999. 4.638 p.

2. ROMANCES E POEMÁRIOS

BENEDETTI, Mario. **A borra do café**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Record, 1992.

- BENEDETTI, Mario. **A borra do café**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- BENEDETTI, Mario. **A trégua**. Tradução de Mustafa Yazbek. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENEDETTI, Mario. **A trégua**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BENEDETTI, Mario. **A trégua**. Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- BENEDETTI, Mario. **Inventario Uno**. Poesía Completa (1950-1985). 10ª ed. 4. reimpr. Madrid: Visor, 1997. 858 p.
- BENEDETTI, Mario. **La borra del café**. Buenos Aires: Sudamericana, 1992. Disponível em: <https://cakefist-d4764.firebaseio.com/18/La-Borra-Del-Cafe.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- BENEDETTI, Mario. **La tregua**. Buenos Aires: Sudamericana, 1960. Disponível em: https://www.guiacultural.com/guia_regional/regional/uruguay/letr_uy/mario_benedetti_-_la_tregua.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.
- BENEDETTI, Mario. **Poemas de otros**. Buenos Aires: Alfa Argentina, 1974. 156 p.
- BENEDETTI, Mario. **Primavera con una esquina rota**. Buenos Aires: Sudamericana, 1982. Disponível em: <https://epdf.pub/primavera-con-una-esquina-rota.html>. Acesso em: 07 mar. 2018.
- BENEDETTI, Mario. **Primavera num espelho partido**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- BENEDETTI, Mario. **Quem de nós**. Tradução de Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- BENEDETTI, Mario. **Quem de nós**. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BENEDETTI, Mario. **Quién de nosotros**. Buenos Aires: Sudamericana, 1953. Disponível em: https://static.telesurtv.net/filesOnRFS/multimedia/2015/05/17/mario_benedetti_-_quixn_de_nosotros.pdf. Acesso em: 05 mar. 2018.

2. TEXTOS TEÓRICOS

- ALVAR EZQUERRA, Manuel. **De antiguos y nuevos diccionarios del español**. Madrid: Arco/Libros, 2002. 484 p.
- ARI ROITMAN. *In*: CARDELLINO, Pablo; COSTA, Walter Carlos. **Ditra**: dicionário de tradutores literários no Brasil. 2011. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/AriRoitman.htm>. Acesso em: 03 jan. 2019.

- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La lexicografía como disciplina lingüística. *In: MEDINA GUERRA, Antonia María (coord.). **Lexicografía española***. Barcelona: Ariel, 2003. p. 31-52
- BEVILACQUA, Cleci Regina. Lexicografia bilíngue: aspectos teóricos e reflexões sobre os dicionários bilíngues português-espanhol e espanhol-português. *In: ROTTAVA, Lúcia; SANTOS, Sulany Silveira dos (org.). **Ensino e aprendizagem de línguas: língua estrangeira***. Ijuí. Unijuí, 2006. p. 107-138
- CASAS, Ricardo. **Palabras verdaderas**. Documentario. Montevideo: 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hrHqH7qASUQ>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. *In: MEDINA GUERRA, Antonia María (coord.). **Lexicografía española***. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 79-101.
- CAGNOLATI, Beatriz. Traductología: hacia el nacimiento de una “nueva” disciplina. *In: CAGNOLATI, Beatriz (comp.). **La traductología: miradas para comprender su complejidad***. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2012. p. 41-70.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos**. Madrid: Iberoamericana, 2003. 326 p.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996. 338 p.
- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Seguindo os rastros do dicionário. *In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri (org.). **Vendo o dicionário com outros olhos***. Londrina: UEL, 2010. p. 15-28
- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **Dicionário bilíngue contrastivo de unidades fraseológicas (português-espanhol) (DUFraPE)**. Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq, com mérito de uma bolsa de produtividade. 2009.
- ETTINGER, Stefan. La variación lingüística en lexicografía. *In: HAENSCH, Günther et al. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica***. Madrid: Gredos, 1982. p. 359-394.
- GALÁN-MAÑAS, Anabel. **La enseñanza de la traducción en la modalidad semipresencial**. 2009. Tesis doctoral (Departament de Traducció i d'Interpretació). Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/tesis/2009/tdx-0416110-163024/aha1de2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- GARCÍA BENITO, Ana Belén. Definición lexicográfica y fraseología. *Archivum*, Oviedo, n. 52-53, p. 125-139, 2002.
- GARCIA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. Colocaciones léxicas con locuciones adverbiales integradas. *In: PAMIES BERTRÁN, Antonio (ed.). **De lingüística, traducción y léxico-fraseología: homenaje a Juan de Dios Luque Durán***. Granada: Comares, 2013. p. 473-488.

- GARCIA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. **Introducción a la fraseología española**: estudio de las locuciones. Barcelona: Anthropos, 2008. 528 p.
- GARCIA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. Variantes morfológicas y unidades fraseológicas. **Paremia**. Madrid, n. 8, p. 225-230, 1999. Disponível em: <http://www.paremia.org/numero-8-1999/>. Acesso em: 25 maio 2014.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2. ed. rev. São Paulo: Madras, 2009. 296 p.
- GÓMEZ, Teo. **Mario Benedetti**: el poeta cotidiano y profundo. Barcelona: Océano, 2009. 232 p.
- GONZÁLEZ AGUIAR, María Isabel. La definición lexicográfica de las unidades fraseológicas: la aplicación de modelos formales. In: ALONSO RAMOS, Margarita (ed.). **Diccionarios y Fraseología**. A Coruña: Universidade da Coruña, 2006. p. 221-233.
- GONZÁLEZ REY, María Isabel (ed.). **Didáctica y traducción de las unidades fraseológicas**. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2014. 274 p.
- HAENSCH, Günther. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982a. p. 395-534.
- HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982b. p. 95-187.
- HAENSCH, Günther; OMEÑACA, Carlos. **Los diccionarios del español en el siglo XXI**: problemas actuales de la lexicografía, los distintos tipos de usuarios de diccionarios: una guía para el usuario, bibliografía de publicaciones sobre lexicografía. 2. ed corr. y aum. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2004. 400 p.
- HEINEMANN, Axel. El tratamiento de las unidades fraseológicas en las diferentes ediciones del Diccionario de la Academia. In: MELLADO BLANCO, Carmen (ed.). **Colocaciones y fraseología en los diccionarios**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008. p. 247-256.
- HURTADO ALBIR, Amparo (dir.). **Enseñar a traducir**: Metodología en la formación de traductores e intérpretes. Madrid: Edelsa, 1999. 256 p.
- HURTADO ALBIR, Amparo. La traductología: lingüística y traductología. **Trans**, Málaga, n.1, p. 151-160, 1996. Disponível em: http://www.trans.uma.es/trans_01.html. Acesso em: 16 ago. 2015.
- HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2001. 696 p.
- HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. 5. ed. Madrid: Cátedra, 2011. 696 p.

HWANG, Álvaro David. Lexicografía: dos primórdios à nova lexicografia. *In*: HWANG, Álvaro David; NADIN, Odair Luiz (orgs.). **Linguagens em interação III**: estudos do léxico. Maringá: Clichetec, 2010. p. 33-45.

JOANA ANGÉLICA D'ÁVILA MELO. *In*: RODRÍGUEZ HINOJOSA, Fedra; LIMA, Ronaldo. **Ditra**: dicionário de tradutores literários no Brasil. 2009. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/JoanaAngelicadAvilaMelo.htm>. Acesso em: 05 jan. 2019.

KELLY, Dorothy A. Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular. **Puentes**, Granada, n. 1, p. 9-20, ene., 2002.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópico**, São Leopoldo, RS, v. 4, n. 3, p. 141-147, set./dez., 2006.

MARCELO WIRNITZER, Gisela; AMIGO EXTREMERA, José Jorge. La traducción de fraseologismos en el aula de Traducción General. *In*: CORPAS PASTOR, Gloria; *et al.* (eds.). **Nuevos horizontes en los Estudios de Traducción e Interpretación**: (Comunicaciones completas). Tradulex: Geneva, 2015. p. 373-387. Disponível em: <http://www.tradulex.com/varia/AIETI7-proc.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 297 p.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Qué español enseñar?** Madrid: Arco/Libros, 2000. 96 p.

PACTE. Building a translation competence model. *In*: ALVES, Fabio (ed.). **Triangulating translation**: perspectives in process oriented research. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 43-66.

PEDRO GONZAGA. *In*: COSTA, Anderson da; TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Ditra**: dicionário de tradutores literários no Brasil. 2013. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PedroGonzaga.htm>. Acesso em: 07 jan. 2019.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. Criterios seguidos en la redacción del “Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español (DICLOCADV)”. **Linred.**, Alcalá, n. 3, p. 1-24, jul. 2005a. Disponível em: <http://www.linred.es/articulos.html>. Acesso em: 23 set. 2014.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid: Arco/Libros, 1999. 68 p.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. La información gramatical sobre la clasificación de las locuciones en los diccionarios. *In*: ALONSO RAMOS, Margarita (ed.). **Diccionarios y Fraseología**. A Coruña: Universidade da Coruña, 2006. p. 249-259.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002. 368 p.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. **A descrição de idiomatismos nominais: proposta fraseográfica português-espanhol**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, SP. 242 p.

RUIZ GURILLO, Leonor. **Aspectos de fraseología teórica española**. València: Universitat de València, 1997. 142 p.

RUIZ GURILLO, Leonor. **La fraseología del español coloquial**. Barcelona: Ariel Paracticum, 1998. 128 p.

RUIZ GURILLO, Leonor. **Las locuciones en español actual**. Madrid: Arco/Libros, 2001. 110 p.

SANTAMARÍA PÉREZ, María Isabel. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. 2000. Tesis de Doctorado (Facultad de Filosofía y Letras) – Universidad de Alicante, Alicante. 384 p.

SARDELLI, María Antonella. La fraseología en las clases de traducción: aproximación metodológica y aplicaciones prácticas. *In*: GONZÁLEZ REY, María Isabel (ed.). **Didáctica y traducción de las unidades fraseológicas**. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2014. p. 199-212.

SERRANO LUCAS, Lucía Clara. Metodología para la enseñanza de la fraseología en traducción: la ficha fraseológica como tarea final. **Paremia**, Madrid, n. 19, p. 197-206, 2010. Disponível em: <http://www.paremia.org/numero-19-2010>. Acesso em: 15 maio 2015.

SEVILLA MUÑOZ, Manuel. Procedimientos de traducción (inglés – español) de locuciones en contexto. **Paremia**, Madrid, n. 18, p. 197-207, 2009. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/018/018_sevilla.pdf. Acesso em: 28 jul. 2018.

SILVA, Maria Eugênia Olimpio de Oliveira. Cuestiones didácticas relacionadas con el tratamiento de la definición lexicográfica de las unidades fraseológicas en los diccionarios. *In*: CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora *et al.* (coord.). **Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad**. Sevilla: Universidad de Sevilla / Secretariado de publicaciones, 2004a. p. 621-628. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0619.pdf. Acesso em: 10 abr. 2013.

SILVA, Maria Eugênia Olimpio de Oliveira. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções. *In*: ORTÍZ ALVAREZ, María Luisa; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 161-182.

SILVA, Maria Eugênia Olimpio de Oliveira. **Fraseografía teórica y práctica: bases para la elaboración de un diccionario de locuciones verbales español-portugués**. 2004b. Tesis (Doctorado del Departamento de Filología) - Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares. 596 p.

SILVA, Maria Eugênia Olimpio de Oliveira. Los ejemplos en el tratamiento lexicográfico de las unidades fraseológicas. *In*: ALONSO RAMOS, Margarita (ed.). **Diccionarios y Fraseología**. A Coruña: Universidade da Coruña, 2006. p. 235-247.

SIMÃO, Angélica Karim Garcia. Sobre a tradução de unidades complexas do léxico: desafios em torno de locuções, colocações e enunciados fraseológicos. **Revista Letras**, Curitiba, n. 93, p. 131-151, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/43299/28615>. Acesso em: 15 dez. 2018.

TAPIAL ANTÓN, María Jesús. **Novelas y cuentos de Mario Benedetti**. 1992. Tesis (Departamento de Filología Española IV) – Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/3239/1/T16938.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2018. 475 p.

THUN, Harald. **Probleme der phraseologie**: Untersuchungen zur wiederholten rede mit beispielen aus dem Französischen, Italienischen, Spanischen und Rumänischen. Tubinga: Max Niemeyer, 1978. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pYUhAAAQBAJ&pg=PA69&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 02 nov. 2018.

TORRES GARCÍA, Joaquín. **América Invertida**. Tinta sobre papel. Montevideo: Fundación Joaquín Torres García, 1943. Disponível em: <http://www.calstatela.edu/academic/las>. Acesso em: 10 nov. 2018.

TRISTÁ-PÉREZ, Antonia María. La fraseología y la fraseografía. *In*: WOTJAK, Gerd (ed.). **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998. p. 297-305.

VUKOVIC, Jovanka. ¿Cómo definimos el concepto de traducción? *In*: CAGNOLATI, Beatriz (comp.). **La traductología**: miradas para comprender su complejidad. La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2012. p. 13-40.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004. 288 p.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. *In*: HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 259-328.

WOTJAK, Gerd. ¿Cómo tratar las unidades fraseológicas (UF) en el diccionario? *In*: WOTJAK, Gerd (ed.). **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998. p. 307-321.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt: Verlag Peter D. Lang, 1980. 280 p.

ZULUAGA, Alberto. Sobre las funciones de los fraseologismos en textos literarios. **Paremia**, Madrid, n. 6, p. 631-640, 1997. Disponível em: <http://www.paremia.org/n6>. Acesso em: 07 mar. 2014.

**APÊNDICE - GLOSSÁRIO DOCUMENTADO DE LOCUÇÕES DA VARIANTE
URUGUAIA DO ESPANHOL EM BENEDETTI E DE SUAS TRADUÇÕES PARA A
VARIANTE BRASILEIRA DO PORTUGUÊS**

ESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

O glossário que aqui se apresenta está composto por três partes:

- 1) apresentação da macroestrutura, ou seja, uma lista dos lemas que integram o glossário;
- 2) exposição sequencial dos verbetes, elaborados com base nas informações extraídas dos dicionários gerais de uruguaismos, dos dicionários fraseológicos de uruguaismos (incluindo as obras mistas), dos romances em língua espanhola (TFs), das edições traduzidas ao português desses romances (TAs) e do Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa (DLEP), além de comentários provindos das análises das locuções (tanto do espanhol como do português), apenas quanto ao nível léxico fraseológico e do registro lexicográfico;
- 3) auxílio à identificação da composição locucional, ou seja, uma lista de remissões com base nas principais palavras que conformam as locuções, a fim de identificar a sequência e a extensão de cada locução.

LISTA DE LEMAS NUMERADOS E ORGANIZADOS POR ORDEN ALFABÉTICA

A

1. *a baldes*
2. *a esta altura del partido*
3. *a la marchanta*
4. *a prepo*
5. *a prueba de balas*
6. *al santo botón*
7. *armar bronca*
8. *armar relajo*
9. *armarse la de Dios es Cristo*
10. *así nomás*

C

11. *caer como un balde de agua fría*
12. *cagar fuego*
13. *capaz que*
14. *como el culo*
15. *con pinzas*

D

16. *de entrecasa*
17. *dar bolilla*

E

18. *en la vuelta*

H

19. *hacer pucheros*
20. *hacerse el oso*
21. *hasta por ahí nomás*

I

22. *irse a la mierda*

M

23. *mandarse la parte*

24. *meter en la misma bolsa*

O

25. *ojo al gol*

P

26. *poner los cuernos*

27. *por ahí*

Q

28. *qué esperanza*

29. *que no ni no*

30. *quedarse en el molde*

S

31. *sacar el cuerpo*

32. *sacar vendiendo boletines*

33. *sestear a gamba suelta*

T

34. *tener banca*

35. *tener cola de paja*

1.	<i>a baldes</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>balde <i>m</i> → <i>Obs</i> Recipiente de metal, madera o plástico, más ancho en la boca que en la base, con un asa en la parte superior, que se suele utilizar para transportar líquidos [<i>E</i>: cubeta, cubo]. <i>Obs</i>: En <i>E</i>, menos frecuente y restringido especialmente al ámbito marineró. † <i>a ~s</i> ∅</p> <p><i>coloq</i> En rel. con la manera de llover: en gran cantidad, abundantemente [<i>E</i>, <i>U</i>: a mares; <i>U</i>: a rajacinchas]. caer como un ~ de agua fría ∅ <i>coloq</i> Resultarle »a alguien« algo inesperado y desagradable, especialmente algo que se dice [<i>E</i>: caer como un cubo de agua fría]. de ~ ≠ En vano, inútilmente [<i>E</i>, <i>U</i>: en balde].</p> <p>(NDU, 1993, p. 37)</p>	<p>balde. // a baldes. <i>loc. adv. esp. Referido a modo de llover: copiosamente, a torrentes. V. caer "pingüinos de punta" // caer como un balde de agua fría.</i> <i>loc. v. esp.</i> Sorprender negativamente una noticia inesperada.</p> <p>(DEU, 2012, p. 111)</p>
DUD	<i>a baldes.</i> <i>m. adv.</i> A jarros, a cántaros, en abundancia, con mucha fuerza. FER, 57: en medio del chicotear del agua caía a baldes... JDRJ, 67: Vas a ver qué montonera e' cosas lindas – ¿A sí...? Uf... plata a baldes (DED, 1966, p. 15).	
MDU	a baldes. <i>loc. adv.</i> Referido a la lluvia: copiosamente, a torrentes (MDU, 2003, p. 23).	<p><u>Outras locuções com 'balde'</u></p> <p>al golpe del balde (MDU, 2003, p. 113).</p>
TF / TAs	<i>Llovió a baldes, después del mediodía. Estuvimos veinte minutos en la esquina, esperando que llegara la calma, mirando desalentadoramente a la gente que corría</i> (LT, 1960, p. 98).	<p>Choveu a cântaros, depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos numa esquina, esperando que passasse, olhando desanimadamente as pessoas que corriam (AT, 1989, p. 78, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Choveu a cântaros, depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos numa esquina, esperando que estiasse, olhando desalentadamente as pessoas que corriam (AT, 2007, p. 106, trad. Joana Angélica D'Ávila Melo).</p> <p>Choveu a cântaros depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos em uma esquina, esperando acalmar, olhando com desalento a gente que corria (AT, 2008, p. 97, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) a cântaros</p> <p>'Balde' e 'cântaro' são palavras que existem tanto em espanhol quanto em português. Ambos os objetos costumam ser utilizados para carregar água e são associados metaforicamente com a chuva.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra 'a cântaros' com o significado "Torrencialmente (chover); copiosamente" (DLEP, 2011, p.1).</p>	

2.	<i>a esta altura del partido</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>altura: a esta ~ del partido Ø a) coloq Se usa para indicar que una empresa o acción está demasiado avanzada como para introducir cambios o desistir de ella [E, U: a esta(s) altura(s)]. b) coloq Se usa para indicar que se ha llegado a un momento de la vida en que la edad es determinante para no aceptar o no temer enfrentar algo [E, U: a esta(s) altura(s)]. dejar a la ~ de un felpudo Ø coloq Dejar a »alguien« en situación de inferioridad [E: dejar a la altura del betún; U: poner a la altura de un felpudo]. poner a la ~ de un felpudo Ø = dejar a la altura de un felpudo.</p> <p>(NDU, 1993, p. 16)</p>	<p>altura. f. Momento, etapa. <i>Esther está a una altura del embarazo en la que no hay riesgos.</i> // a esta altura del partido. loc. adv. esp. Ya pasado el momento oportuno // a la altura de un felpudo. loc. adv. esp. En situación de inferioridad. ¶ <i>Uso:</i> Se emplea con los verbos <i>dejar, quedar, poner</i>. V. apedrearle el °rancho.</p> <p>(DEU, 2012, p. 86)</p>
MDU	<p>a esta altura del partido [campeonato]. loc. adv. Referido a una situación: cuando han llegado las cosas a un momento determinado (MDU, 2003, p. 23).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘partido’</u> ensuciar el partido; se acabó el partido (MDU, 2003, p. 153).</p>
TF / TA	<p>(...) <i>yo comprendo que es una situación injusta pero a esta altura del partido no puedo mentirme a mí misma y demasiado sé todo lo que le debo a Santiago pero evidentemente esa convicción no es un seguro vitalicio contra el desapego conyugal (...)</i> (PER, 1982, p. 116).</p>	<p>(...) eu compreendo que é uma situação injusta, mas a essa altura dos fatos não posso mentir para mim mesma e sei muitíssimo bem o que devo a Santiago, mas evidentemente essa convicção não é um seguro vitalício contra o desapego conjugal (...) (PEP, 2009, p. 139-140, trad. Eliana Aguiar).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) a essa altura dos fatos</p> <p>‘Partido’ refere-se à partida ou ao jogo de futebol e ‘a esta altura’ é quando o jogo está muito avançado ou próximo do fim.</p> <p>O DLE registra ‘a estas alturas’ com o mesmo significado de ‘a esta altura del partido’.</p> <p>O DLEP não registra ‘a essa altura dos fatos’, mas registra duas variantes: 1) ‘nesta altura’, com o significado de “Na atual fase (ou estágio) de desenvolvimento das coisas (...)” (DLEP, 2011, p. 311); 2) ‘nesta altura dos acontecimentos’, com o significado “Neste ponto a que chegamos (...)” (DLEP, 2011, p. 311).</p>	

3.	<i>a la marchanta</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>marchanta: <i>a la ~ Ø coloq</i> En rel. con el modo de hacer algo: improvisada o negligentemente, sin el debido cuidado o seriedad [E, U: <i>a la buena de Dios</i>; U: <i>a la bartola, a la que te criaste, a la sanfasón</i>]. tirar a la ~ Ø coloq Malgastar »bienes, especialmente dinero«. tirarse a la ~ Ø coloq Abandonarse o descuidar una persona sus obligaciones o responsabilidades [E, U: <i>tirarse a la bartola</i>].</p> <p>(NDU, 1993, p. 241)</p>	<p>marchante, -a. <i>m. obs.</i> Vendedor ambulante. // 2. f. obs. Mujer clienta del marchante. // a la marchanta. <i>loc. adv. esp. a las °apuradas</i> (2). // tirar(se) a la marchanta. <i>loc. v. esp.</i> Abandonar o descuidar <i>una persona</i> sus obligaciones o responsabilidades. // 2. loc. v. esp. Abandonar <i>algo</i>. // 3. loc. v. esp. Arrojar al aire</p> <p>(DEU, 2012, p. 354)</p> <p>apuradas. // a las apuradas. <i>loc. adv. esp.</i> Con prisa y sin cuidado. V. a los °apurones; a °mil por hora; por °arriba. ♦ a la °marchanta; a la que te °criaste; °a la sanfasón; a las °corridas; a las °patadas.</p> <p>(DEU, 2012, p. 94)</p>
MDU	<p>a la marchanta. <i>loc. adv. esp.</i> Sin preocupación o cuidado. <i>Has lavado ese piso a la marchanta.</i> // 2. loc. adv. esp. Al azar, por casualidad (MDU, 2003, p. 24).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘marchanta’</u> (Não constam outras locuções no MDU)</p>
TF / TAs	<p><i>Una pregunta idiota, a la marchanta. La respuesta fue la menos previsible, pero yo no la había previsto (...)</i> (LT, 1960, p. 88).</p>	<p>Uma pergunta idiota, desleixada. A resposta foi a previsível, mas eu não havia previsto (...) (AT, 1989, p. 71, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Pergunta idiota, à toa. A resposta foi a previsível, mas eu não a tinha previsto (...) (AT, 2007, p. 95, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Uma pergunta idiota, sem propósito. A resposta foi a prevista, embora não a que eu previra (AT, 2008, p. 87, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2– (parcial) à toa</p> <p>A palavra ‘<i>marchanta</i>’, provavelmente derivada do francês ‘<i>marchand</i>’, fazia referência, originariamente, ao âmbito comercial e era aplicada às mulheres que saíam para caminhar e fazer compras gastando o dinheiro de forma despreocupada, consumindo produtos desnecessários.</p> <p>O DLE registra ‘a la marchanta’ como sendo usual no Uruguai.</p> <p>O DLEP registra ‘à toa’ com três significados que se aproximam às da locução em espanhol: “1. Ao acaso; a esmo. (...) 3. Sem razão; sem reflexão 4. Irrefletidamente (...)” (DLEP, 2011, p. 9).</p>	

4.	<i>a prepo</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>prepo: a ~ Ø <i>coloq</i> Con prepotencia [U: de prepo]. de ~ Ø = a prepo. OBS: La palabra prepo es forma trunca- cada de <i>prepotencia</i>.</p> <p>(NDU, 1993, p. 318)</p>	<p>prepo. (Abr. de <i>prepotencia</i>). <i>m. esp.</i> Prepotencia // a prepo. <i>loc. adv. esp.</i> °a rajacincha (1) // de prepo. <i>loc. adv. esp.</i> Prepotentemente. V. de °pesado.</p> <p>(DEU, 2012, p. 452)</p> <p>a rajacincha. <i>loc. adv. esp.</i> Sin contemplacio- nes. ♦ a °prepo // 2. <i>loc. adv. p. us. esp.</i> En ex- ceso.</p> <p>(DEU, 2012, p. 69)</p>
MDU	a prepo. <i>loc. adv.</i> Con prepotencia (MDU, 2003, p. 25).	<p><u>Outras locuções com ‘prepo’</u> (Não constam outras locuções no MDU)</p>
TF / TAs	<p><i>El domingo siguiente fue a la iglesia, se metió a prepo en el confesionario, y una vez que estuvo seguro de que tras la rejilla se hallaba su enemigo, le desarrajó todo un florilegio de reproches, palabrotas incluidas, durante varios y trascendentales minutos, que fueron para el apabullado sacerdote un anticipo de las chamusquinas del cercano infierno.</i> (BC, 1992, p. 86).</p>	<p>No domingo seguinte foi à igreja, invadiu na marra o confessionário e, assim que teve certeza de que por trás da treliça estava o seu inimigo, soltou um florilégio de reprimendas, com todos os palavrões possíveis durante vários e transcendentais minutos, os quais, para o atarantado sacerdote, foram uma antecipação das chamuscadas do inferno próximo (BDC, 1998, p. 92, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>No domingo seguinte, foi à igreja, plantou-se no confessionário sem pedir licença e, quando se assegurou de que o seu inimigo estava atrás da treliça, desfechou encima dele todo um florilégio de descomposturas, palavrões incluídos, durante vários e transcendentais minutos, que para o agoniado sacerdote, foram uma antecipação dos chamuscados do iminente inferno (BDC, 2012, p. 90, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) na marra</p> <p>Na região do Rio da Prata é comum truncar palavras do âmbito familiar, como por exemplo ‘bici’ para ‘bicicleta’ e ‘cole’ para ‘colegio’, sendo a associação de ‘prepo’ com ‘prepotencia’ bastante corriqueira entre os falantes do Uruguai.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘na marra’ com o significado “À força; a qualquer preço” (DLEP, 2011, p. 296).</p>	

5.	<i>a prueba de balas</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	(Não há registro no DEU)
MDU	a prueba de balas. <i>loc. adj.</i> Imperturbable. (MDU, 2003, p. 25)	<u>Outras locuções com ‘bala’</u> a toda bala; no entrar ni las balas (MDU, 2003, p. 113).
TF / TA	<i>A veces los muchachos tienen un valor a prueba de balas, y sin embargo no poseen un ánimo a prueba de desencantos.</i> (PER, 1982, p. 142-143).	Às vezes os jovens têm uma coragem à prova de bala e, no entanto, não possuem um ânimo à prova de desencantos. (PEP, 2009, p. 170, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 3 – (aparente) à prova de bala</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘à prova de bala’ com o significado “que não permite a penetração de um projétil” (DLEP, 2011, p. 8).</p>	

6.	<i>al santo botón</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	<div data-bbox="882 331 1417 539" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>botón, -a. <i>m. y f. / adj. esp.</i> Persona que botonea. // 2. <i>m. obs. esp. desp. cana¹ (2).</i> // al santo botón. <i>loc. adv. esp.</i> al °cohete. ¶ <i>Uso:</i> Suele sustituirse santo por divino // uno atrás del otro, como botón de chaleco. <i>fr. esp.</i> Fórmula con que se comenta una sucesión de cosas o personas.</p> </div> <p style="text-align: center;">(DEU, 2012, p. 134)</p> <div data-bbox="882 611 1417 965" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>cohete. <i>m. esp.</i> mamúa (1). // 2. <i>m. esp.</i> Ventosidad, gas intestinal. // 3. <i>m. esp.</i> Mareo, confusión. V. abombamiento; batata; entrevero. ♦ boleó. // al cohete. <i>loc. adv. esp.</i> Inútilmente, en vano. ¶ <i>Uso:</i> Suelen agregarse como enfatizadores los adjetivos: santo o divino. V. como hacerle la °paja² a un muerto; como °manteca en hocico de perro; inútil como °cenicero de moto. ♦ al santo °botón; al °dope; al °nudo; al °pedo; al °pepe; de °gusto.</p> </div> <p style="text-align: center;">(DEU, 2012, p. 134)</p>
	DDVU	AL SANTO BOTÓN: <i>m. adv.</i> En balde, sin sentido. Don Juan el Zorro, 124: <i>Pero salvación no tiene. Y si desertamos usted y yo y nos pasamos a él, nosotros tampoco la tendríamos. Sería un escándalo al santo botón</i> (DDVU, 1971, p. 29).
MDU	<p>al santo botón [cohete]. <i>loc. adv. esp.</i> al cohete (MDU, 2003, p. 29).</p> <p>al cohete. <i>loc. adv. esp.</i> Inútilmente, en vano. <i>Tb.:</i> ... divino botón; ... divino pedo; ... nudo; ... ñudo; ... pedo; ... pepe; ... santo botón [cohete]; ... santo pedo; ...santo pepe. (MDU, 2003, p. 28).</p>	<p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘santo’</u></p> <p>deber a cada santo una vela; santo remedio (MDU, 2003, p. 165).</p> <p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘botón’</u></p> <p>del tiempo de los tres botones (MDU, 2003, p. 116).</p>
TF / TAs	<p>“¿Puedo ayudarte?”, dije, con todo, “¿puedo remediar esto en algo?”</p> <p>Preguntas al santo botón. Saqué una más, muy desde el fondo de mis dudas: ¿Qué pasa? ¿Querés que nos casemos? (LT, 1960, p. 81).</p>	<p>“Posso ajudar?”, disse eu, mesmo assim. “Posso remediar com alguma coisa?”</p> <p>Perguntas para meus botões. Fiz mais uma, tirada do fundo de minhas dúvidas: “Que está havendo? Você quer que nos casemos?” (AT, 1989, p. 65, trad. Mustafa Yazbek).</p>
	(Continúa na próxima página)	<p>“Posso ajudá-la?”, perguntei ainda assim. “Posso remediar isto de algum modo?”</p> <p>Perguntas inúteis. Saquei mais uma, lá do fundo das minhas dúvidas: “O que houve? Você quer que nos casemos?” (AT, 2007, p. 88, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>

	<p>6. <i>al santo botón</i> (continuação da página anterior)</p>	<p>“Posso ajudá-la?”, eu disse, apesar de tudo, “posso amenizar esta situação?” Perguntas vãs. Puxei mais uma, lá do fundo de minhas dúvidas: “O que está acontecendo? Quer que a gente se case?” (AT, 2008, p. 81, trad. Pedro Gonzaga).</p>
<p>Comentários</p>	<p>Plano léxico: equivalência 3 – (aparente) para os meus botões</p> <p>‘<i>Santo botón</i>’ alude à conta que compõe os rosários, e implica em que se não for rezada com a devida devoção, a pessoa que a reza não alcançará as dádivas solicitadas.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP não registra ‘para os meus botões’, mas registra a variante ‘com (os) seus botões’ com o significado “Consigo mesmo, de si para si.” (DLEP, 2011, p. 96); registra também ‘em vão’ com o significado “Debalde, inutilmente; infrutiferamente” (DLEP, 2011, p. 173).</p>	

7.	<i>armar bronca</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>(Não há registro no NDU)</p> <p>Verbete para a entrada ‘<i>bronca</i>’</p> <div data-bbox="339 427 836 831" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>bronca <i>f</i> ∩ <i>coloq</i> Enfado o malhumor por algo que molesta o perjudica [E: cabreo; U: calentura, chinche, chupe, estrilo, mufa]. <i>Obs:</i> Se usa generalmente con verbos tales como <i>agarrarse</i> y <i>tener</i>. * tener ~ ≠ <i>coloq</i> Sentir una fuerte animadversión contra una persona (»a«) [E, U: tener rabia, tener tirria]. tirar la ~ ∅ a) <i>coloq</i> Dirigir quejas y reproches »a alguien« [E: echar una bronca]. b) <i>coloq</i> Sentir enfado y manifestarlo con quejas y reproches [E, U: rabiar; U: bronquear, chinchear].</p> </div> <p>(NDU, 1993, p. 60)</p>	<div data-bbox="879 331 1422 555" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>bronca. <i>f. esp.</i> calentura (1). // 2. <i>f. esp.</i> Discusión violenta. V. quilombo. ♦ cocoa. // armarse bronca. <i>loc. v. esp.</i> Producirse una pendencia o una discusión violenta. ♦ armarse la de °Dios es grande. // mascar bronca. <i>loc. v. esp.</i> mascar °rabia. // tirar la bronca. <i>loc. v. esp.</i> Protestar.</p> </div> <p>(DEU, 2012, p. 137)</p>
MDU	<p>armarse bronca. <i>loc. v. esp.</i> armarse la de Dios es grande (MDU, 2003, p. 32).</p> <p>armarse la de Dios es grande. <i>loc. v. obs.</i> Sobrevenir una pendencia, una discusión violenta. <i>Tb.:</i> armarse bronca; armarse cocoa (MDU, 2003, p. 32).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘armar’</u></p> <p>armar(se) escombros [quilombo; relajo; un queco; un quibebe; un quincho; un toletoleuna de a peso; una tinguitanga]; armarse un salgasalga (MDU, 2003, p. 111-112).</p> <p><u>Outras locuções com ‘bronca’</u></p> <p>tirar la bronca (MDU, 2003, p. 116).</p>
TF / TAs	<p><i>Mi mujer nos agarró, ¿te das cuenta? No nos pescó lo que se dice en flagrante. (...) la gorda armó una bronca descomunal.</i> (LT, 1960, p. 101).</p>	<p>Minha mulher nos apanhou. Imagina? Não pegou o que se chama de flagrante. (...) a gorda armou um circo descomunal (AT, 1989, p. 81, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Minha mulher nos pegou, imagine. Não nos apanhou propriamente em flagrante. (...) a gorda armou uma bronca descomunal. (AT, 2007, p. 109, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Minha mulher nos descobriu, está entendendo? Não nos pegou em flagrante, como se diz. (...) a gorda disparou uma bronca descomunal. (AT, 2008, p. 100, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

<i>7. armar bronca</i> (continuação da página anterior)	
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) armar um circo</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP não registra ‘armou uma bronca’ nem ‘disparou uma bronca’, mas registra ‘armar um circo’ com o significado “Armar um escarcéu, uma confusão, um estardalhaço, uma manifestação exagerada e veemente” (DLEP, 2011, p. 37); registra também ‘armar o maior barraco’ com o significado “1. Criar confusão, rebelar-se, reclamar com veemência: protestar” (DLEP, 2011, p. 37); e ‘armar um banzé’ com o significado “Provocar desordem” (DLEP, 2011, p. 37).</p>

8.	<i>armar relajo</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>(Não há registro no NDU)</p> <p>Verbetes para a entrada '<i>relajo</i>'</p> <div data-bbox="339 427 844 703" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>relajo <i>m</i> ∩ 1 coloq Situación en la que imperan la confusión y el desorden [<i>E: cacao; E, U: despiporre, embrollo, lío; U: despiole, disloque, merengue</i>]. 2 coloq Situación o ambiente en los que imperan la falta de disciplina y de responsabilidad [<i>E: desmadre</i>]. * de ~ Ø coloq! Ref. a una película, un libro, una revista, etc.: pornográfico [<i>U: relajado, -a</i>].</p> </div> <p>(NDU, 1993, p. 338)</p>	<p>(Não há registro no DEU)</p> <p>Verbetes para a entrada '<i>relajo</i>'</p> <div data-bbox="871 427 1426 562" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>relajo. <i>m. esp. quilombo (1).</i> // 2. m. esp. quilombo (2). // 3. m. esp. Dicho o gesto obsceno. // de relajo. <i>loc. adj. obs. esp.</i> Referido a una revista o película: pornográfica.</p> </div> <p>(DEU, 2012, p. 476)</p>
MDU	<p>armar(se) escombros [quilombo; relajo; un queco; un quibebe; un quincho; un toletoleuna de a peso; una tinguitanga]. <i>loc. v. esp.</i> Hacer escándalo o generarse una pendencia o una discusión violenta. <i>Tb.:</i> armar(se) un salgasalga; hacer escombros (MDU, 2003, p. 32, grifo nosso).</p>	<p><u>Outras locuções com '<i>armar</i>'</u></p> <p>armarse bronca; armarse cocoa; armarse la de Dios es grande (MDU, 2003, p. 112).</p> <p><u>Outras locuções com '<i>relajo</i>'</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF / TAs	<p><i>La pura verdad es que si hubiera sabido que la Elvira gustaba de mí, ni la habría observado, porque lo que menos quiero es armar relajo dentro de mi propio hogar, que para mí siempre fue sagrado.</i> (LT, 1960, p. 44).</p> <p>A verdade que, se eu soubesse que Elvira gostava de mim, nem a teria observado, porque o que menos desejo é armar uma zona dentro de minha própria casa, que para mim sempre foi sagrada (AT, 1989, p. 36, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>A pura verdade é que, se eu soubesse que a Elvira gostava de mim, nem a teria observado, porque o que menos quero é armar confusão dentro de meu próprio lar, que para mim sempre foi sagrado (AT, 2007, p. 46, trad. Joana Angélica D'Ávila Melo).</p> <p>A pura verdade é que, se eu soubesse antes que Elvira gostava de mim, nem a teria observado nem nada, porque a última coisa que quero é armar confusão dentro do meu próprio lar, que para mim sempre foi sagrado (AT, 2008, p. 44, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>	

	<p>8. <i>armar relajo</i></p> <p>(continuação da página anterior)</p>
Comentários	<p>Plano léxico: sem equivalência fraseológica comprovada.</p> <p>A palavra '<i>relajo</i>' alude ao âmbito prostibular, porém, utiliza-se comumente para fazer referência à desordem ou ao alboroto.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>Não há registro no DLEP.</p>

<p>9.</p> <p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Dicionários gerais de uruguaios</p>	<p><i>armarse la de Dios es Cristo</i></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>Dios. // armarse la de Dios es grande. <i>loc. v. esp.</i> armarse °bronca. <i>V. quilombo.</i> // como Dios lo trajo al mundo. <i>loc. adv. euf. esp.</i> Sin ropas. <i>V. desbolarse; despilcharse.</i> ♦ en °bolas. // Dios castiga y no muestra el rebenque. <i>ref. esp.</i> Expresa la conveniencia de recordar que no hay falta que quede sin castigo. ¶ <i>Uso:</i> Suele substituirse <i>rebenque</i> por <i>arreador, chicote, guasca, palo, sobeo</i> o <i>vara.</i> // Dios le da pan al que no tiene dientes. <i>ref. esp.</i> Expresa que alguien no sabe aprovechar lo que tiene. // feo como pegarle a Dios. <i>loc. sust. esp. como °susto a medianoche.</i> // hasta que Dios diga basta. <i>loc. adv. esp.</i> Sin medida, abusivamente. // mate, que Dios perdona. <i>fr. esp. fest.</i> Fórmula usada por los jugadores de truco, cuando se ordena al compañero que mate la carta del contrario. // pintar a Dios en un palito. <i>loc. v. p. us. esp.</i> ser la °piel de Judas. // tener a Dios de las patas. <i>loc. v. p. us. esp.</i> Ser prepotente, vanidoso. // tener un Dios aparte. <i>loc. v. esp.</i> Ser favorecido por la suerte de una manera excepcional. // y ahora, que Dios le ponga lo que le falta. <i>fr. esp.</i> Fórmula con que se da por acabado algo cuyo éxito dependerá de la suerte.</p> </div> <p style="text-align: center;">(DEU, 2012, p. 237)</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>bronca. <i>f. esp.</i> calentura (1). // 2. f. esp. Discusión violenta. <i>V. quilombo.</i> ♦ cocoa. // armarse bronca. <i>loc. v. esp.</i> Producirse una pendencia o una discusión violenta. ♦ armarse la de °Dios es grande. // mascar bronca. <i>loc. v. esp.</i> mascar °rabia. // tirar la bronca. <i>loc. v. esp.</i> Protestar.</p> </div> <p style="text-align: center;">(DEU, 2012, p. 137)</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">MDU</p>	<p>(Não há registro no MDU)</p> <p>Verbete para a entrada ‘<i>armarse la de Dios es grande</i>’</p> <p>armarse la de Dios es grande. <i>loc. v. obs.</i> Sobrevenir una pendencia, una discusión violenta. <i>Tb.:</i> armarse bronca; armarse cocoa (MDU, 2003, p. 32).</p> <p style="text-align: center;">(Continua na próxima página)</p>	<p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘<i>armar</i>’</u></p> <p>armarse bronca; armarse cocoa; armarse la de Dios es grande (MDU, 2003, p. 112).</p> <p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘<i>Dios</i>’</u></p> <p>feo como pegarle a Dios; hasta que Dios diga basta; pintar a Dios en un palito, ser alguien un pan de Dios; tener a Dios en las patas; tener Dios [un Dios] aparte; ver la cara a Dios (MDU, 2003, p. 129).</p> <p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘<i>Cristo</i>’</u></p> <p>agarrar de cristo (MDU, 2003, p. 125).</p>

	<p>9. <i>armarse la de Dios es Cristo</i> (continuação da página anterior)</p>	
TF / TA	<p><i>Después de todo, los refranes populares son algo así como un curriculum divino. Se armó la de Dios es Cristo: virulencia y furia.</i> (PER, 1982, p. 57).</p>	<p>Ao final, os refrões¹⁰⁰ populares são algo assim como um currículo divino. Deixa estar que a mão de Deus vai te pegar de jeito: virulência e fúria (PEP, 2009, p. 65, trad. Eliana Aguiar).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 3 – (aparente) a mão de Deus</p> <p>A frase ‘<i>armarse la de Dios es Cristo</i>’ alude aos confrontos no primeiro concílio de Niceia, durante o qual discutia-se a natureza, tanto divina quanto humana, de Jesus. Alguns argumentos durante esse concílio referiam a grandeza de Deus, pelo qual, existe a variante fraseológica ‘<i>armarse la de Dios es grande</i>’.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP não registra ‘deixa estar que a mão de Deus vai te pegar de jeito’, mas registra ‘a mão de Deus’ com o significado “A graça de Deus; a proteção de Deus” (DLEP, 2011, p. 5).</p>	

¹⁰⁰ *sic.*

10.	<i>así nomás</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>así: ~ nomás Ø a) Sin reflexión ni razón aparente [E: así como así]. b) <i>coloq</i> En rel. con el modo de hacer algo: superficialmente [E, U: por encima; U: por arriba]. c) <i>coloq</i> De repente, de imprevisto o de golpe. d) <i>coloq</i> De la misma manera. e) <i>coloq</i> En rel. con el modo de resolver algo: fácilmente, sin hacer ningún esfuerzo.</p> <p>(NDU, 1993, p. 29)</p>	<p>así. // así nomás. <i>loc. adv. esp.</i> Sin cuidado, superficialmente. ♦ a la que te °criaste.</p> <p>(DEU, 2012, p. 101)</p>
MDU	(Não há registro no MDU)	<p><u>Outras locuções com ‘así’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF / TAs	<p><i>Pero el otro día se me cruzó de piernas, así nomás, en shorts, y no tuve más remedio que decirle: ‘Tené cuidado’</i> (LT, 1960, p. 44).</p> <p><i>Además, la sociedad australiana, si bien necesita la mano de obra extranjera, no se abre así nomás a los emigrantes</i> (PER, 1982, p. 50)</p> <p><i>Sin embargo, nosotros no nos dejamos vencer así nomás (...)</i> (PER, 1982, p. 66)</p> <p><i>Las sombras seguían moviéndose en el jardincito pero tampoco hablaban, y era comprensible, no podían revelar así nomás su presencia</i> (PER, 1982, p. 107)</p> <p><i>(...) ya no está tan seguro de que Graciela, que como madre es toda una leona, se resigne así nomás a perder la gurisa(...)</i> (PER, 1982, p. 183-184)</p>	<p>Mas no outro dia ela cruzou as pernas na minha frente, assim, sem mais nem menos, e de shorts. Eu só pude dizer: ‘Tome cuidado’.</p> <p>(AT, 1989, p. 36, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Mas um dia desses ela cruzou as pernas bem na minha frente, de <i>short</i>, assim sem mais nem menos, e não tive remédio a não ser dizer: “Tome cuidado.” (AT, 2007, p. 47, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Mas um dia desses cruzou as pernas bem na minha frente, assim, sem cerimônia, de <i>short</i>, e não tive outra saída se não lhe dizer: “Tenha cuidado.” (AT, 2008, p. 44, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>Além do mais, a sociedade australiana, embora precise de mão-de-obra estrangeira, não se abre assim tão facilmente para os imigrantes (PEP, 2009, p. 56, trad. Eliana Aguiar).</p> <p>Não entanto, não nos deixamos vencer, assim sem mais nem menos (...) (PEP, 2009, p. 75, trad. Eliana Aguiar).</p> <p>As sombras continuavam a se mexer no jardimzinho, mas também não falavam, não podiam revelar sua presença sem mais nem menos. (PEP, 2009, p. 129, trad. Eliana Aguiar).</p> <p>(...) já não é tão certo que Graciela, que como mãe é uma leoa, se conforme sem mais nem menos a perder a menina (...) (PEP, 2009, p. 215, trad. Eliana Aguiar).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

10. <i>así nomás</i>	
(continuação da página anterior)	
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) sem mais nem menos equivalência 2 – (parcial) sem cerimônia</p> <p>A palavra ‘<i>nomás</i>’, provavelmente uma junção de ‘<i>nada</i>’ com ‘<i>más</i>’, usa-se com diversos significados no Uruguai, dentre os quais inclui-se ‘sem vergonha ou constrangimento’.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘sem mais nem menos’ com o significado “Sem motivo; sem razão; sem se explicar; repentinamente” (DLEP, 2011, p. 398). Registra também ‘sem cerimônia’ com o sentido “À vontade; com desembaraço; sem constrangimento; com franqueza” (DLEP, 2011, p. 397).</p>

11.	<i>caer como un balde de agua fría</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>balde <i>m</i> → <i>Obs</i> Recipiente de metal, madera o plástico, más ancho en la boca que en la base, con un asa en la parte superior, que se suele utilizar para transportar líquidos [<i>E</i>: cubeta, cubo]. <i>Obs</i>: En <i>E</i>, menos frecuente y restringido especialmente al ámbito marineró. * <i>a</i> ~s ∅ <i>coloq</i> En rel. con la manera de llover: en gran cantidad, abundantemente [<i>E</i>, <i>U</i>: a mares; <i>U</i>: a rajacinchas]. caer como un ~ de agua fría ∅ <i>coloq</i> Resultarle »a alguien« algo inesperado y desagradable, especialmente algo que se dice [<i>E</i>: caer como un cubo de agua fría]. de ~ ≠ En vano, inútilmente [<i>E</i>, <i>U</i>: en balde].</p> <p>(NDU, 1993, p. 37)</p>	<p>balde. // a baldes. <i>loc. adv. esp.</i> Referido al modo de llover: copiosamente, a torrentes. V. caer °pingüinos de punta. // caer como un balde de agua fría. <i>loc. v. esp.</i> Sorprender negativamente una noticia inesperada.</p> <p>(DEU, 2012, p. 111)</p>
MDU	(Não há registro no MDU)	<p><u>Outras locuções com ‘balde’</u></p> <p>a baldes; al golpe del balde (MDU, 2003, p. 113).</p> <p><u>Outras locuções com ‘agua’</u></p> <p>Calentar el agua para que otro tome el mate; cambiar el agua a las aceitunas; cambiar el agua al porrón; cambiar las aguas; correr mucha agua por abajo [debajo] del puente; dar con los burros en el agua; echar el bote al agua; fumar abajo del agua; más malo que tomar agua sudando; no aflojar ni abajo del agua; pasar mucha agua por abajo [debajo] del puente; pedir agua por señas; pesado como sopa de chumbo [agua de pozo; mosca de tambo]; tirar el bote al agua; tranquilo como agua de pozo (MDU, 2003, p. 108-109).</p> <p><u>Outras locuções com ‘fría’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF/TAs	<p>“El occiso no está”, dije, para que se dieran cuenta de que yo también tenía mis lecturas. La noticia cayó como un balde de agua fría (BC, 1992, p. 27).</p>	<p>“A vítima fatal não está lá”, disse, para que percebessem que eu também tinha as minhas leituras. A notícia caiu como um balde de agua fria (BDC, 1998, p. 28, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>“A vítima desapareceu”, informei, para que percebessem que eu também tinha minhas leituras. A notícia caiu como um balde de agua fria (BDC, 2012, p. 27, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

	<i>11. caer como un balde de agua fría</i> (continuação da página anterior)
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) como um balde de agua fria</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra apenas ‘balde de água fria’ com o significado “Fato, circunstância, ação etc. que frustram um processo ou expectativa positivos, causando decepção onde havia entusiasmo, otimismo etc. (...)” (DLEP, 2011, p. 48).</p>

12.	<i>cagar fuego</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>fuego <i>m</i> ∩ <i>coloq</i> Pequeña ulceración que se produce en la boca. * arrimarse al ~ Ø coloq Buscar el contacto con personas de las cuales se puede obtener algún beneficio [E: arrimarse al sol que más calienta]. cagar ~ Ø a) coloq! Morir una persona. b) coloq! Fracasar o sufrir un gran revés una persona.</p> <p>(NDU, 1993, p. 174)</p>	<p>fuego. // cagar fuego. <i>loc. v. vulg. esp.</i> cantar para el °carnero² (1). // 2. <i>loc. v. vulg. esp.</i> sonar como °arpa vieja.</p> <p>(DEU, 2012, p. 277)</p> <p>carnero². // cantar para el carnero. <i>loc. v. esp.</i> Morir. V. estar con una °pata en el cajón; frito; mandar al °hoyo; ser °boleta. ♦ cagar °fuego; cagar para el °perro; cantar °flor; clavar el °pico; clavar la °guampa; reparar; entregar el °rosquete; irse al °hoyo; irse al °tacho; marchar; no contar el °cuento; pasarse para el otro °lado; pelarse; piantarse; °quedar seco; quedarla; sonar. // 2. <i>loc. v. esp.</i> sonar como °arpa vieja.</p> <p>(DEU, 2012, p. 164)</p>
MDU	<p>cagar fuego. <i>loc. v. esp.</i> cantar para el carnero (MDU, 2003, p. 37).</p> <p>cantar para el carnero. <i>loc. v. esp.</i> Morir. <i>Tb.:</i> cantar flor; entregar el rosquete. // 2. <i>loc. v. esp.</i> Fracasar. // 3. <i>Destruirse una cosa. Tb.:</i> sonar como arpa vieja. ¶¶ <i>Tb.:</i> cagar fuego; cagar para el perro. (MDU, 2003, p. 38).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘fuego’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF / TAs	<p>“<i>Y a veces cuando me aburro / recuerdo al Dandy, aquel vago / que en un miércoles aciago / cagó fuego allá en Capurro</i>” (BC, 1992, p. 28).</p>	<p>“E às vezes quando me canso do mundo / lembro do Dândi, aquele vagabundo / que numa quarta de mau auguro / bateu as botas lá no Capurro.” (BDC, 1998, p. 29, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>* “E às vezes, quando me enfado, / recordo o Dândi, aquele folgado / que numa quarta-feira aziaga / bateu as botas em Capurro.” (BDC, 2012, p. 28, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo, N. da T.).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

	<p><i>12. cagar fuego</i> (continuação da página anterior)</p> <p>(...) <i>el autor del tango no especificaba que había sido un crimen: “cagó fuego” es sinónimo lunfardo de “crepar, morir”, pero puede ser una muerte natural</i> (...) (BC, 1992, p. 29).</p>	<p>(...) o autor do tango não especificava que havia sido um crime: “bateu as botas” é o equivalente em gíria a “apagar, morrer”, mas pode ser uma morte natural (BDC, 1998, p., trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>(...) o autor do tango não especificava que havia sido um crime: “cagar fuego” é sinónimo lunfardo de “abotoar o paletó, morrer”, mas pode ser uma morte natural (BDC, 2012, p. 29, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentários</p>	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) bater as botas</p> <p>Apesar de que a palavra ‘<i>cagar</i>’ é de uso bastante estendido no âmbito hispânico e nem sempre é interpretada como ofensiva, a expressão ‘<i>cagar fuego</i>’ carrega em si vulgaridade e grosseria.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘bater as botas’ com o significado “Morrer” (DLEP, 2011, p. 51). Indica ainda duas variantes: ‘bater a caçoleta’ e ‘comer capim pela raiz’.</p>	

13.	<i>capaz que</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>capaz \cap <i>coloq</i> Se usa para expresar la posibilidad o la probabilidad de que algo suceda [<i>E</i>: lo mismo; <i>E, U</i>: a lo mejor, en una de esas; <i>U</i>: de repente, por ahí]. <i>Obs</i>: Se usa solo o seguido de una oración subordinada introducida por <i>que</i>.</p> <p>(NDU, 1993, p. 78)</p>	<p>capaz. // capaz que. <i>loc. adv. esp.</i> Tal vez, quizás.</p> <p>(DEU, 2012, p. 158)</p>
MDU	<p>capaz que. <i>loc. adv.</i> Tal vez, a lo mejor, quizás. <i>Tb.</i>: en una de esas (MDU, 2003, p. 38).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘capaz’</u> (Não há registro no MDU)</p>
TF / TA	<p><i>Cuando venga la amnistía capaz que Graciela le dice al tío Rolando, bueno chau</i> (PER, 1982, p. 150).</p>	<p>Quando vier a anistia é capaz que Graciela diga a tio Ronaldo, bem, tchau. (PEP, 2009, p. 178, trad. Eliana Aguiar).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica.</p> <p>O DLE registra ‘capaz’ como usual em América, porém, não registra ‘capaz que’.</p> <p>Não há registro no DLEP.</p>	

culo *m* → *OBS 1 coloq!* Parte posterior del ser humano o de algunos animales entre la terminación del espinazo y el

nacimiento de los muslos. | **2 coloq!** Buena suerte [*E: chorra, potra; U: ojete, orto*]. * *andar con el ~ a cuatro manos* Ø *coloq!* Encontrarse en una situación apremiante, generalmente por estar expuesto a un peligro o por falta de dinero o de tiempo [*U: estar con el culo a cuatro manos*]. || *atravesado, -a como ~ de lagarto* Ø *coloq! hum Ref.* a una persona: que actúa o se expresa de manera complicada. || **como el ~ Ø a) coloq!** En rel.

con el estado anímico o de salud de una persona: muy mal [*U: como el carajo, como la mierda, para el carajo*]. | **b) coloq!** En rel. con el modo de hacer algo: muy mal o de un modo no satisfactorio [*E: de culo; U: como el carajo, como la*

mierda, para el carajo]. | **de ~ Ø coloq!** Por suerte o casualidad [*E: de chorra; U: de ojete, de orto*]. | *estar con el ~ a cuatro manos* Ø = *andar con el culo a cuatro manos*. || *romper el ~ Ø coloq!* Golpear »a alguien« duramente. || *romperse el ~ Ø coloq!* Trabajar duramente [*E, U: romperse los cuernos*]. || *sacar el ~ a la jeringa* Ø *coloq!* Eludir un compromiso o una dificultad. || *ser ~ y calzón* Ø *coloq!* Tener dos personas una relación muy estrecha [*U: ser culo y camisa*]. || *ser ~ y camisa* Ø = *ser culo y calzón*.

(NDU, 1993, p. 128)

culo. *m. esp.* Buena suerte. V. lechería. ♦ *afrecho; argolla; cajeta; hongo; hoyo; leche; liga; ojal; ojete; olla; orto; tarro; traste*. // **2. m.** *En el juego de la taba:* lado contrario al de la suerte, que hace perder al jugador. // **¡andá a lavarte el culo!** *fr. vulg. esp. desp. ¡andá a bañarte!* ¶ *Uso:* Suele emplearse la forma abreviada *¡andá a lavarte!* // **atravesado como culo de lagarto.** *loc. adj. rur. vulg. esp. atravesado como °caballo de comisario*. // **cada uno hace de su culo un pito.** *fr. vulg. esp.* Fórmula con que se destaca la importancia de obrar según el propio albedrío. // **como el culo.** *loc. adv. vulg. esp. como la °mona*. // **con el culo a dos manos.** *loc. adv. vulg. esp.* En aprietos. ¶ *Uso:* Se emplea preferentemente con los verbos *andar* y *estar*. Suele sustituirse *a dos manos* por *a cuatro manos*. V. *verse en °figurillas*. // **con el culo para arri-**

ba. *loc. adv. vulg. esp.* En situación comprometida. ¶ *Uso:* Se emplea preferentemente con los verbos *quedar* y *dejar*. ♦ **como °botella de jardín; como °terutero comiendo hormigas**. // **2. loc. adv. vulg. esp. °panza arriba. // culo atrás como los perros.** *loc. adv. p. us. vulg. esp.* Detrás de alguien, relegadamente. ♦ **como °bola de chanco; como °huevo de chanco**. // **culo cagado.** *loc. sust. m. / adj. vulg. esp. desp. culo roto*. // **culo roto.** *loc. sust. m. / f. vulg. esp. desp.* Persona de actitudes o acciones que causan rechazo o desprecio. // **culo sucio.** *loc. sust. m.* Juego de cartas españolas con un as de menos, en el que hay que formar pares para descartarse con naipes del mismo número; primero se hacen los descartes con las cartas propias y luego tomando cartas de los rivales; el que se queda con el as de oros, que no puede ser descartado, pierde la partida. // **2. loc. sust. m.** *En el juego del culo sucio:* as de oros. V. *°huevo frito*. // **de culo.** *loc. adv. vulg. esp. de °pedo*. ¶ *Uso:* Suele intercalarse como enfatizador el adjetivo *puro*. // **meterse algo en el culo.** *loc. v. vulg. esp. meterse algo en el °traste*. // **oler el culo.** *loc. v. vulg. esp. desp. alcahuetear (2)*. // **para culo ajeno no hay pija grande.** *fr. leng. masc. vulg. esp.* Fórmu-

(...)

(DEU, 2012, p. 225)

(Continúa na próxima página)

	<p>14. <i>como el culo</i> (continuação da página anterior)</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>mono, -a. m. y f. esp. desp. flaco, -a (2). // 2. f. p. us. miramarenses (1). // 3. m. y f. / adj. p. us. miramarenses (2). // 4. adj. p. us. miramarenses (3). // 5. m. p. us. miramarenses (4).</p> <p>// como la mona. loc. adv. esp. Muy mal. ♦ a la °miseria; como el °culo; como el °ojete; como el °orto; como el °traste; como la °mierda; °dedito para abajo; para el °carajo; para el °culo; para el °orto; para el °traste. // como</p> </div> <p>(DEU, 2012, p. 370)</p>
MDU	<p>como el culo [ojete; traste] loc. adv. esp. como la mona. ¶ Se usa preferentemente con los verbos <i>andar, estar, ir, quedar</i> (MDU, 2003, p. 40).</p> <p>como la mona. loc. adv. Muy mal. Tb.: como el culo [ojete; traste] ¶ Se usa preferentemente con los verbos <i>andar, estar, ir, quedar</i> (MDU, 2003, p. 40).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘culo’</u></p> <p>andá a lavarte el culo; andar con el culo a dos manos; contar con el huevo en el culo de la gallina; culo para arriba; de culo; de puro culo; estar como el culo; estar con el culo a dos manos; oler a alguien el culo; para el carajo [culo]; pelado como culo de mono; romper el culo [ojete; orto]; sacar el culo [traste] a la jeringa; ser culo y calzó; suave como talón [culo] de angelito; tener más culo que alma; tirarse un pedo más grande que el culo (MDU, 2003, p. 126).</p>
TF / TA	<p><i>Pero hubo gentes con muchos y sólidos y declarados principios, que, sin embargo, flaquearon y después se sintieron como el culo</i> (PER, 1982, p. 80).</p>	<p>Mas teve gente com muitos e sólidos e declarados princípios que, no entanto, baqueou e depois ficou se sentido um cu (PEP, 2009, p. 92, trad. Eliana Aguiar).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>Não há registro no DLEP.</p>	

15.	<i>con pinzas</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	(Não há registro no NDU)	(Não há registro no NDU) Verbete para a entrada ‘ <i>pinza</i> ’ <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;">pinza. <i>f. S. José. palillo (1). // agarrar con pinzas. loc. v. esp. Manejar un asunto con precaución. ¶ Uso: Suele sustituirse agarrar por tomar.</i></div> (DEU, 2012, p. 438)
MDU	(Não há registro no MDU) Verbete para a entrada ‘ <i>tomar con pinzas</i> ’ tomar con pinzas. <i>loc. v. agarrar con pinzas</i> (MDU, 2003, p. 99). agarrar con pinzas. <i>loc. v.</i> Referido a una persona: tratarla con especial consideración. //2. <i>Loc. v.</i> Referido a un asunto: manejarlo con precaución. <i>Tb.: tomar con pinzas.</i> (MDU, 2003, p. 27).	<u>Outras locuções com ‘<i>pinza</i>’</u> (Não há registro no MDU)
TF / TAs	<i>En dos esquinas yo tenía el derecho de ayudarla a cruzar tomándole apenas el brazo, y sólo en raras ocasiones tratábamos –con pinzas– el tema del amor, a propósito de otros.</i> (QN, 1953, p. 13). <i>Y así hablaron y fumaron durante un par de horas, casi sin tocarse, barajando soluciones y resoluciones, tocando pero con pinzas el tema Beatriz, sin atreverse todavía a desmenuzar o planificar el futuro (...)</i> (PER, 1960, p. 116).	Em duas esquinas eu tinha o direito de ajuda-la a cruzar a rua tomando-a apenas pelo braço, e somente em raras ocasiões tratávamos – com pinças – sobre o tema do amor, a propósito de outros (QDN, 1992, p. 20, trad. Charles Kiefer). Em duas esquinas eu tinha o direito de ajuda-la a atravessar pegando apenas em seu braço, e só em raras ocasiões falávamos – cheios de dedos – de amor, a propósito de outros assuntos (QDN, 2007, p. 21, trad. Maria Alzira Brum Lemos). E assim falaram e fumaram durante um par de horas, quase sem se tocar, embaralhando soluções e resoluções, pegando com pinças a questão de Beatriz, ainda sem se atreverem a esmiuçar ou planejar o futuro (...) (PEP, 2009, p. 140, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
Comentários	Plano léxico: equivalência 4 – (nula) cheio de dedos As ‘ <i>pinzas</i> ’ ou prendedores utilizavam-se na costura para não danificar os tecidos antes do alinhavado. Não há registro no DLE. O DLEP não registra ‘com pinças’ e registra ‘cheio de dedos’ com os significados “1. Confuso, embaraçado, atrapalhado. 2. Cheio de ademanes, medidas, trejeitos; amaneirado” (DLEP, 2011, p. 85).	

16.

dar bolilla

Dicionários gerais de uruguaios

bolilla *f* ∩ **1** En sorteos y loterías, bolita numerada que se extrae de un → **bolillero** para determinar el ganador [*E: bola*]. | **2 estud** Cada una de las unidades de las que consta el programa de estudios de una materia o asignatura. | **3 estud obsol** Bolita de madera numerada que, sacada al azar, indica a un estudiante sobre qué tema del programa de estudios debe exponer o escribir. * **correr la** ~ ∅ *coloq* Divulgar un rumor o una noticia [*E, U: correr la bola; U: correr la pelota*]. || **correrse la** ~ ∅ *coloq* Divulgarse un rumor o una noticia [*E, U: correrse la bola; U: correrse la pelota*]. || **dar** ~ ≠ *coloq* Prestar atención o tener en cuenta »a alguien« [*U: dar corte, dar piola, llevar el apunte*]. *Obs:* Se usa generalmente en forma negativa. || **la** ~ **que faltaba** ∅ *coloq hum* Se usa para referirse a una persona cuya llegada o intervención resulta molesta o inoportuna [*E: lo que faltaba para el duro; E, U: el/la que faltaba*].

(NDU, 1993, p. 54)

bolilla. (Der. de *bola*). *f.* Bola pequeña numerada. // **2.** *f.* Cada uno de los temas en que se divide el programa de una materia. *El profesor no explicó todas las bolillas.* // **3.** *f. T. y Tres.* **bolita.** // **dar bolilla.** *loc. v. esp.* **dar(se) °corte (1).** // **la bolilla que faltaba.** *fr. esp.* Fórmula con que se comenta la inoportuna llegada de alguien. // **2.** *fr. esp.* Fórmula con que se comenta un aumento imprevisto de obligaciones. ♦♦ **éramos pocos y mi °abuela parió mellizos.**

(DEU, 2012, p. 131)

corte. *m.* Interrupción del desarrollo de un programa radial o televisivo, para intercalar publicidad. // **2.** *m.* *En la radio o en la televisión:* tiempo que dura el espacio publicitario. **V. reclame.** ♦ **tanda.** // **3.** *m.* Cada una de las piezas en que se divide una res, atendiendo a su conformación anatómica, para su mejor aprovechamiento en la venta por porciones. // **4.** *m.* Instrumento cortante que fabrican los presos, clandestinamente, como arma. // **corte de rancho.** *m. obs.* Maderamen de **monte** que permite el armado de la estructura de un rancho. // **corte pistola.** *loc. sust. f.* Corte de carne vacuna con hueso, que se obtiene a partir del **cuarto trasero**, una vez retirados el **vacío** y el **asado de tira**. // **dar(se) corte.** *loc. v. esp.* Prestar atención. ¶ *Morf.:* No se emplea la forma pronominal. **V. no dar ni °cinco de bolilla; no dar ni la °hora; parar la °oreja.** ♦ **dar °bola; dar °bolilla; dar °pelota; dar °piola; llevar el °apunte.** // **2.** *loc. v. esp.* **darse °dique.** // **date corte, Juan Antonio.** *fr. esp. fest.* Fórmula con que se anima a una persona a adoptar una postura adecuada a su estatus. // **2.** *fr. esp. fest.* Fórmula con que se hace burla de alguien que pretende aparentar más de lo que es. ¶ *Uso:* Suele agregarse el complemento y **ponte los entorchados.**

(DEU, 2012, p.211)

dar bolilla. *loc. v. esp.* **dar corte** (MDU, 2003, p. 45).

dar corte. *loc. v.* Prestar atención. *Tb.:* ...bola; ...bolilla; ...pelota; ...piola (MDU, 2003, p. 45).

MDU

Outras locuções com 'bolilla'

(Não há registro no MDU)

(Continua na próxima página)

16. <i>dar bolilla</i>	
(continuação da página anterior)	
TF / TA	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <p>(...) <i>cuando son los cabos o los sargentos los que miran por el agujerito para vigilarnos nunca me despierto no les doy bolilla (...)</i> (PER, 1982, p. 176).</p> </div> <div style="width: 45%;"> <p>(...) quando são os cabos e sargentos que olham pelo burquinho para nos vigiar nunca acordo nem dou bola (...) (PEP, 2009, p. 207, trad. Eliana Aguiar).</p> </div> </div>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) dar bola</p> <p>O DLE registra ‘dar bolilla’ como usual no Uruguai.</p> <p>O DLEP registra ‘dar bola’ com o mesmo significado de ‘dar bolilla’ ao referir como significado “2.Dar atenção; ligar importância a” (DLEP, 2011, p. 119). .</p>

17.	<i>de entrecasa</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>entrecasa: de ~, var de entre casa (Ø a) <i>coloq</i> Ref. especialmente a la ropa, los zapatos o una expresión: de uso casero o familiar [E: de andar por casa; U: para entrecasa]. b) coloq En confianza, sin que los demás lo sepan. para ~ Ø = de entrecasa <a>.</p> <p>(NDU, 1993, p. 153)</p>	<p>entrecasa. // de entrecasa. <i>loc. adj. / loc. adv.</i> Doméstico, de uso cotidiano. // 2. <i>loc. adj. / loc. adv.</i> Referido a un asunto: informal.</p> <p>(DEU, 2012, p. 251)</p>
MDU	<p>de entrecasa. <i>loc. adj. / loc. adv.</i> Sin mucho arreglo personal o con ropa sencilla. // 2. <i>loc. adj. / loc. adv.</i> Informal (MDU, 2003, p. 47).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘entrecasa’</u> (Não há registro no MDU)</p>
TF / TAs	<p><i>La verdad es que muchas veces ando hambriento y me como con los ojos las pantorrillas de la Elvira, que, para peor de males, de entrecasa anda siempre de shorts</i> (LT, 1960, p. 44).</p> <p><i>Blanca bajó los ojos. En la mano tenía la panera. Era la imagen del patetismo, de un patetismo conmovedor y de entrecasa</i> (LT, 1960, p. 105).</p>	<p>A verdade é que muitas vezes estou esfomeado e como com os olhos as panturrilhas da Elvira que, para piorar tudo, fica sempre de shorts em casa (AT, 1989, p. 36, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>A verdade é que com frequência eu ando faminto e devoro com os olhos as panturrilhas da Elvira, que, para piorar, dentro de casa anda sempre de short (AT, 2007, p. 46, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>A verdade é que muitas vezes ando esfomeado e como com os olhos as panturrilhas da Elvira, que, para piorar ainda mais a situação, dentro de casa está sempre de shorts (AT, 2008, p. 44, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>Blanca baixou os olhos. Estava com a cesta de pão nas mãos. Era a imagem do patético, de um patético comovedor e caseiro. (AT, 1989, p. 84, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Blanca baixou os olhos. Na mão, tinha a cesta de pães. Era a imagem do patetismo, de um patetismo comovedor e doméstico (AT, 2007, p. 114, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Blanca baixou os olhos. Trazia a cesta de pães nas mãos. Era a imagem do patético, de um patético comovedor e familiar (AT, 2008, p. 104, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

	<p><i>17. de entrecasa</i> (continuação da página anterior)</p> <p><i>Le pregunté si lo que quería era volver a su país. “¿Volver? De ninguna moda. (...) Yo soy un poquito loca, ¿usted comprender? Mañana estar contentísima. (...)” Juliska no estaba loca sino menopáusica. Pero, naturalmente, es posible, digo yo, me imagino, que la menopausia del exilio sea más penosa que la de entrecasa</i> (BC, 1992, p. 141-142).</p>	<p>Perguntei se ela estava querendo voltar para a sua terra. “Voltar? De jeito nenhum. (...) Eu sou um pouquinho doida, você entender? Amanhã estar contentíssima. (...)” Juliska não estava maluca e sim menopáusica. Mas, naturalmente, é possível, sei lá, imagino, que a menopausa do exílio seja menos penosa que a de casa (BDC, 1998, p. 152, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>Perguntei se ela queria voltar ao seu país. “Voltar? De jeito nenhum. (...) Eu sou um pouquinho maluco, compreender? Amanhã estar contentíssima. (...)” Juliska não estava louca, mas menopáusica. Mas, naturalmente, é possível, digo eu, imagino, que a menopausa do exílio seja menos penosa do que a de casa (BDC, 2012, p. , trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) de casa</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘de casa’ com o significado “Diz-se de quem goza de intimidade de alguém, frequentando sua casa sem cerimônias, como se dela fizesse parte” (DLEP, 2011, p. 132).</p>	

(Não há registro no NDU)

vuelta. *f.* En bares y lugares para beber: ronda de tragos que un grupo de personas consume por vez. // **2.** *f. pl. esp.* Trámite, diligencia. // **3.** *f.* Modo o manera particular y habilidosa de realizar algo. ♦ **yeito.** // **andar con vueltas.** *loc. v. esp.* Dilatar con excusas la realización o resolución de algo. // **2.** *loc. v. esp.* No ser frontal en lo que se dice. ♦♦ **andar con °chicas.** // **andar en la vuelta.** *loc. v. esp.* Frecuentar un lugar, merodear. // **2.** *loc. v. esp.* Interesarse solidariamente en los asuntos de otra persona. // **buscarle la vuelta.** *loc. v. esp.* Tratar de encontrar la solución a un problema. **V. cranear.** ♦ **buscarle la °comba al palo.** // **2.** *loc. v. esp.* Tratar de encontrar la mejor manera de relacionarse con alguien. // **dar más vueltas que un perro para echarse.** *loc. v. esp.* **tener más vueltas que un caracol.** ¶ *Uso:* Se emplea también la variante *tener más vueltas que perro para echarse.* // **dar vuelta la pisada.** *loc. v. esp.* Mudar la suerte. ♦ **cambiar la °pisada.** // **2.** *loc. v. rur.* Recortar la huella de un animal abichado y colocarla en sentido inverso en el hoyo resultante, con el propósito supersticioso de curarlo. // **dar(se) vuelta como una media.** *loc. v. esp. desp.* Cambiar radicalmente de opinión. **V. viandazo.** // **2.** *loc. v. esp.* Derrotar a alguien en una controversia. ¶ *Morf.:* No se emplea la forma pronominal. **V. °hacer sonar.** // **darse vuelta la tortilla.** *loc. v. esp.* Cambiar la suerte o suceder algo que contraviene una situación. // **de vuelta.** *loc. adv. esp.* De nuevo, otra vez. // **de vuelta y media.** *loc. adv. esp.* Sin argumentos, sin posibilidad de reacción. ¶ *Uso:* Se emplea con los verbos *dejar* y *quedar.* // **en la vuelta.** *loc. adv. esp.* En

las cercanías. ¶ *Uso:* Se emplea preferentemente con los verbos *andar* y *estar.* // **en la vuelta, como galleta en boca de vieja.** *loc. adv. esp.* Con dilaciones. // **2.** *loc. adv. esp.* Sin soluciones. // **encontrarle la vuelta.** *loc. v. esp.* Hallar la manera más eficaz de que algo funcione. // **2.** *loc. v. esp.* Hallar la manera de entenderse con alguien difícil de tratar. // **la otra vuelta.** *loc. adv. esp.* En alguna ocasión pasada o relativamente reciente. // **media vuelta.** *f.* En algunas danzas tradicionales de pareja suelta: figura en semicírculo que cada bailarín hace simultáneamente con su pareja, hasta llegar al lugar del compañero. // **no haber vuelta que darle.** *loc. v. esp.* No tener una situación posibilidades de cambio. ¶ *Constr.:* Pue-

(...)

(DEU, 2012, p. 559)

(Continua na próxima página)

MDU	<p><i>18. en la vuelta</i> (continuação da página anterior)</p> <p>en la vuelta. <i>loc. adv.</i> En las cercanías. ¶ Se usa preferencialmente con los verbos <i>andar, estar</i> (MDU, 2003, p. 52).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘vuelta’</u></p> <p>buscar a alguien o a algo la vuelta; dar más vueltas que un perro [cusco] para echarse; dar vuelta como una media; dar vuelta la pista; de vuelta y media; no haber vuelta que darle; tener más vueltas que un perro [cusco] para echarse; tener más vueltas que un caracol [una oreja]; sin vueltas de hoja; tener más vueltas que sebo de tripa; tener más vueltas que un caracol [una oreja]; vuelta y media (MDU, 2003, p. 175).</p>
TF / TAs	<p>(...) <i>la de las madres jóvenes que nunca salen de noche y entran al cine, con cara de culpables, en la vuelta de las 15.30</i> (...) (LT, 1960, p. 13).</p>	<p>(...) a das jovens mães que nunca saem de noite e entram no cinema com cara de culpada por volta das três e meia (...) (AT, 1989, p. 10, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>(...) a das mães jovens que nunca saem de noite e entram no cinema, com cara de culpadas, por volta das três e meia da tarde (...) (AT, 2007, p. 11, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>(...) a das jovens mães que nunca saem à noite e entram no cinema, a culpa estampada nos rostos, por volta das cinco e meia da tarde (...) (AT, 2008, p. 13, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) por volta de</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘por volta de’ com o significado de “Aproximadamente (...)” (DLEP, 2011, p. 361).</p>	

19.	<i>hacer pucheros</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>(Está registrada como usual na Espanha e no Uruguai)</p> <p>pucherear v Ø 1 intr coloq Comer. 2 intr coloq Obtener del trabajo sólo lo suficiente para subsistir. 3 intr coloq Hacer los niños gestos con la boca cuando están a punto de llorar [E, U: hacer pucheros]</p> <p>(NDU, 1993, p. 320)</p>	<p>puchero¹. // ganarse el puchero. loc. v. esp. Trabajar para el sustento diario. // hacer pucheros. loc. v. esp. Hacer gestos propios del llanto. † pucherear.</p> <p>(DEU, 2012, p. 454)</p>
MDU	<p>hacer pucheros. loc. v. Gesticular con el rostro anticipando el llanto (MDU, 2003, p. 60).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘puchero’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF/TA	<p><i>Vos estás chifle, había insistido Silvio, inconvencible, y casi acaban a los piñazos. Pero Santiago y él, Rolando, habían intervenido rápidamente, y además María del Carmen y la Tita ya estaban haciendo pucheros, de nervios nomás; (...)</i> (PER, 1960, p. 54).</p>	<p>Você está maluco insistiu Sílvio, inabalável, e quase acabam aos bofetões. Mas Santiago e ele, Ronaldo, interviram rapidamente, e além do mais María del Carmen e Tita já estavam fazendo bico, ataque de nervos, claro; (...) (PEP, 2009, p. 61, trad. Eliana Aguiar).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica.</p> <p>O ‘<i>puchero</i>’ é um guisado preparado com ingredientes diversos. Originariamente usavam-se panelas de barro, que deram origem ao nome, para conservar o calor dos alimentos.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>Não há registro no DLEP.</p> <p>Obs.: O DLEP registra ‘fazer bicos’ com o sentido de trabalhar fora do horário, realizando uma atividade remunerada.</p>	

20.

hacerse el oso

oso, -a: *hacerse el/la ~ Ø coloq* Simular una persona que desconoce o no ha escuchado algo determinado [E: *hacerse el/la longui*; E, U: *hacerse el/la loco, -a, hacerse el/la sordo, -a, hacerse el/la sueco, -a, hacerse el/la tonto, -a*; U: *hacerse el burro, hacerse el/la chancho, -a rengo, -a, hacerse el/la sota*].

(NDU, 1993, p. 273)

oso. // *hacerse el oso. loc. v. urb. esp. hacerse el °chancho rengo.* // **oso colmenero.** *m. oso hormiguero chico.* // **oso hormiguero chico.** *m. Oso hormiguero arborícola, de has-*

(DEU, 2012, p. 394)

chancho, -a. *m. esp. Cerdo.* // **2.** *f. Cerdo hembra.* // **3.** *adj. esp. desp. Referido a una persona: obesa.* **V. vaca. ♦ lechón.** // **4.** *adj. esp. Sucio, desaliñado, desprolijo.* // **5.** *m. Juego de cartas españolas con cuatro naipes por jugador, consistente en que todos los participantes entreguen a la vez un descarte a quien tienen a la derecha, hasta que alguno reúna cuatro cartas del mismo número.* // **6.** *m. Jabalí.* // **7.** *f. Jabalí hembra.* // **8.** *m. /f. esp. desp. zorro, -a (2).* // **9.** *m. Entre pescadores: °salmón criollo.* // **a cada chancho le llega su San Martín.** *ref. esp.* Expresa que todas las personas reciben su merecido. // **cada chancho a su chiquero.** *fr. esp.* Fórmula con que se indica que cada cual debe ocupar el lugar que le corresponde. **V. cada °lechón en su teta es el modo de mamar.** // **cada chancho a su estaca.** *fr. obs. esp. cada chancho a su chi-*

quero. // **chancho aseado no engorda.** *ref. esp.* Expresa una crítica a la excesiva pulcritud en el comer. // **chancho bagual.** *m. Cerdo asilvestrado.* // **chancho jabalí.** *m. chancho, -a (6).* // **chancho limpio nunca engorda.** *ref. esp. chancho aseado no engorda.* // **chancho moro.** *m. p. us. chancho, -a (6).* // **como chancho en el barro.** *loc. adj. esp.* Muy a gusto. // **como chancho en los boniatos.** *loc. adj. esp. como chancho en el barro.* ¶ *Uso:* Suele sustituirse *boniatos* por *choclos* o *membrillos*. // **como chanchos.** *loc. adj. / loc. adv. esp.* Amigados, con confianza, sin inhibiciones. // **como para pelar chancho.** *loc. adj. esp.* Caliente. // **difícil que el chancho chifle.** *fr. esp.* Fórmula con que se resalta la dificultad de que algo se realice. // **hacerse el chancho rengo.** *loc. v. esp.* No darse por aludido. ♦ *hacerse el °burro; hacerse el °oso; hacerse el °perro puto; hacerse el °sota.* // **largar los chanchos.** *loc. v. rur. esp.* Abandonar el esmero en la realización de una tarea. // **2.** *loc. v. urb. esp. largar(se) (5).* ¶ *Uso:* Suele

(...)

(DEU, 2012, p.177-178)

(Continúa na próxima página)

20. <i>hacerse el oso</i>		(continuação da página anterior)
MDU	<p>hacerse el oso. <i>loc. v. esp. met.</i> hacerse el chanco rengo (MDU, 2003, p. 61).</p> <p>hacerse el chanco rengo. <i>loc. v. esp.</i> No darse por aludido.//2. <i>loc. v. esp.</i> Desentenderse <i>de algo.</i> <i>Tb.:</i> hacerse el oso; hacerse el [la] sota (MDU, 2003, p. 60).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘oso’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF/TAs	<p><i>Primero fueron miradas y yo haciéndome el oso</i> (LT, 1960, p. 44).</p>	<p>Primeiro foram olhares e eu me fazendo de tonto. (AT, 1989, p. 36, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Primeiro foram uns olhares, e eu me fazendo de desentendido (AT, 2007, p. 46, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Primeiro foram uns olhares, e eu me fazendo de morto (AT, 2008, p. 44, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) fazer-se de tonto equivalência 2 – (parcial) fazer-se de desentendido equivalência 2 – (parcial) fazer-se de morto</p> <p>Desconhece-se a origem da locução em virtude de não haver relação entre os ossos e o comportamento aludido.</p> <p>O DLE registra ‘hacerse el oso’ como usual no Uruguai.</p> <p>O DLEP registra: 1) ‘fazer-se de desentendido’ com o significado “Fingir que não entende; não fazer caso de alguma coisa que se lhe diz; agir dissimuladamente, fingindo distração, ingenuidade, falta de informação” (DLEP, 2011, p. 212-213); 2) ‘fazer-se de morto’ com um dos significados “Evitar comprometer-se, fingindo alheamento, ou calando, ou procurando passar despercebido” (DLEP, 2011, p. 213). Registra também ‘fazer-se de tolo’ (uma variante de ‘fazer-se de tonto’) com o sentido “Fingir-se de ingênuo com segundas intenções” (DLEP, 2011, p. 213).</p>	

21.	<i>hasta por ahí nomás</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>ahí: <i>hasta por ~ Ø hasta por → ahí (nomás).</i> <i>hasta por ~ (nomás) Ø coloq</i> Más o menos. <i>Obs:</i> Pronunciación: <i>aí, aḱ</i> <i>por ~ Ꞁ a) coloq</i> Se usa para expresar la posibilidad o la probabilidad de que algo suceda [<i>E: lo mismo; E, U: a lo mejor, en una de esas; U: capaz, de repente</i>]. <i>Obs:</i> Pronunciación: <i>aí, aḱ</i>. b) coloq Se usa para indicar cercanía espacial. <i>¿y de ~? Ø ¿y de → ahí (qué)?</i> <i>¿y de ~ (qué)? Ø a) coloq</i> Se usa al final de una respuesta, con un tono jactancioso y provocador, para preguntar al interlocutor qué le importa o incumbe lo preguntado [<i>E, U: ¿y con eso (qué)?</i>]. b) coloq Se usa para pedirle al interlocutor que explique las consecuencias de lo que acaba de decir [<i>E, U: ¿y con eso (qué)?</i>] <i>y ~ nomás Ø coloq</i> Se usa para indicar lo imprevisto o inmediato de algún suceso o alguna acción [<i>E, U: y en ese momento</i>].</p> <p>(NDU, 1993, p. 37)</p>	<p>ahí. // ahí nomás. <i>loc. adv. esp.</i> Imprevistamente. <i>Me encontré con la directora y ahí nomás le dije que dejaba los grupos.</i> // hasta por ahí nomás. <i>loc. adv. esp.</i> Más o menos. // ni ahí. <i>loc. adv. esp.</i> ni a palos. <i>No llego ni ahí para el examen de Matemáticas.</i> // por ahí. <i>loc. adv. esp.</i> Tal vez. // ¿y de ahí? <i>fr. esp.</i> Fórmula con que alguien, en una discusión, se jacta, provoca o disiente. ¶ <i>Uso:</i> Suele emplearse la variante <i>¿y de ahí, qué?</i> ♦ <i>¿y con eso?</i></p> <p>(DEU, 2012, p. 80)</p>
	MDU	(Não há registro no MDU)
TF / TAs	<p>(...) “¿Usted comprender?” <i>Yo comprender, pero hasta por ahí nomás.</i> (BC, 1992, p. 141).</p>	<p>(...) “Você compreender?” Eu compreender, mas só um pouco (BDC, 1998, p. 152, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>(...) “Senhor compreender?” Eu compreender, mas só até certo ponto (BDC, 2012, p. 150, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) até certo ponto</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DELP registra ‘até certo ponto’ com o significado “Em parte; de certa forma; quase; em certa medida; não totalmente; não completamente” (DLEP, 2011, p. 43).</p>	

<p>22.</p> <p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Dicionários gerais de uruguaios</p>	<p><i>irse a la mierda</i></p> <p>(Não há registro no NDU)</p>	<p>mierda. // ¡a la mierda! <i>loc. interj. vulg. esp.</i> ¡a la °flauta! // ¡andá a la mierda! <i>fr. vulg. esp.</i> ¡°andá a bañarte! // como la mierda. <i>loc. adv. vulg. esp.</i> como la °mona. // confundir mierda con dulce de leche. <i>loc. v. vulg. esp.</i> confundir °aserrín con pan rallado. // echar mierda en el ventilador. <i>loc. v. p. us. esp.</i> Difundir comentarios o informaciones que desacreditan a muchas personas. V. embarrarse. // estar oliendo mierda. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Mostrar antipatía o engreimiento con muecas. // feo como pisar mierda descalzo. <i>loc. adj. vulg. esp.</i> como °susto a medianoche. // hacer(se) mierda. <i>loc. v. vulg. esp.</i> hacer(se) °bolsa. // 2. <i>loc. v. vulg. esp.</i> mover(se) (1). // 3. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Herir gravemente a alguien en un accidente. // 4. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Anular a alguien, desacreditándolo. ♦ hacer °bosta. // 5. <i>loc. v. vulg. esp.</i> En una competencia: ganar a un oponente por amplio margen. ♦ hacerse °bolsa. // 6. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Afectar anímicamente a alguien. ♦ hacerse °bolsa; hacerla de °goma. // irse a la mierda. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Desvincularse drásticamente por desavenencias. ♦ irse al °corno; irse al °tacho. // ¡la mierda! <i>loc. interj. vulg. esp.</i> ¡la °flauta! // mandar a la mierda. <i>loc. v. vulg. esp.</i> °mandar a bañar. // 2. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Abandonar un asunto. // tener mierda en la cabeza. <i>loc. v. vulg. esp.</i> Carecer de inteligencia o de sentido común. ¶ <i>Uso:</i> Suele sustituirse <i>mierda</i> por <i>bosta</i>.</p> <p>(DEU, 2012, p. 365)</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">MDU</p>	<p>irse a la mierda. <i>loc. v. esp.</i> Referido a una persona: desvincularse drásticamente por desavenencias. // 2. <i>loc. v. esp.</i> Derrumbarse, quebrarse, tener mal fin. <i>Tb.:</i> irse al bombo [tacho]; irse al corno (MDU, 2003, p.63).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘mierda’</u></p> <p>confundir mierda con dulce de leche; feo como pegarle a Dios [a la madre; pisar mierda descalzo; susto a medianoche; hacer(se) bolsa [bosta; mierda; pelota; pomada]; mandar a la mierda (MDU, 2003, p. 147).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

22. irse a la mierda		(continuação da página anterior)
TF / TAs	<p><i>Con la mano izquierda hice una pelota con una planilla de vendas, con la derecha acerqué el tubo a mi boca y dije lentamente: “¿Por qué no se va a la mierda?” No recuerdo bien. Me parece que la voz preguntó varias veces: “¿Cómo dijo, señor?”, pero yo también dije varias veces: “¿Por qué no se va a la mierda?” (LT, 1960, p. 150).</i></p>	<p>Com a mão esquerda amassei um gráfico de vendas, com a direita aproximei o fone de minha boca e disse lentamente: “Por que não vai à merda?” Não lembro bem. Parece que a voz perguntou várias vezes: “Como disse senhor?”, mas eu também disse várias vezes: “Por que não vai à merda?” (AT, 1989, p. 121, trad. Mustafa Yazbek).</p>
		<p>Com a mão esquerda, fiz uma bola com a planilha de vendas, com a direita aproximei o fone da minha boca e disse lentamente: “Por que não vai à merda?” Não lembro bem. Parece-me que a voz perguntou várias vezes: “Como disse, senhor?”, mas eu também repeti várias vezes: “Por que não vai à merda?” (AT, 2007, p. 164, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
		<p>Com a mão esquerda, fiz uma bolinha com a planilha de vendas, com a direita aproximei o fone de minha boca e disse lentamente: “Por que não vai à merda?” Não me lembro bem. Parece que a voz perguntou várias vezes: “O que disse, senhor?”, mas eu também disse várias vezes: “Por que não vai à merda?” (AT, 2008, p. 148, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>Não há registro no DLEP.</p>	

23.	<i>mandarse la parte</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>parte f ∩ ~s <i>coloq</i> Complicaciones o problemas que tiene una persona. <i>Obs:</i> Se usa especialmente con el verbo <i>tener</i>. * andar con ~s ∅ <i>coloq</i> Dilatar con excusas la realización o la resolución de algo [<i>E:</i> darle largas; <i>U:</i> andar con vueltas]. mandarse la ~ ∅ a) <i>coloq</i> Fingir un determinado sentimiento o una actitud para impresionar favorablemente a los demás o para obtener alguna ventaja. b) <i>coloq</i> Hacer alarde desmedido de una cualidad o de un logro personal [<i>E, U:</i> darse ínfulas; <i>U:</i> darse corte, mandarse la parada]. tener (más) ~s ∅ <i>coloq</i> Tener una personalidad muy complicada [<i>U:</i> tener (más) vueltas].</p> <p>(NDU, 1993, p. 286)</p>	<p>parte. f. pl. esp. Melindres, reparos. <i>Ana tiene muchas partes para decidirse.</i> // el que parte y reparte se queda con la mejor parte. ref. esp. Expresión con la que se señala que el organizador de algo puede tener mejores beneficios que los demás. // mandarse la parte. loc. v. esp. Simular lo que no se es, fanfarronear. V. hacer °bulla. // por mi parte y la del cura. fr. esp. Fórmula con que se manifiesta la aprobación de una propuesta con cierta indiferencia. ¶ <i>Constr.:</i> Suele agregarse el complemento <i>que bauticen a la criatura.</i></p> <p>(DEU, 2012, p. 411)</p>
DDVU	<p>MANDARSE LA PARTE: (por alusión a la parte o parlamento teatral). fr. fig. Tratar de atraer la atención ajena para destacarse o lograr algún beneficio personal. Montevideo y su cerro, 118: ...<i>gentes que quieren atraer sobre ellos la atención buscando deslumbrar, emocionar o sorprender, se mandan la parte, esto es, recitan o desempeñan un papel de modo tal que logran el éxito buscado</i> (DDVU, 1971, p. 126).</p>	
MDU	<p>mandarse la parte. loc. v. Fanfarronear. // 2. loc. v. Simular lo que no se es (MDU, 2003, p. 71).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘parte’</u> andar com partes (MDU, 2003, p. 153).</p>
TF / TAs	<p><i>Usted tiene todas las condiciones para concurrir a mi felicidad, pero yo tengo muy pocas para concurrir a la suya. Y no crea que me estoy mandando la parte</i> (LT, 1960, p. 67).</p>	<p>Você tem todas as condições para contribuir para minha felicidade, mas eu tenho muito poucas para contribuir para a sua. Não estou fazendo média (AT, 1989, p. 54, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>A senhorita tem todas as condições para contribuir para minha felicidade, mas eu tenho muito poucas para contribuir para a sua. E não creia que estou bancando o santo (AT, 2007, p. 27, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Você tem todas as condições de promover a minha felicidade, mas eu tenho pouquíssimas de promover a sua. E não pense que estou seguindo um roteiro preestabelecido (AT, 2008, p. 67, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

	<p>23. <i>mandarse la parte</i> (continuação da página anterior)</p> <p><i>Me pareció que se tranquilizaba. Una cosa era cierta. No se estaba mandando la parte. La palidez significaba que el susto era sincero</i> (LT, 1960, p. 85).</p>	<p>Tive a impressão de que se tranquilizou. Uma coisa era certa. Não estava disfarçando. A palidez significava que o susto era sincero (AT, 1989, p. 68, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Pareceu-me que se tranquilizava. Uma coisa era certa. Não estava fazendo gênero. [omissão de trecho] (AT, 2007, p. 92, trad. Joana Angélica D'Ávila Melo).</p> <p>Pareceu-me que se acalmava. Uma coisa era certa. Não estava seguindo um papel. A palidez significava que o susto era sincero (AT, 2008, p. 84, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) fazer gênero</p> <p>Em uma obra de teatro, ‘<i>la parte</i>’ ou o ‘<i>parlamento teatral</i>’ é uma passagem na qual um dos personagens faz uma intervenção ou monólogo medianamente extenso.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP não registra ‘fazer média’ nem ‘bancar o santo’.</p> <p>O DLEP registra ‘fazer gênero’ com o significado “Fingir ser o que de verdade não é, adotando um padrão de estilo, caracterizado” (DLEP, 2011, p. 208).</p>	

24.	<i>meter en la misma bolsa</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	<p>bolsa. <i>f.</i> En algunas danzas tradicionales: círculo que forman los bailarines rodeando a la pareja que dice relaciones. // bolsa de dormir. <i>f.</i> Bolsa de tela acolchada y con cierres, que se emplea para pernoctar. ♦ °sobre de dormir. // bolsa de gatos. <i>loc. sust. f. esp. fest.</i> Grupo de personas discordantes. // bolsa de pedos. <i>loc. sust. f. vulg. esp. desp.</i> Persona muy gorda. // dar como en bolsa. <i>loc. v. esp.</i> mover(se) (1). // 2. <i>loc. v. esp.</i> caer(se) (4). // 3. <i>loc. v. esp.</i> dar un °baile (2). // 4. <i>loc. v. esp.</i> baquetear (2). // hacer(se) bolsa. <i>loc. v. esp.</i> Romper, destruir, deteriorar. ♦ escracharse; °hacer sonar; hacerse °bosta; hacerse °chatasca; hacerse °guasca; hacerse °mierda; hacerse °miñangos; hacerse °moco; hacerse °pelota; hacerse °pomada; hacerse °pomarola. // 2. <i>loc. v. esp.</i> hacer(se) °mierda (5). // 3. <i>loc. v. esp.</i> hacer(se) °mierda (6).</p> <p>// meter en la misma bolsa. <i>loc. v. esp.</i> No distinguir diferencias en una valoración.</p> <p>// quedar hecho bolsa. <i>loc. v. esp.</i> Resultar extenuado. // 2. <i>loc. v. esp.</i> Resultar maltratado física o anímicamente. // 3. <i>loc. v. esp.</i> Perder vigor por causa de una enfermedad pasajera. ¶¶ <i>Uso:</i> Suele emplearse también con los verbos <i>estar</i> y <i>dejar</i>. // romper la bolsa. <i>loc. v.</i> Perder <i>la parturienta</i>, antes del parto, el líquido amniótico.</p> <p>(DEU, 2012, p. 131)</p>
	MDU	meter en la misma bolsa. <i>loc. v.</i> No distinguir diferencias. (MDU, 2003, p.73).
TF / TAs	(...) <i>Manolo le daba un énfasis que la hacía obligatoria. Los que tenían la guita y el poder jamás cederían. (...) Manolo dale que dale que dale, metiendo a todos en la misma bolsa</i> (...) (PER, 1982, p. 55).	(...) Manolo lhe dava uma ênfase que a tornava obrigatória. Os que tinham dinheiro e poder nunca cederiam. (...) Manolo insistindo e insistindo, colocando todo mundo no mesmo saco (...) (PEP, 2009, p. 61-62, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) colocar no mesmo saco</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘botar (colocar) no mesmo saco’ com o significado “Dispensar o mesmo tratamento; atribuir o mesmo valor ou importância; não diferenciar” (DLEP, 2011, p. 61).</p>	

25.	<i>ojo al gol</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	<div data-bbox="799 331 1345 622" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>ojo. <i>m.</i> En una papa: mancha pequeña por donde brota la yema. // 2. <i>m.</i> Anillo del anzuelo para atar el sedal. // 3. <i>interj. esp.</i> Indica advertencia. ¶ <i>Uso:</i> Puede agregarse los complementos al gol o al piojo. Se emplea también la variante ojito. // abrir el ojo. <i>loc. v. esp.</i> Tener cuidado, prestar atención. ♦ abrir los °ganchos. // cuatro ojos. <i>m. / f. esp.</i> Persona que usa lentes. ♦ lenteja¹. // 2. <i>loc. adj. rur.</i> Referido a un va-</p> </div> <p style="text-align: center;">(...)</p> <p style="text-align: center;">(DEU, 2012, p. 390)</p>
MDU	<p>ojo al gol. <i>loc. interj. esp.</i> Fórmula con que se advierte un riesgo. ¶ Se usa con entonación exclamativa (MDU, 2003, p.79).</p>	<p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘ojo’</u></p> <p>como pedrada en ojo tuerto; pegarle al ojo; romper los ojos; tener más ojos que barriga; ver por los ojos de otro; (MDU, 2003, p.150).</p> <p style="text-align: center;"><u>Outras locuções com ‘gol’</u></p> <p style="text-align: center;">(Não constam outras locuções no MDU)</p>
TF / TA	<p><i>A mí por ejemplo me encontrarían sin nada nadita de panza, y con menos pelo (no me refiero a las razones de obvia peluquería local sino a evidentes entradas que nada tienen que ver con semejante ortodoxia). También hay algunas vacantes incisivas y molares (ojo al gol, que no dice <u>morales</u> ¿eh?)</i> (PER, 1982, p. 124).</p>	<p>A mim, por exemplo, descobririam sem barriga alguma e com menos cabelo (não me refiro às razões do óbvio penteado local, mas a evidentes entradas que nada têm a ver com semelhante ortodoxia). Também tenho uma ou outra ausência incisiva ou molar (e atenção que eu não disse <i>moral</i>, hein!) (PEP, 2009, p. 148, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica.</p> <p>Não há registro no DLE.</p>	

26.	<i>poner los cuernos</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	<p>cuerno. <i>m.</i> Tipo de pan marsellés de masa plegada sobre sí misma, con un corte en la parte superior, que forma dos picos. // cuernos del diablo. <i>loc. sust. m.</i> Maleza robusta de hasta 75 cm de altura, de tallos gruesos y erectos; tiene hojas ovales con base acorazonada y bordes dentados, flores pequeñas amarillas, vellosas,</p> <p>agrupadas en racimos; el fruto es una baya con forma de cono alargado, recubierta de pelos rígidos y terminada en dos ramillas curvadas, de ápice agudo, de unos 15 cm de largo; crece en lugares diversos, especialmente en tierras removidas. <i>Martyniaceae: Ibicella lutea</i></p> <p>// meter los cuernos. <i>loc. v. esp. cornear (1)</i></p> <p>// tras cuernos, palos. <i>fr. esp.</i> Fórmula con que se comenta la sucesión de hechos desafortunados. <i>V. ;cuándo no!</i></p> <p>(DEU, 1993, p. 222)</p> <p>cornear. <i>tr. esp.</i> Ser infiel a la pareja. <i>Tb. cuernear.</i> ♦ adornar la °frente; guampear; meter las °guampas; meter los °cuernos. // 2. <i>tr. esp.</i> Burlar un trato comercial o profesional de escasa importancia. <i>Tb. cuernear.</i></p> <p>(DEU, 1993, p. 209)</p>
	MDU	(Não há registro no MDU)
TF / TAs	<p><i>Pero <u>ellos</u> se han portado tan correctamente; (...) instalarme en el odio sería el modo más fácil de convertirme a los ojos de ambos en algo irremediavelmente odioso, tan irremediable y tan odioso como si ellos me enfrentaran sonriendo y me dijeran: «Te hemos puesto los cuernos» (QN, 1953, p.6).</i></p> <p>(Continua na próxima página)</p>	<p>Mas <i>eles</i> se portaram tão corretamente; (...) instalar-me no ódio seria o modo mais fácil de converter-me aos olhos de ambos em algo irremediavelmente odioso, tão irremediável e tão odioso como se eles me enfrentassem sorrindo e me dissessem: “Te metemos um par de chifres.” (QDN, 1992, p. 9, trad. Charles Kiefer).</p> <p>Mas <i>eles</i> se comportaram tão corretamente; (...) me instalar no ódio seria o modo mais fácil de me tornar aos olhos de ambos em algo irremediavelmente odioso, tão irremediável e tão odioso como se eles me enfrentassem sorrindo e me dissessem: “Colocamos chifres em você.” (QDN, 2007, p. 12, trad. Maria Alzira Brum Lemos).</p>

	<p>26. <i>poner los cuernos</i></p> <p>(continuação da página anterior)</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) colocar chifres em</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DELP não registra ‘meter um par de chifres’ nem ‘colocar chifres em’, mas registra as variantes ‘botar (pôr) chifres em’ com o significado “Ser infiel a (ger. cônjuge), tendo relações sexuais com outrem” (DLEP, 2011, p. 61).</p>

27.	<i>por ahí</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>ahí: hasta por ~ Ø hasta por → ahí (nomás). hasta por ~ (nomás) Ø coloq Más o menos. <i>Obs:</i> Pronunciación: aí, aj. por ~ (a) coloq Se usa para expresar la posibilidad o la probabilidad de que algo suceda [<i>E:</i> lo mismo; <i>E, U:</i> a lo mejor, en una de esas; <i>U:</i> capaz, de repente]. <i>Obs:</i> Pronunciación: aí, aj. b) coloq Se usa para indicar cercanía espacial. ¿y de ~? Ø ¿y de → ahí (qué)? ¿y de ~ (qué)? Ø a) coloq Se usa al final de una respuesta, con un tono jactancioso y provocador, para preguntar al interlocutor qué le importa o incumbe lo preguntado [<i>E, U:</i> ¿y con eso (qué)?]. b) coloq Se usa para pedirle al interlocutor que explique las consecuencias de lo que acaba de decir [<i>E, U:</i> ¿y con eso (qué)? y ~ nomás Ø coloq Se usa para indicar lo imprevisto o inmediato de algún suceso o alguna acción [<i>E, U:</i> y en ese momento].</p>	<p>ahí. // ahí nomás. loc. adv. esp. Imprevistamente. <i>Me encontré con la directora y ahí nomás le dije que dejaba los grupos.</i> // hasta por ahí nomás. loc. adv. esp. Más o menos. // ni ahí. loc. adv. esp. ni a °palos. <i>No llego ni ahí para el examen de Matemáticas.</i> // por ahí. loc. adv. esp. Tal vez. // ¿y de ahí? fr: esp. Fórmula con que alguien, en una discusión, se jacta, provoca o disiente. ¶ <i>Uso:</i> Suele emplearse la variante <i>¿y de ahí, qué?</i> ♦ <i>¿y con °eso?</i></p> <p>(DEU, 2012, p. 80)</p>
	(NDU, 1993, p. 11)	(Não há registro no MDU)
MDU	<i>Por ahí</i> sí. <i>Ése era el comienzo</i> (QN, 1953, p.40).	<p>Por aí sim. <i>Esse era o começo</i> (QDN, 1992, p. 67, trad. Charles Kiefer).</p> <p>Por aí sim. <i>Esse era o começo</i> (QDN, 2007, p. 65, trad. Maria Alzira Brum Lemos).</p>
TF / TAs	<i>Hace años que no iba por ahí</i> (LT, 1960, p. 45).	<p>Há anos que não andava por ali (AT, 1989, p. 36, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Há anos que não andava por aqueles lados (AT, 2007, p. 47, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Fazia anos que não seguia por esse caminho. (AT, 2008, p. 45, trad. Pedro Gonzaga).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>

TF / TAs	<p>27. <i>por ahí</i> (continuação da página anterior)</p> <p><i>Me rebajó a un cuarenta por ciento y me recomendó que aceptara antes de que se arrepintiese, que con nadie hacía eso, que nunca cobraba menos del cincuenta por ciento, que preguntara por ahí nomás (...)</i> (LT, 1960, p. 73).</p>	<p>Ele baixou para quarenta por cento e recomendou-me que aceitasse antes que se arrependesse, porque não fazia isso por ninguém, que nunca cobrava menos que cinquenta por cento, que era só saís perguntando por aí (...) (AT, 1989, p. 58, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Depois de baixar para 40 por cento, recomendou-me aceitar, antes que ele se arrependesse, e disse que não fazia isso com ninguém, que jamais cobrava menos de 50 por cento, que eu podia perguntar por aí (...) (AT, 2007, p. 78, trad. Joana Angélica D'Ávila Melo).</p> <p>Fez uma contraoferta de ficar com quarenta por cento e me recomendou que eu aceitasse antes que ele se arrependesse, que costumava fazer isso com ninguém, que nunca cobrava menos que cinquenta por cento, que eu perguntasse por aí se quisesse (...) AT, 2008, p. 72, trad. Pedro Gonzaga).</p>
	<p><i>Tengo entendido que uno de los muchachos anda por ahí, ¿lo ves a veces?, (...)</i> (PER, 1982, p. 124).</p>	<p>Tenho ouvido dizer que um dos rapazes anda por aí, você encontra com ele às vezes? (PEP, 2009, p. 104, trad. Joana Angélica D'Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: (com sentido de possibilidade) equivalência 3 – (aparente) por aí (com sentido de localização) equivalência 1 – (plena) por aí</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP registra ‘por aí’ com o significado “(...) lugar indeterminado, mas próximo da pessoa que fala; pelo mundo afora; em lugar incerto e não sabido” (DLEP, 2011, p. 354).</p>	

28.	<i>qué esperanza</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>esperanza: largo, -a como ~ de pobre Ø <i>coloq</i> De duración muy larga [E: más largo, -a que un día sin pan; U: más largo, -a que esperanza de pobre]. más largo, -a que ~ de pobre Ø = largo, -a como esperanza de pobre. ¡qué ~! Ø <i>coloq</i> Se usa para expresar la imposibilidad de que algo suceda o se lleve a cabo [E, U: ¡ni soñarlo!; U: ¡cualquier día!].</p> <p>(NDU, 1993, p. 157)</p>	<p>esperanza. // largo como esperanza de pobre. <i>loc. adj. esp.</i> Extenso. ♦ largo como °chorizo de campaña; largo como °puteada de tartamudo. // ¡qué esperanza! <i>loc. interj. esp.</i> Indica la imposibilidad de que ocurra algo. V. ni a °palos; ¡vení mañana que hay °croquetas! ♦ ¡cualquier °día!; ¡de °acá!; de °adónde!; ¡de °aquí!; ¡las °bolas!; ¡las °ganas!; ¡las °larailas!; ¡las °pelotas!; ¡la °pindonga!; ¡minga!; ni °loco; ¡ni °muerto!; ¡un °corno!</p> <p>(DEU, 2012, p. 256)</p>
MDU	<p>qué esperanza. <i>loc. interj.</i> Fórmula con que se niega rotundamente. ¶ Se usa con entonación exclamativa (MDU, 2003, p. 85).</p>	<p>Outras locuções com ‘<i>esperanza</i>’</p> <p>largo como esperanza de pobre. (MDU, 2003, p. 131).</p>
TF / TAs	<p><i>No era un diálogo de amor, qué esperanza. El ritmo oral parecía corresponder a una conversación entre comerciantes, o entre profesores, o entre políticos, o entre cualesquiera poseedores de contención y equilibrio</i> (LT, 1960, p. 67).</p>	<p>Não era um diálogo de amor, realmente. O ritmo oral parecia corresponder a uma conversa entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer possuidores de controle e equilíbrio (AT, 1989, p. 54, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Não era um diálogo de amor, que esperança. O ritmo oral parecia corresponder a uma conversa entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer pessoas dotadas de contenção e equilíbrio (AT, 2007, p. 72, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Não era um diálogo de amor, que esperança. O ritmo oral parecia corresponder a uma conversa entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer criaturas dotadas de contenção e equilíbrio (AT, 2008, p. 66, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) que esperança</p> <p>O DLE registra ‘<i>qué esperanza</i>’ como usual no Uruguai.</p> <p>O DELP registra ‘<i>Que esperança!</i>’ adjudicando expressões sinônimas que são: “Qual o quê! Qual nada! Nunca! Duvido!” (DLEP, 2011, p. 373).</p>	

29.	<i>que no ni no</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	<div data-bbox="794 331 1353 443" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p><i>no.</i> // ¡que no ni no! <i>loc. interj. esp.</i> Indica adhesión, apoyo o estímulo. ♦ ¡vamos arriba!; ¡viejo y peludo!</p> </div> <p>(DEU, 2012, p. 385)</p>
MDU	<p>qué no ni no. <i>loc. interj. esp.</i> viejo y peludo. ¶ Se usa con entonación exclamativa (MDU, 2003, p. 85).</p> <p>viejo y peludo. <i>loc. interj. esp.</i> Fórmula de ponderación. ¶ Suele agregarse nomás. Se usa con entonación exclamativa. <i>Tb.:</i> qué no ni no (MDU, 2003, p. 103).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘no’</u> (Não há registro no MDU)</p>
TF / TA	<p>(...) / <i>la celeste que no ni no</i> / (...) (PER, 1982, p. 185).</p>	<p>(...) / salve a celeste / (PEP, 2009, p. 218, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica.</p> <p>Não há registro no DLE.</p>	

30.	<i>quedarse en el molde</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>molde: <i>quedarse en el ~ Ø coloq</i> Abstenerse de participar u opinar porque resulta conveniente [<i>U: aguantarse piola, quedarse muzzarella</i>].</p> </div> <p>(NDU, 1993, p. 253)</p>	(Não há registro no DEU)
MDU	<p>quedarse en el molde. <i>loc. v. esp.</i> No reaccionar, mantener la calma. <i>Tb.:</i> aguantarse en el molde (MDU, 2003, p. 86).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘molde’</u> (Não há registro no MDU)</p>
TF / TAs	<p>“<i>Y ahora, cura batidor y mala leche, vaya y cuénteles a mi viejo que lo he mandado a la mierda</i>”. <i>Pero el padre Ricardo se quedó contrito y en el molde.</i> (BC, 1992, p. 86).</p>	<p>“E agora, seu padre dedo-duro e mau-caráter, vai lá e conta para o meu velho que eu mandei você à merda.” Mas o padre Ricardo permaneceu contrito e na dele. (BC, 1998, p.92, trad. Ari Roitman e Paulina Wacht).</p> <p>“E agora, seu padre dedo-duro e mau-caráter, vá e conte ao meu pai que eu mandei o senhor à merda.” Mas o padre Ricardo se manteve contrito e nos conformes. (BC, 2012, p. 90, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) na dele equivalência 2 – (parcial) nos conformes</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DELP não registra ‘na dele’, mas registra ‘na sua’ e ‘estar na sua’ com o significado “Manter a própria opinião, posição, atitude etc. pouco se incomodando com os demais” (DLEP, 2011, p. 192). Registra também ‘estar na minha’ com o significado “Firmar-se em minha própria opinião, ou numa posição já assumida. (Conforme a pessoa que fala, usa-se “estar na sua”, ou “estar na dele” com a mesma acepção)” (DLEP, 2011, p. 192).</p> <p>O DELP registra ‘nos conformes’ com o significado “Dentro dos conformes, de maneira conveniente, de acordo com as convenções; certo; de acordo” (DLEP, 2011, p. 115).</p>	

31.	<i>saca el cuerpo</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>cuerpo: ir de ~ Ø Evacuar los intestinos [E: hacer de vientre; E, U: hacer sus necesidades; U: mover el vientre]. (muy) suelto, -a de ~ Ø coloq Sin inhibiciones y sin mayores consideraciones por el efecto que puede causar en los demás lo que uno dice o hace. sacar el ~ Ø coloq Eludir un compromiso o una responsabilidad [E: escurrir el bulto; U: esquivar el bulto, mezquinar el bulto].</p> <p>(NDU, 1993, p. 127)</p>	<p>cuerpo. // dar el cuerpo contra el suelo. loc. v. rur. esp. fest. Apearse del caballo. // entrarle al cuerpo. loc. v. esp. En las carreras: alcanzar un caballo a otro que le lleva clara ventaja. // hacer del cuerpo una figura. loc. v. rur. euf. esp. mover el °intestino. // ir de cuerpo. loc. v. euf. esp. mover el °intestino. // sacar el cuerpo. loc. v. esp. Eludir un compromiso. ♦ cuerpear; esquivar el °bulto; sacar el °culo a la jeringa; sacar el °traste a la jeringa.</p> <p>(DEU, 2012, p. 222)</p>
MDU	<p>sacar el cuerpo. loc. v. esp. Eludir un compromiso. Tb.: esquivar el bulto; sacar el culo [traste] a la jeringa (MDU, 2003, p. 91)</p>	<p><u>Outras locuções com ‘cuerpo’</u></p> <p>arrimar la ropa al cuerpo; hacer del cuerpo una figura; (MDU, 2003, p. 126).</p>
TF / TAs	<p>(...) <i>puede ser que Aníbal tenga razón, que yo le esté sacando el cuerpo al matrimonio, más por miedo al ridículo que por defender el futuro de Avellaneda</i> (LT, 1960, p. 104).</p>	<p>Pode ser que Aníbal tenha razão, que eu esteja tirando o corpo fora do casamento mais por medo do ridículo que para garantir o futuro de Avellaneda (AT, 1989, p. 83, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>Pode ser que Aníbal tenha razão, que eu esteja me esquivando do casamento mais por medo do ridículo do que para defender o futuro de Avellaneda (AT, 2007, p. 112, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p> <p>Pode ser que Aníbal tenha razão, que eu esteja tirando o corpo fora do casamento, mais por medo do ridículo que para defender o futuro de Avellaneda (AT, 2008, p. 103, trad. Pedro Gonzaga).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 1 – (plena) tirar o corpo fora</p> <p>O DLE registra ‘sacar el cuerpo’ como usual em Uruguai.</p> <p>O DLEP registra ‘tirar o corpo fora’ com os significados “1. Livrar-se de complicações ou da iminência delas. 2. Eximir-se de responsabilidades e de incumbências com habilidade e astúcia, por prever dificuldades e insucesso” (DLEP, 2011, p. 432).</p>	

32.	<i>sacar vendiendo boletines</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	<p>boletín: sacar vendiendo ~es Ø coloq Echar de un lugar a »alguien que propone o solicita algo inaceptable« [E: echar con cajas destempladas; U: sacar calzado, -a, sacar carpiendo, sacar como chicharra de un ala, sacar como rata por tirante, sacar cortito, -a, sacar finito, -a, sacar zumbando].</p> <p>(NDU, 1993, p. 54)</p>	<p>boletín. // sacar vendiendo boletines. loc. v. esp. rajar(se) (3).</p> <p>(DEU, 2012, p. 130)</p> <p>rajar(se). intr. / prnl. esp. Irse precipitadamente. V. clavar la °uña; °irse cantando bajito; °mandarse mudar; °salir calzado; tomárselas. ♦ filarse; pelarse; pelárselas; picarse; picárselas; °salir achatando; °salir carpiendo; salir como °escupida en plancha; salir como °pelado sin lengua; salir que le hierve el °tutano. // 2. intr. / prnl. esp. Huir, escapar. V. irse al °demonio. ♦ abrir los °tenedores; achatar el °moño; apretar el °gorro; disparar; espiantarse; piantarse. // 3. tr. esp. Echar o expulsar a alguien. ♦ espiantarse; filarse; fletar; piantarse; °sacar cagando; °sacar carpiendo; sacar como °chicharra de un ala; °sacar cortito; °sacar finito; sacar vendiendo °almanaques; sacar vendiendo °boletines // 4. tr. esp. putear (2). // 5. tr. esp. sacar el °cuero. // 6. tr. / intr. Abrasar el sol.</p> <p>(DEU, 2012, p. 464)</p>
	MDU	<p>sacar vendiendo boletines. loc. v. esp. sacar carpiendo [cortito; finito] (MDU, 2003, p.91).</p> <p>sacar carpiendo [cortito; finito]. loc. v. Expulsar violentamente a alguien de un lugar. Tb.: ...cagando [calzado]; zumbando]; ...como chicharra de un ala; ...vendiendo boletines (MDU, 2003, p.91).</p>
TF / TAs	<p>“Pero eso es inmoral, señor”, me hizo un guiño que estaba a medio camino entre lo travieso y lo asqueroso y, antes de que yo pudiera agregar nada, me preguntó: “¿O usted no lo cree así?”. Lo saqué vendiendo boletines y le mandé un trabajo de esos bien pudridores (LT, 1960, p. 48).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>	<p>“Mas, isso é imoral, senhor”, e deu-me uma piscadela que estava no meio-termo entre o travesso e o nojento, e antes que eu pudesse acrescentar algo, perguntou: “Ou o senhor não acha?” Coloquei-o para fora dali e passei-lhe um trabalho dos pesados (AT, 1989, p. 39, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>“Mas isso é imoral, senhor”, me deu uma piscadela a meio caminho entre o travesso e o asqueroso e, antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, perguntou: “Ou será que o senhor não acha?” Peguei-o fazendo cera e lhe passei um trabalho daqueles bem maçantes (AT, 2007, p. 50, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>

	<p>32. <i>sacar vendiendo boletines</i> (Continuação da página anterior)</p>	<p>“Mas isso é imoral, senhor”, dando-me uma piscadela que estava a meio caminho entre o travesso e o asco e, antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, perguntou-me: “Ou o senhor tem uma opinião diferente?” Achei que estava me enrolando e o indiquei para um trabalho desses de arrasar (AT, 2008, p. 48, trad. Pedro Gonzaga).</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentários</p>	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) para fora equivalência 4 – (nula) fazer cera</p> <p>Desconhece-se a origem dessa locução. A palavra ‘<i>boletines</i>’ pode ser associada aos informativos impressos, informes de uma empresa ou boletins escolares, os quais nada têm a ver com o ato de expulsar alguém de um lugar.</p> <p>Não há registro no DLE.</p> <p>O DLEP não registra ‘estar enrolando (alguém)’, mas registra ‘botar para fora’, ‘para fora’ e ‘pôr para fora’ com o sentido de expulsar. Registra também ‘fazer cera’ sendo um dos significados “1. Fingir que trabalha; trabalhar sem diligência, negligentemente” (DLEP, 2011, p. 205).</p>	

33.	<i>sestear a gamba suelta</i>	
Dicionários gerais de uruguaios	(Não há registro no NDU)	<p>(Não há registro no DEU)</p> <p>(A palavra ‘<i>gamba</i>’ aparece no DEU como sinónimo de ‘<i>pata</i>’)</p> <div data-bbox="884 461 1414 972" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>pata. f. Parte recta del anzuelo por la que se ata al sedal. // 2. m. mil. esp. desp. En la milicia: persona que pertenece a la Infantería. // arrastrar las patas. loc. v. esp. Mostrar mala gana en lo que se hace. // 2. loc. v. esp. arrastrar las °bolas. // bailar en una pata. loc. v. esp. Manifestar alegría. ¶ <i>Uso:</i> Se emplea también con el verbo <i>saltar</i>. // con más patas que una araña. loc. adj. esp. caliente. // cortito como pata de olla. loc. adj. T. y Tres, p. us. esp. cortito como °patada de chanco. // curar la pata con sebo. loc. v. rur. esp. Escarmentar, aleccionar a alguien con rigor. // darle a la pata. loc. v. esp. fest. sacudir el °esqueleto (2). // 2. loc. v. esp. Pasear mucho. V. andar de °cola parada; paseadero. // dormir a pata suelta. loc. v. esp. Dormir mucho y cómodamente. ¶ <i>Uso:</i> Suele sustituirse el adjetivo <i>suelta</i> por <i>ancha</i>. V. apoliyar; caer como °piedra; caerse; cuchilar; irse al °sobre; °siesta del burro.</p> </div> <p>(...)</p> <p>(DEU, 2012, p. 414)</p>
	DDVU	DORMIR A PATA SUELTA: fr. fig. y fam. Dormir tranquila y profundamente. Don Juan el Zorro, 115: <i>Para mí que las guardias duermen a pata suelta hasta las barras del día, como si estuvieran hospedados en una fonda</i> (DDVU, 1971, p. 81-82).
MDU	<p>(Não há registro no MDU)</p> <p>Verbete encontrado na listagem sob a palavra-chave ‘<i>pata</i>’ (sinónimo de ‘<i>gamba</i>’)</p> <p>dormir a pata suelta [ancha] loc. v. esp. Dormir mucho y cómodamente (MDU, 2003, p. 49).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘<i>gamba</i>’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF/TA	<p>(...) <i>larguísimas discusiones hasta el alba</i> (...) <i>y las esposas (...) preparando ensaladas churrascos ñoquis empanadas milanesas dulce de leche y después lavando platos mientras ellos sesteaban a gamba suelta</i> (PER, 1982, p. 115).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>	<p>(...) <i>longuíssimas discussões até o amanhecer</i> (...) e as esposas (...) preparando saladas churrascos nhoques empanadas milanesas doce de leite e lavando os pratos depois, enquanto eles faziam a sesta a bandeiras despregadas (PEP, 2009, p. 138, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>

	<p>33. <i>sestar a gamba suelta</i></p> <p>(Continuação da página anterior)</p>
Comentários	<p>Plano léxico: equivalência 2 – (parcial) a bandeiras despregadas</p> <p>As palavras ‘<i>gamba</i>’ e ‘<i>pata</i>’ usam-se familiarmente no Rio da Prata para se referir à perna humana.</p> <p>O DLE registra ‘dormir a pata ancha’ como usual no Uruguai.</p> <p>O DLEP registra ‘a bandeiras despregadas’ com significado “Sem limite, com toda a expansão” (DLEP, 2011, p. 1).</p>

34.	<i>tener banca</i>	
Dicionários gerais de uruguaiosismos	<p>banca <i>f</i> ∩ Puesto en el Parlamento, que se obtiene por elecciones [E, U: escaño].</p> <p>* tener ~ Ø <i>coloq</i> Tener poder o influencia [E: tener mano; U: pisar fuerte, tallar].</p> <p>(NDU, 1993, p. 39)</p>	<p>banca. <i>f.</i> Puesto en el Parlamento obtenido electoralmente. <i>La oposición ganó veinte bancas en el Senado.</i> // tener banca. <i>loc. v. esp.</i> Tener influencia o poder por vínculos con autoridades superiores. V. muñeca.</p> <p>(DEU, 2012, p. 113)</p>
MDU	<p>tener banca. <i>loc. v. esp.</i> Ser influyente o tener poder (MDU, 2003, p. 97).</p>	<p><u>Outras locuções com ‘banca’</u></p> <p>(Não há registro no MDU)</p>
TF / TAs	<p><i>Recuerdo que, cuando niño, siempre me impresionaban los frunces y estrías que tenía junto a los ojos, en el ceño, etc. Al parecer eso no impedía que tuviera flor de banca con las minas. Yo creo que aun en vida de la Vieja se mandaba sus buenos afiles.</i> (PER, 1982, p. 124).</p>	<p>Lembro que, quando menino, sempre me impressionaram os franzidos e as estrías que ele tinha junto aos olhos, na testa etc. Ao que parece, isso não o impedia de ter sucesso com as meninas. Acho que com a Velha ainda viva ele tinha lá seus casos. (PEP, 2009, p. 148, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>
Comentários	<p>Plano léxico: não há registro de equivalência fraseológica</p> <p>Não há registro no DLE.</p>	

35.

tener cola de paja

cola *f* ∩ **1** Parte posterior de los animales, que se extiende desde la terminación del espinazo hasta el nacimiento de los muslos. | **2** *coloq* Nalgas de una persona [*E*: culo; *E*, *U*: trasero; *U*: traste]. | **3** *infant* Parte externa de los órganos genitales de la mujer. * **andar con la ~ entre las patas** ∅ *coloq hum* Tener conciencia de haber hecho algo indebido y temer ser castigado por ello [*E*: andar con el rabo entre las patas, andar con el rabo entre las piernas]. || **calentar la ~** ∅ *coloq* Golpear »a un niño« en las nalgas con la palma de la mano para castigarlo o reprenderlo. || ~ **chata**, *var colachata* ∅ *coloq obsol* Automóvil grande, especialmente el de origen estadounidense, que se caracteriza por tener la parte trasera baja y muy extendida hacia atrás. || ~ **de caballo** ∩ Planta robusta, perenne, rizomatosa, áspera, y con tallos erectos de hasta 3 m de altura, de color verde, articulados, huecos, excepto en los nudos, estriados longitudinalmente, con ramas verticiladas. Las hojas son escamiformes, parcialmente soldadas entre sí formando una vaina alrededor del nudo. Las estructuras reproductoras, esporangios, se disponen agrupadas en espigas en forma de estróbilos ovoides en el extremo de los tallos. Crece en zonas inundadas, → **bañados** y a la orilla de ríos y arroyos. La infusión de la planta entera se usa, en la medicina popular, para eliminar los cálculos del hígado y del riñón (Fam. Equisetaceae, *Equisetum giganteum*) [*U*: cola de

(NDU, 1993, p. 37)

(Não há registro no DEU)

(Continua na próxima página)

Dicionários gerais de uruguaios	<p>35. <i>tener cola de paja</i> (continuação da página anterior)</p> <p>lagarto. ~ de cuadril Ø Corte de carne vacuna que se extrae del miembro posterior, alrededor del fémur, y que corresponde al músculo isquiotibial externo [U: colita (de cuadril)]. ~ de lagarto Ø = cola de caballo. ~ de zorro Ø Nombre de varias especies de gramíneas que presentan inflorescencias terminales en amplias panojas de espiguillas sedosas (Fam. Poaceae, <i>Bothriochloa</i> spp., <i>Cortaderia</i> spp., <i>Pennisetum</i> spp., <i>Schyzachyrium</i> spp., <i>Setaria</i> spp.). el último es ~ de perro Ø <i>infant</i> Es usado por un niño al emprender una carrera para desafiar a los otros a no quedar en último lugar. salir con ~ Ø <i>coloq</i> Salir un matrimonio con sus hijos o una pareja de novios con un acompañante. tener ~ Ø <i>coloq</i> Tener una persona la costumbre de dejar las puertas abiertas al entrar o salir de un lugar [U: vivir en carpa]. tener ~ de paja Ø <i>coloq</i> Saberse o sentirse culpable de algo y manifestarlo involuntariamente en lo que se hace o dice.</p> <p>(NDU, 1993, p. 37)</p>	
	DUD	
MDU	<p>(Não há registro no MDU)</p>	<p><u>Outras locuções com ‘cola’</u></p> <p>contento como perro [cusco] con dos colas; más loco que gallina atada de la cola; tener la cola enterrada; traer cola (MDU, 2003, p. 122-123).</p> <p><u>Outras locuções com ‘paja’</u></p> <p>agarrar para el lado de las pajas; como hacer la paja a un muerto (MDU, 2003, p. 151).</p>
TF / TAs	<p>“<i>Mirá, no seas pavo. No quise decir eso, ni siquiera lo pensé. Estás susceptible como una solterona. O tenés una cola de paja grande como una casa.</i>” (LT, 1960, p. 88).</p> <p>(Continua na próxima página)</p>	<p>“Olhe, não seja tonto. Não quis dizer isso, e nem pensei nisso. Você está tão susceptível como uma solteirona. Ou então tem um rabo de palha do tamanho de uma casa.” (AT, 1989, p. 71, trad. Mustafa Yazbek).</p> <p>“Escute aqui, não seja tolo. Eu não quis dizer isso, nem sequer pensei. Você está tão susceptível como uma solteirona. Ou então tem um enorme telhado de vidro.” (AT, 2007, p. 95, trad. Joana Angélica D’Ávila Melo).</p>

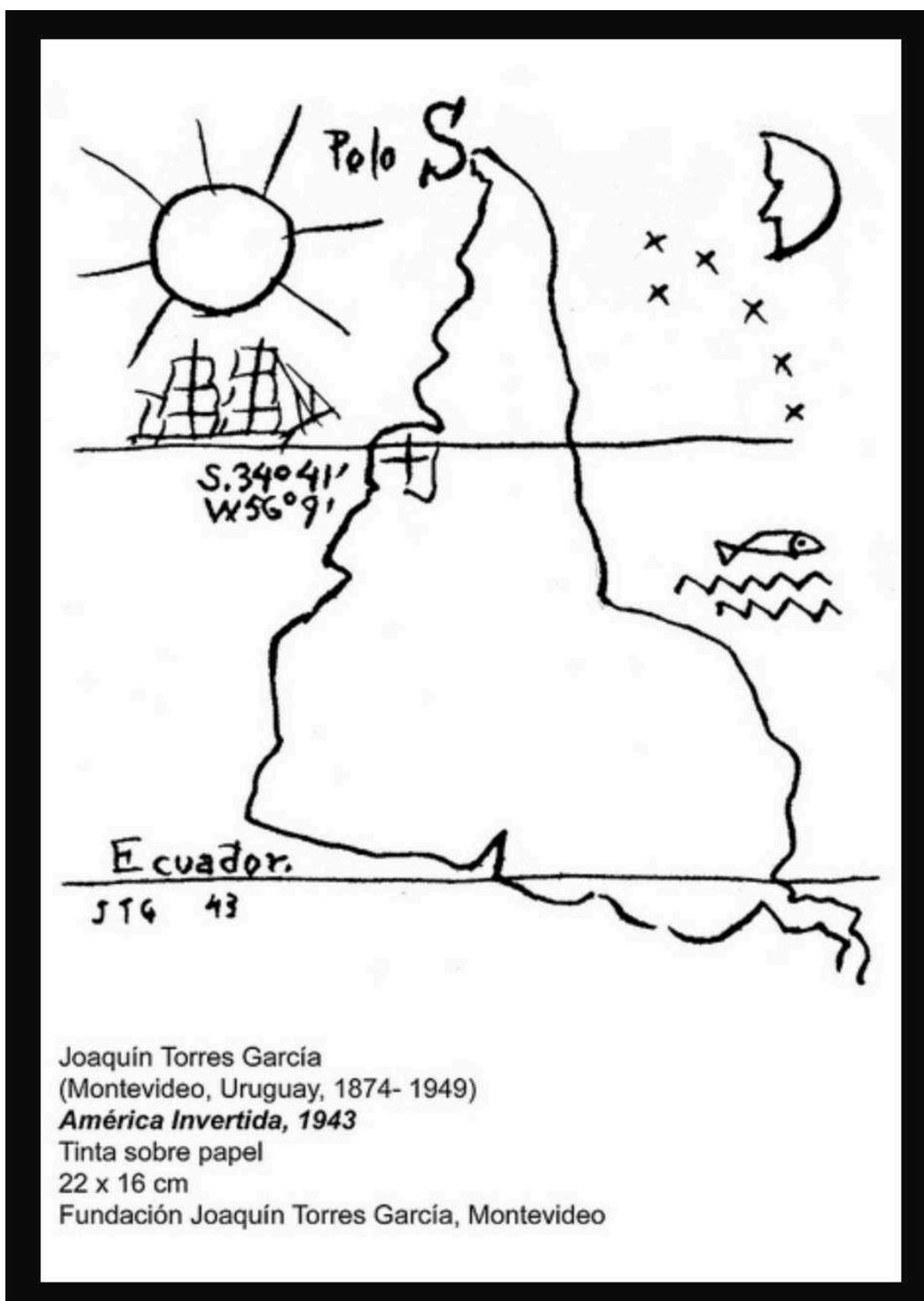
	<p>35. <i>tener cola de paja</i> (Continuação da página anterior)</p>	<p>“Escute, não seja tolo. Não quis dizer isso, nem cheguei a pensar numa coisa dessas. Você está tão susceptível como uma solteirona. Ou então tem o rabo preso.” (AT, 2008, p. 88, trad. Pedro Gonzaga).</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Comentários</p>	<p>Plano léxico: equivalência 3 – (aparente) ter rabo de palha equivalência 2 – (parcial) ter telhado de vidro equivalência 2 – (parcial) ter rabo preso</p> <p>A locução ‘<i>tener cola de paja</i>’ deriva de uma fábula na qual, para descobrir qual cachorro havia sido o culpado de uma travessura, pediu-se à matilha que pulasse por cima de uma fogueira, sendo que o responsável pela traquinagem teria seu rabo convertido em palha e queimado pelo fogo.</p> <p>O DLE registra ‘<i>andar con cola de paja</i>’ como usual no Uruguai e com o mesmo significado de ‘<i>tener cola de paja</i>’.</p> <p>O DLEP registra ‘ter rabo de palha’ com o significado “Ser conhecido por atos pouco dignos; ser vulnerável em sua moral” (DLEP, 2011, p. 427); registra também ‘ter telhado de vidro’ com o significado “Reconhecer-se culpado e não ter, por isso, condições de julgar outro(s) (...)” (DLEP, 2011, p. 428); e registra ‘ter o rabo preso’ e ‘rabo preso’ com o significado “(...) em referência a alguém que se encontra em situação embaraçosa, preso a compromisso inarredável, ou envolvido com algo que lhe condiciona as ações e não lhe permite ação independente (...)” (DLEP, 2011, p. 378).</p>	

LISTA DE REMISSÕES

- agua* – caer como un balde de agua fría
- ahí* – hasta por ahí nomás; por ahí
- altura* – a esta altura del partido
- armar(se)* – armar bronca; armar relajo; armarse la de Dios es Cristo
- así* – así nomás
- balas* – a prueba de balas
- balde(s)* – a baldes; caer como un balde de agua fría
- banca* – tener banca
- boletines* – sacar vendiendo boletines
- bolilla* – dar bolilla
- bolsa* – meter en la misma bolsa
- botón* – al santo botón
- bronca* – armar bronca
- caer* – caer como un balde de agua fría
- cagar* – cagar fuego
- capaz* – capaz que
- cola* – tener cola de paja
- Cristo* – armarse la de Dios es Cristo
- cuernos* – poner los cuernos
- cuerpo* – sacar el cuerpo
- culo* – como el culo
- dar* – dar bolilla
- Dios* – armarse la de Dios es Cristo
- entrecasa* – de entrecasa
- esperanza* – qué esperanza
- fría* – caer como un balde de agua fría
- fuego* – cagar fuego
- gamba* – sestear a gamba suelta
- gol* – ojo al gol
- hacer(se)* – hacer pucheros; hacerse el oso
- irse* – irse a la mierda

mandarse – mandarse la parte
marchanta – a la marchanta
meter – meter en la misma bolsa
mierda – irse a la mierda
misma – meter en la misma bolsa
molde – quedarse en el molde
ni – que no ni no
no – que no ni no
nomás – así nomás; hasta por ahí nomás;
ojo – ojo al gol
oso – hacerse el oso
paja – tener cola de paja
parte – mandarse la parte
partido – a esta altura del partido
pinzas – con pinzas
poner – poner los cuernos
prepo – a prepo
prueba – a prueba de balas
pucheros – hacer pucheros
quedarse – quedarse en el molde
relajo – armar relajo
sacar – sacar el cuerpo; sacar vendiendo boletines
santo - al santo botón
ser – armarse la de Dios es Cristo
sestear – sestear a gamba suelta
suelta – sestear a gamba suelta
tener – tener banca; tener cola de paja
vender – sacar vendiendo boletines
vuelta – en la vuelta

ANEXO – ‘AMÉRICA INVERTIDA’



Fonte: TORRES GARCÍA (1943) - *The Latin American Studies Program*.